



# O diário de uma imigrante britânica no Paraná

(1860 - 1890)

memórias, trabalho e sociabilidades

**Ana Maria Rufino Gillies**





ANA MARIA RUFINO GILLIES

# O diário de uma imigrante britânica no Paraná

(1860 - 1890)

memórias, trabalho e sociabilidades

Coleção Teses do Museu Paranaense

Volume 7



Este livro foi diagramado e produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA, uma encomenda do autor, que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização, estoque e distribuição dessa obra.

Diagramação: Equipe da Edição por Demanda

**ISBN: 978-85-67310-15-2**

G481 Gillies, Ana Maria Rufino  
O diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890) : memórias, trabalho e sociabilidades / Ana Maria Rufino Gillies.— Curitiba : SAMP, 2014.  
276 p. : il. – (Coleção Teses do Museu Paranaense; v.7).

ISBN 978-85-67310-15-2 (E-Book)

1. Ingleses - Paraná – 1860–1890. 2. Assunguy (PR) – Imigrantes ingleses. 3. Tamplin, Caroline – Memórias. 4. Mulheres – Diários. 5. Mulheres – Identidade. I. Série. II. Título.

CDD (20.ed.) 305.821081  
CDU (2.ed.) 308(81)

ANA MARIA RUFINO GILLIES

# O diário de uma imigrante britânica no Paraná

(1860 - 1890)

memórias, trabalho e sociabilidades

**Primeira Edição**

CURITIBA

2014

Sociedade de Amigos do Museu Paranaense

## **A Copel incentiva a arte, a cultura e a memória do povo paranaense**

Crescer, evoluir e desenvolver o Estado e a sua gente são valores praticados pela Copel que encontram equivalência em valores como educação, ética, crença no trabalho e desenvolvimento das artes e da memória.

Por isso, a Copel tem imenso orgulho em patrocinar a coleção Teses do Museu Paranaense, uma série de livros que trazem luz ao conhecimento gerado por um dos Museus mais antigos e atuantes do país.

Além de valorizar o trabalho de pesquisa, o acervo histórico e a própria história do povo paranaense, ao patrocinar esta coleção a Copel contribui ao compartilhar com o público o conhecimento da sua terra e da sua gente.

Para a Copel não basta gerar, transmitir e distribuir energia e ser a responsável por tornar o Paraná o único Estado 100% digital do país com sua rede de fibras ópticas, o nosso compromisso é também fomentar e proporcionar eventos e produtos que valorizem o trabalho de autores, artistas e esportistas paranaenses.

É gratificante patrocinar, através da Lei Rouanet, um projeto desta importância para o Paraná e para o Brasil.

Boa leitura

# Créditos

## **Governador do Paraná**

Beto Richa

## **Secretário de Estado da Cultura**

Paulino Viapiana

## **Diretora-Geral da SEEC**

Valéria Marques Teixeira

## **Coordenadora do Sistema Estadual de Museus**

Christine Vianna Batista

## **Diretor do Museu Paranaense**

Renato Augusto Carneiro Junior

## **Capa**

Raquel Cristina Dzierva

## **Editoração**

Roberto Guiraud – Designer

## **Foto da capa**

Curitiba em 1888, Óleo s/ tela, s/d,  
Raimundo Jaskulski Jr. (1915-1998).

Acervo Museu Paranaense.

## **Sociedade de Amigos do Museu Paranaense – SAMP**

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães  
Presidente



Apoio

---



Patrocínio

---



Realização

---



**Este livro foi impresso com recursos da Lei Rouanet.**





# Sumário

APRESENTAÇÃO

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO

1. ESTUDOS AUTOBIOGRÁFICOS: DIÁRIOS E MEMÓRIAS.....	55
1.1. Escritas de mulheres.....	66
1.2. Mulheres: história e memória.....	73
2. AS MIGRAÇÕES DO SÉCULO XIX NO CONTEXTO DE INGLATERRA E BRASIL.....	97
2.1. Inglaterra.....	100
2.2. Brasil.....	119
3. A COLÔNIA ASSUNGUY.....	129
3.1. A vida no Assunguy: uma memória reconstruída.....	132
3.2. Ingleses no Assunguy: as queixas que fizeram.....	163
4. CAROLINE NO DIÁRIO E NOS PERIÓDICOS: O PÚBLICO E O PRIVADO.....	185
4.1. Tecendo relações, buscando equilíbrio.....	206
4.2. No centro da cena.....	226
4.3. Saindo de cena, entrando na história.....	237
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	243
FONTES.....	247
REFERÊNCIAS.....	249
ANEXOS.....	260



# Apresentação

Renato Carneiro Jr.  
Diretor do Museu Paranaense

O Museu Paranaense, fundado em 1876, sendo uma das instituições museológicas mais antigas em funcionamento no Brasil, possui uma história de grande relevância científica, com publicações, principalmente nas décadas de 1940 a 1960, de artigos científicos nos campos da zoologia, entomologia, botânica, geografia, arqueologia e antropologia, entre outras.

Com o tempo, a instituição perdeu este lugar de destaque, assumido pela Universidade Federal do Paraná, onde vários departamentos foram criados ou fortalecidos a partir da ação de pesquisadores ligados ao Museu Paranaense, mais fortemente, mas não apenas, nos anos em que esteve à frente da instituição o médico e professor José Loureiro Fernandes.

No entanto, o Museu Paranaense não deixou de fornecer subsídios para se "fazer ciência" em pesquisas de campo ou no fornecimento de fontes para a elaboração de trabalhos acadêmicos em diversos níveis, desde monografias de conclusão de curso a dissertações, teses e artigos científicos. Nossos arquivos, biblioteca e o acervo museológico em geral têm contribuído há gerações para se conhecer mais da cultura, da história e até da pré-história dos que viveram e vivem neste pedaço de território brasileiro a que hoje chamamos de Paraná.

Assim, ao lançar esta coleção de livros com teses e dissertações geradas a partir de nosso acervo, ou com a participação de pessoas ligadas ao Museu, queremos fazer uma homenagem àqueles que buscaram entender mais o que é esta sociedade paranaense e que ainda têm seus estudos inéditos, por força de um mercado editorial que não privilegia a produção local. A coleção **Teses do Museu Paranaense** traz ao público, no formato impresso e em edição eletrônica, os estudos que permitiram qualificar a equipe do Museu, atual ou mais antiga, como um importante grupo de pesquisadores no interior da Secretaria da Cultura do Paraná, mostrando seu valor e esforço.

Agradecemos à Sociedade de Amigos do Museu Paranaense e aos apoiadores, como a Companhia Paranaense de Energia - Copel, pelos recursos destinados a esta publicação, a partir da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura do Governo Federal.

## Apresentação da obra

Ana Maria Rufino Gillies  
Doutora em História do Brasil

Este livro é o resultado de estudos que realizei para doutoramento pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da querida professora e hoje amiga Judite Maria Barboza Trindade, durante os anos de 2006 a 2010.

O que levou à escolha do tema foi um conjunto de eventos ocorridos anos antes quando eu realizava pesquisas para o mestrado no acervo do Arquivo Público do Paraná. Lá encontrei, no ano 2000, uma listagem de imigrantes que vieram para o Paraná na segunda metade do século XIX, na qual constavam os *ingleses*. Surpreendida, pois jamais ouvira falar deles nessa condição, entreguei-a a meu marido, ele próprio um cidadão britânico que há anos escolhera viver no Brasil. Instigado, procurou mais informações e, em sua busca, conheceu membros da família Tamplin, que não apenas o receberam com muita cordialidade, mas com ele compartilharam o diário de sua notável antepassada e as memórias de seu neto. Inspirado por essa documentação, ele escreveu um romance histórico, ainda inédito.

O mestrado concluído e, chegada a hora do projeto para doutorado, entusiasmada ao saber da existência do diário e de seu conteúdo, foi-me sugerido elaborar um projeto e construir a tese a partir dele. Consultada, a família Tamplin não se opôs e forneceu mais algumas informações. Assim sendo, a construção deste texto

ora apresentado ao público, tem como documento central o diário que Caroline escreveu durante o período de novembro de 1880 a novembro de 1882, a documentação existente no acervo do Arquivo Público do Paraná e o periódico *Dezenove de Dezembro*, que pude ler, ao longo de todo o trabalho, na biblioteca do Museu Paranaense.

Passar horas e horas no Museu, mergulhando nas páginas do jornal e respirando sua atmosfera de memória e de história, foi contaminante. Viajar no tempo para ingressar no cotidiano do passado, verdadeiro país estrangeiro, com suas complexidades e suas intrigas; passear pela Curitiba colorida com a chegada dos grupos de imigrantes europeus de inúmeras origens diferentes e sua circulação, ao lado de escravos, libertos e indígenas, fizeram parte dos grandes prazeres proporcionados pela experiência da produção historiográfica. Como resultado, hoje, professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste, continuo desenvolvendo e orientando projetos de pesquisas que realizo neste mesmo Museu Paranaense, a partir de análises de temas publicados no *Dezenove*, mas também interessada em explorar outros conjuntos de seu acervo.

Assim sendo, sinto-me honrada por ter sido contemplada com a publicação da minha tese pelo Museu Paranaense e agradeço a Renato Carneiro Junior pelo privilégio que me concede.

## Agradecimentos

Dedico este trabalho à minha filha Carol. A ele dediquei os momentos que não passei com ela; ela recebe de volta, assim, uma parte de mim. E o dedico também à minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dra. Judite Maria Barboza Trindade pela incansável orientação, encorajamento e participação na construção e conclusão desta tese. Desejo registrar meu carinho e gratidão pela generosidade e inspiração, pelas dezenas de livros que me emprestou – alguns dos quais adquiriu por considerar que seriam leituras úteis para mim –, e pelas soluções que indicou nas várias ocasiões em que duvidei que daria conta da empreitada. Sentirei falta das nossas conversas.

Agradeço às Professoras Roseli Boschilia e Etelvina Maria Trindade por terem aceitado participar da banca de qualificação e pelas importantes sugestões que fizeram na ocasião e àqueles professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR que, de várias maneiras, contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho. Às amigas Regina Schimmelpfeng de Souza, Teresina De Costa, Zulmara Clara Sauner Posse e Zeloí Martins, pelas sugestões, correções, solidariedade e amizade.

Agradeço às bibliotecárias da Biblioteca Pública do Paraná, Ana e Rose do Arquivo Público do Paraná, Vera Coelho do Museu Paranaense e Roberson Mauricio Caldeira Nunes da Casa da Memória.

Ao meu marido, um imigrante britânico que também teve sua aventura ultramarina e sua porção de desventuras até estabelecer-se, e com quem tive a oportunidade de experimentar o convívio com outra

cultura, agradeço ter compartilhado comigo a pesquisa sobre a história de seus compatriotas, bem como o *Diário* e as *Memórias*.

À Família Tamplin, Dona Leony e Regina, desejo que este trabalho tenha tratado com o devido respeito a grandiosa experiência de seus ancestrais.

À Caroline Tamplin, minha admiração.



## Introdução

Na segunda metade do século XIX, mais particularmente a partir de 1850, o governo monárquico brasileiro propôs-se adotar uma série de medidas para modernizar o Brasil que, embora escravista – significando não apenas a presença da escravidão, mas também o apego da elite agrária a este tipo de relação de trabalho e ao desejo de manutenção do trabalho escravo – desejava equiparar-se às nações consideradas mais civilizadas, particularmente a Inglaterra, bem sucedida economicamente com a sua revolução industrial. Aparentemente ambíguos e díspares, há, no entanto, no Brasil desse período, interesses que divergem dependendo da localização, ou seja, uma tendência urbana com propostas mais reformistas; e uma tendência ruralista, mais conservadora: campos de força que acabarão por resultar em longos debates e numa lenta e restrita transformação.<sup>1</sup>

Uma política imigratória, entre outras medidas, foi posta em ação com vistas a atrair imigrantes europeus – os asiáticos tendo sido rejeitados em acirrada campanha publicada pelos jornais, entre eles o periódico paranaense *Dezenove de Dezembro* –, os quais, supunha-se, seriam portadores não apenas de conhecimentos técnicos inovadores, mas também de qualidades que, segundo alguns, a população nacional não possuía. Enfim, eles seriam portadores de atributos civilizadores.

---

<sup>1</sup> GILLIES, A. M. R. **Políticas públicas e utensilagem mental**: uma análise das reformas propostas por Henrique de Beaurepaire Rohan em 1856 e 1878. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2002.

Assim, campanhas foram desenvolvidas em países da Europa, inclusive na Inglaterra, resultando na vinda de imigrantes de várias origens nacionais, culturais e sociais, dentre os quais muitos britânicos, que foram instalados em colônias agrícolas no Paraná, em São Paulo e em Santa Catarina.

Este é o cenário, rapidamente delineado, que contextualiza a pesquisa. A partir dessas migrações, observaremos indivíduos e grupos em suas respectivas práticas cotidianas.

Este estudo é fruto de um projeto submetido ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná em 2006, com o título “Diários e Memórias de Imigrantes Britânicos no Paraná, 1860-1900: representações, cultura e poder”, suscitado pela constatação da quase inexistente visibilidade da imigração britânica na historiografia paranaense e pela descoberta de fontes que permitiriam a realização de um estudo até então inédito.

O que se propunha, então, era o resgate da presença britânica no Paraná, a partir de um diário escrito entre 1880 e 1882 por uma imigrante daquela nacionalidade e das memórias escritas por seu neto, filho de pais ingleses, mas nascido na colônia Assunguy, onde viveu parte da infância e que, depois, na velhice, na década de 1950, então residindo no Canadá, memoriza esse período.

Pretendíamos compreender as visões de mundo contidas nas duas narrativas, por considerar que poderiam revelar-se típicas da *mentalidade inglesa* e, portanto, representativas das visões de mundo de grande parte dos imigrantes da mesma nacionalidade. Mais especificamente, pensávamos que as condutas dos imigrantes *ingleses* para resolver as adversidades que encontraram possuíam uma

historicidade, baseadas numa certa *tradição*. Acreditávamos, inicialmente, que uma leitura atenta do diário, das memórias e de fontes complementares forneceria dados para ajudar a compreender as razões que levaram a maioria dos imigrantes britânicos a deixar o Brasil, bem como a revelar porque alguns permaneceram. Constatamos que a mobilidade fez parte dos processos migratórios, ou seja, não eram apenas os *ingleses* que se mudavam; o mesmo fizeram imigrantes de outras etnias, e pelas mais variadas razões. São vários os casos de alemães, por exemplo, que enviaram pedidos às autoridades para serem aceitos na colônia Assunguy, provenientes de colônias de Santa Catarina, movidos, entre outras razões, pelo desejo de casar-se com algum residente, ou ficar mais perto de parentes e amigos.

Por outro lado, consideramos que, com seus escritos, os autores do diário e das memórias pretendiam, além de deixar um registro de suas experiências e um balanço de suas vidas, criar certa imagem de si, mais favorável, face às conflituosas relações de poder que se estabeleceram entre grande parte de seus conterrâneos e as autoridades brasileiras. Por esta razão, hoje, passados mais de quatro anos de estudos em torno de fontes, temas, categorias, teorias e, acima de tudo, muitas abordagens possíveis, consideramos que “A escrita de si: o diário de uma imigrante britânica e as memórias de seu neto. Paraná na segunda metade do século XIX” seria um título mais adequado.

Na época da elaboração do projeto, da história dos imigrantes britânicos no Paraná quase nada havia na historiografia local, a qual optara continuamente por celebrar e perpetuar a contribuição das etnias que mais se destacaram e cujas marcas ainda se fazem presentes no Estado, particularmente alemães, poloneses e italianos.

Foi apenas a partir de 1998 que alguns trabalhos passaram a ser publicados em torno do assunto: um de autoria de Roberto Edgar Lamb,<sup>2</sup> cuja pesquisa foi ampliada resultando em tese em 2003,<sup>3</sup> e o outro de Magnus R. M. Pereira.<sup>4</sup> As fontes consultadas e utilizadas foram acentuadamente de origem pública, ou seja, documentos oficiais e jornais, e as leituras apropriadas são de textos acadêmicos mais restritos, nem todos já publicados.

Antes disso, no ano 2000, enquanto desenvolvia pesquisas para o mestrado no Arquivo Público do Paraná, encontrei uma listagem indicando a existência de considerável quantidade de documentos sobre a presença de imigrantes britânicos no Paraná. Não obstante a surpresa, limitei-me a comentar o fato com meu marido, britânico residente no país havia quase 30 anos e que jamais ouvira a respeito do assunto. Ele decidiu pesquisar mais, e isto o colocou em contato com três famílias de descendentes de alguns daqueles imigrantes: Bond, Pugsley, Tamplin e o pesquisador associado ao *Centre for Brazilian Studies* da Universidade de Oxford, Oliver Marshall, que já há alguns anos pesquisava sobre o mesmo assunto, a respeito do qual publicou obra ainda não traduzida para o português.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> LAMB, R. E. **Uma jornada civilizadora: imigração, conflito social e segurança pública no Paraná – 1867-1882.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

<sup>3</sup> LAMB, R. E. **Imigrantes britânicos em terras do império brasileiro: mobilidade, vivência e identidades em colônias agrícolas (1860-1889).** Tese (Doutorado em história) - PUC, São Paulo, 2003.

<sup>4</sup> PEREIRA, Magnus M. R. Tess não veio a Curitiba; ou das dificuldades de adaptação dos imigrantes ingleses às colônias agrícolas do Paraná no século XIX. In: *Imigração para o Brasil. Relatório sobre a colônia do Assunguy, apresentado a ambas as casas do Parlamento por Ordem de Sua Majestade. Londres-1875.* MONUMENTA. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

<sup>5</sup> MARSHALL, Oliver. **English, Irish and Irish-American Pioneer Settlers in Nineteenth-Century Brazil.** Oxford, England: Centre for Brazilian Studies. University of Oxford, 2005.

Foi a família Tamplin quem cedeu a meu marido o Diário de Caroline e as Memórias do Sr. Tigar, seus ancestrais. Assim como Caroline Tamplin, que será revelada nestas páginas como uma mulher singular, os seus descendentes, que ainda residem em Curitiba, também se mostraram singularmente compreensivos e forneceram informações de que dispunham, além de permitir a utilização do nome da personagem estudada.

Em 2005, ao pensar na elaboração de um projeto para a tese de doutorado, me foi sugerido que o Diário e as Memórias fossem tomados como objetos de estudo: tratava-se de fontes inéditas, que permitiriam alguma inserção nas vidas públicas e privadas de nacionais e estrangeiros residentes em Curitiba na década de 1880. O fato de estarem escritos em inglês não representava obstáculo dada a familiaridade com o idioma e com a cultura britânica. Consultada, a família Tamplin não se opôs à ideia, prestou algumas informações adicionais e até mesmo promoveu o contato com Oliver Marshall. Foi dado início ao trabalho, inclusive com a busca de mais fontes de natureza autobiográfica entre descendentes de outros imigrantes britânicos, com pouco sucesso.

As fontes principais deste estudo, o *Diário* da imigrante britânica Caroline Tamplin e as *Memórias* de seu neto Albert Tigar tratam do cotidiano de pessoas em suas relações de trabalho e sociabilidades, amizades e solidariedades – nos momentos de celebração de nascimentos, batizados, casamentos, passeios –, e de dor – em torno de doenças e mortes; pequenas intrigas, silêncios; alguns costumes e

interesses de uma parte da população; do clima, e das práticas sociais e culturais.<sup>6</sup>

Esses conteúdos incitaram a ampliação da pesquisa em outros acervos, do Arquivo Público do Paraná, Biblioteca Pública e Museu Paranaense, com destaque para os jornais *Dezenove de Dezembro* e *Gazeta Paranaense*. Foram também feitas três visitas a Cerro Azul, uma delas acompanhando Oliver Marshall, em dezembro de 2008, quando conseguimos alcançar, por caminhos muito íngremes, numa das partes mais montanhosas e isoladas, o núcleo do Turvo, onde foram assentados os imigrantes britânicos entre 1868 e 1882. O contato direto com a topografia do lugar, bem como seu isolamento, que persiste, ajudou a compreender algumas das dificuldades que os colonos para lá enviados enfrentaram e nem sempre conseguiram superar.

Em seu *Diário*, Caroline Tamplin registra seus esforços diários, profissionais e sociais, para manter-se e aos filhos dentro de um padrão de vida *civilizado*, com a preservação de hábitos cotidianos muitos dos quais praticados em Londres à mesma época. Dentro dos chamados escritos de foro privado, manter um diário foi prática disseminada na

---

<sup>6</sup> GILLIES, Ana Maria Rufino. **Os ingleses do Assunguy (1859-1882) sob a perspectiva do processo civilizador**: um estudo comparativo com outra comunidade britânica do século XIX. Comunicação apresentada ao X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, SP, 1 a 4/04/2007; **O diário da imigrante britânica Caroline T.:** trabalho e sociabilidades. Curitiba, 1880-1882. Comunicação apresentada à XXVII Reunião Anual da SBPH – Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Rio de Janeiro, 22 a 25/07/2008; **Caroline Tamplin e as artes em Curitiba na segunda metade do século XIX**. Texto Apresentado à 1ª. Reunião do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes. Curitiba: FAP-Faculdade de Artes do Paraná, 2008; **Autoridades imperiais versus imigrantes britânicos na colônia agrícola do Assunguy, 1860-1882**. Comunicação proposta para apresentação ao Encontro Nacional da ANPUH. Fortaleza, Ceará, Julho 2009. Inédito.

Grã-Bretanha a partir do século XVI. Segundo Elaine McKay, essa prática foi inicialmente motivada pelo exemplo e encorajamento de uns amigos sobre outros, que chegavam a formar verdadeiras redes de diaristas. Posteriormente, o hábito foi estimulado pelo aumento no número de pessoas alfabetizadas e pela valorização do individualismo que encorajava a introspecção e o autoconhecimento, resultando na produção de uma quantidade considerável de diários.<sup>7</sup> Escritos por homens e mulheres, entre eles os famosos diários de Samuel Pepys, esse acervo vem, mais recentemente, sendo reunido e analisado sob a categoria de *'ego documents'*.<sup>8</sup>

Conforme Alan Corbin, a aceleração da mobilidade social engendra um sentimento de insegurança e incita o indivíduo a indagar-se sobre sua posição, a calcular o julgamento dos outros. A muda presença da sociedade frequenta a vida privada e solitária do autor, ou autora, de um diário, e é em função do olhar sobre si mesmo, e dos olhares dos outros e do mundo, que se estrutura um exame permanente, obcecante. O longo monólogo interior permite também que se controle a aparência pessoal, tornando-a ao mesmo tempo mais indecifrável aos outros; o necessário segredo do indivíduo contribui para impor a introspecção.<sup>9</sup>

Tomamos os atributos culturais de Caroline Tamplin como indicativos de seu pertencimento a classes sociais mais elevadas na

---

<sup>7</sup> MCKAY, E. **The Diary Network in Sixteenth and Seventeenth Century England**. Disponível em: <http://arts.monash.edu.au/publications/eras/edition-2/mckay.php>. Acesso em: 20/07/2008.

<sup>8</sup> HOULBROOKE, Ralph. **Britain: 'ego-documents' and life writing 1500-1900**. Disponível em: [http://firstpersonwritings.eu/greatbritain/greatbritain\\_project.htm](http://firstpersonwritings.eu/greatbritain/greatbritain_project.htm). Acesso em: 05/10/2010.

<sup>9</sup> CORBIN, Alan. O segredo do indivíduo. In: **História da Vida Privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. pp.456-458.

Inglaterra. Desconhecemos as razões pessoais que a levaram a emigrar para uma colônia agrícola no Brasil. Nossos esforços para compreender essas razões resultaram em conjecturas. A memória familiar indica que o marido de Caroline, Albert, possuía uma fábrica de penas (canetas) que, ao falir, não deixou-lhe outra alternativa senão aproveitar a oportunidade que se apresentava de vir para o Brasil. Possivelmente esperava estabelecer-se com algum negócio, inclusive porque Caroline, em um depoimento dado ao cônsul britânico em 1874, definiu a ocupação do marido como *businessman*. Daí a imaginarmos quão desconcertante podem ter sido para ela as circunstâncias em que se encontrava, a disciplina que ela precisava exercer sobre sua sensibilidade, e o recurso à escrita do diário, amigo leal, silencioso, mudo, ao qual quase tudo se pode contar; praia deserta onde pode repousar a cada noite o naufrago. Suas anotações, outrossim, não têm o caráter íntimo ou confessional de um outro gênero semelhante, o *diário íntimo*, exigindo assim um esforço maior na leitura daquilo que ela escolhe registrar para captar-lhes os significados.

É difícil traçar o limite exato entre as memórias, o diário íntimo e a autobiografia, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do 'eu'. Apesar das semelhanças, todas formas autobiográficas centradas na figura de um narrador em primeira pessoa que se revela, podemos situar um espaço mais ou menos preciso para cada uma destas possibilidades de escrita confessional, mesmo conhecendo as dificuldades de encontrar o caráter distintivo entre formas tão próximas.

As memórias são a parcela da literatura autobiográfica mais reconhecida como puramente literária, muito provavelmente pela maior liberdade imaginativa que a elas está vinculada. De fato, as



inexatidões da memória, capacidade humana de armazenar dados, transformam os fatos em recordações por meio da linguagem: a memória não é apenas um conjunto de imagens fixas que devemos compreender ou transmitir, mas algo que retorna para repetir um caminho que nunca foi trilhado.

As memórias, portanto, são uma busca de recordações por parte do eu-narrador com o intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior do qual este eu-narrador escreve. Assim como os diários, a narrativa memorialista pertence ao universo da escrita autobiográfica, uma forma narrativa em que um “eu” faz um relato da sua própria vida, mas enquanto as memórias são uma volta ao passado, os diários são uma tentativa de guardar o presente.

Por outro lado, as memórias podem também ser consideradas como um suporte da historiografia já que ambas têm por objetivo trazer a verdade para a instrução dos homens, isto é, tanto a narrativa histórica quanto a narrativa memorialista buscam, por meio da narração de fatos importantes, certo caráter de exemplaridade que supere o inevitável esquecimento que incidirá sobre os fatos comuns.

Não se pretende, contudo, um trabalho de reconstituição minuciosa, real ou *verdadeira* de um passado que existiu, tomando o *Diário*, as *Memórias* e as demais fontes que ampliaram parte de seus conteúdos como *provas*, mas sim explorar os conteúdos dessas fontes como fragmentos de modos de vidas e de maneiras de pensar em um determinado período; eles são os vestígios acessíveis, os

“indícios esparsos dos atos e das palavras do cotidiano”<sup>10</sup> que incitam ao esforço da investigação histórica e à elaboração de uma narrativa articulando representações. O passado só nos é acessível de modo indireto, pela mediação das fontes, resultando que o nosso conhecimento sobre ele é “inevitavelmente incerto, descontínuo, lacunar: baseado numa massa de fragmentos e de ruínas”.<sup>11</sup>

O contato com fontes primárias, documentos, papéis, fotografias e as variadas maneiras de registrar o cotidiano, provoca grande encantamento nos cientistas sociais, pela sua capacidade de revelar aspectos desconhecidos da história e de seus personagens e por conferir a impressão de que se está tomando contato com parcelas muito íntimas dos mesmos. Eles seduzem pela sua capacidade de simular o transporte no tempo, conforme afirma Luciana Quillet Heymann, ao mesmo tempo em que nos adverte sobre a ilusão da unidade e do caráter seletivo de todo escrito pessoal.<sup>12</sup> Ao estudioso competente, assim, o trabalho interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores.<sup>13</sup>

De uns anos para cá, ainda que fascinados com a riqueza das trajetórias individuais, os historiadores têm se mostrado cada vez

---

<sup>10</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de MORAES (coord.). **Usos e abusos da história oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. pp.167-182.

<sup>11</sup> GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp.17-40.

<sup>12</sup> HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Muller. In: **Estudos Históricos**, nº 19. Indivíduo, Biografia, história. Rio de Janeiro, v. 10, nº 19, 1997, pp.41-66.

<sup>13</sup> GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário**. In: GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.149.

mais conscientes da incapacidade de dominar a singularidade irreduzível da vida de um indivíduo e da dificuldade de se escrever sobre ele, ou ela. Sabem que identidades específicas, coerentes e sem contradição representam apenas a máscara, a exterioridade que se apresenta ao público, e que os atores históricos não obedecem a um modelo de racionalidade absoluta, nem tomam decisões sem incertezas. Ainda assim, o pesquisador não consegue abrir mão de seu desejo de captar, nas sutilezas, nas entrelinhas, no não-dito, a essência de um indivíduo. A nossa pesquisa insere-se dentro desse esforço.

Caroline Tamplin, uma mulher letrada e culta, veio para a colônia Assunguy, no Paraná, em 1868. Após seis anos de vida muito árdua na colônia e de alguns desgostos, como o não reconhecimento da função de médico que teria exercido por um período na colônia e o consequente não pagamento de valores a que teria feito jus,<sup>14</sup> seu marido, Charles Albert Tamplin, morreu, deixando-a viúva e com cinco filhos: Cowper, que casou-se com a filha do imigrante alemão Alfred von der Osten; Kathleen, que casou-se com um imigrante britânico, Tigar, voltou para a Inglaterra e, de lá, reemigrou para o Canadá; Mildred e Frederick, adolescentes, e Alberta, nascida no Brasil por volta de 1870.

Embora viúva, Caroline permaneceu na colônia até 1880, atuando inclusive como professora em uma pequena escola montada em suas terras. A escola era subsidiada pelo governo provincial, mas as fontes mostram que até mesmo a solicitação de recursos mínimos, como livros, encontrava resistência para o atendimento, a mesma

---

<sup>14</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondência do Governo. AP 1873/10/408/98.

resistência para enviar à professora o pagamento das *gratificações* que lhe seriam devidas.<sup>15</sup> Em 1874, em razão de queixas e representações, culminando com manifestações públicas, na colônia e em Curitiba, que os colonos britânicos vinham fazendo há algum tempo, o cônsul Lennon Hunt visitou a colônia e tomou depoimentos de dezenas deles, inclusive de Caroline Tamplin, cujos termos podem ser lidos integralmente na parte de Anexos.

Em 1880 Caroline solicitou permissão para transferir seus lotes de terra para o colono Henry Mason, mas a autorização não foi concedida,<sup>16</sup> sob a alegação de que ambos ainda deviam ao governo. De qualquer forma, no mesmo ano, ele se transferiu para Curitiba, conforme indica um anúncio que colocou no jornal:

*HENRY MASON, decorador de Londres, encarrega-se de pintura de brasões, paisagens, quadros de todas as qualidades, taboletas para casas de negocio, carros e finalmente de todo serviço concernente à sua arte. Em casa do Sr. Julio Gineste, rua Direita.*<sup>17</sup>

As fontes mostram que ela desejava liquidar sua dívida, tanto que ainda em 1882 continuava preocupada com esse compromisso,

---

<sup>15</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondências do Governo. **APS**. 1875/5/460/178-Pedido de Mme Tamplin de objetos para a escola da Colônia Assungui; 1875/3/458/117. Aulas na escola da Colônia Assungui.

<sup>16</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondência do Governo. **AP** 1880/17/605/323.

<sup>17</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 30 out.1880, p.4. Julio Gineste possuía um serviço de diligências e hospedaria, conforme indicam anúncios similares, de outros recém-chegados à Curitiba.

tendo solicitado ao governo prorrogação para o pagamento de seu lote. Sua petição recebeu o apoio do diretor da colônia e também da Contadoria da Tesouraria da Fazenda do Paraná após longas consultas à legislação e informação oficial de que, embora a suplicante estivesse ausente do seu lote, não o abandonara, visto ter deixado ali “um inglês que cultiva seu terreno”, mas o resultado final não está claro, visto constar ao lado das datas, escrito à lápis, *Nada há que deferir*.<sup>18</sup>

No final de 1880, Caroline colocou um anúncio no principal periódico da província, o *Dezenove de Dezembro*, oferecendo seus serviços, e, acompanhada dos filhos Mildred e Frederick (Fritz), mudou-se para a capital, Curitiba, onde passou a trabalhar como professora de piano, pintura e línguas para membros de importantes famílias da cidade:

#### D. CAROLINA TAMPLIN

*Ex-professora da colônia Assunguy, dá lições de piano, canto, francez, inglez, geographia, desenho e prendas domésticas, em casas particulares. Póde ser procurada a rua do Sottomaior, em casa de seu filho, o negociante Alberto Tamplin.*<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondência do Governo. **APs**. 1882/5/646/112 e 1882/1/647/20-21.

<sup>19</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 4 set. 1880, p.4.

*Discípula de Thalberg,<sup>20</sup> chama em seu apoio o testemunho dos distintos professores dessa capital, cujo acolhimento e aplauso lhe têm sido por vezes tão lisongeira-mente grato. Seus pequenos dotes e conducta moral receberam sempre, em sua pobreza e viuvez, a proteção dos honrados administradores desta província, assim como dos dignos directores e virtuoso parochos de sua colônia.<sup>21</sup>*

Outras mulheres imigrantes e residentes na colônia Assunguy, ao ficarem viúvas, optaram por retornar a seus países. Desprovidas de recursos, solicitaram-nos ao governo.<sup>22</sup> Caroline optou por permanecer no Brasil. Oliver Marshall acredita que não havia nenhuma razão para ela retornar; “nada havia para ela, com quase 60 anos de idade, na Inglaterra”,<sup>23</sup> ele comenta (embora sua idade fosse 52 anos em 1880). Ela deve ter tido uma família lá. No depoimento que deu ao cônsul Lennon Hunt em 1874, ela contou que só sobreviveram às adversidades porque receberam ajuda da família na Inglaterra. Mas, por outro lado, ela tinha filhos aqui, um deles casado e com raízes fincadas no Paraná; os demais, menores de idade, ela esforçou-se para integrar à sociedade local, no que obteve sucesso.

---

<sup>20</sup> Sigismond Thalberg (1812-1871) foi um compositor, pianista e autor de método para pianoforte. Contemporâneo de Liszt e muito conhecido, visitou o Rio de Janeiro entre Julho e Dezembro de 1855.

<sup>21</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 17 abr.1880, p.4.

<sup>22</sup> 1875/5/460/177 Requerimento das viúvas Chalard e Harrington da Colônia Assunguy; 1875/1/477/223 Margarida Harrington, viúva irlandesa da Colônia Assunguy solicita auxílio para repatriação.

<sup>23</sup> MARSHALL, Oliver. **English, Irish and Irish-American Pioneer Settlers...**, 2005, p.183.

Optou-se pelos anos de 1860 a 1890 por ter sido dentro desse período que o governo brasileiro criou a colônia Assunguy e acirrou a campanha para atrair imigrantes europeus para lá e também para a Colônia Príncipe Dom Pedro, em Santa Catarina, e Cananéia, no litoral de São Paulo. Foi ainda quando Caroline, nossa personagem exemplar, chegou com sua família ao Brasil, veio para o Paraná, viveu na colônia, ficou viúva, mudou-se e estabeleceu-se em Curitiba por vários anos, alguns dos quais cobertos pelo diário; depois, é pelos jornais que encontramos vestígios de sua vida, até aproximadamente 1890, quando “desaparece”. Segundo descendentes, teria ido para São Paulo, onde viveu até seus últimos dias e onde teria sido sepultada, no exclusivo Cemitério da Consolação.

Adotamos a ideia de que Caroline Tamplin era alguém de fora, uma *outsider*, que buscou inserir-se e permanecer no círculo dos *estabelecidos*, significando aqueles que fazem parte dos grupos dos *melhores* – conforme teoria de Norbert Elias sobre a qual nos estenderemos a seguir –, tanto quando foi para a colônia Assunguy quanto quando veio para Curitiba. Num e noutro lugar ela foi percebida como alguém que reunia as condições, os atributos e a disposição, para ser um deles. Para completar, existem evidências em seu diário e em sua conduta de que possuía uma autoimagem que se percebia como apta para circular entre aqueles cuja sociedade ela considerava adequada. Imigrante, ela, não obstante, possuía capital cultural e *savoir-faire*; juntou-se a isso o fato de ser britânica.

Na época, a Europa e, mais particularmente a Inglaterra, era modelo de modernização, progresso, civilização, e também de costumes que influenciavam o modo de viver das classes médias e altas

em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.<sup>24</sup> Caroline está inscrita, de múltiplas formas, numa teia de relações complexas que não pode ser pensada como definitiva e rigorosamente hierarquizada.

Para entender como Caroline passou da condição de *outsider* para alguém que compartilha da conviviabilidade dos *estabelecidos* (*established*), ou seja, como uma recém-chegada encontra receptividade e conquista prestígio em uma parcela elitizada e excludente da sociedade paranaense, formada ela também por imigrantes ‘estabelecidos’, recorreremos tanto às reflexões desse tema conforme formuladas por Norbert Elias,<sup>25</sup> quanto ao conceito de *representação*, de Roger Chartier.<sup>26</sup>

Elias fez estudos sociológicos numa comunidade inglesa que denominou de Winston Parva. Os resultados levaram-no a propor que sua teoria poderia ser aplicada a uma ampla gama de padrões da desigualdade humana: relações entre classes, grupos étnicos, colonizadores e colonizados, homens e mulheres, e assim por diante. A comunidade onde a pesquisa foi desenvolvida representaria, assim, um microcosmo de caráter paradigmático, lançando luz sobre problemas comumente encontrados, em escala muito maior, na sociedade como um todo.

Elias explica que as palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam

---

<sup>24</sup> MANCHESTER, Alan K. **Preeminência Britânica no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

<sup>25</sup> ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000; **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. 2 v.

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.



posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é percebido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, portadores de uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência; os *established* baseiam o seu poder no fato de se posicionarem como um modelo moral para os outros.

Os que não são *established* ou que não fazem parte do *establishment* são denominados de *outsiders*, ou seja, aqueles que estão fora do grupo dos bem estabelecidos e detentores do poder de usufruir das melhores vantagens que a sociedade a que pertencem pode oferecer. Nesse sentido, pode-se dizer que Caroline Tamplin está *nas margens*.<sup>27</sup>

O que diferencia uns e outros é o fato de os *established* formarem um grupo bastante coeso, a “minoria dos melhores”, frequentadores do mesmo clube social ou desportivo, portadores dos mesmos hábitos burgueses e do mesmo gosto, possuidores das mesmas boas maneiras, enquanto os *outsiders* não constituem um grupo social, mas um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos. Autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são, entre alguns outros fatores, os elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos/*outsiders* ilumina exemplarmente.

Elias descortinou, ainda, os artificios usados por um grupo de pessoas para monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las

---

<sup>27</sup> Esta é uma alusão à obra de Natalie Zemon Davis (1997) do mesmo título em que ela explora a condição de três mulheres singulares do século XVII que vivem na fronteira entre o que era comumente permitido e/ou proibido às mulheres em suas vidas públicas e privadas.

para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo como, por exemplo, através da fofoca. Em nossa pesquisa sobre Caroline descobrimos que alguém, um indivíduo ou grupo, tentou lançar mão dessa estratégia para constrangê-la a deixar Curitiba em 1888. Tão grande foi o desconforto que o grupo do qual ela fazia parte expressou na imprensa, por vários dias, o seu repúdio à fofoca ofensiva e o seu apoio incondicional a ela. Mesmo antes disso, no ano de 1881, ela registra em seu diário uma ou duas ocasiões em que determinadas pessoas estariam fazendo intrigas contra ela. Para estabelecer-se, não deixou de encontrar hostilidades.

O que Norbert Elias constatou em seu estudo sobre a inclusão e exclusão social dentro de uma comunidade foi que cada uma delas tem seus próprios critérios de seleção. No caso estudado por ele, surpreendentemente, todos poderiam ter sido considerados como pertencentes à mesma classe social – todos eram trabalhadores. Portanto, diferentemente do que se poderia esperar em uma sociedade industrializada, a classe social, do ponto de vista econômico, não foi o critério definidor, mas sim a antiguidade residencial. Ou seja, o grupo composto pelas famílias de primeiros moradores a se estabelecerem na região excluía sistematicamente os recém-chegados, os estigmatizando.

É claro que há uma complexidade dentro dessa aparentemente simples explicação. Por terem sido os primeiros residentes, além de possuírem ocupações profissionais semelhantes, houve uma aproximação e o desenvolvimento de laços de amizade em virtude de compartilharem dos mesmos valores. Além disso, o grupo manteve-se coeso, pois os filhos, ao casarem-se, continuaram residindo perto de seus pais e velhos amigos, preservando as relações há muito

estabelecidas. Não precisavam de mais ninguém para completar o grupo, e viam com desconfiança os novatos, mantendo-os na categoria de *outsiders*.

O que tornou o estudo de Norbert Elias relevante é que ele, com sua pesquisa, buscou mostrar como funcionam os mecanismos não apenas de exclusão, mas também os mecanismos de distribuição de vantagens entre aqueles que consideram-se portadores de direitos a essas mesmas vantagens. Elias acreditava que o que acontecia em Winston Parva poderia servir para explicar a relação estabelecidos/*outsiders*, ou seja, a relação entre aqueles que fazem parte do *establishment* e aqueles que são mantidos fora dele, cumprindo ao estudioso de cada caso descobrir a especificidade local no que se refere aos mecanismos utilizados por cada situação especial.

Valemo-nos de suas reflexões para procurar entender porque a personagem principal de nosso estudo, mesmo sendo uma mulher só, num mundo onde quem gozava de autonomia e poder de decisão sobre seu próprio destino eram os homens, permaneceu em terra estrangeira em vez de, como teria sido mais comum, voltar para seu país e colocar-se sob o manto protetor de sua família.

Na Inglaterra a situação da mulher só, solteira ou viúva, também preocupava, e talvez não fosse tão simples para Caroline conquistar lá a mesma situação de prestígio e reconhecimento que buscou em Curitiba. Não sabemos até que ponto a experiência, no Brasil das primeiras décadas de 1800, e outra mulher britânica, culta

e refinada, como Maria Graham,<sup>28</sup> repercutiu lá e cá, mas o fato não deve ter sido de todo desconhecido; afinal, as relações entre Brasil e Inglaterra eram bastante estreitas e consideravelmente divulgadas.

Além de Caroline, outras mulheres da mesma nacionalidade procuraram estabelecer-se nas principais capitais brasileiras como professoras. Em Curitiba, por exemplo, Mrs. Braund instalou um *Collegio Inglez*. O Rio de Janeiro, onde era acentuada a presença britânica, na diplomacia e no grande e pequeno comércio, também despertou o interesse dessas senhoras. Em 1888 uma delas mandou publicar o seguinte anúncio no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro:

*Professora distincta (de Londres), diplomada e altamente recommendada, lecionando há muito tempo nas principais familias da corte, tem algumas horas disponiveis e da lições de inglez, francez, allemão, musica, pintura (a óleo e aquarela); desenho e outras matérias de ensino superior; cartas a L.R.L. no escriptorio desta folha.*<sup>29</sup>

Acompanhando a trajetória através do diário de Caroline relatando parte do seu cotidiano, e de jornais onde notas sociais registram momentos da vida social na capital curitibana dos quais ela participa, vemos que Caroline ficou e procurou ser bem-sucedida não só pelos atributos culturais que possuía, ou por ser de origem britânica

---

<sup>28</sup> GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

<sup>29</sup> JORNAL DO COMMERCIO, 5 out. 1888.

numa sociedade razoavelmente anglófila, ou mesmo por possuir o *savoir-faire* para o convívio na alta sociedade. Ela adquiriu tal *status*, possivelmente porque compartilhava de muitos dos valores daquelas pessoas em posição de incluir ou excluir indivíduos dentro de seu grupo mais amplo. Um desses valores era a religiosidade.

Durante o período coberto pelo diário, Caroline professava, e muito ardorosamente, a fé católica. Frequentava assiduamente a igreja, registrava o santo do dia no diário, cultivava a amizade dos padres católicos e até do alto clero. Em dezembro de 1881, ela e o filho Frederick (Fritz) foram crismados, ela tendo como madrinha, Dona Mariquinhas, e ele, Padre Celso Itiberê da Cunha, pároco de Cerro Azul e irmão de Brasília Itiberê, ambos, por sua vez, filhos do Dr. João Manoel da Cunha, com cuja família os Tamplin mantinham laços estreitos de amizade, conforme os registros no diário de Caroline. Na semana seguinte, Caroline foi madrinha de Crisma de Ritinha, filha de Dona Augusta Negrão. Pode parecer pouco, efêmero diante de fortunas materiais, mas são exemplos do que ela conseguiu capitalizar e o que tornava o seu cotidiano significativo o suficiente para ela deixá-lo registrado em seu diário.

Convencionou-se associar as expressões *establishment* e *established* apenas aos círculos mais elevados do poder político ou econômico, e adquiriu-se o hábito de explicar relações conflituosas de grupo como resultado de diferenças raciais, étnicas, ou, às vezes, religiosas; mas, como fica bastante claro nos escritos de Norbert Elias, a teoria não fica restrita a estas limitações.

O mais notável a respeito de Winston Parva, por exemplo, era justamente o fato de a comunidade ter sido e continuar sendo, em

sua maior parte, uma comunidade proletária. Não havia diferenças de nacionalidades, ascendência étnica, “cor” ou “raça” entre os residentes das duas áreas, e eles tampouco diferiam quanto a seu tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional – em suma, quanto a sua classe social. As duas eram áreas de trabalhadores. A única diferença entre elas era que um grupo compunha-se de antigos residentes, instalados na região havia duas ou três gerações (*established*), e o outro era formado por recém-chegados mantidos como *outsiders*, ou seja, fora do círculo dos que se consideravam melhores.

Na nota introdutória, Stephen Mennel explica que aquele ensaio teórico sobre as relações entre estabelecidos e *outsiders* esclareceu como era possível aplicar sua teoria a toda uma gama de padrões mutáveis da desigualdade humana: relações entre classes, grupos étnicos, colonizadores e colonizados, homens e mulheres, pais e filhos, homossexuais e heterossexuais.

É a forma de vinculação que determina a sócio-dinâmica da relação entre grupos interligados na condição de estabelecidos e *outsiders*, e não qualquer característica que os grupos tenham. Apenas algumas vantagens que a superioridade de poder confere aos grupos que a possuem são materiais ou econômicas. O estudo de Elias revelou que mesmo nos casos em que a luta pela distribuição dos recursos econômicos parecia ocupar o centro do palco, como no caso da luta entre operários e a direção de uma fábrica, havia outras fontes de disputa em jogo além da relação entre salários e lucros.

Quanto menos o equilíbrio de poder é determinado pela supremacia econômica, mais claramente reconhecíveis se tornavam outros aspectos não econômicos das tensões e conflitos. Quanto mais

um grupo se coloca acima do nível de subsistência, mais a sua renda, os seus recursos econômicos, servem de meio para atender a outras aspirações humanas que não a satisfação das necessidades mais elementares, e mais agudamente tenderão a sentir a inferioridade social, de poder e de *status*, de que sofrem. E é nessa situação que a luta entre os estabelecidos e os *outsiders* deixa de ser, por parte destes últimos, uma simples luta para aplacar a fome, para obter os meios de subsistência física, e se transforma numa luta para satisfazer também outras aspirações humanas.

Para Caroline Tamplin, estar entre os *estabelecidos* significou não apenas gozar de prestígio entre parte da boa sociedade curitibana, mas manter o convívio, preservar as formas de vinculação, para si e os filhos, através de estratégias e práticas sociais que se confundiam com o seu cotidiano, aparentemente quase só voltado para o trabalho.

Seu filho Frederick, embora britânico e também educado por ela em casa, foi matriculado no Instituto Paranaense, frequentado à mesma época por José Candido da Silva Muricy, Alfredo Westphalen, Emiliano David Pernetá, José Caetano Munhoz, Agostinho Ermelino de Leão, José Lourenço Schleder, Paulo Ildefonso de Assumpção (seu amigo mais regular), Sebastião Paraná Sá Sotto-Maior, Estácio Correa, Affonso Monteiro de Barros, entre muitos outros personagens, que viriam a ter destaque na sociedade curitibana.<sup>30</sup> Entre os ingleses, seus amigos eram George Withers e Archie (Archibald) Mason, que mais tarde casou-se com Alberta, sua irmã caçula.

---

<sup>30</sup> Relatório do Director Geral da Instrução Pública, Dr. Moysés Marcondes Apresentado a Carlos A. de Carvalho em 01/10/1882. p.15. Curitiba: Typographia Perseverança.

Quanto à filha Mildred, toda vez que comparecia a um evento social de prestígio, como o Baile Alemão, do qual ela teria voltado para casa às 3 horas da manhã, no início do ano (*Janeiro 1881 – Dia 1º – sábado. Agradável e Quente. Mildred retornou às 3 horas da manhã do Baile Alemão*),<sup>31</sup> ou era procurada por alguém considerado importante por Caroline, ela registrava em seu diário (*Janeiro 1881 – Dia 5, quarta-feira – A Sra. Lindemann esteve aqui bem cedo, e pediu-me para permitir que Olga fosse com Mildred aos Fonseca. Ela insistiu para M. ir ver P., o que ela fez na parte da tarde, e elas foram me encontrar na minha volta da casa de Dona Xiquinha e levaram-me ao jardim e deram-me flores, e convidaram-nos para ir lá amanhã ver a procissão*).<sup>32</sup> Nos primeiros meses de 1881, Mildred ficou muito doente e quase morreu. Durante o período de sua recuperação e depois, Caroline registrou cuidadosamente em seu diário o nome das senhoras, estrangeiras e brasileiras, que devotaram atenção e carinho a sua filha, tanto por gratidão, certamente, quanto pelo prestígio que isto lhes creditava.

As famílias britânicas com quem Caroline mantinha laços mais estreitos eram os Withers, industriais conhecidos na cidade, seguidos pelos Mason, empreiteiro, e os Balster, leiloeiros, que possuíam negócios de proporções adequadas à época e à cidade. Havia outras famílias, mas não se frequentavam quase diariamente como os mencionados. A filha mais nova, Alberta, acabou por casar-se com

---

<sup>31</sup> *January 1881 Saturday 1st. Fine & hot. Mildred returned at 3 o'clock from the German Ball this morning.*

<sup>32</sup> *January 1881 - Wednesday 5<sup>th</sup>. Mrs Lindemann called very early, & asked me to allow Olga to call with Mildred at Fonseca's. She pressed M. to go & see O., which she did in the afternoon, & they called me over on my return from Dona Xiquinha's, & took me over the garden & gave me flowers, & invited us to go there tomorrow evening, to see the procession.*



um Mason, conforme comentamos acima; o filho mais velho, Cowper, com Hildegard, filha de um conhecido imigrante alemão, Alfred von der Osten. Entre os estrangeiros, destacavam-se as Sras. Lindemann, Garnier, Peters, Schimmelpfeng, Pinot. Entre os brasileiros amigos com os quais ela se relacionava quase que diariamente estavam o Coronel Manoel Eufrásio Assumpção e filhos, Comendador Antonio Ricardo dos Santos, Comandante da Força Policial, Chiquinha Menezes, os Fonseca e o médico Dr. João Manoel da Cunha, a cuja chácara os Tamplin eram regularmente convidados.

Se, por um lado, Caroline parecia estar à mercê das circunstâncias, por outro, verifica-se a construção de uma existência suportável dentro da realidade social em que ela transitava, principalmente pelo cultivo cuidadoso do hábito burguês inglês e francês das visitas e contravisitas. O registro a seguir, datado de abril de 1881, retrata um domingo típico:

*Dia 3, domingo. Por volta das 4 horas Mildred e eu fomos visitar Dona M. Fonseca e depois fomos à Sra. Balster, mas como não conseguimos que nos ouvissem chamar, fomos à Sra. Withers, tomamos chá e Willy veio para casa conosco e jogou xadrez com Mildred. Terminei a carta para Tigar.<sup>33</sup>*

---

<sup>33</sup> *Sunday 3rd. About 4 o'clock M. & I called on Dona M. Fonseca & afterwards on Mrs. Balster, but could not make them hear, so went on to Mrs. Withers, & had tea. & Willy came home with us, & played chess with Mildred. Finished letter to Tigar.*

No domingo, dia 7 de agosto de 1881, ela não saiu, mas recebeu muitas visitas:

*Aniversário do Cowper [filho mais velho]. Escrevi para Katie, em Manitoba [Canadá]. Dona Brasília veio despedir-se, antes de ir para São Paulo. Dona Rosalina Castro veio visitar, com as filhas; e Paulo Assumpção, para jogar xadrez com Fritz. Julieta Soares e Franklin vieram de manhã. Tricotei bastante as luvas para Mrs. W. Escrevi para Katie (para Manitoba) [ela repete a primeira frase].*

Quando não podia sair, nem recebia tantas visitas, ela também registrava, justificando, e explicando o que fez, de útil, com suas horas. Em janeiro de 1881, escreveu: *Dia 2, domingo. Chuvoso. A chuva impediu-nos de sair para retribuir visitas e nos levantamos tarde demais para ir à missa. Li “Portugal na balança da Europa” e escrevi para a Sra. Renaudin sobre sua máquina.*<sup>34</sup> Em 18 de setembro do mesmo ano, registrou que: *Esperava que Maricas viesse passar o dia, mas ela não veio. Fritz saiu com Edmondo. Escrevi para Mrs. Tigar [mãe do genro, casado com sua filha mais velha] e para Katie, e para o Embaixador Britânico, a respeito das minhas terras.*

A vida cotidiana, pautada pela rotina, parece embalar seus personagens numa existência quase letárgica e, se os dias de semana

---

<sup>34</sup> *Sunday 2nd. The rain prevented us going out to return visits & we got up too late to go to Mass. Read “Portugal na balança da Europa” & wrote to Mrs. Renaudin about her machine.*

são dias de trabalho remunerado, nos domingos as ocupações, em Curitiba, possivelmente como em qualquer parte, são determinadas pelo clima. Em janeiro de 1882, domingo dia 22, choveu à tarde. Então Caroline registra que fez uma torta de coração e rim, que ficou muito boa, e o filho Fritz charqueou o que restou do coração e da carne. Como estava um *dia calmo* [bom] *para ela ler e pintar*, Fritz estudou o Catecismo até que Edmondo chegou para jogar xadrez com ele.<sup>35</sup>

Ao tratar com fontes de origem autobiográfica, o historiador depara-se com alguns problemas, entre eles o fato de que, já há algumas décadas, a história se defronta com a questão da passagem de uma validação do discurso histórico, fundado no controle das operações que estão na sua base e que, conforme Chartier, são nada menos do que arbitrárias, a outro tipo de validação, permitindo encarar como possíveis, prováveis, verossímeis, as relações postuladas pelo historiador entre os vestígios documentais e os fenômenos indiciados por eles ou, em outras palavras, as representações manipuláveis hoje em dia e as práticas passadas que elas designam.<sup>36</sup> Ou seja, como articular a relação entre representações das práticas – forma como entenderíamos o discurso do diário e das memórias –, e as práticas de representação.

O registro do seu cotidiano em um diário pode ter sido a maneira que ela encontrou para justificar suas escolhas e condutas, a

---

<sup>35</sup> *January 1882, Sunday 22nd. Rain in the afternoon. Made a heart & kidney pudding, which turned out very good & Fritz xarqueadou the rest of the heart & beef – Quiet day for reading & painting. F. learnt Catechism. Edmondo came & played chess with him.*

<sup>36</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: ...*, 1988, p.86.

partir de uma determinada representação de si, bem como para mostrar que preservara hábitos e um modo de vida que, apesar das circunstâncias, lhe permitia representar-se para si mesma e para os outros como a mesma Caroline que deixara Londres havia quase 14 anos.

A pesquisadora canadense Louise Guenther estudou uma comunidade de ricos mercadores expatriados britânicos que viveram na Bahia na primeira metade do século XIX e destacou as estratégias que eles utilizaram para obter sucesso em seus negócios, tomando como fonte principal os registros do médico da comunidade, Dr. Dundas. Em um e em outro caso – Caroline Tamplin em Curitiba e os *ingleses* da Bahia – as condutas são semelhantes, baseadas no cálculo, na *economia das emoções*, razão pela qual a introduzimos aqui.<sup>37</sup>

O livro de Louise Guenther, que tem o sugestivo título de *Mercadores Britânicos no Brasil do Século Dezenove: negócios, cultura, e identidade na Bahia, 1808-50*, trata de economia e política, mas, talvez mais importante, faz uma análise antropológica da dinâmica interna de uma comunidade mercantil britânica, mostrando os mecanismos através dos quais aqueles indivíduos conseguiram sobreviver a uma imersão estrangeira sem perder o *senso de identidade* britânica que lhes permitia sobreviver.

---

<sup>37</sup> GUENTHER, Louise. **British Merchants in nineteenth-century Brazil**: business, culture, and identity in Bahia, 1808-50. Oxford, England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2004.

Seu argumento é de que a comunidade britânica da Bahia foi uma construção – social, cultural, e psicológica – com uma história específica. A imagem da comunidade foi consolidada, durante a primeira metade do século dezanove, em um processo lento envolvendo tanto avaliações cuidadosas e calculadas quanto conflitos e redefinições menos conscientes.

O objetivo geral era o sucesso comercial de seus membros e, para alcançá-lo, mulheres britânicas foram trazidas para a Bahia, famílias de identidade britânica foram formadas e opiniões fortes relativamente a uma determinada postura a ser adotada perante os brasileiros foram cultivadas. O concubinato anglo-brasileiro foi aceito ou condenado de acordo com as circunstâncias – enquanto não havia mulheres britânicas e, depois, só quando o homem era um inglês rico e respeitado –, e um acentuado, quase excessivamente britânico jeito de ser caracterizou o comportamento dos expatriados no processo de capturar a imaginação dos brasileiros entre os quais eles viviam.

A aparência de ‘comunidade’ foi inicialmente teatralizada com o objetivo consciente de fazer os britânicos parecerem mais respeitáveis aos olhos dos brasileiros, e assim melhorar as chances de relações comerciais mais bem sucedidas, bem como criar um ambiente emocional mais seguro para os estrangeiros. Apesar das aparências, diz Louise Guenther, não havia nenhum grupo de britânicos inerentemente coeso na Bahia durante a primeira metade do século XIX, mas, com o passar das décadas e com o advento de ideias de modernização, tornou-se cada vez mais útil para os mercadores britânicos e para as elites brasileiras construir e reverenciar a

superioridade cultural dos ingleses – de forma que pelo final do século a alta sociedade conscientemente procurava imitar os estilos de vida das classes médias altas do norte da Europa.

As duas principais e mais constantes preocupações dos mercadores britânicos na Bahia foram com sua identidade cultural e com ganhos financeiros pessoais. Isto tomou formas diferentes de acordo com as mudanças no contexto político e econômico ao seu redor. No começo, não fazia nenhuma diferença a seus clientes brasileiros se os britânicos aparentavam ou não ser uma ‘comunidade’, mas por volta de meados do século isto tinha se tornado um aspecto fundamental para a continuidade de seu sucesso e segurança. Evidências sugerem que esse processo não aconteceu sozinho, mas foi até certo ponto uma estratégia deliberada dos mercadores para garantir sua sobrevivência pessoal e comercial em diversos níveis.

Como fizeram isso? Adotaram certa conduta, exerceram o controle das pulsões e das emoções e policiaram corpos e mentes. Obtiveram relativo sucesso, mas à custa de suas saúdes. Louise Guenther estudou os registros do médico da comunidade, Dr. Robert Dundas, o qual notou que os homens e mulheres britânicos frequentemente sofriam de severas doenças físicas e emocionais. Ele passou décadas para tentar entender as razões desse fenômeno, concluindo pela presença de razões físicas – hábitos alimentares e de vida –, e psicológicas. Além do *stress* físico, havia evidência de ansiedade emocional constante.

Os ingleses na Bahia, para o sucesso de seus negócios, tinham que equilibrar-se numa corda bamba por estarem no meio de um fogo cruzado entre os governos brasileiro e britânico. Isso implicava, para eles, entrar num jogo de interesses e manter relações sociais com pessoas mais ou tão poderosas do que eles. Para tanto, além das estratégias habituais bastante exploradas pela historiografia geral, procuraram fortalecer sua *ideia de identidade britânica* dentro e fora da comunidade. Dentro, preservando seu caráter endógeno, ou seja, bloqueando quanto puderam a penetração de *estranhos* e fortalecendo os hábitos e práticas britânicas; e fora, forjando e apresentando uma determinada conduta e imagem de si. Isto lhes custou, em muitos casos, a saúde, pois o maior diferencial em doença sofrido pelos britânicos na Bahia estava diretamente relacionado à insistência deles em agarrar-se a hábitos de vida que sabiam ser perniciosos.

Assim, parece que os britânicos eram os responsáveis por contrair muito da pestilência que percebiam no seu meio ambiente ao insistirem em ignorar a maioria dos conselhos médicos modernos, bem como ao comportarem-se totalmente contra o que o conhecimento local evitava ou desaprovava. O motivo pelo qual agiam assim tinha a ver com a forma como identificavam, confundindo, identidade nacional com pessoal, e depois a sustentando em um contexto onde quase todos os limites conhecidos, e formas de marcá-los, estavam ausentes.

Em geral, os britânicos ora sofriam, ora expunham-se a um grande desgaste psicológico para manter uma “britanicidade”, “superior” e separada. Um cônsul, James Wetherell, que viveu na Bahia de 1843 a 1857, falando sobre comidas como carne seca, caruru, vatapá, mocotó e feijoada, observou que muitos desses pratos, além de soar estranhos aos ouvidos ingleses, mais estranhos eram ainda ao paladar deles, preconceituosos como eram com relação a coisas assim.<sup>38</sup> Por outro lado, a tolice do expatriado britânico que insistia em caminhar sob o sol do meio-dia enquanto toda a população nacional não se atrevia a fazê-lo ficou na história.<sup>39</sup>

Por que o mercador britânico, privativamente tão crítico com relação ao clima local, insistia em expor-se ao tempo que mesmo os brasileiros não consideravam saudável? A explicação é que este era *um comportamento típico do britânico* de então: ele se preocuparia com o clima estrangeiro, mas do seu jeito; achando que não conseguiria derrubá-lo, até que caísse febril.

Outra prática perniciosa tinha a ver com fartas e pesadas refeições acompanhadas de grandes quantidades de vinho ou cerveja, as quais alegavam serem necessárias para fortalecer o corpo vivendo sob os duros efeitos do clima. Mas faziam exatamente a mesma coisa na Inglaterra! Ou seja, para o médico, os mercadores da Bahia estavam racionalizando um comportamento que identificavam com classe social. Quer o clima fosse do hemisfério norte ou sul não

---

<sup>38</sup> WETHERELL, James. *Stray Notes from Bahia: Being Extracts from Letters, & c., During a Residence of Fifteen Years*. Liverpool: Webb and Hunt, 1860. Apud GUENTHER, Louise. **British Merchants...**, 2004, pp.88-92.

<sup>39</sup> Há um ditado popular que diz que “só inglês e cachorro louco andam sob o sol do meio-dia”.



importava, apesar de suas características opostas. É provável que a ideia por trás dos excessos de bebida e comida fosse que aumentava a habilidade de cada pessoa suportar a diferença de ambiente ao exagerar no que, num nível mais profundo, mantinha-o o mesmo. Ou seja, significava a manutenção de hábitos pessoais diários. Se ele ficasse mais doente nos trópicos como consequência disso do que em sua pátria, ao menos sua sanidade – seu senso de limite psicológico – teria sido preservada.

Maria Graham, ao visitar a Bahia, notou que seus compatriotas tinham tendência a apresentar certa forma de expressão nacionalista e descreveu com sarcasmo que “cavalheiros do clube inglês se encontram uma vez ao mês para comer um bom jantar e beber uma quantidade nada moderada de vinho em honra de seu país”. Louise Guenther, valendo-se de relatos de viajantes, acredita que esses comentários sustentam a ideia de que a manutenção de determinados hábitos de vida, mesmo se irracionais em termos de saúde física, eram necessários para preservar a segurança psicológica ou identidade de cada membro do grupo britânico.<sup>40</sup>

Segundo o mesmo estudo, outro britânico achou muito engraçado que os mercadores britânicos insistissem em caminhar ao sol, comer e beber demais, e fizessem grandes esforços para fazer de conta que estavam ocupados com entretenimentos associados às altas classes inglesas.

---

<sup>40</sup> GRAHAM, Maria. **Journal of a Voyage to Brazil, and Residence there During part of the years 1821, 1822, 1823**. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1824. pp.148, 152, apud GUENTHER, Louise. **British Merchants ...** Op. cit., p.96; **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

Essa narrativa revela outro aspecto, qual seja o do imaginário social, tanto por parte daqueles que puseram em efeito um comportamento planejado para produzir no imaginário social de uma época certa imagem de si, quanto por parte daqueles que, observando determinados comportamentos, formaram uma imagem dos primeiros. No imaginário social da segunda metade do século XIX, e mesmo depois disso, aos *ingleses* corresponde uma imagem específica, destacando um comportamento fleumático, controlado.

Conforme Baczko, é através dos seus imaginários sociais que uma coletividade designa sua identidade, elabora certa percepção de si, estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais, exprime e impõe crenças comuns, constrói uma espécie de código de *bom comportamento*, tornando-se uma das forças reguladoras da vida coletiva. Mais que isso, suas referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, com os *outros*, amigos e inimigos, aliados e rivais etc. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício do poder e da autoridade.<sup>41</sup>

Para Norbert Elias, a habituação ao espírito de previsão e controle mais rigoroso da conduta e das emoções, para os quais se inclinam as classes superiores devido a suas situações e funções, constituem importante instrumento de sua predominância, como no

---

<sup>41</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopedia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. v. 5.

caso do colonialismo europeu, por exemplo. Servem como marcas de distinção e prestígio. Exatamente por esse motivo, tal sociedade considera como transgressão do modelo dominante de controle das paixões e sentimentos todo e qualquer *afrouxamento* de seus membros. A desaprovação acentua-se quando aumenta o poder social e o tamanho do grupo mais baixo, em ascensão, e assim torna-se mais intensa a competição pelas mesmas oportunidades entre os grupos.

O esforço e o espírito de previsão necessários para manter a posição de classe manifestam-se nos contatos internos de seus membros entre si, no grau de supervisão recíproca que praticam, na estigmatização severa e nas penalidades que impõem aos seus membros que infringem o código comum que os distingue. O medo provocado pela situação de todo o grupo, pela sua luta para preservar a idolatrada e ameaçada posição, age diretamente como uma força para manter o código de conduta, o cultivo do superego em seus membros. Ela é convertida em ansiedade pessoal, no medo do indivíduo de degradar-se ou simplesmente perder prestígio na sociedade em que vive. É esse medo de perda de prestígio aos olhos dos demais, instilado sob a forma de autocompulsão, seja na forma de vergonha, seja no senso de honra, que garante a reprodução habitual da conduta característica e, como sua condição, um rigoroso controle de pulsões em cada pessoa.

São os males do esnobismo inglês, ferramenta utilizada para inserir-se e posicionar-se, às vezes se isolando. Medo de perder e anseio por manter um senso de identidade e de posição de classe quando imersos em circunstâncias sociais com as quais não estejam familiarizados.

A apropriação que fizemos do estudo de Louise Guenther com o referencial de Norbert Elias nos parece pertinente e adequada à nossa proposta de estudo para entender as razões e motivações que orientavam a conduta de Caroline Tamplin.

Embora o hábito de interpretações passadas da história contemporânea tenda a automaticamente nos levar a pensar a relação colonizador-colonizado como unilateral, ou seja, no presente caso, a predominância da Inglaterra sobre a América do Sul e Índia, trabalhos mais recentes, como o de Louise H. Guenther, vêm demonstrar como aquela relação foi, na verdade, de duas vias, ou seja, os ingleses, ainda que procurassem exercer o predomínio nas relações políticas e econômicas relacionadas a seus interesses, tinham consciência da necessidade de fazer uma certa economia racional da conduta, adotando ou reforçando, para tanto, comportamentos que refletissem uma imagem favorável. Criando uma representação de si, adotando uma conduta, maneiras de viver e mesmo de vestir que pudessem expressar certa e excessiva “britanidade”, o que não era feito sem esforço, fiscalização e sacrifício, obtiveram relativo sucesso, como demonstra o estereótipo que ficou e a disseminação de comportamentos e maneiras de viver na sociedade brasileira, por exemplo.<sup>42</sup>

Nesse sentido, civilizaram-se, na perspectiva de Norbert Elias, por influência das complexidades do contexto e das necessidades, uma vez que exerceram sobre si e sobre os outros, o controle das pulsões, das emoções, e dos comportamentos. Acreditavam que o sucesso de seus empreendimentos dependia da reputação que pudessem conquistar e

---

<sup>42</sup> Segundo Elias, “a habituação a um grau mais elevado de previdência e a uma maior contenção de emoções transitórias [...] pode conferir a um grupo uma vantagem significativa sobre outro” (1993, p.235).

preservar nas relações sociais que estabeleciam, a ponto de influenciarem positivamente tanto os brasileiros de todas as classes quanto as camadas mais baixas de ingleses residentes no Brasil.

Para tanto, formaram, quando possível, comunidades fechadas, procuraram emular as classes aristocráticas de seu país de origem,<sup>43</sup> mostraram-se extremamente esnobes e críticos para com os brasileiros, sem dar-se conta de que eram, afinal, mercadores, burgueses comerciantes que, ainda que muito ricos, poderiam ser, até certo ponto, desprezados pela “aristocracia” da terra – senhores de engenhos, donos de terras e de homens. Estes, no entanto, copiaram muitas práticas e maneiras de viver dos ingleses.

O comedimento e o autocontrole característicos de todas as fases de civilização resultaram até agora não apenas da necessidade de cada indivíduo cooperar incessantemente com muitos outros, mas também, em não menor grau, da divisão da sociedade em classes superiores e inferiores. O tipo de comedimento e modelação de paixões, gerado em membros das classes superiores, recebeu sua marca especial principalmente das tensões que perpassavam a sociedade. Com grande frequência, nessas condições, a preservação do *status* elevado e

---

<sup>43</sup> “Na elaboração do código inglês [de conduta], aspectos de origem aristocrática fundiram-se com os provenientes da classe média – e isto é compreensível, uma vez que, no desenvolvimento da sociedade inglesa, podemos observar um processo contínuo de assimilação, no correr do quais modelos da classe superior (especialmente o código de boas maneiras) foram adotados em forma modificada por elementos da classe média, enquanto aspectos desta (como, por exemplo, elementos do código de moral) eram aceites por elementos da classe alta. Por isso mesmo, quando, no século XIX, aboliu-se a maioria dos privilégios aristocráticos e a Inglaterra, com o aparecimento da classe operária industrial, tornou-se uma nação-estado, o código nacional de conduta do país e o controle das paixões mostraram, com grande clareza, o caráter gradual da solução dos conflitos entre as classes alta e média, sob a forma, em curtas palavras, de uma fusão peculiar entre um código de boas maneiras e outro de moral” (ELIAS, 1993, p.255).

das características de personalidade que os distinguiam dos demais exigia uma forma de espírito de previsão, autocontrole e prudência inçados de ansiedades.<sup>44</sup>

O anseio por prestígio – para aqueles que não precisam se preocupar com suas rendas, a qual é já substancial – e o medo da perda ou redução desse prestígio social, constituía uma das mais poderosas forças motrizes para transformar as limitações impostas pelos outros em autolimitações.

Esse comedimento e autocontrole de que fala Elias aparece unido à preocupação com a representação de si no diário de Caroline Tamplin, escrito não na forma de um diário íntimo, confessionário, mas como registro cuidadoso de suas práticas cotidianas, disciplinadamente distribuídas entre horas de trabalho e hábitos de sociabilidades, ou seja, deveres, responsabilidades. Prazeres? Comedida, nem isto ela revela, se sentia prazer, alegria, nas ocasiões sociais. Ela comparecia ou optava por não comparecer, às vezes explicando suas razões, nada mais. Uma senhora inglesa típica, segundo o imaginário social.

---

<sup>44</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador...** , 1993, pp.256-257.

# 1

## **ESTUDOS AUTOBIO- GRÁFICOS: DIÁRIOS E MEMÓRIAS**

A presença das mulheres na vida pública tem causado muito ruído na história. Elas têm insistido em contrariar a máxima “seja bela e cale a boca”.<sup>45</sup> Mesmo com esta presença crescente, sua história é ainda incompleta, e o historiador precisa ir à procura de suas pegadas, *inventando* novas provas de suas existências, de suas participações, de suas opiniões em cartas, postais e diários. Ensaçando um estudo biográfico do nosso personagem principal, Caroline Tamplin, nos valemos de seu diário e nos inspiramos em duas autoras que tomaram diários femininos como fonte para escutarem as falas das mulheres.

Um diário pode ser fonte de grande valor para a história e “não é um caso raro esse diário de uma mulher do século XIX”, diz Vavy Pacheco Borges ao referir-se ao diário escrito entre 1885 e 1889 por Eugénie Leuzinger Masset. Filha de mãe francesa e pai suíço, bastante conhecido nos círculos comerciais e culturais do Rio de Janeiro durante o Segundo Império, ela ficou viúva aos 34 anos. Em seus escritos, fala da falta que sente do marido e, enquanto recapitula lembranças, luta, trabalhando, para cuidar dos sete filhos. Fonte de grande valor para a história, “o diário revela suas características de origem, educação e cultura, além de mostrá-la uma católica fervorosa”, conforme destaca Vavy Pacheco.<sup>46</sup>

“Manter seu diário é, no século 19, uma prática relativamente corrente, e cada vez mais difundida”, afirma Michelle Perrot em seu capítulo sobre um diário escrito entre os anos de 1864 e 1868 por Caroline Brame (1847-1892), uma jovem do Faubourg

---

<sup>45</sup> PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p.10.

<sup>46</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset (1885-1889). In: **CADERNOS PAGU** (19), Campinas, 2002, pp.113-143. Disponível em: [www.scielo.br/pdf](http://www.scielo.br/pdf). Acesso em 10/07/2009.



Saint-Germain durante o Segundo Império. Nele, Caroline Brame recapitula suas ocupações mundanas (compras, visitas, jantares, recepções, saraus) e faz seu exame de devoção cotidiana; “ela faz o exame de sua consciência, e ainda mais, o exame de seu tempo. *Empreguei bem o meu dia?* Interroga-se ela”.<sup>47</sup>

Essa paixão pela escrita de diários, de que pode usufruir apenas uma parcela privilegiada e alfabetizada da sociedade, é fruto de um ambiente em que as sensibilidades, os sentimentos, são exaltados e o diário tende a se afirmar como um espaço de expressão pessoal. Outro exemplo disso está no campo das artes, em que cada vez mais é valorizada a expressão das subjetividades, ou seja, da presença e da força expressiva da subjetividade dos artistas, o afastamento da tradição pela busca da *verdade de cada um*. Há, por outro lado, um interesse *voyeurístico* na vida de indivíduos, e a produção editorial atestam um aumento no consumo de escritos (auto) biográficos: memórias, diários, (auto) biografias, trajetórias muitas das quais inspiraram leitores em ampla faixa do mundo ocidental.

Como numa busca do tempo perdido,<sup>48</sup> o diário se afirma como espaço de registro da contabilidade da vida, dos usos sagrados e profanos dos dias e das horas. Usado para evocar lembranças e para preservar momentos preciosos do presente, garantindo assim sua transmissão para o futuro, o diário, e também as memórias, se caracterizam como portadores de uma nova escrita e leitura. Ou seja, é no ato da transmissão que se encontra presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico.

---

<sup>47</sup> PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**, ..., 2005. pp.93-146.

<sup>48</sup> Estamos fazendo referência à leitura inspiradora de Marcel PROUST. **Em busca do tempo perdido**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 3 v.

Escrevendo sobre a disseminação de teses acadêmicas e sobre autoras femininas e os gêneros usados por elas, Hilda Pivaro Stadniky destaca as contribuições questionadoras sobre, entre outros aspectos, a noção canônica de gênero literário, redimensionando-a para abarcar as formas orais, a correspondência e a biografia ou autobiografia, que vêm perdendo a conotação de gêneros menores. São narrativas que expressam uma posição diante do mundo, autorizam a presença do *eu* diante desse mundo e carregam a experiência feminina.<sup>49</sup>

O registro do presente e o resgate do passado são “traços, rastros, indícios de experiência humana, de afirmação das possibilidades expressivas do sujeito no interior do precário cotidiano”. A biografia, a autobiografia, o diário, o romance autobiográfico e a carta se instituem cada vez mais como gêneros narrativos capazes de recuperar na espessura da vida cotidiana os momentos de resistência e de insurgência do vivido. Estão intimamente referenciados à historicidade do indivíduo. “Narrar, assim, é também a possibilidade de recuperação da verdade de si mesmo perdida no tempo e no espaço”,<sup>50</sup> angústia que pode ser percebida nas *memórias* escritas pelo neto de Caroline Tamplin quando faz o balanço de sua experiência quase ao final de seus dias. Através do recurso da memória, o escrito autobiográfico de Albert parece buscar lugar próximo da história.

O diário de Caroline Tamplin tem o formato de um caderno, com folhas originalmente em branco, sem linhas nem margens. A

---

<sup>49</sup> STADNIKY, Hilda Pivaro. Sob a égide da intimidade: a textualização do tempo vivido. In: PERARO, Maria Adenir e BORGES, Fernando Tadeu de Miranda (Orgs.). **Mulheres e famílias no Brasil**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2005. pp.339-364.

<sup>50</sup> Ibidem, pp.341-343.

letra é bonita, legível. São raras as rasuras, dando a impressão de que ela pensou bem antes de escrever. Na capa há o desenho de um círculo formado por dois galhos com folhas e frutas silvestres ou brotos entrelaçados, identificado na parte posterior esquerda com as iniciais W. H. & S. e, à direita, London. No centro do círculo, duas linhas, uma com o título *Diary for 1881* e a outra com o nome *Caroline Tamplin*.

O caderno contém 69 folhas perfazendo um total de 138 páginas e cobre o período de 29 de novembro de 1880 a 27 de novembro de 1882. Todas as páginas são utilizadas para anotar uma seleção dos fatos de cada dia, mas as últimas páginas registram os livros lidos e as cartas enviadas e recebidas nos anos de 1881 e 1882.

Os registros diários, escritos em inglês, aparentemente à noite, são meticulosos: informam na margem esquerda, além da data, o dia da semana, o clima, o santo do dia (quando a data faz parte do calendário das celebrações católicas mais conhecidas), os aniversários de nascimento, casamento e morte. Em seguida, ela fala de trabalho; saúde; doença; visitas feitas e recebidas; passeios, *soirées*; refeições e pratos feitos; tarefas domésticas, feitas por uma mulher que vai limpar a casa e passar roupa ou por sua filha Mildred; trabalhos de agulha feitos por mãe e filha; livros emprestados e lidos; cartas enviadas e recebidas; dos laços mantidos com pessoas da colônia, de coisas recebidas e enviadas, a pedido, para Assunguy; de algumas lembranças; de convites, ganhos e perdas.

Em virtude da regularidade e disciplina nos registros, logo o pesquisador pondera se teria havido outros cadernos, perdidos, jogados no lixo, queimados naquelas grandes limpezas que as gerações mais novas das famílias fazem muitas vezes para livrar-se das coisas

velhas, empoeiradas, emboloradas, guardadas e ocupando espaços, sem que ninguém lhes conheça os conteúdos. Segundo informou a família, o diário que conhecemos é o único caderno salvo por acaso de uma fogueira feita no jardim para queimar papéis velhos.

Entre os vários tipos, o estilo adotado por Caroline Tamplin situa-se entre aqueles onde a maior parte do conteúdo é dedicada ao registro do cotidiano e, neste sentido, fonte valiosa para o pesquisador que, ao corroborá-lo a outras fontes, amplia o conhecimento sobre o contexto público e privado de um período de uma forma que outras fontes não permitiriam. Embora não possa ser elencado entre os escritos de natureza íntima, confessional, onde pensamentos e sentimentos são postos com razoável clareza e *sinceridade*, os registros de Caroline Tamplin permitem captar nas entrelinhas seus valores, seus interesses, algumas de suas ambições e as estratégias que utiliza para realizá-las.

O diário suscita muitas perguntas e lança luz sobre muitas outras. Por que alguém escreve um diário? Quais teriam sido as suas intenções ao fazê-lo? Para quem escreve? Muitos autores debruçaram-se sobre esta questão,<sup>51</sup> outros escreveram belos textos a partir deste tipo de fonte,<sup>52</sup> outros discutiram ainda seu caráter autobiográfico.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> Entre eles: Philippe Artières, Contardo Calligaris, Myriam Moraes Lins de Barros, Philippe Lejeune, Ângela de Castro Gomes, e outros, cujos textos foram reunidos na revista **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDC da Fundação Getúlio Vargas, 1997, n° 19.

<sup>52</sup> PERROT, Michelle. **As mulheres e os silêncios da história...**, 2005; GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

<sup>53</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia, ....2001; BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2001, pp.167-191.

Aqui se discute o contexto histórico-sociológico que levou indivíduos a produzir aquilo que passou a ser denominado como uma ‘escrita de si’ ou ‘escrita autobiográfica’, dentro do que destacaremos a escrita feminina; os tipos de narrativas produzidas e sua valorização e utilização como fontes para a história. Por ser uma mulher a personagem principal deste estudo, analisaremos também a condição feminina na Inglaterra, país onde ela vivia, e no Brasil.

Passamos o tempo a arquivar nossas vidas, mas, dos muitos vestígios que produzimos, estamos sempre a fazer uma seleção, conservando, ao final, apenas uma ínfima parte. Quando não somos nós, são os outros que fazem a triagem, limpando as gavetas, classificando, impondo certa ordem, guiados por sucessivas intenções. “Não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos”, diz Philippe Artières, e fazemos isso sucessivamente, inclusive ao reler, quando muitas vezes corrigimos ou acrescentamos algo. E seria por meio dessas minúsculas práticas que estaríamos construindo uma imagem, para nós mesmos e, às vezes, para os outros.<sup>54</sup>

Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, seriam práticas relativas à preocupação com o eu. Arquivar a própria vida seria, comenta Artières, se pôr no espelho, contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, o que faz do arquivamento do eu uma prática de construção de si mesmo e de resistência.

---

<sup>54</sup> ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, nº 21, 1998.

Selecionando propositadamente fragmentos específicos de seu cotidiano, um indivíduo estaria também tentando formatar ou normatizar a realidade dentro da qual se acha inserido. Trata-se de dar sentido a essa realidade, talvez até certo ponto caótica, desordenada, o que representa um exercício de poder, um desejo de ordenar uma realidade percebida e ressentida como desordem. Portanto, é preciso apreender a tensão que está presente nesse discurso, descobrir quem é o receptor desse texto, desvendar a quem ele se dirige.

Que intenções participam do ato autobiográfico de se escrever um diário, e quais as chances de serem verdadeiros os fatos deitados sobre o papel nessas ocasiões, são indagações que orientaram as reflexões de Contardo Calligaris. Corresponderiam à combinação de fatores relacionados à necessidade de justificação ou de invenção de um novo sentido? Uma forma de interpretar a própria vida para lhe promover um futuro ou dar sentido a um presente moroso?<sup>55</sup>

A escrita de diários e memórias é uma prática adotada entre os séculos XVI a XVIII, no contexto de emergência do Estado Moderno, entre a Renascença e o Século das Luzes. Data de então o surgimento de uma nova concepção de público e privado, ou seja, uma nova maneira de viver que separa determinadas atividades humanas entre públicas e privadas. Nesse período, um processo de alfabetização mais ampliado levou ao cultivo da leitura e, eventualmente, da escrita.

A valorização do indivíduo e das subjetividades também contribuiu para a busca da privacidade, introspecção e interesse no

---

<sup>55</sup> CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, nº 21, 1998.

conhecimento de si. O escrito autobiográfico, dentro do qual os diários se inserem, implica uma cultura na qual o indivíduo situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a que ele pertence, na qual ele conceba sua vida como uma aventura para ser vivida e não como uma confirmação das regras e dos legados da tradição, e ainda na qual lhe importe durar, sobreviver pessoalmente na memória dos outros.<sup>56</sup>

Por outro lado, uma nova forma de religiosidade desenvolveu a devoção interior e o exame de consciência, sob a forma católica de confissão ou puritana do diário íntimo para o registro e posterior exame das ações dos fiéis.

Uma noção de vida privada, um gosto pela solidão, não apenas suscitou novas práticas como também criou os espaços e condições para que atos até então praticados na esfera pública ou na fronteira entre ambos passassem a fazer cada vez mais parte da intimidade. São fatores que, entre outros, levam a formação de uma vontade de se isolar, de se conhecer melhor, registrar não apenas suas confidências num diário íntimo, mas também escrever cartas, memórias ou autobiografias, gênero literário muito popular na passagem da Idade Média para a época moderna.

Segundo Philippe Ariès, “não foi por acaso que, a partir do século XVI, o diário íntimo se difundiu tanto na Inglaterra, berço da *privacy*”,<sup>57</sup> estando também relacionado a novas maneiras de conceber e levar a vida cotidiana, entre elas a maneira de morar: a dimensão dos cômodos diminui, os pequenos espaços se multiplicam, os

---

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: **História da Vida Privada, 3:** da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp.7-19.

aposentos especializam-se; entre os casais abastados, era comum que cada um tivesse o seu quarto; as pessoas encontravam-se no *living room*; os novos espaços de circulação permitem entrar ou sair de um cômodo sem passar pelos outros, ou seja, aumentam as condições gerais de privacidade, de intimidade individual, o que leva ao triunfo de uma individualização dos costumes, que, na opinião de Ariès, teria declinado a partir do século XVIII em proveito da vida familiar.

Seria somente no século XIX, quando a sociedade transforma-se numa vasta população anônima, onde as pessoas já não se conhecem, e o trabalho, o lazer e o convívio com a família passam a ser atividades separadas em compartimentos estanques, que o homem, procurando proteger-se dos olhares dos outros, passa a buscar recolhimento e refúgio junto à família, espaço sagrado da vida privada.

O movimento migratório do século XIX pôs em circulação uma gigantesca massa de indivíduos que, partindo da Europa, dirigiram-se principalmente às Américas do Norte e do Sul em busca de uma nova vida, uma vida melhor. Inserido nesse processo de mudanças e adaptações, o ato de escrever um diário revela a consciência do autor de estar vivendo uma época histórica, e desperta nele, ou nela, o anseio de buscar-se a si mesmo e a suas origens. Imerso numa situação difícil, a escrita do diário o ajuda a suportá-la; submetendo-a ao seu poder, na sua criação literária, recria-a, reinventa-a, conforme destaca Claudia Bettina Jahnel, em seu estudo sobre o diário de um imigrante alemão que, junto a sua esposa, veio para o Brasil em 1859 para viver na Colônia Dona Francisca, mais tarde denominada Joinville.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> JAHNEL, Claudia Bettina Irene Römmelt. **O arquivamento do eu**: o diário de Hugo Delistch e as lembranças de Emma Anton (1844-1859). Tese (Doutorado em História) - UFPR, Curitiba, 2002.



Século de famílias, de armários e de escrita pessoal, o século XIX é um imenso reservatório, afirma Michelle Perrot.<sup>59</sup> Correspondências, diários, autobiografias foram exumadas e analisadas como modo de comunicação e expressão. Roger Chartier e sua equipe perscrutaram os *usos da carta*, Philippe Lejeune localizou uma centena de diários de moças que mostram personalidades muito mais rebeldes do que a doce Caroline Brame que os acasos da pesquisa haviam colocado no caminho de Georges Ribeill.<sup>60</sup>

Muito preciosos para o conhecimento da vida e do coração das mulheres, estes documentos do privado têm limites sociais estreitos, desenhados por um acesso eminentemente variável à escrita. O silêncio é quebrado apenas pelas privilegiadas da cultura, o que inviabiliza nosso acesso à vida privada das mulheres do povo narradas por elas mesmas, quer na forma de diário íntimo, quer no formato adotado por Caroline Tamplin, exceto quando perturbam suficientemente a ordem pública para tornarem-se casos de polícia e de justiça.

---

<sup>59</sup> PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história...**, 2005, p.29.

<sup>60</sup> Ibid. Michelle Perrot refere-se a Caroline Brame, uma moça francesa do século XIX.

## 1.1. Escritas de mulheres

A irrupção de uma presença e de uma fala femininas em lugares que lhes eram até então proibidos ou pouco familiares é uma inovação do século dezenove, subsistindo muitas zonas mudas no que se refere ao passado, um “oceano de silêncio ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, ‘esqueceu’ as mulheres”.

Há pouca coisa nos arquivos públicos, destinados aos atos da administração e do poder, onde as mulheres aparecem, e mesmo os arquivos privados conservados nos grandes depósitos são quase que exclusivamente os atos dos *grandes homens*. A consideração crescente da vida privada, familiar ou pessoal, corrigiu essa antiga negligência em favor de uma valorização das correspondências e dos diários íntimos. Por outro lado, embora os arquivos familiares não houvessem despertado a atenção até recentemente, constata-se que, mesmo quando conservados, tendem a sofrer destruições maciças por parte de herdeiros indiferentes ou por aqueles que preferem não ver seus eventuais segredos divulgados. Apagam-se, assim, seus traços, dificultando a escrita das suas histórias.

Outro aspecto que emerge da dependência de fontes privadas para a escrita de uma história onde as mulheres figurem como protagonistas implica uma assimetria em relação aos homens pelo fato de sublinhar um pouco mais os laços das mulheres com a esfera privada e inscrever o tempo delas na repetição do mesmo e na relativa inércia do cotidiano, acentuando a própria feminilidade, o que

insere essa problemática dentro de relações de forças desigualmente distribuídas pelo gênero.

De qualquer maneira, as *práticas da memória feminina*, estão ligadas ao seu lugar na família e na sociedade, sendo voltados, predominantemente, para o íntimo e para o privado, aos quais elas estiveram de certa forma relegadas por convenção e posição. No século XIX, ao proliferar a produção de artigos de papelaria, inclusive agendas feitas na Inglaterra, incitam-se as moças ao registro dos acontecimentos privados, de natureza pouco íntima pelo costume de serem abertos aos familiares. Essas práticas, afirma Michelle Perrot, implicam na ideia de uma capitalização do tempo, cujos instantes privilegiados podem ser revividos pela rememoração; inscrevem-se em um século XIX que faz do privado o lugar da felicidade imóvel, cujo palco é a casa, os atores, os membros da família, e as mulheres as testemunhas e as cronistas.<sup>61</sup>

Manter seu diário é, no século XIX, uma prática relativamente corrente, e cada vez mais difundida. Aparecem sob o aspecto de “agenda” dos livros de notas femininas, com registros das despesas e do tempo que está fazendo, preocupados em regular os recursos e, “logo, o bem mais precioso: o uso do tempo”. Porém, embora escrever seja uma paixão comum “que faz cair as fronteiras sociais, o diário continua a ser, apesar de tudo, por razões materiais e intelectuais, o apanágio dos mais abonados”.<sup>62</sup>

Quando Georges Ribeill descobriu o diário de Caroline Brame num mercado de pulgas, com um vendedor de livros usados, e

---

<sup>61</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou ...*, 2205, pp.37-39.

<sup>62</sup> *Ibid*, pp.95-97.

o levou a Michelle Perrot, a historiadora conta que ficou intrigada com o que ela chamou de *caráter quase etnográfico do texto* – a vida íntima de uma jovem – que, até mesmo pela sua banalidade, testemunhava um modo de vida e de pensamento já abolido. Depois, passada a leitura das primeiras páginas, ela relata como ficou sensibilizada por aquela voz desconhecida. Inicia-se então a pesquisa: Quem era aquela Caroline? O caderno marrom torna-se, então, “o centro de uma meada cada vez mais apertada”, levando-a a permitir emergir “uma mulher que quer ser uma pessoa”.<sup>63</sup> Tal como nos ocorreu com relação ao diário de Caroline Tamplin, Michelle Perrot confessa que não estava totalmente segura de tratar-se do primeiro caderno, nem de ser a totalidade do que ela escreveu. A fogueira foi o destino mais usual com relação aos escritos de natureza privada, descartados quando produzidos por mulheres, mas guardados, colecionados, catalogados, os produzidos por homens, particularmente quando famosos.

No Brasil, alguns exemplos referem-se a obras escritas a partir da análise da correspondência de literatos e políticos. Ângela de Castro Gomes, na introdução de uma obra dedicada a discutir a contribuição de escritos pessoais classificados sob a denominação ‘escrita de si’, destaca, entre outros, o caso de Luis Carlos Prestes, de quem cerca de 900 cartas reunidas em três volumes contendo a correspondência familiar e amorosa, escritas enquanto ele era prisioneiro do Estado Novo, transformaram-se num livro. Observe-se que a família preservou aquele material durante mais de cinco décadas. Outros casos citados por ela referem-se a Caio Fernando de Abreu, Lima Barreto e Edouard Manet, cujas cartas foram preservadas e publicadas.

---

<sup>63</sup> Ibid, pp.90-92.

Embora cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tenham tido autores e leitores, eles vem ganhando reconhecimento e maior visibilidade no Brasil e no mundo na última década. Parte disso deve-se à publicação, primeiro na França e depois no Brasil, da coletânea *História da Vida Privada*. A edição francesa, publicada na França na década de 1980, foi traduzida para o português durante a década de 1990. Seguiu-se a essa, ainda naquela data, a publicação de quatro volumes dedicados à *História da Vida Privada no Brasil*, contemplando desde o tempo de colônia até a República.<sup>64</sup>

Mas foi já a partir da segunda metade do século XX, quando os pesquisadores elaboram e trabalham com a tensão entre duas dimensões do individualismo moderno, qual seja a ideia de que o indivíduo é social e singular, ativo, atuante, tendo sempre escolhas, que eles passaram a ser considerados fontes e objetos de estudo valiosos para as ciências sociais. Seus registros passam a ser tratados como uma estratégia eficaz de aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar e como indícios das culturas de uma época e de certa configuração das relações sociais.

Foi graças a obras dessa natureza que as mulheres puderam sair do silêncio da história, dado o vínculo existente entre o privado e as mulheres; “é justamente nesse espaço privado, que de forma alguma elimina o público, que avultam em importância as práticas de uma ‘escrita-de-si’”.<sup>65</sup>

Rachel Soihet também destaca a dificuldade em rastrear o feminino devido à escassez de vestígios acerca do seu passado

---

<sup>64</sup> GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. pp.7-24.

<sup>65</sup> Idem.

produzidos por elas próprias. Nos arquivos públicos, sua presença é reduzida, mais restrita a situações em que perturbam a ordem pública, quando, além dos seus próprios depoimentos, deve-se procurar encontrá-las nos jornais,<sup>66</sup> ou nos discursos masculinos a seu respeito, bem mais comuns.

Se por um lado nossa pesquisa encontrou nos jornais a presença feminina em momentos em que ela de alguma forma abalou a ordem pública, ou a ameaçou, bem como registros de suas reivindicações nos acervos públicos de documentos oficiais, ou mesmo, como já dito, em discursos masculinos acerca de qual deveria ser o seu papel, a presença da mulher de classe média e alta encontramos destacada não nas páginas policiais, mas na de negócios e/ou de eventos sociais.<sup>67</sup> Ou seja, as situações relativas à mulher não devem ser vistas de forma generalizante, há que se pesquisar as especificidades.

Outrossim, é unânime o discurso historiográfico que consagra a importância dos arquivos privados. Rachel Soihet menciona os *Livres de raison*, descrevendo-os como uma espécie de *atas da vida familiar*, nos quais as mulheres anotavam o dia-a-dia doméstico, bem ao modo de Caroline Tamplin, além, é claro, das cartas e diários íntimos.

Estas fontes começaram a ter valor graças à grande reviravolta da história nas últimas décadas, cujas pesquisas passaram a debruçar-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse – novos campos, como a história das mentalidades e a

---

<sup>66</sup> SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.295.

<sup>67</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, década de 1880.

história cultural, cujo desenvolvimento passou a reforçar o avanço na abordagem do feminino.

Alguns pesquisadores vão além e apontam os trabalhos de Marc Bloch e Lucien Febvre na década de 1930 como o início do interesse pelo homem comum, pelo cotidiano e por pormenores do dia-a-dia, transformando-os em objeto de investigação. Cláudia Bettina Jahnel destaca como essa nova orientação teórico-metodológica, admitindo o informal, o inconsciente e o cotidiano, permite-nos investigar através de documentos como o diário, certos períodos ou eventos históricos, e obter deles uma visão mais nítida e profunda,<sup>68</sup> menos *desencarnada*, diria Lucien Febvre.<sup>69</sup>

Outra contribuição foi a segunda onda do movimento feminista ocorrida a partir dos anos 60. Isso e a irrupção da história social, quando alguns historiadores voltaram-se para o enfoque do cotidiano e de manifestações no plano público até então desconsideradas, levaram historiadoras como Natalie Zemon Davies, Arlete Farge, além de Michelle Perrot a desmitificar, com seus trabalhos, as concepções até então vigentes sobre a mulher submissa e dócil, mostrando as atitudes de resistências por elas desenvolvidas em seu duro cotidiano.

Na historiografia anglo-saxônica, uma importante contribuição decorreu das pesquisas de Joan Scott e Louise A. Tilly, com seu clássico *Women's Work and the Family in Nineteenth Century Europe*. No Brasil, entre os muitos trabalhos de valor, Maria Odila da Silva Dias em *Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX*

---

<sup>68</sup> JAHNEL, C. B. *O arquivamento do eu: ...*, 2002.

<sup>69</sup> Faço referência a FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

procura reconstruir a história de mulheres pobres, chefes de família, que viviam precariamente do trabalho temporário naquela capital no começo do seu processo de urbanização.<sup>70</sup>

À parte o interesse dos historiadores em levantar todas as modalidades de arquivos pessoais, há que se pensar o próprio ato de ‘escrita de si’. No mundo moderno ocidental, trata-se de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo e seus documentos, podendo-se datar a divulgação dessa prática no século XVIII, quando indivíduos *comuns* passaram a produzir, deliberadamente, uma *memória de si*, englobando desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita, até a guarda de objetos materiais, aí incluídas as fotografias, os cartões-postais e outros objetos do cotidiano, formando um verdadeiro *teatro da memória*.

Trata-se, assim, da formação de um espaço “que dá crescente destaque à guarda de registros que materializem a história do indivíduo e dos grupos a que pertence”.<sup>71</sup> Seriam atos biográficos considerados relevantes para dotar o mundo que rodeia os indivíduos que os produzem de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas. Através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno estaria constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passaria a ser alargado. Tratando-se da constituição do individualismo moderno, a chave para o entendimento dessas práticas culturais seria a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais.

---

<sup>70</sup> SOIHET, Rachel. História das Mulheres ..., pp.275-296.

<sup>71</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, Escrita da História**..., 2004, pp.10-11.



## 1.2. Mulheres: história e memória

Se é verdade que há algumas décadas vem ganhando cada vez mais interesse o estudo sobre as mulheres, também é possível constatar que houve uma tendência a afirmar a sua presença mais acentuada no espaço privado, local que teria sido o maior privilegiado para o encontro de vestígios da sua história. Se não se pode negar a sexualização da dimensão público-privado, igualmente deve-se tomar com cautela tal assertiva. É preciso buscar as especificidades, seguir as mulheres pela cidade, pela nação, às voltas com uma cidadania social e política que lhes é proibida, que se furta, mas que elas vão progressivamente conquistando. É nesse campo que hoje se desenvolvem os trabalhos mais inovadores, afirma Michelle Perrot.<sup>72</sup>

O século XIX está saturado de imagens de mulheres. Elas estão nas esculturas, nos cartazes publicitários, no teatro, na ópera, nos cafés-concerto, nos salões, nos concertos, e também nas igrejas. E não apenas em Londres ou Paris. Nossa pesquisa revelou um cenário sócio-cultural bastante dinâmico na cidade de Curitiba nas últimas décadas do século XIX, com a oferta regular de peças de teatro, concertos, reuniões sociais em clubes, como o Curitibano, e residências de membros da sociedade, reunindo homens, mulheres, famílias.

Entre o público e o privado, o político e o pessoal, as divisões apagam-se e recompõem uma paisagem. Se por um lado há um esforço em delimitar os espaços e as funções, reservando o público e

---

<sup>72</sup> PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Ed. da UNESP. 1998, pp.3-12. (Prismas).

o político aos homens e o privado e a família às mulheres, vistas como as únicas capazes de construir e manter um lar ordenado, disciplinado e confortável para filhos e maridos, tão importante na época vitoriana, foi impossível evitar a circulação de homens e mulheres de todas as classes em virtude do amplo movimento de migração nacional e internacional que, por diversas razões, pôs todos a caminho de algum novo lugar.

Muitas mulheres desejavam viajar, afirma Michelle Perrot. As mulheres do século XIX movem-se mais do que se pensa. Mesmo muito antes desse século emblemático por suas transformações, merece destaque a transumância de mulheres. A este respeito, citamos, como exemplo, o trabalho de Natalie Davis, *Nas margens: três mulheres do século XVII*.<sup>73</sup> Participam das migrações camponesas vindas à cidade como domésticas ou costureiras, burguesas médias contratadas como preceptoras, não raro muito longe de seu país, vindo para cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, destacando-se a bastante conhecida Ina von Binzer<sup>74</sup> e tantas outras como se pode observar pelos anúncios em grandes periódicos brasileiros como o *Jornal do Commercio*. Nessa categoria, elas foram não apenas professoras de primeiras letras, piano, canto, desenho e pintura, línguas e ‘prezadas domésticas’, mas também *agentes secretos da transmissão religiosa*, bem como ajudaram na exportação de valores ocidentais.

O desejo feminino de expandir seus horizontes revela-se muitas vezes pela leitura de romances e outros gêneros: a leitura,

---

<sup>73</sup> DAVIS, Natalie. **Nas margens**: três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

<sup>74</sup> BINZER, Ina von. **Os meus romanos**: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

prazer tolerado ou furtivo, foi para muitas mulheres um jeito de se apropriar do mundo, do universo exótico das viagens e dos conhecimentos gerais. Assim deve ter sido para Caroline Tamplin, conforme mostra o cuidadoso registro dos títulos iniciados e terminados, tais como: *Portugal na Balança da Europa*, *The Highlands of Brazil*, escrito por Richard Burton, *Paraguayan War* de C.E. Thompson, *Wanderers in Trinidad & on the Orinoco*, *History of Italy*. Mas também: *Fabiola*, *Sombras e Luz*, *Fille Maudite*, entre outros. Mesmo para as mulheres burguesas, muitas vezes obrigadas a ficar em casa, o livro teria representado uma ocupação, uma evasão, um acesso ao sonho, à história e ao mundo.

Há vinte anos, na Revista Brasileira de História, Michelle Perrot denunciava a exclusão da presença feminina do espaço público e, em razão disto, da história, uma vez que esta, dependente de fontes primárias e escrita majoritariamente por homens, privilegiou os acontecimentos públicos: a política, a guerra, a economia – esfera masculina. A mulher aparecia quando feria as normas, “quando seus murmúrios inquietavam”, ou seja, nos arquivos criminais, o que reforçava um estereótipo feminino cuja função era preservar a ideia de sua incapacidade para gerir-se e justificar a tutela do homem, à qual deveria submeter-se.<sup>75</sup> Assim, os arquivos públicos, olhar de homens sobre homens, calavam as mulheres, particularmente quando a criminalidade feminina ficava reduzida.

Restaram à história, então, os arquivos privados: cartas; fotografias; livros de registros da contabilidade dos dias, dos eventos

---

<sup>75</sup> **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 9, nº 18, ago/set 1989, organizado por Maria Stella Martins Bresciani, pp.9-18.

mais importantes, da economia doméstica; memórias e diários, dos quais as mulheres foram produtoras e guardiãs.

Lamentavelmente, esses arquivos sofreram constante destruição e “somente seus escombros nos sugerem sua riqueza”.<sup>76</sup> Essas destruições provêm tanto da opção de descendentes pelo segredo sobre legados incômodos, quanto pela indiferença agravada pelo caráter subalterno atribuído a esses escritos das mulheres, bem como pela falta de espaço a que pudessem ser destinados, ou porque, na sucessão de descendentes, rompe-se a cadeia de interessados na sua preservação. Há ainda que se considerar o não conhecimento de alguns familiares sobre a sua existência e, portanto, o descuido e a não preservação.

Finalmente, mas não menos importante, é possível que muitas mulheres, desejando “colocar as coisas em ordem” tenham destruído correspondências, agendas e diários, temendo a incompreensão ou ironia de seus herdeiros ou a destruição ou comprometimento de certa imagem cuidadosamente elaborada e preservada em vida. Enfim, podem ter desejado preservar seus descendentes de embaraços, dores e mágoas.

Outro problema, que impactou desfavoravelmente a prática da memória feminina e a formação de um acervo de fontes primárias correspondente, foi o fato de tanto a leitura quanto a escrita terem sido, para muitas mulheres, fruto proibido, consideradas por muitos pais e tutores como infantilidade e perda de tempo. Ao discutir o acesso à leitura entre o Antigo Regime e o século XIX, Roger

---

<sup>76</sup> PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In: **Revista Brasileira de História** ... Op. cit, p.12.

Chartier destaca que existia em toda a sociedade daquele período uma alfabetização feminina reduzida apenas à leitura, de acordo com uma representação comum do que deveria ser a educação das moças e era, muitas vezes, contra a vontade de seu tutor que algumas moças conquistavam a escrita.<sup>77</sup>

Por outro lado, se o discurso masculino se confundiu com a história escrita de homens sobre homens e pouco se deteve até mesmo sobre as mulheres singulares, cada dia mais vêm se afirmando que, na rememoração, as mulheres são os porta-vozes da vida privada, e a memória do privado sua função, tanto pela via da oralidade quanto das formas escritas. Devemos ainda ao interesse pelo resgate da história dos excluídos (categoria da qual as mulheres fizeram parte), marcados por uma historiografia da década de 1970 em diante, o reconhecimento do valor e da importância dessas fontes para a escrita da história.

O fato é que, ao longo do século XIX, as mulheres de todas as classes transitaram entre o público e o privado, não tendo sido possível restringir sua presença em uma única esfera. Na primeira metade do século XIX, elas participavam na administração dos negócios, faziam a contabilidade da empresa, participavam, enfim, da atividade comercial do marido. Um exemplo disto, na Inglaterra, é Elisabeth, esposa de Richard Trapper Cadbury. Filho de uma família de comerciantes de Birmingham desde o final do século XVIII, em 1794, ele abriu uma loja de seda e algodão na Bull Street, uma das ruas mais importantes da cidade. Em 1800 ele se instalou no andar de

---

<sup>77</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas da Leitura**. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

cima da loja, com esposa e filhos, seguindo um costume corrente da época. Elisabeth ajudava na loja quando necessário; cuidava dos negócios quando o marido se ausentava, e mantinha a casa para um grande grupo que compreendia, além da família propriamente dita, os aprendizes e as vendedoras. Em 1812, quando a loja se encontrava em grande prosperidade, Richard Cadbury comprou uma segunda casa em Islington Road, no extremo da cidade, quase no campo, e a família transferiu-se para lá. Elisabeth tinha agora o encargo de duas casas. Conforme os negócios dos Cadbury se desenvolviam, os diversos aspectos do trabalho já não eram considerados compatíveis com as atividades de uma mulher, numa época em que as transformações econômicas e sociais levaram à separação da vida profissional e da vida familiar, desenvolvendo-se o desejo de reservar diferentes esferas para “as doces carícias e o afeto de uma mulher e filhos”, afastando-as das preocupações dos negócios.<sup>78</sup>

Por volta dos anos 1850-1860, a maioria das mulheres se retira da esfera econômica para se isolar em casa. As modificações do *habitat* consolidam esse distanciamento, que marca uma guinada no sistema de relações industriais menos paternalistas; os patrões deixam de morar no perímetro ou na proximidade de suas fábricas; enriquecidos, fogem à fumaça, ao cheiro e à visão da miséria; concentram-se nos bairros novos – em Roubaix, bulevar de Paris –, onde se erguem *villas* luxuosas, “castelos” que, em época de greve, são motivo de escárnio dos operários que se reúnem diante deles; Edgbaston, na Inglaterra, uma região que dista aproximadamente

---

<sup>78</sup> HALL, Catherine. Sweet Home. In: **História da Vida Privada**, 4.: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp.53-98.

1,5 quilômetros da cidade de Birmingham, onde lorde Calthrope desenvolveu um projeto de encantadoras *villas*, com belas casas e jardins para a burguesia numa região campestre, longe da sujeira, do barulho e dos vizinhos desagradáveis. As mulheres, agora, administram a casa.<sup>79</sup>

Embora a história das mulheres não se reduza àquelas pertencentes à aristocracia ou à burguesia, nossa pesquisa está essencialmente voltada para elas ou para mulheres muito próximas desses estratos sociais, bem como para sua educação, passatempos, ocupações e em como eram vistas pela sociedade de seu tempo, inclusive ao ficarem sós, tendo-se em vista evidências que indicam ter Caroline pertencido a esses meios sociais. Mas, sendo a figura ideal a de mulher adulta esposa e mãe, e, no outro extremo, a prostituta, aquelas que se encontravam fora dessas categorias ficavam deslocadas, *sem função*, e preocupavam a sociedade, que se perguntava: ‘o que vamos fazer com nossas *mulheres redundantes*’. Decerto Caroline não ignorava essa situação e, entre outras razões possíveis para sua permanência no Brasil, optou por furtar-se a esse embaraço, esse constrangimento.

A sociedade vitoriana perturba-se com o número elevado e crescente de mulheres sós, afirma Cécile Dauphin, a qual constatou em sua pesquisa numerosos artigos e obras que levantam o problema das mulheres chamadas “supérfluas” e também “redundantes”, cujo número é considerado desproporcionado e anormal, particularmente nas classes médias e superiores, onde é maior a quantidade. O que incomodava era o fato de que, não preenchendo os deveres e as

---

<sup>79</sup> Ibidem, p.66.

tarefas consideradas naturais de esposa e mãe, tinham que ganhar a vida elas próprias; em vez de gerir e gastar o dinheiro dos homens, eram obrigadas a levar uma vida independente e incompleta pelos seus próprios meios.<sup>80</sup>

A qualificação ‘mulher só’ existia, pois, no século XIX, conclui a autora. E, ao longo da história da humanidade, isto não foi incomum, uma vez que o número de homens tendeu a ser afetado, em parte, pela conjuntura: as guerras e as violências sempre deram baixas acentuadas na população masculina. Mas na Inglaterra vitoriana a elevada percentagem e a presença marcante das mulheres nas cidades, em virtude do deslocamento provocado pela industrialização e urbanização, deram maior visibilidade à questão, fazendo emergir uma série de interrogações que acabaram por constituir um problema para os contemporâneos: Quem são? Por quê? O que fazer?

O escândalo, que a imprensa vitoriana denuncia de maneira unânime e que é percebido com maior ou menor acuidade por toda a Europa, diz Cécile Dauphin, está menos ligado à questão do número propriamente dito do que à incerteza da identidade social das mulheres sós. *What shall we do with our old maids* [o que faremos com nossas solteironas?], interroga-se Frances P. Cobbe no *Frasers Magazine*. Por outro lado, pondera a autora, esse deslocamento foi importante mais tarde para a conquista da autonomia econômica das mulheres.

Uma das conquistas femininas iniciais foi seguir o código napoleônico, que declarou responsável por si e pelos seus bens a

---

<sup>80</sup> DAUPHIN, Cécile. Mulheres sós. In: DUBY, Georges.; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Porto: Afrontamento, 1994, pp.436-495.



mulher só que, contrariamente à mulher casada, conservaria os mesmos direitos que os homens, exceto pelo voto. Enquanto as mulheres viúvas, as separadas e as divorciadas eram em geral socorridas pela família ou assistidas pelo Estado, as moças maiores de idade, quando não podiam viver de seus rendimentos, quase todas tiveram que deixar a sua família e suprir as próprias necessidades. As moças pobres empregaram-se, principalmente em serviços domésticos, cuja demanda aumentou uma vez que possuir serviçais tornou-se uma necessidade, um sinal indissociável da distinção burguesa. Acima das criadas encontravam-se as preceptoras e as governantas, recrutadas frequentemente nas famílias burguesas modestas.

No topo da cadeia doméstica, a governanta vive uma desconfortável e dolorosa contradição entre os valores atribuídos à sua educação de *gentlewoman* e as funções que se vê obrigada a exercer:

*Símbolo do novo poder das classes médias [...] sintoma também do acesso das esposas a práticas de lazer e a um papel de ornamento, a governanta, conservando o seu estatuto de lady, é arrastada para a base da escala social, em virtude do seu trabalho remunerado. Atingida pelo destino (morte do pai, ruína familiar...), é uma burguesa necessitada cujo trabalho se torna 'prostituição' da sua educação". Não podendo encontrar solidariedade junto a outras domésticas, "a solidão é viver em casa dos outros!"<sup>81</sup>*

---

<sup>81</sup> Ibidem, p.484.

Lembramos, outrossim, que muitas mulheres solteiras ou jovens viúvas também devem ter viajado para países estrangeiros onde, existindo comunidades britânicas e certo número de compatriotas solteiros, teriam mais chance que na Inglaterra de encontrar um futuro marido. Um desses casos foi indicado pelo estudo de Louise Guenther relativamente aos expatriados britânicos instalados na Bahia na primeira metade do século XIX.

Sem pretender dar conta do todo, cumpre-nos, no entanto, ao menos lembrar outras categorias de mulheres sobre as quais não falaremos aqui, quais sejam: as camponesas, as domésticas, as operárias, as empregadas de colarinho branco, as artistas e as intelectuais – pintoras, escritoras literárias, jornalistas, ativistas. Cada uma, à sua maneira, também esteve sujeita às limitações impostas por uma sociedade cujo ideal de mulher era como esposa e mãe. As camponesas enfrentando as duras jornadas ao lado de seus maridos, as empregadas de colarinho branco tendo que optar pelo celibato se quisessem manter o trabalho nos escritórios, escritoras que precisaram publicar sob pseudônimos masculinos, pintoras cujo talento profissional não era enfileirado ao lado do de seus parceiros.

Uma das ocupações a que se dedicaram mulheres sós de origem burguesa foi a educação, ora abrindo colégios para moças, ora como professoras autônomas que, para dar suas aulas, iam às casas de seus alunos ou os recebiam em suas próprias casas. Refiro-me, neste caso, a essa categoria profissional, por assim dizer, formada por mulheres europeias, principalmente alemãs e inglesas, que se espalhou pelas principais capitais do Brasil, entre as quais destacamos Curitiba, cidade onde Caroline Tamplin estabeleceu-se como professora de piano, desenho, pintura e línguas. Ou seja, Caroline, ao

ver-se diante de circunstâncias difíceis, valeu-se dos atributos que uma educação esmerada lhe concedera.

Desconhecemos a origem dela, embora a família tenha informado que era uma Maxwell, nascida na Escócia; mas não sabemos quem foram seus pais e seus ancestrais, nem suas ocupações, posses e modo de vida. Pode ser que fizessem parte da aristocracia há séculos ou há muitas gerações, pode ser que fizessem parte da *gentry* ou pequena nobreza rural, pode ser que tenham sido comerciantes bem sucedidos e emergentes. A única coisa que sabemos é que a educação que ela possuía, seus hábitos e algumas coisas que considerava importante (conforme pudemos aferir pelas notas de seu diário) colocam-na, ao menos, entre os membros de classes médias mais altas, o que nos leva às próximas considerações.

Na primeira metade do século XIX, comenta Anne Higonet, as mulheres abastadas tinham tendência a dedicar-se à pintura amadora, enquanto as que tinham que ganhar a vida gravitavam à volta do que se chamava indiferentemente artesanato, artes decorativas ou *design*. As profissões femininas estavam divididas de maneira algo diferente das masculinas nos domínios interligados da música, da dança e do teatro. As mulheres podiam desenvolver carreiras de intérprete brilhantes e o faziam. Porém, as insígnias do gênio não iam para quem executava os trabalhos, mas para quem compunha a música, coreografava os bailados ou escrevia as peças e que eram quase sempre homens.<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> HIGONET, Anne. Mulheres e Imagens. Aparências, Lazer, Subsistência. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1994, pp.297-343.

Por toda a Europa e nos Estados Unidos, mulheres das classes média e alta praticavam a música e a pintura amadoras. Poucas moças burguesas não aprendiam a tocar piano ou violino, a cantar, desenhar ou pintar a aquarela. Tais capacidades artísticas eram consideradas habilidades (*arts d'agrément*) que refinavam a sensibilidade de uma moça e a tornavam socialmente atraente. Muitas mulheres – talvez até uma por família –, praticavam assiduamente a pintura ou a música por si próprias durante vários anos, por vezes durante toda a vida, normalmente em companhia de outras mulheres, amigas ou da família. Por exemplo, enquanto Jane Austen (inglesa, 1775-1817) escrevia, a sua irmã Cassandra (inglesa, 1773-1845) pintava. As pinturas eram então expostas nas salas de estar, e tocava-se música para os convidados, muitas vezes conhecedores. Suzanne Leenhoff (holandesa, 1830-1906), por exemplo, era conhecida entre os amigos e os colegas do seu marido Edouard Manet pelas suas interpretações de Chopin.<sup>83</sup>

É impressionante a fidelidade desse quadro europeu às práticas da vida cotidiana das pessoas dos círculos frequentados por Caroline Tamplin em Curitiba e registrados por ela em seu diário de 1881 a 1882, momentos de sociabilidades que muitas vezes extrapolavam a privacidade mais ou menos restrita dos lares e que, ao abranger um número mais amplo de convidados, transformavam-se em ocasiões sociais “dignas de nota” nas colunas apropriadas do jornal paranaense *Dezenove de Dezembro* da década de 1880, entre outros. Essas ocasiões devem ter representado, também, uma excelente oportunidade para os rapazes, filhos das famílias da *boa* sociedade curitibana, conhecerem as moças cujas habilidades pudessem lhes trazer maior prestígio quando casados.

---

<sup>83</sup> Ibid.

Quanto aos temas das pinturas, Higonet comenta que as mulheres burguesas representavam ambientes domésticos: membros da família e amigos íntimos, a casa, passeios nas redondezas, locais de férias, cenas de viagens com a família. Os seus retratos eram, sobretudo, de si próprias ou de outras mulheres, as suas imagens do lar centravam-se na sala das mulheres. As mulheres aristocráticas seguiam o modelo burguês. A rainha Vitória, por exemplo, pintava quase sempre cenas da sua vida privada; mesmo quando retratava cenas oficiais focava especialmente os momentos de emoção ou as relações entre indivíduos.<sup>84</sup> Mas podemos acrescentar as pinturas de insetos, vegetação e paisagens, a que muitas mulheres, conhecidas ou não, se dedicaram. Também é importante destacar que cenas domésticas não eram pintadas apenas pelas mulheres; essa tendência foi bastante acentuada pelo Barroco holandês a partir da segunda metade do século XVII e representa, por assim dizer, a vitória de valores burgueses transportados para as telas de grandes artistas.<sup>85</sup>

Caroline Tamplin pintava vários temas. O filho encontrou uma bela mariposa no jardim e trouxe para que ela a visse: pintou-a; Mr. Braund trouxe-lhe umas lindas fotos da Síria, da Escócia e do Lago (Loch) Ackran: copiou-os, o Lago, deu-o a Dona Ritinha; o filho pediu-lhe que pintasse o Hospital; depois pintou o Monte Carmel e/ou Líbano para presentear Dona Mariquinhas;<sup>86</sup> muitos dos cartões de Natal e

---

<sup>84</sup> Ibidem.

<sup>85</sup> GOMBRICH, E. H. **A História da arte**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

<sup>86</sup> “*January 1882, Friday 27th – Fritz found a beautiful moth in the garden this morning; & I began to copy it*”; *June 1882, Friday 2<sup>nd</sup> – Mr Braund kindly brought me some lovely photos to copy – Scotland & the Lakes & Syria*; *Sunday 4<sup>th</sup> – Began to sketch Lake Ackran from a photograph for D<sup>a</sup>. Ritinha*.

aniversários que enviava, ela mesma pintava,<sup>87</sup> bem como vistas, da janela do quarto da filha de uma casa em que moraram na atual rua Dr. Muricy, centro de Curitiba,<sup>88</sup> ou aquela que ilustra a capa do livro que Oliver Marshall escreveu sobre os imigrantes britânicos no Brasil, e mesmo a *Vista de Curitiba*, datada de 1888, publicada na página 98 da obra *Pintores da Paisagem Paranaense*.<sup>89</sup> Também pintava flores, cujos modelos copiava de Ben Fosters.

Para a aristocracia e mesmo os setores aspirantes a emergentes das classes médias, o aprendizado e a prática regular das artes visuais e musicais eram importantes para compor a imagem de feminilidade das suas mulheres; e para uma burguesia à procura de legitimação, o consumo de arte sob a forma de coleções, exposições, crítica de arte ou reproduções fornecia uma atividade unificadora que confirmava e valorizava a visão que ela tinha de si mesma.<sup>90</sup> Esse contexto acabou por proporcionar às mulheres oportunidades de entrarem no mundo da arte. A maior parte das que empreenderam uma carreira artística no século XIX era de origem burguesa; pertenciam ao grupo de mulheres que mais tinha a perder em termos de classe ao melhorar o seu destino em termos de gênero. Nas *artes menores*, artesanais, muitas delas, até então desenvolvidas nas oficinas familiares, mas agora, deslocadas pelo capitalismo, obrigaram as mulheres a entrar no mercado concorrencial de trabalho e a candidatar-se a

---

<sup>87</sup> *October 1882, Sunday 8<sup>th</sup> – Finished flowers for Katie & wrote to her – Finished penciling & began colouring of sketch of Windermere for Negrão.*

<sup>88</sup> *March 1882, March 19<sup>th</sup> – Drew & painted sketch from Mildred's window.*

<sup>89</sup> PINTORES DA PAISAGEM PARANAENSE. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1982.

<sup>90</sup> *Ibid*, p.299.

empregos que suas mães e avós tinham simplesmente herdado. Para tanto, tiveram que procurar uma formação pública.

No último terço do século, aspirações econômicas e artísticas convergentes provocaram em toda a Europa e nos Estados Unidos agitados debates sobre a admissão das mulheres nas instituições culturais masculinas. Em todos os países a questão era mais ou menos a mesma. Quem se opunha à educação artística das mulheres sustentava que elas deviam ficar em casa, enquanto os que a apoiavam argumentavam que nem todas as mulheres podiam dar-se a esse luxo (especialmente as solteiras) e que de todas as educações a artística era com certeza aquela que beneficiaria mais do que prejudicaria a feminilidade de uma jovem.<sup>91</sup>

Estamos dando destaque ao aprendizado, ensino, prática e consumo das artes, e mais especificamente, da pintura e da música porque, não apenas Caroline Tamplin, mas uma parcela significativa da sociedade curitibana das últimas décadas do século dezanove vive esse paradoxo: o que ensinar às mulheres, por que, para que?

Quanto ao piano, para cujas aulas Caroline tinha o maior número de alunos e para cuja atividade os jornais curitibanos da década de 1880 nos oferecem um testemunho regular do grande interesse despertado, era o objeto de desejo dos lares patriarcais, conforme afirma Luiz Felipe de Alencastro.<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup> Ibid, p.312.

<sup>92</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: **História da Vida Privada no Brasil: Império**. NOVAIS, F. (coord.); ALENCASTRO, L.F. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Até 1850, mesmo famílias importantes de senhores de engenho do interior baiano não tinham jamais visto um piano. Harpa, rabeça e violão eram os instrumentos europeus mais comuns até meados do século XIX, bem como cítara e cravo, estes menos conhecidos. Instrumentos que foram, no Brasil, pautados por ritmos afro-brasileiros, onipresentes por causa da onipresença da escravidão afro-brasileira.

Esse quadro sofreu alteração a partir de 1850, com o aumento das importações de pianos, que se transformou em mercadoria-fetice dessa fase econômica e cultural. Desenvolveu-se um importante mercado para esse instrumento. Pianos de todo jeito eram comprados à vista, de segunda mão, a prazo, alugados. E havia deles diversos modelos. Logo, além dos anúncios ofertando pianos, podiam ser encontrados, como em Curitiba, anúncios de pessoas interessadas em comprá-los ou alugá-los e até “Aluga-se um lindo piano inglês, por não se precisar dele”. Se não precisava, por que comprar, indaga Luiz Felipe de Alencastro. Porque dava *status*, porque era moda, a moda, anunciando os 25 anos, a maioridade efetiva de D. Pedro II, o fim da africanização do país, o prenúncio de outros tempos e dos novos europeus que iriam imigrar para ocidentalizar de vez o país. Porque o Império iria dançar ao som de outras músicas, conclui o autor.

De imediato efeito ostentatório, comprando um piano, as famílias introduziam um móvel aristocrático no meio de um mobiliário doméstico e inauguravam – no sobrado urbano ou nas sedes das fazendas – o salão: um espaço privado de sociabilidade que tornará visível, para observadores selecionados, a representação da vida familiar. Saraus, bailes e serões musicais tomavam um novo ritmo.



A introdução do piano impactou mais do que os hábitos sociais e culturais. No embalo dos agressivos negociantes exportadores ingleses e da avidez brasileira pelos produtos importados da Inglaterra e da França, bem como a vinda crescente de imigrantes europeus, inclusive ingleses, mudando a paisagem urbana e rural, entraram outros produtos e valores, cujos efeitos no consumo e nos costumes foram consideráveis e repercutiram em vários planos.

Com relação à condição das mulheres no Brasil, dois casos bastante apropriados para ilustrar aquilo de que vimos tratando com maior particularidade, qual seja, a produção de uma memória feminina, são os registros da Viscondessa de Arcozelo analisados por Ana Maria Mauad e Mariana Muaze<sup>93</sup> e o diário da Bernardina, estudado por Celso Castro.<sup>94</sup>

No primeiro caso, as autoras destacam que os registros do cotidiano e da construção da autorrepresentação dos fazendeiros da região do vale do Paraíba, dos quais a família da Viscondessa fazia parte, são variados, destacando-se a correspondência pessoal, os inventários *post-mortem*, os cadernos de lembranças, os recortes de jornais com notícias sobre a região, os relatos dos viajantes, as fotografias e as formas de registro privadas mais comuns no Brasil Imperial, quais sejam, os “livros de assento” – cadernos de anotações em que o chefe da família registrava os principais acontecimentos da história doméstica (casamentos, nascimentos, batizados e falecimentos) com o objetivo de

---

<sup>93</sup> MAUAD, Ana Maria e MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, A. de C. (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. pp.197-228.

<sup>94</sup> CASTRO, Celso. O diário da Bernardina. In: GOMES, A. de C. (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. pp.229-239.

desenvolver estratégias cotidianas que impedissem o esquecimento e garantissem o controle da informação, principalmente no que dizia respeito a operações associadas à preservação do patrimônio. A esses, elas acrescentam os relatos de memória.

A Viscondessa do Arcozelo, ou Maria Izabel de Lacerda Werneck, era casada com um médico português radicado no Brasil, agraciado pelo rei de Portugal com o título de Visconde do Arcozelo, e filha de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, Barão do Pati do Alferes, de quem herdaram a Fazenda Monte Alegre, a cujo bem acrescentaram outras fazendas, compradas posteriormente.

Da mesma forma que seu pai e sua mãe décadas antes, é Maria Isabel quem, em 1887, registra seu dia a dia num livro de anotações, um caderno denominado *Diário de lembranças*. Segundo as autoras, o caderno possui datas, paginação e informações consideradas úteis. Algumas vezes a viscondessa escreve sobre o que aconteceu no dia e usa um tipo de tinta, para logo abaixo registrar com outro tipo de tinta outra informação que parece nada ter a ver com a primeira, indicando que pode ter sido acrescida posteriormente, como quem registra para não esquecer, mesmo porque é grande o movimento de mercadorias e de pessoas pelas fazendas. São poucos os momentos em que escreve sobre seus sentimentos, apenas nove vezes ao longo de um ano, ou que o tom é de confiança. O fato de muitas vezes escrever algo, riscar e repetir, no dia seguinte, evidencia para o leitor que a viscondessa não escrevia todos os dias e, sim, que de vez em quando tirava um tempo para registrar os acontecimentos que selecionava como relevantes para serem lembrados posteriormente.

O conjunto dos registros é formado pela narrativa da vida diária, das relações sociais de classe, da rede de sociabilidades, da manutenção do patrimônio e do cuidado com os filhos, destacam as autoras, para as quais o relato da viscondessa, em seu *Diário de lembranças*, resignifica seu cotidiano a partir de um conjunto de narrativas que tanto descrevem quanto prescrevem um certo *habitus* elaborado pela experiência de classe dos membros da boa sociedade/aristocracia cafeeicultora oitocentista.

O cotidiano social nos relatos da Viscondessa do Arcozelo, de Caroline e em outros registros privados do século XIX é estruturado pelas noções de tempo e espaço, o tempo, plural, apresentado como motor do movimento contínuo das transformações da vida, e o espaço como ordenador das experiências e dos lugares sociais, muito frequentemente contíguo.

O que registra a Viscondessa do Arcozelo? Além dos casamentos, nascimentos, batizados e falecimentos, todos os itens ligados à gerência da casa: os gastos, compras, vendas, o pagamento de dívidas, serviços, ordenados; os assuntos relacionados à saúde e educação; a rede de sociabilidade e solidariedade, tecida por intermédio de visitas e contravisitas, laços de compadrio, favores, negócios em comum e consanguinidade; os programas rotineiros de assistir missas, receber e fazer visitas, os passeios a cavalo, as pequenas viagens de uma fazenda à outra e de ir às compras; as novidades e os novos interesses, como pela fotografia e outros objetos de consumo (papéis de carta e envelopes; enxovais de casamento, batizado e nascimento; serviços de impressão de cartões; convites, tecidos, roupas e acessórios de luxo; pianos, relógios, livros etc.) que atuavam como elementos de

prestígio relacionados com um *habitus* do qual a boa sociedade queria se ver reconhecida como portadora.

As autoras concluem que a viscondessa registrou em seu diário uma vida simples, mas plena; um cotidiano que se dividia em múltiplas tarefas, marcado por uma atividade contínua. De suas preferências mais íntimas sabemos pouco, dizem elas, indicando como único recurso para melhor capturar a essência de sua vida e de seus significados a leitura das entrelinhas. E concluem que o diário é portador de memória e história, através do relato da intimidade cotidiana. Encontro de subjetividades e de tempos.

De um lado, a memória se apresenta cristalizada na narrativa passada, finalizada em 31 de dezembro de 1887. Não há notícias de outro caderno, mas o apelo do editor que publicou o diário levanta a suspeita de que a viscondessa possuísse uma coleção deles. De outro, a história atualiza a narrativa condensada e expande seus significados, produzindo um sentido que, por estar além do limite do relato, o traduz em conhecimento.<sup>95</sup> E, em todos os sentidos, identificamos similaridades com nossa pesquisa: a vida de Caroline era marcada por uma atividade contínua, dividida entre trabalho e sociabilidades; os registros do diário deixam lacunas e perguntas, cujas respostas só podem ser buscadas nas entrelinhas; também acreditamos que o exemplar do diário com o qual trabalhamos é apenas um entre vários outros cadernos, perdidos ou destruídos. E, assim como as autoras, buscamos historiar a prática da escrita e as experiências dos indivíduos.

---

<sup>95</sup> MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. **A escrita da intimidade...**, 2004, p.227.

Igualmente valioso para a história é o diário de Bernardina que, no dia 17 de agosto de 1889 inicia um novo caderno, registrando o que, à primeira vista, diz Celso Castro, parece totalmente opaco e desinteressante para o leitor: sua mãe saíra acompanhada de alguém que não conhecemos e só voltou de tarde; à noite alguém foi ao mesmo local, ceou e voltou para casa com seu pai; umas pessoas jantaram em sua casa e saíram mais cedo para ir à casa de outrem.

Aquelas anotações ganham mais sentido quando colocadas em perspectiva ao se examinar a série de registros referentes aos dias e semanas seguintes, bem como ao identificar os personagens inseridos na trama. Celso Castro explica que, como outros diaristas, Bernardina anota sucintamente acontecimentos diários, ressaltando eventos familiares, concentrados basicamente nas visitas que vieram à casa e nas saídas de membros de sua família nuclear. Ela sai pouco e, quando o faz, é em companhia de sua mãe ou do pai, nunca sozinha. Ao sair para visitas e compras, a mãe quase sempre leva uma filha em sua companhia (tal como faz Caroline em Curitiba). Saídas para o teatro mobilizam toda a família.

É recorrente o registro de doenças e mal-estares de membros da família. A rotina de Bernardina era marcada por aulas de piano, que recebia em casa, ficando o resto do dia para ocupar-se com pequenos trabalhos de costura, indicados pelo registro de frouxas, corpinhos, aventais, camisolas e sapatinhos de lã que fazia para si e para os seus, tal como fazia Mildred, filha de Caroline, e possivelmente quase todas as meninas e moças naquela época. Mais raramente aparece o registro de algo que cozinhou, o que também se assemelha aos hábitos e registros feitos por Caroline a respeito de sua filha. A mãe de Bernardina, algumas vezes, lia histórias, à noite,

para as filhas mais novas; novamente uma prática adotada por Caroline.

Assim como nos outros casos de manutenção de um diário citados neste capítulo, não há, no diário de Bernardina, registro do que hoje se chamaria de pensamentos ou segredos *íntimos*, destaca Celso Castro, mas, enquanto no dela, uma menina de 16 anos, faltam referências a fatos públicos, nacionais ou internacionais, uma vez que sua vida [e seus interesses] restringia-se à vida em família, no de Caroline Tamplin eles se fazem presentes.

O diário de Bernardina esteve marcado por outros fatores. Ela era filha de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, um dos fundadores da República no Brasil; o que se preservou dela foi sua filiação a ele, e o diário principalmente em função dos acontecimentos de 15 de novembro de 1889, nos quais seu pai foi um dos protagonistas. Por outro lado, Castro revela que um exemplo de utilização que fez do diário em sua pesquisa diz respeito à descrição do que aconteceu nos dias cruciais que levaram ao 15 de novembro. Para concluir ele discute sobre o diário, seus usos e sua história.

Primeiro, ele destaca que a própria palavra *diário* deve ser pensada no contexto de uma história cultural dos *registros de si*. Ele informa que não há, nem no texto nem no título, qualquer menção à palavra *diário*, rótulo que lhe foi atribuído posteriormente e que pode ter múltiplas significações: desde uma simples “agenda” de acontecimentos ao registro dos pensamentos “íntimos” do seu autor, ficando o diário de Bernardina, como muitos outros, em algum lugar no meio do caminho.<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup> CASTRO, Celso. O diário da Bernardina ..., pp.236-237.

Também sobre as razões que teria levado a autora a escrevê-lo, é impossível adivinhá-las. Mas, como em outros casos com os quais o comparou, o autor pode observar o peso das relações familiares e o destino geralmente reservado às mulheres, circunscritas aos cuidados com o lar e com a família. Alguns silêncios ele considerou significativos, como a ausência de aventuras amorosas ou mesmo admirações platônicas; mas destaca o valor indiscutível do diário como fonte para a história social das mulheres no Brasil, cuja importância é ampliada quando se sabe que no final do Império ainda quase dois terços das mulheres brasileiras eram analfabetas e que poucos diários dessa época chegaram até nós.

Ele conclui destacando que, independentemente dos usos que o diário possa ter para um pesquisador, cabe chamar a atenção para o fato de que arquivos históricos – como aquele em que se encontra o diário de Bernardina – também *possuem uma história* e o que se guardou para a posteridade é resultado de acasos, seleções e disputas que devem ser considerados. A constituição de um arquivo documental implica, necessariamente, processos seletivos: não se pode guardar tudo, e compreender a lógica que presidiu a seleção do material é por vezes tarefa difícil: que razão levou a família a guardar *esse* diário – eis uma pergunta que se pode fazer em praticamente todos os casos!

No ano de 1989, a Revista Brasileira de História dedicou um volume para tratar da “Mulher no Espaço Público”. Os artigos apresentados discutiam práticas da memória feminina, reclamando um pouco do fato de que as mulheres foram incluídas na história tomando-se como fontes aquilo que elas haviam produzido na esfera do privado, ou seja, ignorando-se a impossibilidade de separar sua

existência do trânsito entre público e privado. Quando suas vidas estiveram expostas ao escrutínio por suas atividades públicas, como no caso das pintoras, reclamou-se que elas tenderam a ser vistas como subalternas, e sua inclusão tanto nos seus círculos contemporâneos quanto na história terem sido feitos por uma concessão especial à sua genialidade, ou seja, à sua excepcionalidade, como se fossem únicas, exceções à regra, negando, desta forma, às mulheres, o reconhecimento de suas capacidades.<sup>97</sup>

À mulher do século XIX estava proibido o voto e a participação política, a escolha devia ser feita pelo marido, sob cuja tutela ela deveria submeter-se sem resistência. Na Inglaterra, procurou-se afastá-las do trabalho nas indústrias, vistas que eram como concorrentes aos salários, barateando-os, já que recebiam menos que os homens. Acima de tudo procurou-se encerrá-la no *lar doce lar*, espaço privilegiado da família triunfante, da moral e das virtudes.<sup>98</sup>

Mas lá e cá, elas, quando necessário, conduziam suas próprias vidas e seus negócios, principalmente ao ficarem viúvas. “Mesmo na Europa”, diz Eric Hobsbawm, “não era incomum uma mulher viúva ocupar-se, trabalhar”.<sup>99</sup> Contudo, a maioria das mulheres que ganhavam a vida individualmente o fazia no setor de serviços: as pobres, nos serviços domésticos ou na manufatura familiar; as alfabetizadas, na educação.

---

<sup>97</sup> PERROT, Michele. **A mulher pública**...., ago/set 1989, pp.31-32.

<sup>98</sup> HALL, Catherine. **Sweet Home** ..., 1991.

<sup>99</sup> HOBBSAWM, Eric. **A era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. pp.276-281.



# 2

## **AS MIGRAÇÕES DO SÉCULO XIX NO CONTEXTO DE INGLATERRA E BRASIL**

“A segunda metade do século XIX marca o começo da maior migração dos povos na História”. Assim Eric Hobsbawm abre um dos capítulos da sua obra, *A era do capital*, ou seja, os anos que vão de 1848 a 1875, durante os quais ele estima que uma quantidade bem superior a 9 milhões de pessoas deixou a Europa, e dessas, 5,3 milhões deixaram as Ilhas Britânicas em direção principalmente aos Estados Unidos, Austrália e Canadá.<sup>100</sup> Mas, em menor número, elas também vieram para o Brasil, em resposta a uma ampla campanha posta em ação pelo governo brasileiro com o objetivo de atraí-los para as colônias agrícolas: do Assunguy, no Paraná; Cananéia, no litoral de São Paulo, e Príncipe Dom Pedro, na região de Itajaí, em Santa Catarina.

Havia, no Brasil de meados do século XIX, uma crença bastante equivocada de que a maioria dos europeus que se dispunham a emigrar de seus países para as Américas era de origem rural e que, assim, países como o Brasil, por exemplo, receberiam agricultores não apenas muito experientes, mas também conhecedores de técnicas muito avançadas que ensinariam aos nossos nativos, que aplicariam em nossas fazendas, promovendo o progresso técnico e econômico nacional. Esta crença carrega em si o viés da inferioridade negra enquanto mão de obra e também a crônica negação do “estado de miséria” instalado na Europa pós-industrialização.

Se, como afirma Hobsbawm, a maioria dos europeus era de origem rural, há que se levar em conta que já em seus próprios países eles haviam sido expulsos do campo, ou o abandonado e migrado

---

<sup>100</sup> HOBSBAWM, Eric. *A era do capital*. 1848-1875. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp.207-220.

para as cidades, que sofreram com elevada concentração urbana. Eric Hobsbawm explica que somente 10% dos emigrantes para os Estados Unidos em 1880, por exemplo, foram para a agricultura, e a maioria não como fazendeiros, porque não tinham os recursos necessários para adquirir terra e ferramentas. Nesse sentido, deve ter sido muito atraente a oportunidade de vir para o Brasil onde, segundo a propaganda imigratória, receberiam imediatamente ao chegar, além de terras e moradia, as sementes e ferramentas necessárias para o plantio de muitas espécies. Naturalmente eles teriam que pagar por isso, mas as condições seriam facilitadas por muitos anos.

O problema é que a maioria não tinha nem a experiência de trabalhar na terra, nem o interesse de dedicar-se a trabalho tão árduo nas condições inóspitas que encontraram aqui. O atrativo maior residia em se tornarem proprietários de terra e ascender a outro grupo social mais respeitável. Um exemplo bem claro disto ocorreu no Paraná. Em relatório encaminhado ao governo provincial, o diretor da Colônia Assunguy, Dr. Julio Parigot, declara, a respeito de um grupo de 68 colonos britânicos chegados em novembro de 1868, que a experiência lhe houvera demonstrado que entre os

*recém-chegados nenhum deles são lavradores nem jornaleiros, mas sim oficiais de ofício, ex-negociantes ou caixeiros. Todos tem mostrado boa vontade de trabalhar, porém eles devem ainda aprender a cortar e derrubar árvores, cavar caminhos, fazer roças. A prova disso é que o trabalho que fizeram durante três meses, os nossos jornaleiros teriam feito em menos de um mês, em proveito para*

*eles e para a Nação. Nestas circunstâncias e ao bem do serviço publico, achei conveniente empregar alguns dos nossos melhores trabalhadores para ensinar estes homens a fazer picadas no perimetro anexo.*<sup>101</sup>

## 2.1. Inglaterra

A maioria dos imigrantes britânicos enviados para as colônias agrícolas de São Paulo, Santa Catarina e Paraná não eram oriundos de Londres, como foi o caso dos Tamplin. Muitos eram irlandeses; outros vinham de Gloucestershire e, em menor número, de Somersetshire, Wiltshire, Lancashire, Berkshire, Oxfordshire, Northamptonshire, Dorsetshire, Bristol, Surrey, Staffordshire, Warwickshire, Lincolnshire.<sup>102</sup> Não obstante, neste capítulo focalizamos Londres, pois partimos do pressuposto de que essa cidade dava o tom à maioria dos temas históricos tratados no presente estudo. O panorama econômico e social da Inglaterra em meados do século XIX e, mais detidamente, a cidade de Londres, que reunia à época todos os exemplos positivos e negativos do mundo capitalista e todos os fatores culturais caracterizados como tipicamente burgueses e tipicamente ingleses serve como destaque para pensarmos o meio de onde saiu Caroline.

---

<sup>101</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondência do Governo. Livro de Registros da Colônia Assunguy. Catálogo de Títulos dos Códices 07/08/0380, 1866-1872, fl.54 frente e verso.

<sup>102</sup> MARSHALL, O. English, Irish and ..., po.229-268; RELATÓRIO sobre a colônia Assunguy, apresentado a ambas as casas do Parlamento por Ordem de Sua Majestade. Londres 1875. In: **Monumenta**, Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, pp.99-119.

No dia 20 de agosto de 1881, Caroline Tamplin, personagem central deste texto, fez as seguintes anotações em seu diário:

*Levei as luvas para Julieta. O bebê foi batizado e houve um grande almoço. Mas eu não aceitei o convite por causa do concerto esta noite. A apresentação foi boa. A segunda comédia bem representada. Houve um baile depois, mas saímos quase imediatamente, por lá haver muita gente comum.<sup>103</sup> (grifo nosso)*

Pretendo com isto colocar em evidência a forma de pensamento expressada por uma mulher de classe média que, apesar das circunstâncias materialmente precárias em que se encontrava, preservara uma clara representação de si, um forte sentimento de diferença social, sentimento de pertencimento ao grupo dos *melhores*, não por acaso uma das maiores características para se definir a sociedade inglesa de onde ela partira havia poucos anos antes. Ela, em muitos trechos do diário, parece esquecida de que não está na Inglaterra.<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> “Took Julieta her mitts – The baby was Xtend today & a large dinner party, but declined to stay on account of going to the theatre this evening. The play was fairly good. The second comedy well acted. There was a ball afterwards, but we came away directly, there being so many common people”.

<sup>104</sup> Um exemplo disso é o uso frequente que faz do termo *City* para referir-se à uma certa parte da capital de Curitiba, um centro urbano, decerto, mas sem as proporções históricas de Londres. Lá, *City* é o centro financeiro e histórico de Londres; mais que isso é, na verdade, o principal centro financeiro da Europa. O uso do termo leva-nos a indagar suas razões para adotá-lo em relação à modesta Curitiba da década de 1880.

Estabelecer critérios identificáveis de pertencimento era muito importante, particularmente para indivíduos que faziam parte das classes médias, definidas como aquelas no processo de elevar-se e que aspiravam ingressar na burguesia, por sua vez definida como pessoas que *já haviam chegado lá*.<sup>105</sup>

Nessa época tornou-se tão importante definir *quem era quem* que foram criados modos de estabelecer pertencimento, pelo menos em países em que já surgia alguma incerteza em relação a *quem era quem*. Foram até publicadas obras de referência sobre pessoas de *status*, das quais a *Quem é Quem* inglês de 1897 foi a primeira. Uma das principais condições a serem preenchidas era a necessidade de distinguir claramente os membros da classe média das classes operárias, dos camponeses e de outros ocupados em trabalhos manuais.

Um dos critérios para tanto consistia num estilo de vida e numa cultura de classe média, tendo como principal indicador de pertencimento a educação formal. Outro era representado pela residência do indivíduo que, dependendo da época e das práticas de sociabilidades exigidas, deviam estar aptas para exercer tanto sua função privada de *home sweet home* [lar doce lar], quanto suas funções públicas e de representação: recebia-se e visitava-se muito, num *round* incessante, de maio a junho, em Londres, e o ano todo, pelo que indicam nossas fontes, em Curitiba.

Esta periodicidade é interessante porque, na Inglaterra na década de 1870, arquitetos, como Norman Shaw, construíam os

---

<sup>105</sup> HOBSBAWM, Eric. Quem é quem ou as incertezas da burguesia. In: **A era dos impérios** ....., 1989, pp.233-269.

famosos subúrbios ajardinados para famílias endinheiradas da classe média, mas não especialmente ricas. Casas com jardins nos subúrbios passaram a ser ocupadas, por exemplo, por comerciantes bem sucedidos que no início de seus negócios possuíam um sobrado na cidade, com o comércio no andar de baixo e a moradia da família no andar superior. Poder afastar a vida privada da vida pública, resguardando a sua privacidade e a dos seus era o sonho mais almejado por aqueles que desejavam fazer parte de uma *aristocracia*, que, por sua vez, possuía a sua propriedade no campo e a obrigatória casa na cidade, para a temporada.

Mais tarde, os subúrbios caíram socialmente, passando a localidades que cresceram sem planejamento nos arredores das cidades grandes, ocupados pela classe média baixa. A casa ideal, para a classe média endinheirada, passa a ser uma casa de campo urbanizada, ou seja, uma casa de campo rodeada de verde, em áreas destinadas exclusivamente a uma única classe, topograficamente isolada do resto da sociedade, onde podiam adotar aos poucos um estilo de vida modelado segundo o das antigas elites.

Estabelecer as desigualdades tornou-se um problema quando aumentou muito o número de novos candidatos à classe média, ou de aspirantes ao *status* de classe média, o que “propunha problemas práticos de demarcação e definição, dificultados ainda pela incerteza dos critérios teóricos relativos a essas definições”.<sup>106</sup> Era mais difícil definir o que era a burguesia do que definir a nobreza ou a classe operária.

---

<sup>106</sup> *Ibidem*, p.242.

Mas nos meados do século XIX, possivelmente à época em que Caroline Tamplin veio para o Brasil, os critérios eram bastante explícitos: deviam possuir capital, econômico ou cultural, ou seja, muitos adotaram o *status* de classe média ao adquirir educação secundária e/ou superior como recurso inicial, a primeira em escolas voltadas para uma elite de jovens como meio de socializar aqueles que eram admitidos, de modo a distingui-los das ordens inferiores; a segunda pela formação de profissionais liberais, como médicos e arquitetos, cujo número aumentou consideravelmente a partir de 1880.

A sociabilidade era um critério, o outro sendo o dinheiro. A convivência social nas escolas, principalmente nas chamadas *escolas públicas* inglesas, levava à assimilação de valores aristocráticos, no caso à adoção de um modo de vida dissoluto e dispendioso que exigia acima de tudo dinheiro.

A educação secundária para os jovens torna-se importante, inclusive como forma de demonstrar que o adolescente tinha condições de adiar a tarefa de ganhar a vida, o conteúdo da educação sendo secundário, *inútil*, de caráter humanista, não profissionalizante. Servia também para diferenciá-lo das ordens inferiores. Um observador inglês tratava sumariamente as classes médias inferiores como pertencentes, com os operários, ao *mundo das escolas elementares*, mas os membros das classes médias estavam longe de abrir os braços às ordens inferiores, mesmo que estes usassem colarinho e gravata.

É esta a postura que percebemos adotada por Caroline Tamplin citada no início deste item. O mesmo exemplo foi observado por



Louise Guenther<sup>107</sup> na comunidade britânica que viveu em Vitória, na Bahia, por volta de 1850.

O sistema de escolaridade era, portanto, essencial, principalmente para os que desejavam fazer parte da elite econômica e social estabelecida, ou ter sua ascensão a ela certificada pela assimilação dos seus filhos. Nesse caso, a escola era a escada pela qual os filhos dos membros mais modestos do estrato intermediário passavam para o alto. Estas preocupações acompanhavam os membros das classes médias mesmo por ocasião de seus deslocamentos geográficos. Refiro-me à preocupação de Caroline Tamplin em matricular seu filho Frederick no Instituto Paranaense onde o nome do rapaz constava nas listagens de alguns anos da década de 1880, ao lado de nomes que se tornaram conhecidos na história paranaense, embora ela também o educasse em casa, em complementação.

À segregação residencial e à educação, como modos de estruturar as massas endinheiradas, aliou-se o esporte. Inicialmente os jovens aristocratas praticavam equitação para corridas de cavalo e caça, além de pesca e esgrima. A burguesia não apenas adotou como transformou os modos de vida dos nobres, com a prática de jogos e competições físicas: futebol, tênis, *rugby*, contribuindo para que o esporte passasse a ser considerado elemento importante na formação da nova classe governante, segundo o modelo do *gentleman* britânico burguês treinado em *escola pública*.<sup>108</sup>

---

<sup>107</sup> GUENTHER, Louise H. **British merchants in nineteenth century Brazil: business, culture, and identity in Bahia, 1808-50.** Oxford, England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2004.

<sup>108</sup> HOBBSAWM, Eric. **A era dos Impérios**, pp.254-6.

O esporte serviu ainda para criar novos padrões de vida e de coesão, como o tênis que, inventado em 1873, logo se tornou o jogo perfeito dos subúrbios, em grande parte por ser bissexual e oferecer um meio para os filhos e filhas da grande classe média encontrarem parceiros não apresentados pela família, mas de posição social comparável à deles. Em suma, os esportes alargavam o estreito círculo de família e conhecidos, da classe média e, por meio da rede de entrelaçamento e inteiração dos “clubes de tênis com sócios contribuintes”, criavam um universo social fora das células domésticas autoabrangeantes.

O triunfo do tênis é inconcebível sem a suburbanização e a progressiva emancipação da mulher da classe média. Os clubes de golfe desempenhariam um papel igualmente importante no mundo (anglo-saxão) masculino de profissionais da classe média e homens de negócios. Hobsbawm comenta que antes de 1889 havia apenas dois campos de golfe em toda Yorkshire, mas entre 1890 e 1895 foram abertos 29 deles, concluindo que a extraordinária rapidez com que todas as formas de esporte organizado conquistaram a sociedade burguesa, entre 1870 e os primeiros anos de 1900, sugere que o esporte preenchia uma necessidade social consideravelmente maior que a de exercícios ao ar livre, contrariamente ao que acontecia em Curitiba à mesma época.

Fontes como os periódicos curitibanos da década de 1880 e escritos de natureza privada, como o diário de Caroline Tamplin, indicam que a sociabilidade, tanto de nacionais quanto de estrangeiros, ainda se desenvolvia nas salas de visitas e nos passeios ao ar livre, como os piqueniques e as caminhadas no campo, a pé ou a cavalo. Clubes estavam sendo formados, mas as fontes citadas por enquanto apenas reforçam as nossas conclusões: não se localizou a

prática dos esportes adotados na Inglaterra, mas reuniões musicais, em torno do piano, para música, canto e danças, que retratam o cotidiano de Caroline Tamplin e de pessoas da sociedade curitibana com quem ela se relacionava.

Retornando à questão da dualidade da sociedade inglesa, nos valem aqui de relatos de visitantes a Londres durante o século XIX, com base em uma coletânea publicada no Brasil pela primeira vez em 1993.<sup>109</sup>

Um viajante, Karl Baedeker, faz a seus conterrâneos as seguintes recomendações após uma visita a Londres em 1894:

*[...] Se não houver policemen nas proximidades, peça informações numa loja. Só dirigir-se a um transeunte em caso de absoluta necessidade, e não responder a nenhuma pergunta de algum deles, principalmente em francês, por mais incivil que isso possa parecer, pois tal pergunta é em geral o começo de um roubo ou de uma trapaça. Desconfiar também das mulheres da rua e até das meninas vendedoras de flores ou fósforos (matches), que sabem muito bem como fazer chantagem. Recomendamos ao estrangeiro estar sempre atento, principalmente à sua bolsa e ao seu relógio, pois Londres formiga de ladrões e escroques incrivelmente hábeis, dos quais os próprios habitantes de Londres só escapam com dificuldade. Essa recomendação*

---

<sup>109</sup> CHARLOT, Mônica.; MARX, Roland. (orgs.). **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

*deve ser lembrada especialmente ao entrar e sair dos trens e ônibus e em todos os lugares em que houver multidão. A propósito, notaremos que é costume, para os pedestres, conservar a direita nas ruas movimentadas, mas as viaturas vão à esquerda. Evitar também, à noite, os bairros pobres e as ruas afastadas [...].*<sup>110</sup>

Pioneira da Revolução Industrial e primeira nação industrial, possuidora de um império tão grande que, nele todo, o sol jamais se punha, a Inglaterra é descrita no século XIX, e mais particularmente na segunda metade, como uma *sociedade dual*, onde triunfam as desigualdades.

Se os anos de 1851 a 1901 podem ser considerados os mais gloriosos do reino da rainha Vitória, quando os britânicos se dão conta do seu avanço tecnológico e, com um orgulho altivo julgam terem-se tornado o novo *civis romanus*, a sociedade não deixa de enfrentar sérios problemas: a população dobra em trinta anos e triplica durante o período; a cidade cresce sem nenhum planejamento conjunto e centralizado, avançando em todas as direções.

Um recenseamento de 1891 constatou uma população de 4.211.056 habitantes em Londres, e de 5.633.806 na cidade e subúrbios. A população, que era de 2.362.236 em 1851, dobrou em quarenta anos. Karl Baedeker também destaca que Londres tinha mais

---

<sup>110</sup> BAEDEKER, Karl. Londres, 1894. In: CHARLOT, M.; MARX, R. (orgs.). **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. p.36.

escoceses do que Edimburgo, mais irlandeses do que Dublin, mais israelitas do que a Palestina e mais católicos do que Roma.

Com todos os seus subúrbios, Londres ocupava uma superfície cinco vezes maior do que Paris e era considerada por viajantes como a cidade gigante da Europa. Local de quase todas as indústrias, atraía, por sua vez, os desempregados e/ou desocupados expulsos de outros lugares, criando uma anarquia onde os problemas mais elementares de saúde pública, drenagem do rio, recolhimento do lixo, encanamento de água, aglomeração e desordem ninguém parecia capaz de administrar.

Ao lado da miséria da maioria, a sociedade convivia e orgulhava-se da prosperidade e riqueza e do luxo no comércio e nas residências. Para os despossuídos, isso representava um insulto. Londres era uma metrópole imperial, que abrigava uma população heterogênea e cosmopolita em todas as camadas sociais, possuía o maior porto do mundo, oferecia grandiosas festas imperiais e todas as atividades de lazer, desde as mais tradicionais como os *pubs*, os clubes, os espetáculos esportivos até as grandes festividades populares, dos quais foi iniciadora, em seus parques e ao longo do Tâmis. Estradas de ferro, barcas e bondes permitiam a evasão para os restaurantes campestres e outros encantadores recantos da vida rural.

Mas Londres reunia também todos os vícios e tentações, do jogo à prostituição e à droga, o que atraía a delinquência e o crime. Chamada de *Babilônia do norte*, suas seduções, abismos, *zonas* e mundo *subterrâneo* foram imortalizados nas histórias de Sherlock Holmes. Fascinava escritores e artistas, acadêmicos e rebeldes, e muitos viajantes, além de exilados. Moraram na Inglaterra, entre

tantos nomes ilustres: Karl Marx, Claude Monet, Camille Pissaro, o rei Luís Filipe da França e a Rainha, a Imperatriz Eugênia, Napoleão Bonaparte, antes de restaurar o império da França, Stéphane Mallarmé, Verlaine e Rimbaud.

Entre tantos visitantes famosos, ou que viriam a sê-lo, um dos que se destacaram foi o francês Hippolyte Taine, um típico acadêmico que ia para Londres com o objetivo de observar, anotar, escrever e cujas viagens em 1861 e 1862 lhe inspiraram anos depois o livro *Notas sobre a Inglaterra*, descrevendo os contrastes de Londres. Choca-lhe o contraste entre a Londres rica e a Londres dos deserdados; por isso ele a define como uma sociedade dual.

Mas Taine destaca também o clima, que considerou insuportável – “a chuva fina, penetrante, impiedosa..., uma bruma amarelada, espessa, enche o ar, rasteja até a terra...” que o deprime: “após uma hora de caminhada no Strand, é o *spleen*, pensa-se em suicídio”.<sup>111</sup> Impressiona-o o número de londrinos, a enormidade da cidade. Paris parece-lhe medíocre, comparada com as praças de Londres. Surpreende-o, no meio da cidade, em Hyde Park, as casas confortáveis e belas que conservam um ar campestre, com suas grandes janelas claras que deixam entrar a luz, o exterior coberto de estuque branco, brilhante e envernizado, *sem uma só mancha ou poeira*.

Os ingleses têm mais necessidade de ar, de espaço, que os franceses, ele conclui, e adoram o campo. Por isso os parques em pleno centro de Londres. Em St. James’ Park seus olhos passeiam com admiração pelas velhas árvores enormes, os prados verdadeiros,

---

<sup>111</sup> CHARLOT, Mônica. O *spleen* dos exilados franceses. In: CHARLOT e MARX (orgs.). *Londres, 1851-1901: ...* Op. cit., pp.44-46.

o grande lago cheio de patos e pássaros aquáticos, as vacas, as ovelhas pastando até na estreita margem verde que cerca Westminster Abbey, a relva sempre fresca.

Ao observar a multidão de cavaleiros e amazonas se exibindo no Hyde Park, ele conclui que a classe rica é bem mais numerosa na Inglaterra do que na França. Por outro lado, os espaços ocupados pela classe trabalhadora, como as docas, lhe parecem espantosos e esmagadores, e Shadwell, o bairro pobre próximo às docas, lhe parece *pela grandeza de sua miséria e por sua extensão, proporcional à enormidade e à riqueza de Londres*. Ele afirma que os bairros pobres de Marselha, Antuérpia, Paris, não são nada comparados aos de Londres, com seus *mendigos, ladrões e prostitutas*. É nesses bairros que se encontram famílias “sem outro leito a não ser um monte de lixo; dormem ali por vários meses. Para ele, para uma criatura assim acabada e esgotada, só há um refúgio: a embriaguez”.<sup>112</sup> Daí haver concluído pelo triunfo das desigualdades.

Comparada às demais capitais importantes da época, a originalidade de Londres estava em sua imensidade e nas impressões que provocava nos visitantes estrangeiros. Há uma farta documentação iconográfica, depoimentos literários, relatos de viajantes expressando as impressões de horror ou de admiração, de medo e de alegria. Contrapondo-se à sua visão imponente e aos símbolos que exibia de sua *evolução civilizada* – Whitehall, Westminster, City, Fleet Street, Palácio, Palácio de Cristal –, havia os ruídos e odores, e o

---

<sup>112</sup> Ibidem.

espesso nevoeiro, *fonte de todos os medos e véu para todos os crimes*.<sup>113</sup>

Um destaque é dado ainda aos chamados valores vitorianos, qualificados de *puritanos* e que, nas classes médias, correspondem a uma herança de dois séculos e configuram: o espírito de economia, a dedicação ao trabalho, a extrema importância atribuída à moralidade, a preocupação com os deveres da fé, o respeito ao repouso de domingo, que devia ser consagrado às leituras piedosas e aos exercícios espirituais, uma sede de saber e um entusiasmo cada vez maior por todas as inovações técnicas.

Dentro desse espírito, a pobreza é frequentemente ligada ao vício, à preguiça, aos excessos. Daí o cuidado seletivo e um intervencionismo considerado moderado ao ajudar os carentes. Vale citar ainda as ações de instituições religiosas e senhoras da sociedade nas ações que visavam educar os pobres para afastá-los dos vícios.<sup>114</sup>

Diretamente ligado a tais esforços estava um valor fundamental da sociedade vitoriana, a família. Se por um lado nunca se exaltou tanto o lar e o papel da mãe, verdadeira *madona*, nunca a sociedade foi tão hipócrita quanto nessa época ao chegar a afirmar que a prostituição era a contrapartida indispensável da solidez da família, nascida de um casamento racional que unia um homem sensual e uma esposa educada no desprezo ao ato sexual, e que se baseava num código de relações em que os papéis eram cuidadosamente distribuídos entre o marido-mantenedor e a esposa-dona-de-casa.

---

<sup>113</sup> CHARLOT e MARX. A sociedade “dual” por excelência. In: CHARLOT e MARX. (Orgs.). **Londres**, 1851-1901: ... Op. cit., Prólogo.

<sup>114</sup> HALL, Catherine. Sweet home ..., pp.53-87.



Acreditavam, enfim, que a célula familiar só se sustentaria porque os machos podiam entregar-se a prazeres condenáveis na rua, para serem adoráveis pais e esposos em casa.<sup>115</sup>

Londres, do ponto de vista olfativo, era considerada a cidade mais fétida da Europa, a capital dos cavalos e seus excrementos. Nas ruas, criavam-se porcos e aves; os esgotos, quando existiam, eram a céu aberto em grande parte do *East End*, lado pobre da cidade. Os canteiros de obras públicas, o tráfego louco dos veículos, os gritos e chamados, o barulho das máquinas industriais, tudo isto podia provocar prazer, mas também inquietação, repulsa, asfixia nos visitantes. Mesmo os bairros nobres da capital, nos anos de 1860, eram sujos e terrivelmente ruidosos. Como a maioria das ruas da *City* eram calçadas de granito, os veículos, com suas rodas revestidas de ferro, faziam um barulho ensurdecidor. Quando era absolutamente indispensável diminuir o barulho para que não perturbasse o sono de um doente, cobria-se com palha o calçamento na frente da casa.<sup>116</sup>

As ruas eram apinhadas de veículos de tração animal – carruagens particulares, landaus, cupês e vitórias para os ricos, ônibus de cores vivas e *táxi-cabs* de duas rodas ou fiacres de quatro rodas para a plebe, além das pesadas carroças camponesas carregadas de víveres destinados ao mercado de Covent Garden, aliados aos gritos dos cocheiros anunciando a direção em que iam e recrutando fregueses, e os assovios dos londrinos à procura de um *cab*.

Os ruídos eram incessantes em praticamente todas as partes da cidade, embora nos pontos residenciais do *West End* e dos bairros

---

<sup>115</sup> CHARLOT; MARX (orgs.). *Londres, 1851-1901*: ..., pp.16-18.

<sup>116</sup> *Ibidem*, pp.47-58.

nobres como Belgravia e Kensington houvesse certa tranquilidade vigiada. No Hyde Park, mais precisamente em Rotten Row, a alta sociedade encontrava-se durante a semana ao fazer seus passeios matinais, a pé, a cavalo ou de carruagem, para trocar notícias e mexericos do dia ou simplesmente marcar presença. Aos domingos, os comentários fúteis e as intrigas amorosas cediam lugar aos discursos e sermões de pregadores, com suas bíblias e guarda-chuvas.

No *West End*, o espetáculo na rua era permanente: teatro de fantoches, músicos de rua, anunciadores de exposições itinerantes; malabaristas, comedores de fogo, cantores de baladas. Vendiam-se bebidas e alimentos: frutas, legumes, peixes, pãezinhos, panquecas, molhos. Havia também o mercado das pulgas onde se podia comprar roupas usadas, camas, botas, livros, ferramentas, flores, sementes etc., tudo anunciado aos berros.

Havia, ainda, os subúrbios de Londres, a pouca distância do centro. Originalmente ocupados pelas classes superiores, foram sendo substituídos por habitantes mais modestos, mas preservaram certa tranquilidade, e, mesmo havendo alguma algazarra nas partes mais populosas, mantiveram por bastante tempo uma atmosfera rural. Neil Davie comenta que na década de 1880 ainda havia cerca de 700 fazendas produtoras de leite no centro da *City*. Com seu estudo, conclui que, no final do século XIX, sem dúvida alguma, os ruídos de Londres diferenciavam mais do que uniam os habitantes da capital.

Mas Londres é ainda mais que isto. O fim da época vitoriana foi o tempo de uma verdadeira “revolução do comércio varejista” e a cidade conheceu então o progresso de uma pequena burguesia de comerciantes e comerciários, embora a concentração de riqueza

tivesse sido rápida, particularmente para Charles Digby Harrod, cuja empresa passou a simbolizar o triunfo das grandes lojas de departamentos.<sup>117</sup> É durante esses anos que são também introduzidas as grandes liquidações, períodos de loucura que atacam os compradores, os vendedores e os clientes.

Susanne Baudemont dedica um capítulo à *gentry*, sua temporada e seus ritos, isto é, a preocupação de, em determinada época do ano, de abril a julho, mostrarem-se nos *lugares certos* (*the right place*), em companhia de pessoas ricas, bem-nascidas e influentes (*the right people*), trajados corretamente (*the right clothes*), com a finalidade principal de obter bons casamentos para as jovens da alta sociedade. Para tanto, ao terminar a temporada de caças, essas famílias deixavam seus domínios campestres e iam para suas vastas mansões nos bairros seletos de Londres, de onde passavam a frequentar os grandes bailes, jantares de gala, regatas, o *derby*, os lugares da moda, teatro, além de fazerem visitas e receberem convidados. Ao chefe de família cumpria ainda frequentar as sessões do Parlamento.<sup>118</sup>

As pessoas que faziam parte desse grupo de aristocratas, nobreza rural, e depois, com o passar do tempo, a alta burguesia, provinham das profissões militares, jurídicas, médicas, altas finanças

---

<sup>117</sup> CHARLOT, Claire. Harrod's, o altar da moda. In: CHARLOT e MARX. **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993, pp.61-68.

<sup>118</sup> BAUDEMONT, Suzanne. A *gentry*, sua temporada e seus ritos. In: CHARLOT, M.; MARX, R. (orgs.). **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. pp.76-81, 98 e seguintes.

e grande indústria. Em qualquer época, o brilho, o talento para a conversação e a beleza também serviam de passaportes para o ingresso nesse seletto grupo composto, à época, de cerca de dez mil pessoas.

Londres abrigou, também, grande número de escritores, sociedades literárias e pintores. Intelectuais, homens e mulheres, moraram lá: Oscar Wilde, Tennyson, Browning, Meredith, George Eliot, Charles Dickens, William Thackeray, Gabriel Rosseti, Carlyle, Henry James, James Whistler. Além disso, caminhando-se ao acaso, passava-se por muitas casas que tinham uma placa azul com o nome de uma sociedade literária, seu número elevado demonstrando imediatamente a densidade da vida literária associativa na capital, embora os escritores se reunissem também em *pubs* famosos.

Era bem conhecida a dualidade de Londres. O periódico paranaense *Dezenove de Dezembro* publicou, em uma de suas colunas da edição de 7 de março de 1886, a transcrição de uma obra recém-publicada, na época, “O Socialismo na Inglaterra”, da qual toma alguns tópicos e os apresenta sob o título “*Como vivem os pobres em Londres*”:

*Ao lado do Regent Street, há um bairro cujas ruas, mal empedradas e sujas, são ladeadas de casas de aspecto arruinado e repelente, que de morada humana tem apenas o nome. As janelas desprovidas de vidraça, e as portas de trinco, para que possam fechar-se. Uma escada escuríssima de degraus esburacados, prontos a engulir os pés e a partir as pernas d’aqueles que ande por elles.*

*Os quartos de taes casas compõem-se d'uma larga quadra de paredes ennegrecidas, o soalho feito pedaços e o tecto cheio de goteiras por onde penetra a chuva e a neve. Uma delicia, quase um paraíso. Os inquilinos pagam de aluguel 3 ou 4 schillings por semana. Nem todos podem pagal-os, n'esse caso, reúnem-se em grupos numerosas familias e tomam quarto para todos elles, pagando 10 "pence" por dia. À noite, o "deputy", nome do que recebe os alugueis, apresenta-se e já se sabe o processo: 10 pence ou rua! Quem logra pagar ao sabbado pôde dizer-se bem-aventurado. O domingo é o único dia em que o "deputy" não aparece, por existir na Inglaterra o costume de que o aluguel do sabbado assegura o inquilino a posse da morada até segunda-feira. Embebedar-se, significa, para os pobres a única felicidade possível. Esquecem o triste espectáculo da miséria immunda em que nasceram e terão de morrer. Do enterro d'alguns dos seus não curam as familias pobres. As autoridades que tratem disso! Os cadáveres permanecem às vezes quinze ou mais dias insepultos. Morrer de fome na rua publica é coisa corrente na Babilônia do Tamisa. Raro será o estrangeiro que não tenha presenciado, durante o inverno, alguma scena d'essas, em que um operário sem trabalho cae de repente para não tornar a levantar-se. Não obstante, nas canções populares com que mais se entretêm os pobres, diz-se que a maior felicidade que pode ter um homem é de haver nascido inglez. "Oh! Yes!"<sup>119</sup>*

---

<sup>119</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 7 mar. 1886, pp.1-2.

Se é verdade que Londres era uma sociedade dual, havia entre as classes mais altas e os miseráveis uma classe trabalhadora de hábitos e condições de existência respeitáveis e uma classe média composta de profissionais liberais e negociantes.

Embora não tenha sido possível identificar a ancestralidade de Caroline Tamplin, sua educação e hábitos indicam que ela pertencia aos níveis médios da sociedade londrina no momento em que deixou a Inglaterra em sua viagem para o Brasil. Por outro lado, tanto as práticas culturais e sociais de Caroline, quanto o seu registro, também podem ter sido as maneiras como ela procurou criar uma imagem, identidade ou representação de si, uma espécie de escudo a protegê-la na sua condição de viúva que precisava trabalhar. Embora as notas de seu diário transmitam a ideia de que era segura de si e prestigiada, não parece incorreto propor que eram as suas habilidades que a tornavam aceitável nos círculos que frequentava.

## 2.2. Brasil

Na segunda metade do século XIX, a Inglaterra mantém sua influência hegemônica sobre o Brasil. Naquele momento estava em ação um forte movimento pela modernização do país. Modernizar-se, rumo ao progresso, significava equiparar-se a algumas nações europeias, particularmente a Inglaterra, pioneira da industrialização. Mas a modernização desejada pelo Brasil possuía forte caráter conservador, a manutenção do sistema escravista representando seu maior problema, tanto para os que desejavam manter o sistema, quanto para aqueles que desejavam ver o seu fim. Os primeiros sabiam que no máximo conseguiriam prorrogar a emancipação total por um número determinado de anos; os segundos preocupavam-se com quem iria substituir os escravos, uns apostando na mão de obra nacional, outros defendendo a ideia da imigração europeia. Propostas reformistas foram apresentadas em diversas ocasiões, mas não conseguiam ser transformadas em políticas públicas.<sup>120</sup>

É interessante observar como, ao longo de décadas, a maioria conservadora insistiu em não optar pelo investimento no potencial de sua população e na educação da mesma para o almejado progresso a partir da implantação de inúmeros projetos apresentados para a educação profissionalizante, muitos dos quais levavam em consideração as características regionais como forma de promover um enriquecimento mais rápido das regiões. Em vez disso, optou pela importação de trabalhadores europeus. Uma das razões para

---

<sup>120</sup> GILLIES, Ana Maria Rufino. **Políticas públicas e utensilagem mental ...** Op. cit.

essa escolha é que, naquele momento, sob o predomínio de políticas influenciadas pela eugenia, tratava-se de negociar uma nova identidade nacional<sup>121</sup> e promover o “branqueamento” da população nacional, através da entrada de imigrantes europeus, com seus saberes, seus valores, sua cultura, suas práticas transformadoras. Outras razões para a busca de novas opções de mão de obra seria o temor de rebeliões escravas sempre iminentes, o envolvimento de escravos e libertos na luta pela emancipação total, o desejo da liberdade de não ser obrigado a trabalhar que decerto habitava nas mentes dos mesmos, e o desgaste das relações entre senhores e escravos e ex-escravos, levando à desconfiança e descrença na possibilidade de formação de novas relações de trabalho entre os mesmos.

Jeffrey Lesser destaca que, no século XIX, alguns intelectuais e políticos poderosos desejavam, como imigrantes, os europeus “puros” que pudessem recriar o Velho Mundo no Novo, e que o primeiro decreto do governo republicano com relação à imigração, ao proibir a entrada de asiáticos e africanos, fez dela *de fato* a construção da identidade nacional. Não houve um pensamento único e homogêneo com relação às origens e características do novo trabalhador que as elites nacionais pretendiam ter no Brasil. Em Minas Gerais, proprietários de terra teriam chegado a criar uma comissão para promover a imigração asiática; e outro grupo, da região amazônica, considerava anti-humanitário trancar as portas aos asiáticos e aos

---

<sup>121</sup> Estamos tomando emprestado a noção de identidade de Jeffrey Lesser. In: LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2001, embora a utilizemos de maneira invertida, uma vez que seu estudo discute como os imigrantes não-europeus e seus descendentes negociaram, perante o público, sua identidade como brasileiros.



africanos livres, pois isto estaria negando a eles os benefícios da caetequese e da civilização.

Não obstante a hoje celebrada composição da população brasileira, as tentativas iniciais de colocar imigrantes europeus em terras brasileiras não estiveram livres de problemas. Os europeus destinados à fazenda Ibicaba do Senador Vergueiro, no interior de São Paulo, por exemplo, foram submetidos a condições de trabalho e de vida às quais não estavam acostumados, a relações escravistas e autoritárias que desrespeitavam os acordos firmados, culminando num dos primeiros insucessos da política imigratória, apesar de uma parte da imprensa da época e de uma parte da historiografia conservadora ter-lhe atribuído sucesso. Mais tarde, durante a Primeira República, um deputado de São Paulo reclamou, conforme conta Jeffrey Lesser, que os imigrantes italianos que chegavam ao Brasil não se deixavam assimilar, haviam “anarquizado a força de trabalho” e eram “ruins” para São Paulo, onde as elites exigiam trabalhadores que fossem subservientes. A história da imigração no Brasil, quando foi uma história de sucessos, estes se deveram, em grande parte, à determinação dos imigrantes em permanecer no Brasil, quaisquer que tenham sido suas razões.

Luis Felipe de Alencastro e Maria Luiza Renaux destacam que o debate governamental sobre a raça, a cara e os modos de vida dos imigrantes começou antes da Independência, no contexto dos tratados anglo-portugueses de 1810 que previam a abolição do tráfico negreiro. Pensou-se até em trazer para o Brasil uma parte dos soldados desmobilizados na Europa após as guerras napoleônicas, mas a corte de D. João VI vetou a vinda indiscriminada de colonos protestantes. Assim, apesar de nas décadas seguintes uma série de medidas

terem sido tomadas para estimular a chegada de europeus, a questão religiosa representou um entrave à imigração europeia para o país. O Estado teria, então, que modificar as leis civis que privilegiavam os católicos para facilitar a entrada e a integração de colonos protestantes do norte da Europa.

Quanto aos interesses em jogo, os autores destacam as diferentes correntes que se enfrentavam na imprensa e no Parlamento, mostrando que, para os fazendeiros e o grande comércio, se o imigrante viesse trabalhar por conta de outra pessoa, para substituir os escravos, poderiam ser de qualquer raça e de qualquer parte do mundo; mas se viessem para cultivar terras por conta própria, deveriam preencher as características étnicas e culturais desejadas pelos funcionários do império. A burocracia imperial e a intelectualidade, conforme os autores acima, “tentavam fazer da imigração um instrumento de *civilização*, a qual, na época, referia-se ao embranquecimento do país”.<sup>122</sup>

Esse antagonismo entre os interesses dos fazendeiros e os da burocracia imperial pela imigração tinha em comum a preocupação tanto em relação ao presente quanto ao futuro do país: “Qual povo virá? Que sociedade resultará?”. O assunto atravessa do século XIX ao XX, e preocupa Lacerda Werneck, herdeiro de fazendeiros do café e também jurista membro da comissão governamental encarregada de definir a política imigratória em meados do século XIX: “Nós constituímos um povo, uma nacionalidade, cujo futuro depen-

---

<sup>122</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, M. L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: NOVAIS, F. (coord.); ALENCASTRO, L. F. de (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. pp.291-335.

derá das raças que lhe serão incorporadas, da natureza da civilização que o influenciará.”<sup>123</sup>

Alencastro e Renaux entendem ainda que, para os funcionários imperiais, o fim do contrabando negreiro abria a oportunidade tão esperada de “civilizar” o universo rural e, mais ainda, o conjunto da sociedade, reequilibrando o povoamento do território em favor da população branca. Mas, por várias décadas o que se viu foi o choque cultural e o choque social entre fazendeiros e imigrantes, provocando a intervenção pública em favor do fazendeiro e protestos de consules em favor dos estrangeiros. Acrescente-se a isto os problemas entre imigrantes e autoridades coloniais, bem como a concentração de imigrantes pobres nas cidades. Por outro lado, a existência de europeus pobres, nivelados ao estatuto dos escravos de ganho, exercendo atividades insalubres e personificando formas de decadência social que pareciam estar reservadas aos negros, decerto confundia aqueles que contavam utilizar a imigração branca para “civilizar” o país.<sup>124</sup>

A vinda de estrangeiros para o Brasil teve início já nas primeiras décadas após o descobrimento, mas as campanhas de incentivo à imigração e o consequente fluxo imigratório que elas estimularam passaram a ocorrer nos séculos XIX-XX, notadamente num período de 100 anos, entre 1830 e 1930, como bem destacado na historiografia.

---

<sup>123</sup> WERNECK, Luis Peixoto de Lacerda. Ideias sobre colonização, pp.100-3. In: ALENCASTRO e RENAUX, **História da Vida Privada no Brasil** ..., p.295.

<sup>124</sup> ALENCASTRO e RENAUX, *Caras e Modos* ..., pp.295 e 310.

Essas políticas tiveram como objetivo ocupar os imensos espaços vazios, principalmente nos territórios próximos a fronteiras com a América Espanhola; fornecer os braços para substituir o elemento escravo nos grandes latifúndios monocultores e, finalmente, mas não menos importante, criar colônias agrícolas de abastecimento, através da venda e/ou concessão de pequenos lotes de terras a famílias de agricultores.

Para tanto, várias medidas foram tomadas pelo governo brasileiro, desde a contratação de agentes promotores da imigração até a elaboração de políticas com o intuito de regularizar as novas relações sendo forjadas no mundo da produção, entre elas a lei de terras de 1850, a partir da qual a aquisição passava a ser assunto de mercado, através da compra e venda.<sup>125</sup>

Coincidindo com a atmosfera receptiva de braços para o trabalho no Brasil, a Europa apresentava um quadro de expulsão de homens, mulheres e crianças, do campo e também das cidades, estas inchadas com desempregados. A industrialização nascente, não tendo condições de absorver toda a mão de obra disponível, aliada a um crescimento demográfico nunca visto e ao desenvolvimento da tecnologia que reduzia o número de homens necessários na execução de tarefas, pôs à disposição do mercado um excesso de camponeses sem terra e desocupados.

Esse exército de pobres, sem teto e sem garantias de qualquer natureza, passou a constituir um problema e uma preocupação.

---

<sup>125</sup> Política de Terras no Brasil e nos Estados Unidos. In: COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977, pp.127-147.

Passou-se a temer revoltas populares, estimuladas pela miséria, fome e desespero. Era preciso evitá-las. A burguesia de meados do século XIX ainda acreditava que a Europa era superpovoada de pobres e que quanto maior quantidade fosse embarcada para fora, melhor para todos eles, porque melhorariam suas condições, e melhor para os que ficavam porque o mercado de trabalho seria aliviado.<sup>126</sup>

Assim, sociedades beneficentes e até sindicatos trabalharam para arranjar subsídios para a emigração de seus clientes ou membros, como o único meio prático de lidar com o pauperismo e o desemprego. Foi o que constatou o pesquisador inglês Oliver Marshall. Entre os encorajadores da imigração de cidadãos britânicos para o Brasil encontravam-se sindicatos ingleses de trabalhadores, escritórios diplomáticos, agentes de imigração brasileiros – como Quintino Bocaiúva e Joaquim de Almeida Portugal –, ingleses – como Thomas Alsop em Warwickshire, Edward Haynes em Oxfordshire e William Ebenezer Yeats em Gloucestershire –, e até mesmo um padre, George Montgomery.<sup>127</sup>

Pároco da Igreja de St. Mary, em Wednesbury, e preocupado em salvar a fé de seu rebanho, Montgomery tornou-se um grande proponente da emigração para o Brasil, país onde, a religião oficial sendo o catolicismo, poderia reunir uma grande comunidade composta de emigrantes no que viria a ser uma Nova Irlanda.

Não há como pensar o movimento emigratório para as Américas sem ter em mente a conflituosa atmosfera europeia ao longo do século XIX, conforme mostra Maria Stella Bresciani em sua obra

---

<sup>126</sup> HOBSBAWM, Eric. **A era do capital, ....**, 1979, p.213.

<sup>127</sup> MARSHALL, Oliver. **English, Irish and ....**, pp.52-53.

sobre o espetáculo da pobreza em Londres e Paris, particularmente no que tange ao temor que, a partir das *jornadas revolucionárias* francesas, os governantes e as elites passaram a ter de quaisquer sinais de irrupção das forças subterrâneas da sociedade, fazendo com que as atenções se voltassem para os bairros operários como forma de prevenir a imprevisibilidade da movimentação do povo, precisar a dimensão da ameaça e estarem aptos a exorcizar o perigo de convulsão que rondava a sociedade.<sup>128</sup>

Coincidentemente, esse panorama geral harmonizava-se perfeitamente com as necessidades dos Estados Unidos, Argentina e Brasil que, por motivos variados, iniciaram um grande movimento de atração de imigrantes para suas terras. Apesar do quadro de revoltas, temores e incertezas de natureza política e social, a Europa ainda assim representava modelo para tudo. Atribuía-se ao imigrante europeu a capacidade de *civilizar* o Brasil, com seus supostos conhecimentos, suas técnicas, seus hábitos morais, reunidos na imagem idealizada que se tinha de serem moderados e trabalhadores.

A cor também representou um elemento decisivo para a opção. Era importante que fossem brancos, uma vez que parte de sua função seria, através da miscigenação, eliminar os chamados *traços etiópicos* da população brasileira, expressão muito utilizada na segunda metade do século dezenove para referir-se à parcela negra da sociedade. Essa opção foi defendida em longos debates em vários momentos da política imperial, e podiam ser acompanhados pela imprensa, inclusive jornais ainda acessíveis nos acervos nacionais,

---

<sup>128</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no Século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

como o *Jornal do Commercio*. Outra fonte igualmente importante para conhecer as maneiras de pensar dos homens do período, as argumentações em favor dos europeus e a rejeição de chineses e africanos são os Anais dos Congressos Agrícolas do Rio de Janeiro e de Recife no ano de 1878.<sup>129</sup>

Mas, por que as pessoas emigravam? Sobretudo por razões econômicas, quer dizer, porque eram pobres e, embora os pobres tendessem a emigrar mais que os ricos, ainda não é consensual a ideia de que as pessoas emigravam para escapar às más condições em casa ou para procurar melhores no exterior. Apesar de todas as razões que pudessem ser apresentadas para explicar o fenômeno, era preciso alguma forma de força cataclísmica para levar as pessoas a enfrentar o totalmente desconhecido e a ideia de jogar fora o antigo era ainda estranha e assustadora para a maioria. No entanto, tornou-se uma opção normal e um indivíduo sempre tinha um parente, vizinho ou conhecido estabelecido em alguma parte do Novo Mundo.

E pessoas da classe média? Que razões as teriam levado a emigrar sem fazer parte da categoria de expatriados, ou seja, aqueles grandes negociantes, comerciantes, médicos, diplomatas ou engenheiros que a Inglaterra, por exemplo, espalhou por todos os recantos do planeta providos de recursos para bem viver e bem representar a nação? Esses, bem estabelecidos, formaram comunidades fechadas e usufruíram de um padrão de vida muito diferente daquele experimentado nas colônias agrícolas.

---

<sup>129</sup> CONGRESSO AGRÍCOLA, 1878. **Anais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CONGRESSO AGRÍCOLA DO RECIFE, 1878. **Trabalhos**. Recife: CEPA/PE, 1978.

Pobres ou não, “ninguém migra a longa distância sem que exista um impulso, muito subjetivo, da esfera da esperança, chamado por uns de ilusão imigratória”, conforme destaca Sidinalva Wawzyniak. Se por um lado migrar representa a esperança de obter melhores posições sociais, realizar projetos de vida, também representa uma aventura que requer a disposição para o encontro com o ‘outro’, para a construção de novas relações sociais e mudança de comportamento.<sup>130</sup>

Podemos acrescentar, entre as motivações para viajar para destinos desconhecidos, o espírito de aventura, bem como um incipiente hábito de fazer turismo para conhecer outros universos, bastante estimulado e envolvendo até mesmo artistas famosos, que pintavam paisagens chamadas *pinturescas*, isto é, que poderiam ser visitadas, fazendo, de certa forma, o papel de cartões postais ou *posters* de turismo.<sup>131</sup> Entre os ingleses que vieram para o Paraná, um grupo deles, composto de seis jovens, fez o trajeto Brasil-Inglaterra várias vezes. Eram aventureiros e empreendedores, e investiram em diversas iniciativas em Curitiba e arredores.<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> WAWZYNIAK, S. M. S. **História de Estrangeiros**: Passos e Traços de Imigrantes Japoneses (1908-1970). Tese de Doutorado. Curitiba: UFPR, 2004.

<sup>131</sup> GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Op. cit.

<sup>132</sup> MACEDO, Rafael Greca de; NASCIMENTO, Maí; ANDRADE, Vera Lucia Gregorio de. **O Parque Inglês**: subsídios para a história do bairro Bacacheri. BOLETIM DA CASA ROMÁRIO MARTINS, v. 6, nº 41. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1979.



# 3

## A COLÔNIA ASSUNGUY

Para dar início a este capítulo, nos inspiramos em um manuscrito de memória pessoal datado supostamente de 1950. Seu autor é Albert Tigar, um estrangeiro nascido no Brasil<sup>133</sup> por volta de 1874, que, na sua velhice, ao escrever suas memórias, pouco antes de morrer, morava no Canadá. Esse manuscrito foi cedido por sua neta a meu marido através de contatos intermediados pelos descendentes de Caroline Tamplin, residentes em Curitiba. Embora essa documentação já tenha sido lida e referenciada pelo pesquisador Oliver Marshall,<sup>134</sup> esta é a primeira vez que é tomada como objeto de análise e fonte para a história.

Tomamos as memórias produzidas pelo Sr. Albert Tigar, neto de Caroline, como um documento significativo, ainda que ambíguo, para rever alguns aspectos da vida na colônia, entendendo sua escrita como resultado de construções e reconstruções das quais participam o indivíduo, o grupo e suas representações, postas a partir de diferentes perspectivas. As memórias que ele cultivou sobre o cotidiano no Assunguy são pautadas, por um lado, pela memória afetiva orientada pelo olhar ingênuo de uma criança estrangeira, para quem tudo era uma aventura, havia fartura, as sociabilidades eram amenas e seus familiares ocupavam uma posição hierarquicamente superior aos brasileiros, para os quais ele lança um olhar afetuoso, condescendente; por outro lado, pela memória construída e reconstruída, adicionada de outras memórias, no interior de um

---

<sup>133</sup> Consideramos estrangeiro o autor das memórias, Albert Tigar, uma vez que, embora nascido no Brasil, viveu seus primeiros seis anos de vida no isolamento da Colônia Assunguy, predominantemente entre familiares e amigos britânicos, após o que mudou-se com a família para a Inglaterra e, de lá, para o Canadá. Quando escreve as memórias, ele o faz de uma topografia claramente estrangeira.

<sup>134</sup> MARSHALL, Oliver. ..., pp.294, 296 e 297.

grupo social específico, ao longo da vida de um indivíduo que amadurece, mas continua estrangeiro. É, ao mesmo tempo, uma memória individual e social, a reconstrução do passado a partir da representação de um grupo cujas noções refletem uma significação social e uma visão de mundo. Os conceitos, juízos, valores e preconceitos, adquiridos em sua trajetória e convivências, desde a infância até a vida adulta, dotam o relato de uma perspectiva próxima daquela de um colonizador.

Há um pouco de amargura no balanço que faz de muitas décadas, ainda que ao finalizá-lo ele adote uma disposição conciliadora com relação a seu pai, responsável pelas decisões e destinos da família. No Canadá desde os 6 ou 7 anos de idade, a vida que teve foi a de pioneiro, e enfrentou, além do clima gelado, muitas dificuldades e muitas mudanças, o que era desgastante. Assim que pode, deixou a família para estabelecer-se independentemente, mas, contraditório, continuou lá. Talvez tivesse vontade de voltar ao Brasil, no que teria sido impedido pelas circunstâncias, pela vida que, muitas vezes, decide pelo indivíduo. O homem faz a sua história, mas a faz de acordo com as condições que encontra. Mas isto são conjecturas postas aqui na tentativa de penetrar no universo deste personagem para melhor entendê-lo no contexto das grandes migrações e também extrair da sua narrativa algumas considerações sobre o nosso objeto e os personagens com ele envolvidos.

### 3.1. A vida no Assunguy: uma memória reconstruída

Na elaboração deste livro, várias questões de ordem teórico-metodológicas, emanadas das memórias, me intrigaram. Uma delas diz respeito à memória masculina. Não fosse a premência para concluir o trabalho em prazos factíveis, eu me aprofundaria nesta questão. Mesmo levando em conta o fato de Albert escrever na velhice, é de se supor que ele recorreu a anotações para escrever sua *memória autobiográfica*. Assim, sem nenhuma discussão de gênero, que seria pertinente, tomamos esta como valiosa fonte auxiliar, senão por outras razões, pelo fato de Albert Tigar ser neto de Caroline Tamplin, e ter nascido na colônia Assunguy de pais *ingleses*.

Lembrando que ele escreveu quando já era um senhor de idade mais avançada e após ter vivido muitas experiências marcantes, sua narrativa compõe-se de fragmentos de memória, recontada, revisitada, compartilhada, reconstruída coletivamente, mesmo embora transmita a ideia de linearidade e coerência quando, pelo contrário, o que evidencia é o fato de uma trajetória individual ter um percurso que se altera ao longo do tempo, o período de uma vida podendo ser “decomposto” com ritmos diversos. Aliás, seria a própria fragmentação do indivíduo moderno que o conduziria a desejar, por meio da ‘escrita de si’, construir para si mesmo uma identidade dotada de continuidade e estabilidade através do tempo.

São documentos gerados dentro de uma sociedade moderna que reconhece o valor de todo indivíduo, o qual, por saber ler, escrever e fotografar, conquistou a legitimidade para o desejo de registrar

sua memória de homem anônimo, de indivíduo comum. Seus registros são tratados pelo chamado individualismo metodológico nas ciências sociais e pelas orientações presentes no que se tornou conhecido como uma nova história política e cultural, como uma estratégia eficaz de aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar; como indícios da(s) cultura(s) de uma época e de certa configuração das relações sociais.

Escritos na privacidade, o *Diário* de Caroline e as *Memórias* de Albert tratam de vida pública e vida privada. O primeiro, no recolhimento, na intimidade, lança no papel uma seleção dos fatos do dia, as alegrias e as tristezas, o trabalho e as sociabilidades. Aparentemente sem a intenção de desabaços íntimos, até mesmo fugindo deles, exige a leitura atenta para captarmos nas entrelinhas, no não dito o significado da palavra escrita. O segundo, narrativa escrita na velhice, procura reconstruir, a partir da própria lembrança e de outras fontes, situações consideradas significativas da trajetória e das experiências de vida do autor e de sua família, como acontece com frequência em memórias de velhos; nele, é recriado um passado, em grande parte idealizado.<sup>135</sup> Num e noutro caso, o autor é o editor da própria vida.

Nas memórias, o autor atesta claramente o seu objetivo de deixar um relato da sua experiência para ser lido; no diário, embora isto não esteja posto pela autora, ela parece compreender a singularidade da sua condição, bem como parece estar lançando dados para

---

<sup>135</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

fazer um balanço de sua vida e deixar uma forma de representação, uma identidade de si.

Escritas por um indivíduo, merece destaque o caráter coletivo, social, familiar das memórias. Por ser parte de um grupo, serão as memórias desse grupo que o autor evocará. A importância do grupo familiar como referência para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas.<sup>136</sup> Mas, transmitir uma história, sobretudo a história familiar, seria transmitir uma mensagem, referida, ao mesmo tempo, à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória da sociedade mais ampla, expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar.<sup>137</sup>

Preocupada com a representação da família, a visão retrospectiva depende da posição atual da mesma e é feita relembando a trajetória familiar bem como estabelecendo, na lembrança, o espaço familiar, nas suas relações internas e externas. As memórias servem também como forma de transmissão de determinados bens simbólicos que representam, aos olhos do autor, uma situação social e ao mesmo tempo uma ordem moral. A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar da passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares.

---

<sup>136</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

<sup>137</sup> LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Memória e Família. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, 1989, pp.29-42.

Memórias possuem muitas vezes um caráter épico e, em tratando de memórias familiares, como no caso do Sr. Albert, observa-se ora a narrativa romanceada de memórias pertencentes à sua infância, o que enfatiza o caráter coletivo da mesma, ora a narrativa de uma saga de heroicos desbravadores, pioneiros, os pais peregrinos da nação canadense (onde ele e sua família finalmente se estabeleceram). Ele destaca não apenas o papel de sua família, mas também o seu papel, o seu sofrimento, as suas dúvidas e angústias. Para cada pessoa, a memória se refere ao Eu, e também ao olhar que ela lança sobre si mesma. Sem memória, uma pessoa não se reconhece; deixa de existir. Ela não pode ser separada das crenças, do pensamento e das atitudes interiorizadas do indivíduo, que fazem parte da sua identidade e que, ao prolongar-se no tempo, pela narração, também correspondem à ideia de cultura e de tradição; que se tornam tanto mais importante quanto mais o indivíduo estiver distanciado da sociedade onde sua identidade foi forjada.

A historiografia moderna, sobretudo a partir da década de 1980, passou a valorizar os estudos voltados para as grandes migrações do século XIX. Não mais priorizando os registros paroquiais tão caros à demografia histórica, mas buscando a inovação de variadas fontes.

Neste sentido destacam-se as memórias e cartas de imigrantes já publicadas. Vai se constituindo vagarosamente um acervo de fontes, formado de relatos, memórias e cartas, revelando o impacto das grandes migrações na vida de sociedades, cidades, vilarejos, aldeias, e também no imaginário, na sensibilidade, nos sentimentos dos indivíduos. Fala-se do medo da mudança e do desconhecido, das ansiedades de quem vai e de quem fica, da espera de notícias, das

incertezas, do estranhamento ao entrar em contato com outros, da mesma cultura e de outras culturas; do relacionamento com outras línguas, outras tradições, outras práticas religiosas, outras maneiras de se vestir e de se comportar. Enfim, torna-se possível revelar o cotidiano dos novos contatos, e os estranhamentos passam a ser dotados de sentimentos.<sup>138</sup>

Tendo essas memórias sido tomadas como fonte para a escrita da história, o que se segue é a narrativa de uma experiência que, ainda que baseada na construção e reconstrução de muitos, assenta-se sobre um pano de fundo ou contexto histórico cuja experiência migratória colocou face a face milhões de indivíduos e culturas. Trata-se enfim de uma experiência que nos permite ver intercaladas as dimensões macro e micro da história de um dado período, o século XIX, daí o seu valor. A seguir, contrapomos a dura realidade da vida na colônia às memórias, ainda inéditas, reconstruídas ao longo de uma vida, pelo Sr. Albert Burton Tigar, e escritas na sua velhice, problematizando-as.

Este neto de Caroline Tamplin, cujos pais também foram colonos no Assunguy, nasceu em 1874, naquela colônia. Em 1880, quando ele contava seis anos de idade, seus pais decidiram reemigrar e, após breve passagem pela Inglaterra, foram para o Canadá, onde chegaram em 1881. Lá ele ficou até sua morte na década de 1950. É esta trajetória que ele, na velhice, “rememora/recria”.

---

<sup>138</sup> CARTAS dos Emigrantes do Brasil. Apresentação Ruy C. Wachowicz. **ANAIS da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. Curitiba: Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná. Ano 1977, v. VIII.; BINZER, Ina von. **Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.



Tomamos como pressuposto que, ainda que a narrativa do Sr. Albert tenha sido articulada por ele, suas memórias representam uma seleção de suas próprias lembranças, pano de fundo sobre as quais se assentaram outras, que circularam entre os membros de sua família, a partir de certa representação de si, acrescidas dos dados coletados de outros grupos mais amplos com os quais conviveram, bem como da história escrita. Ou seja, a totalidade resultante, ainda que não a totalidade dos fatos, é fruto de um trabalho e de um processo social.<sup>139</sup>

Suas lembranças são pautadas tanto por um tempo real, individual, quanto por um tempo social, coletivo, mas também cíclico, o tempo implacável das estações, das chuvas, enchentes, frio, neve, seca. Tempo vivido no espaço de três continentes diferentes: o da exuberância primitiva da mata brasileira, que ele narra de forma superlativa; da beleza planejada das confortáveis mansões inglesas, a qual ele tem acesso de forma indireta, e o da hostilidade gelada do solo e do clima canadenses.

Cada sociedade recorta o espaço a seu modo. Ao reconstruir suas lembranças, não há como fazê-lo senão com relação com um lugar, isto é, uma parte do espaço, aparentemente estável, no interior dos quais elas foram encerradas e podem ser localizadas, em “velhos lugares, inseparáveis dos eventos nele ocorridos”.<sup>140</sup>

Entre o labor e o sonho, cada tempo e cada espaço de sua experiência de vida portam um diferente teor afetivo. Sua infância, por exemplo, é lembrada, pode-se dizer, como o tempo da felicidade,

---

<sup>139</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** ..., pp.25-27.

<sup>140</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** ..., p.365.

*mítico, heterogêneo, mágico*. Não que ele assim o tenha denominado claramente, mas são agradáveis as emoções que perpassam seu relato, diferentemente da vida árdua no Canadá quando ele já tinha idade para passar de audiência para partícipe, sofrer com os demais membros de sua família as angústias, ansiedades, incertezas e repartir com os adultos a lida diária.

É possível levar em consideração as lembranças de uma criança sobre sua primeira infância, principalmente quando tantas outras fontes utilizadas pela história constataram que a vida na Colônia do Assunguy não era nada amena como a apresenta o Sr. Albert?

Se optamos pela sua utilização é porque concordamos com Halbwachs, para quem as lembranças da primeira infância são, na verdade, eventos ocorridos no seio da família e ali preservados, recontados inúmeras vezes.<sup>141</sup> A história da família é fascinante para a criança. Há episódios que gostamos de repetir, e reconstituí-los é transmitir a moral do grupo, gravar uma atitude símbolo.

Se é verdade que a primeira testemunha à qual podemos sempre apelar somos nós próprios, também é verdade que, nesta prática, nunca estamos sós, mesmo que tenhamos sido aparentemente o único partícipe de uma cena que nos lembramos. Não só o fato terá sido preservado pelo seu contínuo evocar, como também, ao tentar revivê-lo, sendo sempre presente o tempo da rememoração, o fazemos informados de dados, impressões, interpretações adquiridos

---

<sup>141</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** ..., pp.38-42.

posteriormente e dos comentários suscitados por aqueles com os quais compartilhamos o ato de lembrar.<sup>142</sup>

Mas o Sr. Albert sabe disso, e revela já nas páginas iniciais que lhe contaram que ele nasceu às 8 horas da manhã na Colônia do Assunguy, Província do Paraná, interior do Brasil. Trazido ao mundo pelas mãos de um doutor belga<sup>143</sup> e sua esposa, grandes amigos da família, ele teria chegado aos berros, como se para escapar das tradicionais palmadas. Teriam ainda lhe contado que ele era tão franzino, um embaraço, e por isso o deixavam num quartinho dos fundos para que as visitas não o vissem.<sup>144</sup>

Ele constrói sua narrativa intercalando, ora com humor, ora com tristeza, um pouco do que lembra, com um pouco do que lhe contaram com outro tanto de história.<sup>145</sup> Sobre o substrato individual,

---

<sup>142</sup> “Temos frequentemente repetido: a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 1990, pp.71-72).

<sup>143</sup> O imigrante belga que ele cita, de fato morou na Colônia do Assunguy, mas nos registros existentes no Arquivo Público do Paraná apenas consta sua atuação temporária como responsável pela farmácia da colônia. Não é conhecida sua formação profissional e não se sabe se ele possuía qualquer qualificação que lhe garantisse o título de doutor.

<sup>144</sup> “... *at that precise moment I was ushered into the world and the “usherer” was a certain, countly, kindly old Belgium Doctor, by the name of Renadine, and he and Madame, his lady wife were some of our best friends.... My mother told me afterwards, I was such a miserable scrawny little wretch and though she did not use those words, I have supplied them myself. ...*” [naquele exato momento eu fui trazido ao mundo por obra de um aristocrático e gentil velho médico belga, chamado Renadine, e ele e Madame sua esposa estavam entre os nossos melhores amigos... Minha mãe contou-me depois que eu era uma coisinha magricela e embora ela não tenha usado estas palavras, eu mesmo as supri...] *The Tigar Memoir*, p.1.

<sup>145</sup> Na página 4 de suas Memórias ele diz que o Brasil, à época em que seu pai aqui chegou, era governado por um imperador, da casa dos Bragança de Portugal, com o título de Pedro Segundo – um monarca de larga visão e grandemente instrumental na libertação dos escravos. Diz ainda que o Governo Brasileiro da época estava oferecendo grandes oportunidades a pessoas de origem europeia, principalmente britânicos, para se estabelecerem no Brasil e que muitos ingleses aproveitaram essa oportunidade para adquirir terra barata e tornarem-se fazendeiros.

a construção de suas memórias é um processo social, do qual participa um grupo mais amplo, responsável, então, pela sua preservação. Memórias individuais e memórias coletivas, aqui tomadas como referencial de fonte para a escrita da história, elas estão inscritas, além do espaço privado da casa, da aldeia, da pequena comunidade, num espaço geográfico de três continentes: da Colônia do Assunguy, hoje Cerro Azul, para a Inglaterra e finalmente Canadá.

Por que o Sr. Albert escreve suas memórias? Dactilografadas por sua neta na década de 1950, Arlene McLaren, professora de Sociologia da Simon Fraser University do Canadá, elas totalizam 121 páginas, as quais supomos copiadas de um manuscrito (escrito em inglês e ainda não traduzido para o português), o que implica um imenso trabalho, disciplina e determinação, para ler, para transcrever e mesmo para ser tomada como fonte. Neste caso, fez-se necessário a discussão teórica sobre memória enquanto fonte para a história, com o intuito de dirimir dúvidas de ordem teórico-metodológicas.

Segundo o Sr. Albert, ele não teve intenção de escrever uma biografia de sua família, mas uma “exposição fiel das vidas de uma família pioneira nas pradarias canadenses” para onde foram no ano de 1881. Ele explica ainda que tentou, o quanto pôde, demonstrar o mais claramente possível, ano a ano, as várias estações, e as espécies produzidas para mostrar às futuras gerações as provações e sofrimentos pelos quais tiveram que passar os colonos fazendeiros naqueles anos de escassez, quando as colheitas eram um verdadeiro fracasso

por causa das secas, granizo ou geadas, bem como pelas perdas causadas por animais roedores nos distritos recém-estabelecidos.<sup>146</sup>

Na reconstrução de suas memórias, ele revela um cuidado minucioso com determinados detalhes, do preparo da terra à construção das moradias. Segundo sua neta, tamanho interesse deu-se em função de ele ter sido carpinteiro. Também deve ter-se valido de outros referentes além de livros de história, talvez de jornais e outros guardados até então não sistematizados nos seus arquivos pessoais: fotografias, cartas, anotações – artefatos da memória pondo em destaque ora um ora outro acontecimento ou personagem –, dados tomados no presente para a reconstrução de um tempo por demais longínquo no passado.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> “*This is not intended to be a biography of my family and myself, but a faithful exposition of the lives of a pioneer family on the Canadian prairies, and as we came to Manitoba in 1881 I think we can well claim to be pioneers ... I have tried as nearly as possible to outline year by year, the various seasons, and the crops grown to show future generations the trials and hardships settlers had to put up with in some those lean years when crops were an entire failure by drought, hail or frost not to mention the loss by gophers in newly settled districts.*” [isto não foi escrito com a intenção de ser uma biografia da minha família ou de mim mesmo, mas uma leal exposição das vidas de uma família pioneira nas pradarias canadenses, e como nós chegamos em Manitoba em 1881 eu acho que podemos nos considerar pioneiros... Eu tentei o quanto pude delinear ano a ano, as várias estações, e as colheitas para mostrar às futuras gerações os problemas pelos quais tiveram que passar os que foram lá se estabelecer quando as colheitas falhavam por causa da seca, granizo ou geada, sem mencionar a perda nos novos distritos].

<sup>147</sup> Conforme Halbwachs (1990, p.72), “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. ... Podemos então chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos e racionalização. ... a parte do social ou, se o quisermos, do histórico em nossa memória de nosso passado, é muito maior do que pensávamos porque temos, desde a infância, muitos meios de encontrar e precisar muitas lembranças que, sem estes, as teríamos, em sua totalidade ou em parte, esquecido rapidamente”.

Relembrar é uma ação dinâmica: aquele que lembra está sempre no presente quando olha para o passado; mas esse presente, estando em constante mutação, nutre o memorialista da utensilagem que o cerca, amadurecendo-o, incorporando nele novos elementos para interpretação dos acontecimentos, os quais, recontados, serão sempre feitos à luz dessas influências as quais quem lembra não tem como evitar.

Não sendo, como o desejaria o senso comum, possível lembrar um fato *exatamente como ele aconteceu*, uma vez que, entre os partícipes, presentes materialmente ou não, cada um o perceberá de um ângulo, diz-se que “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha”,<sup>148</sup> ou que “cada memória é um ponto de vista sobre a memória coletiva”.<sup>149</sup>

Nesse sentido, as lembranças do Sr. Albert e de sua família sobre o Assunguy – considerando inclusive o fato de eles terem permanecido lá apenas seis anos para então irem viver em condições ainda mais precárias –, devem divergir das lembranças de outros indivíduos ou famílias que ali viveram. Quem lembra e quem conta o faz a partir de uma dada topografia; influirá no testemunho o lugar que ocupa o indivíduo e o grupo, lugar que muda segundo as relações que mantêm com outros meios. No caso do Sr. Albert, pode-se dizer que os seus faziam parte da elite da Colônia do Assunguy.

Desejamos, com isso, iniciar a apresentação das memórias do Sr. Albert sobre a Colônia do Assunguy, seguidas dos registros sobre a mesma, preservados nos acervos públicos e utilizados na

---

<sup>148</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: ..., p.2.

<sup>149</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** ..., p.51.

escrita da história. Como pano de fundo, descrevemos sua passagem pela Inglaterra, sua memória da terra natal e finalmente seu estabelecimento, a sua vida de rapaz e adulto no Canadá. Destacamos a importância desse relato para a história, tendo em vista que representa uma trajetória possível para milhões de migrantes do século XIX e, quem sabe, de período posterior. Tomaremos ainda estas memórias, para, à luz de estudos já consagrados, refletir sobre a memória individual e coletiva e sua apropriação pela ciência da história, bem como o papel dos velhos como depositários da memória.

Do que se lembra o Sr. Albert? Lembra-se que, apesar de nascido franzino, ele sobreviveu, e logo passou a engatinhar para todos os cantos, encontrando, assim, sua primeira aventura nos trópicos, e que poderia ter sido fatal para sua vida: sua mãe trabalhava num cômodo ao lado da cozinha quando, ao virar-se, deparou com uma enorme cobra venenosa, que Albert acredita ter sido uma *jara-cea*<sup>150</sup> preparando-se para dar o bote nele. A mãe, em vez de gritar, conta Albert, *como teriam feito outras mulheres*, correu para o lado de fora e chamou o marido que, munido de um facão, partiu-a, a cobra, em dois, como lhe teriam ensinado os brasileiros.

A respeito do incidente, o Sr. Albert conta que era muito comum que, quando se aproximava o inverno e os fins de tarde ficavam mais frios, se as portas fossem deixadas abertas, a luz interior atraía as cobras, que se escondiam atrás de portas, armários ou caixas para atacar os descuidados, e que era comum as famílias terem amônia e conhaque em casa para o caso de mordidas, ou levar estes conteúdos em frascos quando em viagem. Se mordidos, despejavam

---

<sup>150</sup> Imaginamos que ele quis dizer jararaca.

amônia sobre o local e bebiam todo o conhaque possível para absorver o veneno. Ele conta, ainda, que os brasileiros tinham uma superstição de que se alguém fosse mordido por cobra, sobreviveria se matasse o animal. Por conta disto, muita gente morria ao perder tempo procurando a cobra em vez de medicar-se. A presença delas no Assunguy não era incomum e existem registros oficiais de mortes de colonos europeus, adultos e crianças, resultantes de seus ataques. No dia 31 de março de 1869, por exemplo, uma dessas vítimas foi Elisa Burton, de 12 anos de idade, filha do colono inglês Frederick Burton.<sup>151</sup>

Nessa primeira parte das Memórias, ele explica a origem de seu pai. Diz que fora marinheiro, tendo sido esta sua única habilidade e a que o trouxe para a América do Sul e depois para o Brasil. Ele era tenente reformado da Marinha Real Britânica, mas antes tinha atuado como marinheiro de navios mercantes. Nessa categoria, recebia contratos para trabalhos além-mar. O Chile comprou dois navios de guerra do Governo Britânico com a condição de que estes fossem trazidos por oficiais e tripulação britânicos, os quais deveriam ainda operá-los como parte da marinha chilena. Tal exigência teria provocado protestos por parte de outros países da América Latina, resultando na dispensa dos marinheiros britânicos, e deixando-lhes as opções de voltar para a Inglaterra ou seguir seus próprios destinos. O pai do Sr. Albert e um grupo de amigos decidiram cruzar os Andes e vir para o Brasil.

---

<sup>151</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondência do Governo. Livro de Registro da Colônia do Assunguy. Arquivo Público, **Códices**, Anexo IV, 07/08/0380.



Quanto ao seu avô, marido da nossa personagem principal, Caroline, teria sido clínico praticante no St. John Ward, nos arredores de Londres e, ao ouvir sobre a campanha migratória para o Brasil, ficou tomado pelo desejo de viajar e decidiu vender tudo o que possuía, emigrar para o Brasil e juntar-se à colônia como médico.<sup>152</sup> Assim sendo, a família, composta do casal e quatro filhos,<sup>153</sup> entre os quais sua mãe, partiram da Inglaterra, acompanhados ainda de uma pessoa descrita por ele como muito importante, considerada como da família e que mostrou-se muito amiga e fiel durante toda sua vida: Miss Norman, que teria sido governanta das meninas e que decidiu acompanhá-los.

Munidos de um fogão americano e um harmônio<sup>154</sup> – transportados em lombo de mula ao longo de perigosas montanhas – o que só foi possível, segundo seu relato, devido à habilidade dos mulateiros brasileiros, graças aos quais acidentes raramente aconteciam –, a família chegou à colônia, ficando inicialmente instalada numa tenda para posteriormente escolherem um terreno e construir sua casa. Ele explica que era fundamental ficar perto de um rio ou riacho

---

<sup>152</sup> De fato, por um determinado período, ele atuou na colônia como tal, e aparece descrito como médico na relação de documentos preservados no Arquivo Público do Paraná sobre a Colônia do Assunguy. No entanto, foi dispensado da função sob a alegação de funcionários do governo imperial de que não havia provas sobre sua qualificação, os quais, inclusive, retiveram o pagamento de muitas gratificações que lhe seriam devidas. O desgaste provocado por tal desgosto teria levado ao enfraquecimento de sua saúde e à sua morte em 1874.

<sup>153</sup> Esta informação não é precisa, conforme verificaremos mais tarde, mas isto não é relevante no contexto.

<sup>154</sup> E de ampla bagagem! Segundo relatórios e correspondências trocadas entre o diretor da colônia e autoridades coloniais à época da chegada dos seus avós, eles trouxeram 18 baús e um piano, implicando em elevadas despesas de transporte. Como conseguiram fazer o piano chegar ao Assunguy permanece um mistério, uma vez que a estrada para a atual Cerro Azul só foi concluída no ano de 2006-7.

a fim de garantir suprimento de água para o ano todo. Selecionaram uma área numa colina perto do Rio Turvo que, embora costumasse transbordar provocando grandes enchentes nos períodos de chuva, não os afetou.

Em seguida, veio a construção da casa, o plantio de um pomar e horta, o estabelecer-se. Construir uma casa não era tarefa fácil. Naqueles dias, não havendo serraria, todo o trabalho tinha que ser feito à mão, mas, sendo a mão de obra barata, seu avô teria contratado brasileiros – hábeis no uso do machado. As casas eram construídas de lascas de palmeira sobre base de madeira e presas com pregos ou um tipo de prendedores, etapas que ele descreve com apaixonado detalhe.<sup>155</sup>

No caso da construção da casa do seu avô, um diferencial, que teria chamado a atenção e gerado comentários na colônia: ele exigiu que fossem construídos cômodos separados, à maneira como estava acostumado na Inglaterra, diferentemente dos brasileiros, cuja maioria não se importava, segundo Albert, em morar numa casa com apenas um grande cômodo. O resultado final teria sido uma casa tão grande a ponto de parecer uma verdadeira mansão, pelos parâmetros locais. Esta “lembrança” é muito característica das reconstruções do passado, pautadas pela intenção autobiográfica individual e familiar preocupada em delimitar pertencimentos sociais, culturais e econômicos, ou seja, o possível exagero sobre as dimensões e arquitetura da casa, tanto fazem parte da recriação afetiva da criança preservada dentro do sujeito agora velho, quanto devem ter sido alimentadas pelo círculo familiar e de amigos a fim de deixar clara a alteridade.

---

<sup>155</sup> *The Tigar Memoir*, p.6.

Em seguida, mais uma vez brasileiros teriam sido contratados para fazer a limpeza do terreno para acomodar cavalos ou mulas, único meio de transporte existente, bem como a formação de uma área para horta e pomar. Ao redor da área limpa, muito bosque, que supria de aves para o consumo de carne até que tivessem suas próprias galinhas e porcos.

Eventualmente chega o pai, que passa a frequentar a casa do avô e fazer a corte à filha mais velha deste, com a qual acaba por casar-se. Seleciona, então, uma área ao longo do rio Jaquá, tributário do rio Turvo, a pouca distância da casa de seu avô, onde construiu uma moradia nos mesmos parâmetros que o sogro, embora não tão grandiosa.

Como de costume entre europeus, logo fizeram uma horta e pomar, inclusive com sementes enviadas da Inglaterra as quais, segundo ele, cresceram muito bem por causa do clima úmido e quente. Para proteger a área da invasão de bichos vindos da mata ao redor, seu pai plantou uma cerca viva de pés de abacaxi, cujas folhas espinhentas e cortantes dificultariam qualquer penetração.

A plantação de uvas e laranjas supria a família de frutas frescas e doces; limão para sucos nos dias quentes, milho para sustentar galinhas e porcos e farinha para o pão e bolos; grama e pasto para o gado. Tudo isto demorou cerca de dois anos, mas a família e a propriedade passaram a ser autossuficientes, como conta o Sr. Albert.<sup>156</sup> Passaram e continuaram, porque mais tarde ele conta que, de certa forma, a vida que levavam não era desagradável, embora indolente e monótona. Tudo era barato e suas necessidades poucas além

---

<sup>156</sup> Ibid, p.7.

do que produziam, frutas e vegetais cresciam abundantemente e a natureza era farta e generosa. “Nós não tínhamos ciclones, pragas de gafanhotos nem, que eu me lembre, chuva de granizo, terremotos ou marés altas, e, portanto, tínhamos muito pelo que ser gratos”, conclui.<sup>157</sup>

Mas se era assim, perguntamos, por que seu pai resolveu re-emigrar para o Canadá? Ele era marinheiro e em lugar nenhum consta que tivesse tido experiência no campo. No Brasil, ele como outros colonos com dinheiro puderam contratar brasileiros para executar todos os serviços que eles não sabiam ou não queriam fazer. Talvez sua decisão de partir tenha sido inspirada mesmo pelo espírito aventureiro, nato ou adquirido, de quem se torna marinheiro e passa anos de sua vida a vagar de porto em porto; talvez fizesse parte do espírito do tempo navegar em busca das oportunidades que eram oferecidas noutros continentes mais jovens e ainda por serem desbravados e desenvolvidos; talvez tenham sido outras as razões, como deveremos descobrir, se a memória individual ou historiográfica não revela, resta a interrogação.

Voltando ao Assunguy, o relato está repleto de descrições sobre como as coisas eram feitas e por quem, como a construção de assoalhos de barro ou argila, sobre o qual, depois de seco, eram espalhados tapetes e peles para tornar a aparência “mais civilizada”.

Ele comenta que “tudo no Brasil naquela época, especialmente no interior, era quase tão primitivo quanto nos dias de Moisés”, como, por exemplo, o uso do monjolo para transformar milho em farinha, o uso de fornos de barro construídos do lado de fora das

---

<sup>157</sup> Ibid, p.25.

casas para assar o pão e do cará para fazer fermento. Mas, justifica, *necessidade é a mãe das invenções [necessity is the mother of invention]*.<sup>158</sup>

Observa-se certo teor hierárquico, embora suave, permeando a narrativa sobre as relações de sua família e amigos com os brasileiros: o trabalho é masculino, a sociabilidade é entre iguais, tudo o mais é pautado pela condição europeia civilizada *versus* brasileira primitiva. Mas, não sendo tão suas quanto coletivas as lembranças que ele tem da primeira infância, tampouco seriam apenas suas as noções hierárquicas que transparecem no relato.

Quando descreve a fauna e flora local e os métodos empregados pelos brasileiros, contratados por seu pai, para limpar os terrenos, fazer o plantio e depois a colheita, surpreende a fatura narrada, em contradição com outros relatos feitos por imigrantes insatisfeitos ao cônsul britânico em 1874, que contam da carência de alimentos, da impossibilidade de comer o que havia disponível e de como dezenas de pessoas teriam morrido de fome, principalmente crianças.<sup>159</sup> Decerto há exagero tanto num extremo quanto noutro – quem narra introduz nos fatos os acréscimos que julga necessários para mais impressionar leitores e ouvintes.

Depois de um terreno ser preparado pelo método da queimada, grãos de milho e de abóbora eram espalhados e cresciam rapidamente. Após estes serem colhidos e transportados por mulas, portando cestos em suas laterais, o terreno era preparado novamente

---

<sup>158</sup> Ibid, pp.7-9.

<sup>159</sup> RELATÓRIO sobre a Colônia Assunguy, apresentado a ambas as casas do Parlamento por Ordem de Sua Majestade. Londres, 1875. Apresentação de Magnus Roberto de Mello Pereira. **Monumenta**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

para o plantio de tabaco, feijão, banana, amendoim e cana-de-açúcar, cuja produção resultava açúcar suficiente para consumo da família e para vender, além de fornecer o suco. Também contavam com grande variedade de batatas, e mate para o chá.

Além da quantidade e variedade de frutas, havia as frutas nativas e frutas silvestres que podiam ser colhidas em volta da colônia, palmito e muitos tipos de banana, utilizada à época para fazer bolos, doces e farinha, além de servir de comida para os animais, alguns do mato, como pássaros e macacos.

Animais selvagens rondavam os lares. Alguns eram consumidos depois de assados, como o tatu, o porco-do-mato e mesmo alguns tipos de macacos – contaram-lhe que o sabor do rabo de certos macacos rivalizava com o do rabo de boi, mas que ele não se lembra de ter experimentado tal iguaria.<sup>160</sup> Outros espalhavam medo, como o jaguar, que entrava nos terrenos em busca das galinhas, o *possum* (chamado de raposa ou gambá na Curitiba atual), a puma, o *cougar* – também chamado de leão da montanha ou leão-de-carajá. Este último, o terror dos moradores e animais domésticos, matava com facilidade vacas e burros, e por três noites visitou a propriedade de seu avô (a quem ele se refere como D. Tamplin), o qual teve que contratar caçadores brasileiros, que com seus cães bravios acabaram por conseguir afastar o animal para longe.

Finaliza descrevendo os pássaros: papagaios, periquitos, de plumagens vermelha, verde, azul, e o tucano; além de suas cores e formas, encanta-se com os sons que alguns produzem, como o ferreiro, que “faz um barulho como um ferreiro batendo na bigorna” e um

---

<sup>160</sup> *The Tigar Memoir*, p.12.

outro ainda chamado de maracanã, “porque seu canto parece repetir esta palavra”.<sup>161</sup> Seguem-se a essas, as descrições de natureza social: nascimentos, batismos, relações de parentesco e de amizades, mas num círculo restrito, que incluía, além de toda sua família, apenas os notáveis: os alemães von der Osten e os franceses Pinot de Moira, ambos nobres com títulos, os primeiros de Barão e os segundos de Conde.<sup>162</sup> Entre os ingleses, a família Mason, com cujo filho uma das tias do Sr. Albert, filha mais nova de Caroline Tamplin, acabou por casar-se na idade adulta.

A propriedade de seus pais no Assunguy chamava-se *Riversdale*, e ele foi apelidado de “a praga de *Riversdale*” por ter sido uma criança muito ativa. Aos quatro anos de idade a família já tinha um acréscimo de mais dois irmãos, também trazidos ao mundo pelas mãos do velho “doc” Renardine, como ele o chama<sup>163</sup> – trabalho extra para sua mãe, com três meninos abaixo de quatro anos de idade. Ele sabia cuidar-se, diz, mas sua mãe pôde contar sempre com a ajuda de uma vizinha brasileira casada com um inglês, Mr. e Mrs. Hubie, bem como com seus irmãos.

As relações de vizinhança são descritas como surpreendentemente harmônicas para um local onde havia tanta diferença de origem, línguas, valores e tradições, mas onde, segundo as memórias reconstruídas por Albert, havia um verdadeiro espírito democrático, valendo o axioma de um por todos e todos por um.<sup>164</sup> Segundo ele,

---

<sup>161</sup> Ibid, p.14.

<sup>162</sup> Existem árvores genealógicas para comprovar essa assertiva por parte das famílias: a dos von der Osten, cópia em nosso poder; a dos Pinot de Moira, em poder de um descendente morador em Curitiba.

<sup>163</sup> *The Tigar Memoir*, p.16.

<sup>164</sup> *The Tigar Memoir*, p.18.

mais tarde formaram-se panelinhas, pelo casamento entre famílias e seu isolamento e/ou pelo sucesso de uns que passaram a darem-se ares de superioridade. No entanto, no período que descreve, haveria um espírito de harmonia prevalecendo por toda a colônia.

Teria contribuído para essa tranquilidade o fato de que, diz ele, felizmente, para as pessoas de origem europeia, a mão de obra era barata e os brasileiros bons trabalhadores, que entendiam profundamente suas tarefas e, assim, os colonos podiam ter um bom começo, ter suas casas construídas e seus terrenos limpados, uma vez que naquele clima tropical, pessoas brancas não conseguem fazer o trabalho que os nativos conseguem.<sup>165</sup>

Conforme Halbwachs, quem lembra o faz a partir de um quadro social que delimita as impressões deixadas e as interpretações posteriores. É assim que, para o Sr. Albert, a harmonia na colônia estava assentada em que cada um ocupava o *seu lugar* no arranjo das coisas.

Seus avós, por seu lado, também tiveram o acréscimo de mais três filhos após chegarem ao Assunguy: sua tia Alberta, três anos mais velha que ele e mais duas crianças, uma das quais teria morrido logo após o parto.<sup>166</sup> Para aliviar o fardo de tantos filhos, os dois rapazes mais velhos, Max e Cowper, arranjaram empregos fora da Colônia. Maxwell acabou morrendo alguns anos mais tarde em consequência de uma febre contraída durante suas explorações pela mata, e seu tio Cowper, após casar-se com uma das filhas do Barão

---

<sup>165</sup> Ibidem.

<sup>166</sup> Destacamos que estes dados são imprecisos. As evidências indicam que, se Caroline Tamplin teve mais três filhos após chegar ao Brasil, apenas uma sobreviveu – Alberta.



von der Osten, mudou-se para Curitiba. Aos 40 anos, quando agente da estrada de ferro no município da Lapa, foi atropelado e morto por uma peça de motor de trem que invadiu o seu jardim.<sup>167</sup>

Instalada a família, seu pai também arranhou emprego junto ao governo, segundo Albert, como empreiteiro na construção de estradas, no que teria sido ajudado pelo seu treinamento naval e conhecimento de geometria. Mas, cansado da dureza do trabalho e dos longos períodos fora de casa, e, como tinham tudo o que precisavam, o pai decidiu apenas cuidar de manter sua propriedade, animais e família. A vida era pacata e, segundo ele, era sempre verão, tudo podendo ser feito quando quisessem, não eram premidos pelo tempo a estar sempre se preparando para o inverno, como no Canadá. Os brasileiros levantavam-se ao clarear e, depois de uma pequena refeição com café ou chá e farinha, trabalhavam até às oito horas da manhã. O resto do dia era dedicado à *siesta*, e no fim da tarde trabalhavam mais um pouco, porque no Brasil escurece muito rapidamente, diferentemente do Canadá onde no verão há claridade até às dez horas da noite.<sup>168</sup> Com a escuridão, vinham os vaga-lumes, centenas deles, brilhando como diamantes, que as moças caçavam para enfeitar seus vestidos de noite em dias de festa.

À sombra das palmeiras brincavam as crianças: “a maior parte do tempo, vivíamos uma existência sem sobressaltos, e naquele país de abundância, o tempo de semear e de colher nunca cessa.”<sup>169</sup>

---

<sup>167</sup> Observamos que a fotografia de Cowper não é compatível com a aparência de um homem de 40 anos, e indica que ele era, provavelmente, mais velho.

<sup>168</sup> *The Tigar Memoir*, p.25.

<sup>169</sup> *Ibid*, p.31.

Tinham tudo, menos sal, e naquela terra de verão perpétuo podiam dedicar-se ao que ele chama de *dolce far niente*.<sup>170</sup>

Mas, uma sequência de acontecimentos dramáticos levou à partida da família. Não foi por escolha ou capricho que saíram do Assunguy; muito pelo contrário, deixaram o Brasil de coração partido. Segundo Albert, o pai gostava muito de caçar e mantinha cães para isso. Um dia ouviu-os na mata latindo muito e pelos sons, deduziu tratar-se de um animal grande; de fato, era um veado. O pai pegou a espingarda e o chapéu e saiu em perseguição. Mas seu chapéu ficou preso num galho e ele não voltou para apanhá-lo continuando a perseguição debaixo de um sol tão quente que o levou a contrair insolação, agravando uma antiga condição febril que ele contraíra anos antes nas Índias Ocidentais.

Essa condição febril contínua levou ao rompimento de uma veia e a sangramentos pela boca. Segundo o relato, o pai foi tratado pelo “doc” Renaudin, além da infalível vizinha brasileira casada com Mr. Hubie, da Sra. Mason e da mãe. Nenhuma melhora resultando da aplicação de panos frios, o Sr. Renaudin proferiu a sentença de que o pai só sobreviveria em país de clima frio. Foi assim que, sem escolha, venderam tudo o que puderam e deixaram a colônia. Aos 37 anos e sem qualificação que lhe garantisse trabalho na Inglaterra, o pai sabia que ir para aquele país seria apenas um intervalo de passagem.

O relato da partida é carregado de emoções: a tristeza na despedida dos familiares, que nunca mais o Sr. Albert voltou a ver, intercalada com o êxtase infantil pela constante novidade de viajar

---

<sup>170</sup> Ibid, pp.32-33.

do Assunguy para Curitiba, acomodado em um cesto preso à lateral de uma mula, cruzando montanhas, ora cobertas de neblina, ora a céu aberto e sol radiante descortinando cenário de vegetação luxuriante, até chegar a ver, pela primeira vez, a milhas de distância, o mar. Não sendo a criança que escreve no momento mesmo da experiência, mas o velho que reconstrói, configura-se aí, certamente, o papel da família no trabalho de reconstrução e preservação dessa memória.

Em Curitiba, pernoitaram na casa da avó, Caroline Tamplin, que então viúva, já se estabelecera naquele capital. De lá, na manhã seguinte, tomaram a diligência para o porto de Paranaguá, onde sobreviveram a uma noite abafada no quarto apertado de uma hospedaria, até, finalmente, na manhã seguinte, embarcarem para o Rio de Janeiro. A partir de então o pai, no seu elemento, o mar, já começava a sentir-se melhor.

No Rio de Janeiro, ficaram hospedados em casa de um amigo do pai, adido da Embaixada Britânica, localizada na parte alta da cidade e que, portanto, recebia a brisa refrescante do mar. Um alívio, porque a cidade baixa estava assolada pela febre amarela<sup>171</sup> e, por pouco, não ficaram detidos em quarentena.

Após alguns dias no Rio, em virtude de uma demora causada pelas autoridades brasileiras que, conforme Albert “sempre acreditam em deixar para amanhã o que poderia ser feito hoje e para

---

<sup>171</sup> Albert refere-se à beleza do Rio de Janeiro, aterrorizada por um pântano que abrigava o mosquito transmissor de febre amarela, um terror para os nacionais e mais ainda para os estrangeiros, menos resistentes a ela. Tanto que seu tio Fritz, filho da avó Caroline T., que saiu de Curitiba para ser cadete no Colégio Militar do Rio de Janeiro, morreu vítima desta doença antes de completar 20 anos.

quem a palavra favorita era *mañana*”, partiram para a Inglaterra no vapor *Guadiana*.

Na sequência de suas *Memórias*, o Sr. Albert conta sobre sua maravilhosa passagem pela Inglaterra, seguida da vida no Canadá. A viagem para a Inglaterra durou seis semanas e correspondeu a mais uma maravilhosa aventura para Albert e seus irmãos. Havia poucas crianças a bordo e os passageiros, na maioria ingleses, eram bastante indulgentes com eles. Depois de sofrerem com enjoos, acabaram por adaptar-se às mudanças de clima e de paisagem conforme cruzavam o longo oceano. Quando pararam em Vigo, Portugal, para desembarcar uma passageira, uma visão inesquecível à sua frente: dois navios de guerra ingleses, *Hotspur* e *Baccahmante*, transportando o Duque de Clarence e seu irmão Príncipe George, mais tarde coroado Rei George V.

Após algum desconforto causado pelo tempo ruim e mar turbulento ao cruzar a Baía de Biscaia, começam a perceber o frio mais intenso, até finalmente chegar ao porto de Southhampton, no litoral sul da Inglaterra. Ficou impressa em sua memória a visão maravilhosa dessa chegada. Como era noite, não puderam desembarcar até a manhã seguinte. Não caíram de joelhos e beijaram o solo, diz ele, como fez William, o Conquistador, mas desceram a rampa com a reverência típica de quem entra pela primeira vez numa catedral.<sup>172</sup>

Após o despacho das bagagens, feito num milésimo do tempo comparado ao Brasil, logo estavam num trem, também pela primeira vez para as crianças. Antes que notassem, uma carruagem os levava a Kensington, distrito nobre de Londres, onde morava a

---

<sup>172</sup> *The Tigar Memoir* ..., p.39.

família de seu pai. Lá, presidindo a recepção, aquela a quem Albert chama de *The Grand old Lady*, elegantemente trajada em rendas e babados, como era a moda da época, acompanhada de várias irmãs de seu pai, uma delas, a viúva Mrs. Cabbet, que fora casada com um neto ou bisneto de proeminente membro do Parlamento Britânico.

Embora muito bem recebidos e bem comportados por não estarem acostumados a tal ambiente, os pais, não desejando abusar da hospitalidade, alugaram apartamento nos arredores, num conjunto de casas chamado Hillsboro Villas.

Sentiam-se felizes. O pai nascera em Yorkshire, mas, todas as férias da Marinha passaram em Londres, cidade natal de sua mãe Kathleen, onde moraram seus avós e onde seu avô praticara medicina, até engajar-se na aventura brasileira. As crianças, embora procedentes das *hinterland* paranaenses, foram adaptando-se ao frio e à neve, e aos confortos, como água saída de torneiras e inúmeros empregados uniformizados que atendiam, suponho, a casa de sua avó paterna: cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, pajens aos quais era proibido dirigirem-se às crianças pelo primeiro nome; a ele tinham que chamar *Master Albert*.

A chegada do carteiro era saudada com grande alegria. Naqueles tempos em que o correio era um dos poucos meios de comunicação, significava muito a chegada de notícias de familiares e amigos. O fluxo era regular, fato que Albert não deixa de registrar, possivelmente porque no Assunguy eram muitas as queixas de extravio de cartas e remessas de pacotes que jamais atingiam seu destino, como pode ser constatado pelos registros preservados no Arquivo Público do Paraná. Por outro lado, o diário de sua avó, Caroline,

registra muitas cartas recebidas da e enviadas para a Inglaterra enquanto sua filha esteve lá, com as notícias do nascimento, batizado, falecimento do bebê que Kathie tivera e outras; os cartões de Natal que ela mesma criava etc.

Assim que a notícia do retorno de sua mãe à Inglaterra espalhou-se, eles passaram a receber visitas e convites continuamente. Sair de casa era ingressar no país das maravilhas: ruas apinhadas de gente, carruagens dos mais variados modelos, comércio, passeios no zoológico, teatro de pantomimas, shows circenses, tudo enchia os olhos e extasiava a alma.

Outra fonte de imenso prazer, conta-nos, foi o Natal, momento tradicionalmente mágico para as crianças inglesas, com suas belas árvores enfeitadas e inúmeros presentes. Na Inglaterra, o Natal, ocorrendo no inverno, é geralmente coberto de neve e, à época em que Albert estava lá, uma terrível tempestade gelada abateu o país e fez sofrer principalmente aos pobres.

Pouco depois disso, Albert e seus irmãos foram despachados de trem para Yorkshire, para a casa de uma irmã de seu pai, Agnes, casada com Tom Buston,<sup>173</sup> descrito como um típico *English squire* (nobreza rural inglesa), que possuía uma imensa propriedade com uma mansão baronial chamada Turnham Hall, a poucas milhas de Selby, onde havia uma famosa Abadia.

Segundo Albert, conta a tradição que essa propriedade fora dada, juntamente com um baronato, por Ricardo Coração de Leão a um de seus cavaleiros que o acompanhara à Terra Santa (Terceira

---

<sup>173</sup> Pensamos que há um erro e o nome correto deve ser Burton, em virtude de registros feitos pela avó do Sr. Albert em seu diário no mesmo período.

Cruzada) – Sir Edwin de Tournham –, responsável pela construção da primeira mansão, a que chamou de Tournham Hall. Espalhada por imensa área, pela qual passava o rio Ouse, contava com vastos aposentos, jardins, estábulos, atendidos por um exército de empregados mantidos por seu tio, naturalmente um homem muito rico.

Desabitado a tanto luxo, conta que uma vez, durante um jantar, fez um comentário sobre algo que ouvira de um dos criados. Perguntado pelos tios quem lhe contara, respondeu “Aquele cavalheiro cheio de botões”. John, um jovem laçao que atendia à mesa, corou e retirou-se, após o que os presentes desataram a rir: Albert referira-se a um criado como *cavalheiro*, uma gafe terrível num ambiente que observava rigorosamente as regras de etiqueta.

A mansão, naturalmente, contava com um piano, e muitas eram as noites em que as primas reuniam amigas para cantar ao som deste, exatamente como fazia a *boa sociedade* curitibana na década de 1880.<sup>174</sup>

Sua prima Rosa estava noiva de um engenheiro civil chamado Harry Williams, com quem se casou. Mais tarde, mudaram-se para Bogotá, na Colômbia, onde ele tinha um emprego no governo construindo estradas e pontes. Ainda segundo Albert, Rosa escreveu um livro chamado *A year in the Andes – A lady's life in Bogotá*. Sua outra prima, Betty, irmã de Rosa, também se casou com um engenheiro civil, cujo tio, para quem trabalhava, era engenheiro construtor de pontes pelo governo britânico na Índia.

---

<sup>174</sup> Conforme Diário de Caroline Tamplin e notas nas colunas sociais dos jornais *Dezenove de Dezembro*, *Gazeta Paranaense* e outros.

É interessante observar que quando uma fonte privada permite-nos penetrar no microcosmo das vidas privadas, são muitos e contínuos os elementos encontrados que compõem a escrita da macro-história. Aqui fazemos referência particular ao papel dos engenheiros britânicos construtores de pontes e estradas de ferro, construindo-as pelo mundo, inclusive pelo Brasil, muitas delas ainda preservadas, no Paraná como em outros estados brasileiros. Poderíamos ainda explorar a questão relacionadas à etiqueta e outras práticas de sociabilidade discutidas por autores como Norbert Elias em seus estudos sobre o processo civilizatório, mas isto extrapolaria os objetivos deste texto.

Para concluir a respeito de seus primos de Yorkshire, diz que o mais novo, um rapaz de 16 anos, estudava e tornou-se advogado, até herdar o patrimônio do pai que, como era costume à época, só podia ficar para um membro masculino da família, que se tornava então o responsável pela sua manutenção e preservação, nada ficando para as filhas salvo uma pensão vitalícia que recebiam anualmente.

Seu pai havia deixado Albert e seu irmão aos cuidados desses tios e voltado a Londres, onde sua esposa aguardava o nascimento de uma quarta criança, que nasceu e morreu pouco tempo após vítima de uma infecção umbilical, conforme também registra com tristeza em seu diário a avó, Caroline Tamplin. Esse evento triste pôs fim às férias em Yorkshire.

Assim que a mãe recuperou-se, foram visitar em Grosvenor Square um tio, Dr. Little. Este médico, especialista em pé-torto e um dos responsáveis pela criação do Hospital Ortopédico de Londres, tinha um filho que estudava Medicina e ofereceu-se para cuidar de



Albert e de sua educação, dando-lhe também a oportunidade de tornar-se médico. Infelizmente, atesta, a decisão de seu pai de ir para o Canadá, impediu que isto acontecesse, o que o marcou sobremaneira, conforme a recorrência de comentários a este respeito em suas memórias. Foi logo após esses eventos que, munidos de muita roupa apropriada aos rigorosos invernos canadenses, partiram para aquele país. A ideia era ir para Hamilton, Ontário, onde sua avó tinha amigos para os quais escrevera cartas apresentando o filho, e de lá seguiriam para a província de Manitoba, destino então buscado por centenas de europeus, inclusive ingleses.

No dia 19 de abril de 1881, um dia antes de Albert completar 7 anos de idade, eles tomaram um trem para Liverpool e, de lá, um vapor para o Canadá. Mais uma vez, conta, caminharam pela rampa, desta vez deixando a querida terra “que aprendera a amar tanto”.

Apesar de o Canadá ser colônia britânica, havia tristeza em seus corações ao pensar que tinham que partir porque a Inglaterra não poderia garantir-lhes sustento. Conforme já dissera inúmeras vezes, repete que seu pai não tinha nenhuma profissão, nem treinamento para trabalhar em escritório, nem poderia obter trabalho mecânico porque não tinha jeito para isso.

Mas Albert confessa que não conseguia evitar pensar que, se o pai estava indo para o Canadá com a intenção de ter uma fazenda de frutas, por que ele não alugou uma fazenda na Inglaterra, uma vez que, pouco sabendo do ramo, tanto fazia um lugar quanto o outro.

Antes de concluir os capítulos sobre a Inglaterra, ele cita umas linhas da Canção do Emigrante de Charles McRays que, traduzida, seria algo como:

*Adeus Inglaterra pelo muito que te amamos,  
Secaremos nossas lágrimas que já tínhamos derramado  
antes  
Porque deveremos chorar ao navegar em busca de fortuna  
Então adeus Inglaterra, adeus para sempre.*

*Animem-se rapazes, animem-se há uma brisa constante  
Para manter-nos livres sobre o seio do oceano  
O mundo vai seguir-nos pelo caminho que ora tomamos  
A estrela do Império brilha no Oeste.*

Voltaram, então, suas costas para a Inglaterra e as faces para o oeste.<sup>175</sup> Em 1881 chegaram ao Canadá, onde o Sr. Albert passou o resto de sua vida, sem jamais voltar ao Brasil, sem jamais explorar outras possibilidades na Inglaterra.

Trata-se de uma memória solitária, intimista, quase um desabafo. Contém ressentimento velado por ter saído do Brasil, e

---

<sup>175</sup> *The Tigar Memoir*, VIII e IX, pp.39-50 (England).

depois da Inglaterra, onde poderia ter sido médico – lugares que re-teve na memória e que nunca mais visitou.

Estes sentimentos, certamente, lhe foram transmitidos por outros, dado que ao deixar o Brasil não podia ter um pensamento tão prático, tão objetivo. Estas memórias de Albert, permeadas por outras catadas aqui e ali, evidenciam informações importantes para a composição do nosso retrato de imigrantes britânicos. Supomos nestas narrativas uma similitude com quaisquer outras referentes a imigrantes que não tenham concretizado o sonho de *fazer a América*. Identificamos um quê de lamento, melancolia, pelo que poderia ter sido o grande sucesso.

### 3.2 Ingleses no Assunguy: as queixas que fizeram

Entre os anos de 1859-60 foi inaugurada no Paraná uma colônia agrícola subvencionada pelo governo imperial com o nome de Assunguy. Localizada a aproximadamente 100 quilômetros de Curitiba, capital da província, a colônia recebeu imigrantes europeus de várias nacionalidades, os britânicos, chegados a partir de 1868, constituindo, depois que brasileiros também passaram a ser admitidos, o terceiro grupo com maior número de representantes, abaixo apenas dos alemães. Em 1880, por exemplo, na estatística da colônia consta que havia: 2054 brasileiros, 288 alemães, 238 ingleses, 195 franceses, 95 italianos, 76 suíços e 11 espanhóis.<sup>176</sup>

---

<sup>176</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondência do Governo. Informações Gerais da Colônia Assunguy. AP 1880/613/ 5/133-139. No mesmo relatório, o diretor informa que “as famílias dos indivíduos solteiros que retira-

Apesar de sempre ter havido muitas reclamações provenientes de todos os colonos, nenhum grupo parece ter superado os britânicos, cuja ação revoltosa chegou a exigir a presença de força policial na colônia para a contenção dos mesmos na capital e até a intervenção diplomática. Embora evidentes as motivações para a crise e para uma ação tão determinada, ainda especula-se sobre suas possíveis motivações culturais e seu apagamento da memória oficial, apesar de alguns daqueles colonos terem permanecido no Paraná, estabelecido negócios, formado relações sociais e deixado descendentes.

Assunguy possuía terras ditas férteis, mas topografia tão acidentada e íngreme a ponto de reduzir a possibilidade de plantio a milho, feijão, batata e cana-de-açúcar,<sup>177</sup> produção esta difícil de ser comercializada na capital em virtude do péssimo estado dos caminhos e dos elevados custos do transporte, que se fazia por mulas e era monopolizado por poucos. Tais fatores, associados à precária estrutura local, à insuficiência de verbas imperiais para seu suprimento e melhoramento, e muitas tensões, levaram à sua *emancipação* em 1882, quando passou a chamar-se Cerro Azul, localidade ainda existente e que só foi beneficiada com a conclusão de uma estrada no ano de 2005, ou seja, 145 anos após a sua fundação!

A presença dos imigrantes britânicos no Paraná da segunda metade do século XIX permaneceu praticamente ignorada durante quase 150 anos, ao menos por um público mais amplo, particularmente se compararmos com a celebração oficial que o Paraná sempre

---

ram-se, residem na capital da província, trabalhando alguns na dita estrada e outros em serviços domésticos, exceto a inglesa Carolina Tamplin, que exerce o magistério particular”.

<sup>177</sup> SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida material e econômica**. Curitiba: SED, 2001. p.113.

fez da presença de imigrantes alemães, italianos e poloneses, aos quais deu ênfase, em detrimento de muitas outras nacionalidades, para estabelecer a sua diferença em relação a outras partes do país.<sup>178</sup>

Mas, se a diferença que se pretendeu marcar baseou-se na ideia de uma predominância do elemento branco de origem europeia no Paraná, ela também acabou por celebrar a presença apenas daquelas etnias que ‘deram certo’ e deixaram grande número de descendentes que, além de comporem uma parte significativa e marcante da população, preservaram muitos de seus costumes, principalmente na culinária, expandida para o consumo de toda a população, e tornando algumas áreas da capital particularmente famosas até os dias atuais por causa de seus restaurantes de comidas típicas.

Isto não aconteceu com os *ingleses* – maneira que se popularizou para abarcar todos os indivíduos de nacionalidade britânica. Embora desde os primeiros tempos de província já se possa observar a presença deles em Curitiba, seu número sempre foi mais reduzido em comparação com europeus de algumas outras procedências. Junte-se a isto o fato de que quando vieram em grandes números, entre os anos de 1865 a, aproximadamente, 1875, sua presença ter sido marcada por contínuos conflitos – divulgados pela imprensa local, nacional e internacional –, levando a que abandonassem o Paraná em direção a outros destinos, no Brasil e fora dele e que, principalmente, retornassem a seu país de origem. Apenas mais recentemente, isto é, nos últimos dez anos, parece ter surgido o interesse em analisar as causas que levaram ao insucesso da tentativa de mantê-los nas

---

<sup>178</sup> MARTINS, Wilson. **Um Brasil Diferente** (Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná). 2ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

colônias e ao apagamento da memória da presença do imigrante britânico no Brasil e, mais particularmente, no Paraná, sendo publicadas algumas pesquisas.<sup>179</sup>

Tomando os anos que vão de 1860 a 1889, Roberto Edgar Lamb procurou discutir as questões de mobilidade, vivência e identidades em colônias agrícolas que contaram com a presença de imigrantes britânicos em terras do império brasileiro. Para além de indagar se a experiência teve êxito, ele pretendeu investigar as circunstâncias que conferiram características históricas específicas à imigração de trabalhadores britânicos para o Brasil, os diferentes significados produzidos nessa história e as identificações construídas pelos colonos a partir de suas experiências de vida no Brasil.

Quanto a identidades culturais, Lamb refere-se à ideia de valores e costumes que já estariam arraigados na formação cultural daquela população imigrante, indagando em que medida e como os colonos agiram para que essa tradição cultural fosse conciliada ou contraposta à multiplicidade de experiências vividas nos espaços coloniais. O autor crê que “se pode apontar a imigração como um processo em que são, continuamente, desfeitos e reconstruídos territórios, que como espaços vividos são apropriados a partir da subjetivação pessoal”.<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> MARSHALL, Oliver. **English, Irish and Irish-American Pioneer Settlers in Nineteenth-Century...** Op. cit.; LAMB, Roberto Edgar. **Imigrantes Britânicos em terras do império brasileiro: mobilidade, vivência e identidades em colônias agrícolas (1860-1889)**. Tese de Doutorado. PUC-SP, 2003; NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. **Terras e imigrantes na colônia Assunguy, Paraná, 1854-1874**. Dissertação (Mestrado em História) - USP, São Paulo, 2007.

<sup>180</sup> LAMB, Roberto E. **Imigrantes Britânicos em terras do império brasileiro: ...**, p.19.

Com relação ao aspecto bastante apontado da mobilidade, Lamb destaca que esta caracteriza as migrações, que o deslocamento também é parte da experiência, da vivência cotidiana; que é na circulação e no movimento que se constroem muitos dos significados à experiência e que, portanto, a mobilidade traz em si a potencialidade de somar-se aos processos de recriação das identidades culturais, tanto que, curiosamente, ele observou terem sido alguns colonos de origem urbana os que teriam se adaptado ao mundo das colônias. A razão teria sido que, embora as colônias estivessem organizadas em torno de projetos de colonização agrícola, profissões artesanais e outras formas de ganhar a vida ali floresciam, como os serviços e as obras públicas.

Fontes como os documentos que fazem parte do acervo do Arquivo Público do Paraná e os periódicos locais confirmam essa constatação. São inúmeras as petições de imigrantes cobrando as autoridades por trabalhos realizados e *gratificações* não pagas, bem como pedidos de autorização para abertura de pequenos negócios na colônia, como hotel e padarias. Deve ter sido grande o número de pequenos serviços oferecidos e prestados uns aos outros, como os de marceneiros, carpinteiros, pedreiros, pintores de parede, bombeiros etc., porém sem registros que tenham se conservado.

A vida na colônia pautava-se também pela relação entre colonos e autoridades locais, ou seja, diretores e ajudantes que exerciam ali o poder de decisão para muitas das circunstâncias da vida colonial, um aspecto explorado de modo bastante interessante por Reinaldo Benedito Nishikawa. Ele aferiu que a colônia Assunguy desenvolveu-se em torno da posse de terra a partir das políticas postas em ação após a promulgação da Lei de Terras em 1850 e da

lei que suspendeu o tráfico de escravos. Diferentemente da mão de obra escrava, o imigrante europeu não teria que entrar no país com um destino predestinado, qual seja o de força de trabalho para a grande lavoura das *plantations*, a ideia sendo a fundação de colônias agrícolas próximas aos centros de consumo. No Paraná, por exemplo, eles trabalhariam em suas próprias terras e, ainda que para o abastecimento do mercado interno, tinham a possibilidade de se tornarem proprietários, caso conseguissem pagar suas dívidas. Eles tinham sete anos para isso.<sup>181</sup>

É importante lembrar, conforme destaca Nishikawa, que não era fácil a uma colônia manter seus colonos, pois nesse mesmo período algumas províncias também estavam nessa disputa, sem contar o restante do continente americano. Essas opções de que dispunha o imigrante também devem ser acrescentadas às razões de sua mobilidade. Pudemos observar a manifestação dessas opções de mobilidade de que dispunham os imigrantes de todas as nacionalidades ao longo de nossa pesquisa. Foi interessante constatar que, enquanto os *ingleses* se queixavam e abandonavam o Assunguy de maneira bastante acentuada entre os anos de 1874 e 1875, um grande número de alemães e suíços pedia para ser aceito, conforme fontes disponíveis no arquivo sobre imigração do Arquivo Público do Paraná.<sup>182</sup>

Por outro lado, ao abandonar a colônia e desistir do contrato o colono estava desistindo do lote de terra e da possibilidade de tornar-se proprietário. Quais seriam as causas das desistências? Quais

---

<sup>181</sup> NISHIKAWA, Reinaldo B. **Terras e imigrantes na colônia Assunguy** ..., pp.14-15.

<sup>182</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondência do Governo. APs 1874/2/452/140; 1874/3/453/70, 134, 156, 163; 1875/3/479/126, 156, 161, 180; 1875/3/480/13, 041-3.



interesses estariam envolvidos? Que motivos levariam os contratantes e contratados a romperem com esses contratos?

No Paraná, já desde os primeiros anos de província, havia a preocupação com a ocupação dos *vazios* existentes na terra, correspondentes a amplas áreas no interior e nas fronteiras, conforme discurso, por exemplo, de Henrique de Beaurepaire Rohan.<sup>183</sup> Acreditava-se que o clima existente na província do Paraná, sendo parecido com o europeu, facilitaria a atração de imigrantes, que o tomaria como uma espécie de continuação do clima de suas terras de origem.

Esse e outros chamarizes não teriam surtido efeito sem a ação efetiva do Estado, função atribuída aos empresários de colonização, cuja figura quase não aparece nos estudos de imigração que se habituaram a considerar a figura do imigrante como o grande ator responsável por construir o Paraná. Muitos problemas originários da imigração teriam sido amenizados pela historiografia *paranista*, que não apenas ignorou aqueles empresários, mas também os serviços que eles prestaram em prol da imigração, como a construção de estradas que, por vezes, isentava o governo de custos onerosos.

Tratando dos contratos assinados e as relações estabelecidas entre colonos e o governo provincial, é destacado que esses, embora dispusessem sobre benefícios e obrigações, representavam um meio de restringir os conflitos a limites e condições desejáveis, mas deixavam certas brechas. Contratos entre estrangeiros e brasileiros diferiam em algumas cláusulas, e, “se por um lado, os colonos nacionais

---

<sup>183</sup> PARANÁ. **Relatório apresentado a Assembleia Legislativa Provincial do Paraná no dia 1º de março de 1856 pelo vice-presidente em exercício Henrique de Beaurepaire Rohan.** Curitiba: Typ. Paranaense de Cândido Lopes, 1856.

não tinham direito aos benefícios cedidos aos estrangeiros, por outro, os lotes de terras a que tinham direito eram quase o dobro do tamanho dos lotes dos imigrantes”.<sup>184</sup>

O autor explora as relações entre a literatura e a história a partir do relato das desventuras de um colono alemão, Thomas Davatz, e do romance *Tess of D'Urbervilles*, de Thomas Hardy.

Thomas Davatz registrou sua experiência malsucedida como colono durante permanência na Colônia Ibicaba, em São Paulo, em 1850, pertencente ao Senador Vergueiro. Atraído por lindas descrições do Brasil e por relatos de sucesso que teriam alcançado alguns conterrâneos seus, ele, como muitos outros, caiu no *canto da sereia*, mas encontrou aqui clima inóspito em todos os sentidos.

Thomas Hardy conta a história de um personagem inglês que tenta a sorte no Brasil como colono. Fracassado, retorna para sua terra natal, levando a má sorte e um monte de doenças, “reduzido como uma figura a seus contornos”, podendo-se “ver o esqueleto através do homem e quase o espírito através do esqueleto”, num aspecto em que “ele se assemelhava ao Cristo morto, de Crivelli”, com “olhos fundos [que] eram uma mórbida nuance, e a luz de seus olhos era pálida”.<sup>185</sup>

Essa imagem dos imigrantes ingleses que retornavam fracassados ao seu país, embora causasse uma impressão nada condizente com as promessas douradas feitas pelos agentes de colonização, foi uma constante tanto na América do Sul como nos Estados

---

<sup>184</sup> NISHIKAWA, Reinaldo. **Terras e imigrantes na colônia Assunguy ...**, p.89-93.

<sup>185</sup> HARDY, Thomas. **Tess of D'Urbervilles**. New York: W.W. Norton, 1976, p. 218. *Apud*: PEREIRA, Magnus. ... Op. cit.

Unidos. Na verdade, as imagens desse fracasso já causavam grande desconforto em Curitiba e no Rio de Janeiro, tanto entre nacionais quanto entre a comunidade britânica que se sentia embaraçada diante do desfile de conterrâneos esfarrapados e famintos transformados em pedintes. Um ofício chegou a ser encaminhado às autoridades paranaenses, pedindo maior empenho para impedir colonos britânicos de sair de Assunguy com destino à corte.

Finalmente, apontando todos os problemas enfrentados pelos imigrantes colonos do Assunguy, pode-se concluir que as terras férteis e o clima ameno não conseguiram superar as dificuldades impostas pelos responsáveis pela vinda dos colonos ao Paraná. Se os contratos serviam como chamarizes dando ao colono a sensação de que seu destino como proprietário de terras estava praticamente selado, a ausência das condições necessárias para a prosperidade criava e perpetuava um regime de dependência entre o imigrante e o poder dos proprietários ou do governo.

Na Província do Paraná, diversos colonos se encantaram com promessas de tornarem-se proprietários de seus próprios lotes. Para isso ocorrer teriam que pagar suas dívidas e esperar vagarosamente o momento. Muitos desistiram desse intuito por um grande número de motivos. Para Wilson Martins, “o inglês coloniza, não é colonizado: questão de temperamento”, razão pela qual não seria difícil prever que não se sentiriam bem na colônia do Assunguy, onde teriam ficado uns poucos obstinados.<sup>186</sup> Ele destaca o maior conflito envolvendo os ingleses e as autoridades, ocorrido no Paraná em meados de 1873. Tão ampla foi a sua repercussão que trouxe a Curitiba, por

---

<sup>186</sup> MARTINS, Wilson. *Um Brasil Diferente* ..., pp.126-135; 165.

ordem do governo britânico, o Cônsul Lennon Hunt, para averiguar os fatos, acalmar os ânimos e reportar.<sup>187</sup>

Mas, por que os *ingleses* vieram para o Paraná? Certamente, em resposta à situação em que se encontravam em seus países de origem e, portanto, em busca de uma nova vida. A campanha de imigração, posta em prática pelo governo imperial brasileiro e desenvolvida na Inglaterra, utilizou vários meios como, por exemplo, folhetos nos seguintes termos:

*EMIGREM! EMIGREM!*

*Importante para trabalhadores agrícolas e suas famílias*

*A passagem de trem para o porto de embarque e o dinheiro da passagem serão adiantados imediatamente a famílias convenientes, desejosas de emigrar para a Colônia Inglesa de Cananea,<sup>188</sup> América do Sul, o pagamento do dinheiro a ser feito ao final de sete anos.*

*Cada membro da família receberá 2l. na chegada, 2s. por dia, juntamente com o uso de ferramentas, sementes, e todo o necessário até que se faça a primeira colheita.*

*Todos os trabalhadores úteis e desejosos acharão esta uma oportunidade de ouro, pois os números serão limitados e toda facilidade lhes será dada para ajuda-los.*

---

<sup>187</sup> RELATÓRIO sobre a colônia Assunguy, ..., 1998.

<sup>188</sup> Embora este folheto refira-se à colônia de Cananea, os termos eram os mesmos para Assunguy, no Paraná e Príncipe Dom Pedro, em Santa Catarina.

*Inscrevam-se imediatamente com Sr. W. E. Yeats*

*Secretário distrital da União Nacional dos Trabalhadores  
Agrícolas*

*Oxford Street, Gloucester.*

E, para confirmar, também foi publicada uma:

*Notícia emitida pelo cônsul-geral brasileiro em Liverpool.*

*EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL.*

*O cônsul-geral do Império do Brasil em Liverpool está autorizado por seu governo a promover a emigração para as Colônias do Estado enumeradas abaixo, o custo da passagem sendo adiantado a bons emigrantes agricultores que desejarem fixar sua residência em qualquer uma das ditas Colônias, onde eles receberão todos os favores e vantagens prescritos pela lei Colonial, que é transcrita abaixo.*<sup>189</sup>

As colônias relacionadas são Blumenau e Príncipe D. Pedro II, em Santa Catarina; Assunguy, no Paraná; Cananea, em São Paulo; Rio Novo Sra. Leopoldina, Espírito Santo, e Mucury, em Minas Gerais. O folheto continha as descrições dos locais selecionados, que não poderiam ser mais paradisíacas. Assunguy, por exemplo, é descrita como uma área que possuía diamantes, minas de ouro e de chumbo, pastagens naturais para a criação de gado, cavalos, mulas e

---

<sup>189</sup> RELATÓRIO sobre a colônia Assunguy, apresentado... Ibidem.

ovelhas. Lá, continua, poderia ser cultivado trigo, erva-mate em grande abundância, aveia, cevada, cânhamo, linho, batatas, uvas e quase todas as frutas de climas temperados, além de algodão, tabaco, cana de açúcar, café e todos os grãos de climas tropicais. Para completar, acrescenta que a localidade compreendia territórios imensos, com um solo de maravilhosa fertilidade, possuindo, além de bom clima, numerosos e convenientes portos, grandes rios navegáveis, grande riqueza mineral, oferecendo ainda a mais abundante riqueza dos reinos animal, vegetal e mineral. Sua única carência, concluía, era de população, para tornar todas aquelas vantagens adequadamente disponíveis, visto possuir o país, à época, apenas um vigésimo do número de pessoas que poderia conter.

O folheto de propaganda divulga, então, os termos do *Regulamento para as Colônias do Estado* feito no Decreto, datado de 19 de janeiro de 1867, assinado por Manoel Pinto de Souza D’Antas e portando a rubrica do Imperador. Dele constam quatro capítulos, regulando: a fundação das colônias, a distribuição de terras, as condições de propriedade; a administração; a recepção e estabelecimento do colono, e disposições gerais.

Pode-se dizer desde já que o regulamento não foi cumprido, conforme demonstram fontes preservadas no Arquivo Público do Paraná, como, por exemplo, um livro que registra e/ou copia a correspondência e os relatórios que a direção da colônia produziu durante o período de 1866-1872.<sup>190</sup> Há também os depoimentos registrados no Relatório que o Cônsul Lennon Hunt submeteu ao governo de

---

<sup>190</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondências do Governo. Livro de Registros da Colônia Assunguy. **Códices**, Anexo IV, 07/08/0380, 1866-1872, fls.40-41.

Sua Majestade Britânica em 1875, ou os despachos do governo e o noticiário comum publicados no periódico *Dezenove de Dezembro*.

O descumprimento do regulamento afetou a vida dos imigrantes desde seus primeiros momentos na colônia. Um exemplo é o caso do Artigo 6, segundo o qual os colonos, quando de sua chegada, estariam livres para escolher o lote que eles preferissem. Contrariando esta determinação, houve uma tendência de concentrar os ingleses no Turvo, muito distante e isolado do núcleo central, embora grupos menores tivessem sido espalhados por outras áreas da região. A justificativa do diretor, Dr. Julio Luiz Parigot para tal medida baseia-se em razões práticas. Ele acreditava que os colocando todos juntos naquela direção estaria economizando ao evitar ter que fazer três, quatro ou mais caminhos quando, então, um só seria suficiente. Como ele pede autorização de seus superiores para assim proceder, eles devem ter compartilhado de sua opinião, pelo que os resultados indicam.

Outro artigo do decreto determinava que os lotes rurais seriam entregues aos compradores, com as medidas e limites das respectivas frentes e fundos, e com um corte de 10 a 20 braças de comprimento, em cada uma das divisões laterais, indicados por três marcos de terra; nos mesmos lotes haveria um acre de 1.000 braças de espaço limpo da madeira e uma casa temporária de dimensões adequadas a uma família. Aparentemente isto nunca aconteceu. Havia muita reclamação contra o engenheiro Chalreo Junior, encarregado de marcar os terrenos e, pior que isto, muitas vezes um colono recebia um terreno, desmatava, plantava, construía nele, para então descobrir que estava fazendo tudo isto em terreno alheio, conforme depoimentos de Henry Mason, Henry Robins e Albert Tamplin, entre muitos outros.

Segundo registros, não só os ingleses jamais encontraram terrenos prontos como também não havia nenhuma casa erigida sobre os mesmos. Todos reclamaram que passaram semanas e até meses instalados num barracão mal construído, sujeitos às intempéries do clima, desconforto este compartilhado com outras dezenas de estranhos. Particularmente são citados William Mansell, James Shannon, Thomas Miller e William Gordon. Esta acomodação estava prevista no capítulo III do regulamento como uma construção especial onde os colonos recém-chegados poderiam ser recebidos até que obtivessem seus lotes.

O descumprimento dos artigos que tratam da recepção e estabelecimento dos colonos reúne as razões principais da revolta. Estava previsto que no dia em que tomassem posse de seu lote os colonos receberiam as sementes mais necessárias para as primeiras plantações destinadas a seu sustento, bem como os implementos agrícolas que eles pudessem necessitar, o preço deles, bem como aquele da limpeza da floresta, da casa temporária, e de qualquer outro adiantamento, sendo acrescentado ao preço dos lotes. As sementes, quando chegavam, costumavam estar estragadas e impróprias para o plantio, e muitos são os relatórios de diretores da colônia reclamando da falta de verba para comprar as ferramentas necessárias.

Um dos problemas mais graves era o não pagamento por serviços executados pelos colonos. Os Artigos 32 e 33 do regulamento regiam que se houvessem trabalhos a serem feitos na colônia os colonos que desejassem podiam ser empregados neles durante os primeiros seis meses, e que o diretor deveria distribuir o trabalho de tal maneira que todo adulto em cada família pudesse receber ao menos quinze dias de salário por mês, ou noventa dias em meio ano. Os



colonos reclamaram que, ou não obtiveram trabalho pelo prazo previsto, e quando trabalhavam não recebiam seus salários ou, quando recebiam os valores estavam incorretos, reduzidos. Muitos colonos relataram que caminharam várias vezes, por dias, até a capital da província, na tentativa de resolver este tipo de problemas. Foram humilhados, espezinhados, mandados de volta, levados ao desespero.

Os trabalhos a serem dados consistiriam da preparação da estrada, da limpeza das frentes e a construção de casas temporárias. Mas, além desses, eles também foram empregados na construção de pontes, provisórias como tudo o mais; na função de enfermeiros, agrimensores e até de médico. Este último caso refere-se ao colono Albert Tamplin que, depois de ter sido supostamente empregado nessa função, teve sua competência questionada pelas autoridades e sua reivindicação de pagamento indeferida,<sup>191</sup> o que teria lhe causado enormes desgostos, afetado sua saúde e o levado à morte, deixando viúva e filhos.

O descumprimento permanente das promessas feitas aos colonos levava-os a queixarem-se às autoridades locais, nacionais e, principalmente, aos seus órgãos diplomáticos. A revolta de 1873, com manifestações públicas e motins supostamente armados, chegou a preocupar sobremaneira a direção da colônia e as autoridades da capital, levando-os a utilizar força policial para conter os revoltosos.

---

<sup>191</sup> PARANÁ. Departamento de Arquivo Público (DEAP). Correspondências do Governo. AP1873/10/408/98 Gratificação ao colono Carlos Alberto Tamplin, servindo como médico na Colônia Assunguy; AP 1874//20/448/157 Carlos Alberto Tamplin, colono do Assunguy, não tem documento que comprove pagamento que requer; AP 605, pp.310-16.

A repercussão acabou por trazer a Curitiba, em setembro de 1874 o cônsul britânico Lennon Hunt, o qual após tomar depoimentos dos colonos, submeteu relatório a ambas as casas do parlamento britânico, Londres, no ano de 1875.

Segundo levantamento que o cônsul fez, havia no Assunguy um total de 293 imigrantes britânicos, sendo: 102 homens e suas esposas, 3 viúvos, 15 homens e mulheres solteiros e 173 crianças, instalados, majoritariamente no Turvo (31 famílias), mas também na Estrada de Curitiba (17 famílias), no Ribeira (1 família), no núcleo central da colônia (2 famílias e duas mulheres solteiras empregadas como domésticas em casas particulares) e no Jaguatericu (16 famílias).

Nos depoimentos, os ingleses contaram que tiveram que esperar de quatro a doze meses até serem colocados em suas terras, e enquanto esperavam ficaram hospedados em um abrigo de chão de terra, com acomodações piores do que as dos porcos na Inglaterra, onde aproximadamente 45 pessoas, casadas e solteiras, rapazes e moças, viram-se amontoados em pequeno espaço com a chuva entrando pelo telhado. As provisões fornecidas, farinha e feijões, estavam tão mofadas e estragadas que foram forçados a vendê-las pelo que puderam encontrar, pois não podiam comê-las, a carne de porco sendo tão fedorenta que se desfazia. Várias crianças morreram de fome, impossibilitadas de comer a comida.

Todos os depoentes queixaram-se de terem trabalhado e não terem recebido, senão após muitas reivindicações e quase sempre o valor incompleto. Muitos jamais receberam o que lhes era devido por alguns dos serviços. Thomas Gould aguardava o pagamento de 110 mil réis desde fevereiro daquele ano, ou seja, havia sete meses. Já tinha ido a Votuverava, a uma distância de quase quarenta milhas, e em vários outros lugares, bem como peticionado ao Presidente da Província, sem efeito. Ele conta ainda que em 1873 havia trabalhado para o governo na balsa e tinha direito a 180 mil réis. Depois de repetidos requerimentos para o Diretor da Colônia, foi forçado a ir a Curitiba, onde conseguiu o dinheiro, mas após atraso de um mês e ao custo de 50 mil réis.

Na ocasião da visita do cônsul à colônia, em 1874, os colonos queixaram-se de que não havia escola para seus filhos, nem igreja para seus cultos. Também não havia assistência médica adequada ou suficiente, nem medicamentos, o que, aliado às grandes distâncias por onde os colonos foram dispersos e à falta de alimentação apropriada ou que eles pudessem comer, contribuíram para o desespero, desânimo, doenças e mortes. Outros problemas foram provocados pela falta de caminhos ou estradas transitáveis e de pontes resistentes às chuvas torrenciais que constantemente atingiam a região, isolando os colonos e levando muitos à morte por afogamento. Muitos colonos declararam que conseguiram, de fato, produzir excedentes ou até volumes significativos de algumas culturas, mas ficaram totalmente impossibilitados de levá-las a qualquer mercado, mais próximo ou mais distante, por falta de caminhos. Isto só podia solapar, como o fez, o desenvolvimento da colônia e dos colonos.

Diversas queixas atingiam a administração da colônia, particularmente alguns diretores e engenheiros, entre eles o diretor Franklin do Rego Rangel, o médico Dr. Laurentino de Azambuja e o engenheiro André Braz Chalreo, além de outros órgãos da administração imperial. Mas, o que o já referido livro de Códices registra através da troca de correspondências entre a administração da colônia e os diversos órgãos aos quais estava subordinada revela, entre outras coisas, é a luta diária de muitos diretores para obter as verbas necessárias ao andamento ideal da colônia.

Em novembro de 1868 o Dr. Parigot, ao acusar o recebimento de ofício da Tesouraria sobre as contas da colônia, queixa-se de mal-entendidos na interpretação de valores e de que, cada vez que a administração da colônia precisava de dinheiro ele próprio ou um dos empregados eram obrigados a ir à capital e lá demorar-se à espera que as repartições se resolvessem a despachá-los, como havia acontecido em meados daquele ano. A colônia tinha ficado sem dinheiro desde junho, por isso ele mesmo, acompanhado de um camarada, foi à Curitiba. Lá chegando, recebeu ordem para ir a Morretes examinar os trabalhos de uns americanos. De lá, voltou a Curitiba, para então, por volta de meados de setembro, poder voltar à colônia. Agora, a Tesouraria estava querendo que ele pagasse todos os custos da viagem. Indignado, ele desabafa:

*Se V. Exca. não se dignar aceitar estas despesas, venho pedir o favor de serem elas apresentadas ao Exmo. Sr. Ministro com a observação que faço aqui os serviços de Diretor, Médico, Intérprete e Tradutor em quatro línguas e que não posso ser ainda encarregado de ser correio da Fazenda Pública, à minha custa.*<sup>192</sup>

Ainda com relação a esta mesma falta de verbas ele revela estar surpreso com o fato de que, sendo conhecida a fama dos ingleses para logo encaminharem queixa ao Ministério Inglês, ter a colônia sido deixada sem os recursos para receber corretamente os 68 imigrantes recém-chegados. A ele, tal descuido pareceu inexplicável em administração, sem falar que, na ocasião, apenas a figura da diretoria ficou fragilizada, visto terem os mesmos colonos sido regiamente tratados em Curitiba e, na colônia, não receberem nem ferramentas, nem panelas, nada.

Este diretor ficou na colônia por um período de um ano, de agosto de 1868 a agosto de 1869, quando foi sumariamente transferido para a colônia de Cananéia, litoral de São Paulo, composta majoritariamente de ingleses. Foi transferido, muito possivelmente, conforme pode ser deduzido pelas fontes já citadas, pelo seu envolvimento quase emocional com os interesses dos colonos, ou seja, pela sua insistência em ver os pedidos que eles faziam, seus direitos e suas inúmeras reivindicações atendidas. Além disso, em 16

---

<sup>192</sup> PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Correspondências do Governo. Livro de Registros da Colônia Assunguy. **Códice**, Anexo IV, 03/08/0380:1866-1872, fls.42-46.

de janeiro de 1869, ele escreveu um amplo relatório expondo suas críticas a respeito de um decreto que atravancava o bom andamento da colônia e propondo mudanças. Tudo isto deve ter, certamente, incomodado os demais órgãos da administração imperial relacionados ao processo de colonização.

A leitura da documentação relacionada à Colônia do Assunguy deve ser feita com cuidado, procurando-se entender seus objetivos enquanto discurso, a consciência que tinham seus emissores da necessidade de ao menos parecer estar fazendo a coisa certa e o desejo de mostrar a melhor representação possível de si mesmos. Diante do exposto, ainda que representando uma pequena fração selecionada da totalidade dos problemas e das fontes, permanece a pergunta: por que não teria dado certo a permanência dos colonos ingleses no Paraná quando imigrantes de outras nacionalidades sofreram as mesmas agruras mas continuaram aqui? Eram os súditos de sua Majestade, a Rainha Vitória, maus colonos? Indagações estas discutidas por Magnus Pereira em sua apresentação do relatório supracitado.

Ele destaca como alguns tentaram responsabilizar a administração da colônia, outros a desorganização da política brasileira de imigração cujos projetos eram excelentes em teoria, mas na prática falharam por não receber os recursos necessários. Agentes diplomáticos ingleses e alguns representantes da imprensa inglesa procuraram atribuir a inadapção dos imigrantes aos países de acolhimento. Figuras conhecidas, como Thomas Bigg-Wither, e mesmo alguns colonos acreditavam que o problema teria sido o tipo de indivíduos que vieram para cá, não agricultores familiarizados com os métodos

aperfeiçoados de agricultura, mas gente rude da cidade, como se podia deduzir tanto pela fala quanto pela aparência.<sup>193</sup>

Por outro lado, lembra Magnus Pereira, o imigrante inglês do período era um privilegiado porque, diferentemente do que ocorria na maior parte da Europa, tratava-se de uma imigração assistida. Interessados em resolver o problema do proletário inglês e dos pobres, considerados um perigo para a sociedade, a solução era exportar o problema. Para conseguir isto, contribuíam sindicatos e paróquias, como já mencionamos anteriormente.

Ao traçar o panorama da colônia Assunguy, pode-se concluir pela clara contradição entre o discurso da colonização planejada e assistida e as condições concretas de subsistência, tão precária, dos imigrantes. Quando a propaganda feita na Inglaterra falava da fertilidade das terras, não faltava com a verdade. Porém, nada informava sobre a localização das colônias onde os imigrantes seriam fixados, nem sobre a ausência de estradas e a topografia desfavorável a certas culturas. A longa espera para o acesso às glebas de terras também é destaque nos relatos dos *ingleses*. A distribuição de provisões era demorada e, não raro, estas chegavam aos consumidores mofadas, apodrecidas, enfim, impróprias para consumo ou para plantar quando semente.

Diante das alternativas de permanecer na colônia, abandoná-la para tornarem-se proletários urbanos em outras partes da América do Sul ou voltar para casa, eles geralmente optavam pela última

---

<sup>193</sup> MARSHALL, Oliver. Op. cit., p.166-7; BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil meridional**: a Província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos. 1872/1875. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974, pp.330-338.

via. Apesar de o sistema inglês tratar (mal) os seus pobres, eles teriam preferido voltar a transformarem-se em trabalhadores de fazenda submetidos a um regime próximo à escravidão. “Voltaram, portanto, os ingleses, porque estavam presos a um padrão cultural específico. Não conseguiram dar uma volta atrás na sua condição de proletários ou miseráveis do Império que ditava as cartas ao mundo”.<sup>194</sup>

---

<sup>194</sup> PEREIRA, Magnus R. M. Tess não veio a Curitiba; ou das dificuldades de adaptação dos imigrantes ingleses às colônias agrícolas do Paraná no século XIX. In: **Monumenta**, Curitiba: vol. I; n° 1, 1998.



# 4

## **CAROLINE NO DIÁRIO E NOS PERIÓDICOS: O PÚBLICO E O PRIVADO**

Curitiba, na segunda metade do século XIX, conhece certo “frenesi” de crescimento. Mesmo o processo de independência da província a partir de 1853 parece ter contribuído para isto.

O município de Curitiba estendia-se por uma área muito grande e mal definida até 1853, quando a 5ª Comarca se tornou a Província Independente do Paraná. Até então só tinha de cidade o nome, contando apenas 5.819 habitantes. Em 1863, apenas dez anos após a independência, possuía 282 casas, das quais dez eram sobrados. Havia mais 101 casas em construção. A Rua das Flores era a mais importante e tinha mais prédios, totalizando 40, sem contar outros 18 em construção. Ali ficavam as repartições da Polícia e das Terras.<sup>195</sup>

Se em 1865 era uma cidadezinha de pequeno comércio, com casas baixas e ruas tortas, no ano de 1872, quando esteve em Curitiba, o engenheiro inglês Thomas Bigg-Wither registrou que a cidade podia ter 9.500 habitantes, dos quais 1500 eram imigrantes, especialmente alemães e franceses. Segundo ele,

*As ruas seguiam as mesmas disposições peculiares às das cidades estrangeiras. No centro havia grande praça, com 200 jardas talvez de um lado, achando-se a igreja num dos cantos. Mesmo para esta cidade (capital de uma província cuja extensão é maior que a da Inglaterra inteira), a arquitetura desse edifício era muito fraca. Somente em*

---

<sup>195</sup> TRINDADE, Judite Maria Barboza . **Metamorfose**: de Criança para Menor – Curitiba – início do século XX. Tese (Doutorado em História) - UFPR, Curitiba, 1998. p.99.

*tamanho ele era superior aos prédios da circunvizinhança. O presidente da província também morava ali. Sua casa, chamada, por cortesia, de palácio, tinha três pavimentos, cômodos, mas de aparência simples. Estava localizada na rua principal e cercada de lojas, dirigidas aparentemente por homens resolutos, que não se limitavam a uma ou mesmo duas espécies de mercadorias, adotando um sistema de negociar inteiramente cosmopolita, para atender da mesma maneira gentil o freguês que viesse comprar um rolo de fumo, como o que quisesse uma jarda de morim. Todas as lojas pareciam ser de propriedade de brasileiros ou portugueses, enquanto a grande maioria das lojas menores estava nas mãos de alemães.*<sup>196</sup>

Quanto à aparência, não deve ter mudado muito desde 1865 porque, ao sair para caçar num lago perto do centro de Curitiba, olhando a partir de um local que lhe fornecia uma vista panorâmica da cidade, ele observou que:

*Tivemos boas oportunidades, nesta pequena excursão, de observar aspectos gerais da região. Vimos assim que a cidade ficava numa planície aberta, embora à pequena distância do lado norte, começassem os pinheirais entremeados de pastagens. Para o lado sul, tudo era uma planície aberta de se perder de vista e tanto o lado do ocidente como*

---

<sup>196</sup> BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil meridional, ....**, 1974, p.49.

*o do oriente eram de extensas pastagens, entrecortadas embora de moitas e matas. A falta de altas agulhas de torres ou de edifícios altos ou mesmo das usuais chaminés dá a Curitiba, vista de longe, aspecto muito diferente do de uma cidade inglesa. Quase que se podia classificá-la de aglomerado de tendas e cabanas, formando o campo de um exército na expectativa de receber ordens de partir para outra localidade. O costume, quase universal, de pintar as casas de branco fortalece essa semelhança.*<sup>197</sup>

Já no final do século Curitiba apresentava outro panorama:

*no quadro urbano 449 casas comerciais; 15 engenhos de beneficiar erva-mate; 12 fábricas de barrica; 1 de desfilar fumo; 1 de phosphoros, 1 de colla, 1 de fotos, 1 de gelo, 1 de serralheiro; 14 de selleiro; 46 de sapateiro; 4 de tanoeiros; 1 de ourives; 16 de ferreiro; 4 engenhos de serra; 24 olarias nos arredores; 20 fornos de cal virgem em Tamandaré, a duas léguas de Curitiba.*<sup>198</sup>

Embora, para Curitiba, não se apliquem propriamente os problemas da economia escravista em extensão, não podemos esquecer que este é o seu contexto, e a nova estrutura de mercado de

---

<sup>197</sup> Ibid., p.51.

<sup>198</sup> VANNUCHI, Maria Ivone Bergamini. **A indústria de papel no Paraná: 1890-1970.** Dissertação (Mestrado em História) - UFPR, Curitiba, 1977, pp.34.

trabalho livre foi aqui também centrada nos fluxos imigratórios provenientes do exterior europeu.

O urbano causa um estranhamento, levando as pessoas a se precaverem, vendo o perigo onde ele nem sempre existe. O crescimento populacional, o afluxo de pessoas muito diferentes, na aparência, na cultura e nas formas de viver, representados pelos imigrantes, povoam a realidade e o imaginário das pessoas, que se põem em constante alerta.<sup>199</sup>

O crescimento populacional mundial significativo nas últimas décadas do século XIX trouxe problemas também para a estrutura provinciana da Capital e exigiu medidas urgentes por parte das autoridades. Em 1875, o então presidente da Província elaborou um projeto que estimulou a formação de núcleos populacionais em torno da cidade de Curitiba. Também o presidente de Província Alfredo D'Escragnole Taunay, já em 1885, se preocupava com as condições precárias do núcleo urbano e, num ensaio de remodelação da urbe, deu grande destaque à inauguração do Passeio Público. Aquele local representava um foco infeccioso, provocado pela estagnação das águas quando o rio Belém enchia e porque seu leito, estreito e sinuoso, transformava as áreas vizinhas em banhados.

O Código de Posturas, criado em 1885, também sofreu reformulações, dez anos depois, para contemplar as medidas que se faziam necessárias, sobretudo quanto à estética da cidade, que requeria “a construção de calçadas em frente às casas e o seu alinhamento, a proibição de jogar lixo na rua e a exigência de licença da Prefeitura para qualquer prática comercial dentro do quadro urbano, bem como

---

<sup>199</sup> TRINDADE, Judite Maria Barboza. **Metamorfose**: ... Op. Cit., p.103.

pagamento de impostos pelos ambulantes”.<sup>200</sup> É este, em breve esboço, o ancoradouro de Caroline, quando ela faz sua trajetória do rural – o Assunguy, para o urbano – Curitiba, em 1880.

O público e o privado estão intimamente imbricados na vida de Caroline, uma vez que as atividades de trabalho que ela desempenha levam-na a compartilhar da privacidade dos lares de importantes famílias curitibanas e, em muitas ocasiões, as sociabilidades, no sentido de lazer, são deste uma extensão e consequência. Vida pública e vida privada imbricam-se também nos registros que ela faz em seu diário. Não devemos, no entanto, confundir o caráter público das esferas política e econômica, predominantemente ocupadas pelos homens no século XIX, com as esferas pública e privada em que indivíduos de todas as idades e sexos transitam para exercer as mais variadas atividades de suas existências.

Caroline trabalhava muito; na verdade, era quase compulsiva a maneira como se ela mantinha ocupada, como se a contabilidade das horas tivesse sempre que resultar em saldo positivo, este significando a estrita observação e aproveitamento útil do tempo. Quando não eram as aulas fora de casa, eram as que ela dava para os filhos, ou as inúmeras tarefas que ela determinava para eles e supervisionava: aulas de francês, italiano, pintura, desenho, música; a prática da leitura em voz alta, o catecismo e a leitura da Bíblia, muitas vezes tarde da noite, mesmo após exaustivos dias de trabalho.<sup>201</sup> O ócio

---

<sup>200</sup> LOUREGA, Maria José Menezes. **A criança sob o olhar vigilante do adulto**. Curitiba (1909-1927). São Paulo. PUC. 1991. Dissertação de Mestrado. *Apud* TRINDADE, Judite Maria Barboza. ...Op. cit.,p. 107.

<sup>201</sup> *January 1882, Sunday 15th, Weather Stormy – Aunt Ju off to Pinot’s again. Trying for an animal. Began to read “Paraguayan War” – Read the Bible & Catechism with Fritz & Alberta [Janeiro 1882, domingo dia 15, Tempestades – Tia Ju foi para a casa*

não tinha espaço em suas vidas; mesmo as visitas e os passeios, tudo fazia parte de uma maneira de viver rigorosamente observada.

Ela não faz queixas, não se lamuria, nem demonstra desânimo, desespero, fraqueza ou insegurança. Diante de uma dada situação, sua postura era pragmática: enfrentar. Sem bravatas, sem heroísmos; meramente atravessar a tempestade e chegar à outra extremidade, íntegra, com seus filhos igualmente íntegros. Ela não faz desabafos nem confidências, e os sentimentos que carrega enquanto conduz sua vida e a dos filhos podem apenas ser inferidos pela maneira que ela lida com as situações relatadas, o que exige do leitor um exercício de introspecção para procurar entendê-la. Observamos, outrossim, que ela não é desprovida de sentimentos: a intriga ocasional de alguém que tenta atingi-la a incomoda; ela registra datas significativas relativas a sua vida privada, sente cansaço e dor, e, às vezes, adocece. Mas sempre procura recuperar-se rapidamente.

Embora vivendo na cidade, Caroline manteve seus laços com a colônia agrícola. Lá estão seus amigos e parentes; as idas e vindas dessas pessoas a mantinham sempre informada das ocorrências, e também era regular o recebimento e o envio de pacotes, contendo encomendas que pessoas da colônia faziam a ela e presentes que ela recebia de lá. Além do intercâmbio Curitiba-Assunguy-Curitiba, esta *mulher singular* mantinha um intenso trânsito de notícias e pacotes com o exterior; claro que com sua origem – a Inglaterra, de onde chegavam cartas, cartões, jornais e pacotes, não só

---

*de Pinot novamente. Tentando arranjar um animal. Comecei a ler “A Guerra do Paraguai” – Li a Bíblia e Catecismo com Fritz e Alberta].*

para ela como também para os filhos e para *tia Ju*, que morava no Assunguy.<sup>202</sup>

Estas agradáveis surpresas relatadas em seu diário chegavam aos destinatários por intermédio de pessoas que iam e vinham como, por exemplo, os padres, e também pelos navios.

*Março de 1881, quinta-feira dia 17 – Recebi um pacote da Ju, com limões e doce de uva e uma carta – Ela não recebeu minhas cartas, nem a caixa – Escrevi para ela.*

*Março de 1881, sexta-feira dia 18- – Enviei uma carta por intermédio de Salvador, que trouxe a cesta.*

*Março de 1881, quinta-feira dia 23 – Vi Dolbins no Alberge – Ninguém pode levar as latas de volta para a Colônia – Escrevi para Ju e enviei por intermédio de Albergue, que vai amanhã.*

*Maiο de 1881, quinta-feira dia 5 – Padre veio esta noite antes de escurecer para despedir-se – Eu enviei algumas estampas de flanela por intermédio dele para Ju e os pacotes e cartas.*

*Maiο de 1881, sexta-feira dia 13 – Ouvi hoje que Pedro Secostins está retornando amanhã e nós enchemos a lata da Ju com chá e macarrão, e enviamos na cesta com uma*

---

<sup>202</sup> Em 16 de janeiro de 1881, ela escreveu “*Cartas da Inglaterra, do Tigar e Katie [sua filha e genro], com boas notícias. Tempo bom – todos estão bem e enviam-nos cartões de Natal. Ave assada para o jantar e Yorkshire Pudding – pêssegos em calda. Escrevi para Tigar e Katie. Li ‘Fille Maudite’*”.



*carta de Fritz e uma minha para ela, e uma para Mrs. Renaudin, e música para o Padre.*

*Agosto de 1881, domingo dia 21 – [...] Recebi uma carta da Tia Ju, com pedidos para um cargueiro de mercadorias e pedindo-me um vestido e flores para Bertie, que vai ser uma virgem pela primeira vez – da Imaculada Conceição no dia 8 de setembro.*

É de se lamentar que esta vasta correspondência não tenha sobrevivido à ação implacável do tempo. Escrever cartas era um hábito<sup>203</sup> que ela reservava para os domingos, prática algo melancólica quando eles eram chuvosos e quando, além da escrita das cartas e outras atividades dentro de casa, ela não recebia nem fazia visitas. Só em maio de 1881, segundo o diário, foram muitas as cartas recebidas e enviadas, possivelmente porque sua filha Kathleen e o genro Tigar, pais de Albert – o neto que escreveu as *Memórias* –, estavam em trânsito, da Inglaterra para o Canadá. Uma coisa curiosa é que ela sempre se refere às cartas recebidas de Tigar e quase nunca menciona o nome da filha, Kathleen, nessas ocasiões. É como se ela, Caroline, sendo *chefe da família, o homem da casa*, tratasse de coisas importantes com outros homens. Relação de gêneros curiosa, essas presenças e ausências.

---

<sup>203</sup> Escrever cartas foi um hábito de importância fundamental tanto para aplacar as saudades, receber e enviar notícias, quanto para o sucesso ou insucesso das campanhas imigratórias; o imigrante tanto podia encorajar a vinda de parentes e amigos, quanto descreditar as chamadas *ilusões imigratórias*. Um exemplo do teor dessas cartas pode ser visto em: CARTAS dos Imigrantes do Brasil. **ANAIS da Comunidade Brasileiro-Polonesa**, volume VIII, ano 1977. Apresentação de Ruy C. Wachowicz.

A leitura do diário de Caroline, que cobre os anos de 1880 a 1882, permitiu-nos conhecer interesses e práticas de uma parte significativa de nacionais e estrangeiros que compunham a sociedade curitibana. Como ela registrava, do lado esquerdo da folha, além da data, o clima, ficamos sabendo que chovia bastante. As chuvas afetavam a locomoção das pessoas, feitas, em grande parte, a pé. Como Caroline atendia seus alunos a domicílio, ela locomovia-se bastante. Portanto, pudemos observar como o tempo ruim afetava negativamente os seus compromissos e, acima de tudo, a sua renda, razão pela qual ela sempre procurava antecipar ou compensar as aulas.

No mês de janeiro de 1881 choveu muito, o que impedia a regularidade das aulas que Caroline precisava dar no *Colégio Inglês* de Mrs. Braund ou nas casas de suas alunas. Embora econômica em manifestar opiniões, deixa transparecer apreensão por estar perdendo aulas. Refere-se claramente ao mau tempo que a impede de sair e também obriga alunas a cancelarem as aulas. Ao mesmo tempo, procura repô-las sempre que possível. Na primeira quinzena choveu praticamente todos os dias e no dia 15, um sábado, ela registra que “Caiu uma chuva pesada ao meio-dia, durando até a noite; assim, não pude ir à D<sup>a</sup>. Elisa, e perdi 4000 hoje, e 9000 antes disto, D<sup>a</sup>. X e os Fonseca tendo cancelado novamente hoje, por terem ido para a chácara”.<sup>204</sup> Na semana seguinte, o mesmo tempo ruim levou suas alunas, Graça e Rosina, a cancelarem; a primeira, a aula de música, a segunda, a aula de desenho.

---

<sup>204</sup> *January 1881, Saturday 15th. Pouring rain at midday, lasting till night, so could not go to Dona Elisa & lost 4000 today, & 9000 before this. Dona X & the FONSECAS putting me off again today as they are gone to the chacara.*

Ainda assim, o que se destaca nas entrelinhas é como essa mulher, Caroline, a despeito de todas as dificuldades, quase não se queixa, e, mais que isso, teatraliza uma concepção de vida que ela obviamente considera ideal, *civilizada*, aos moldes das maneiras de viver das classes mais altas de Londres, um comportar-se diante da vida que revela, conforme observou Norbert Elias, uma *economia das emoções* e um cálculo das condutas: visitas e contravisitas, a prática da pintura, da leitura e da música, o cultivo da sociabilidade com as *pessoas certas* e de um espírito ameno. Domingo era usualmente dia de missa e de visitas e contravisitas. Num domingo típico, 31 de dezembro de 1880, ela registra que o dia estava agradável, ensolarado, e pôde ir cedo à missa. Estava frio, mas saiu com a filha Mildred para fazer algum favor à Mrs. Mason. Depois, foi visitar D<sup>a</sup>. Elisa, que estava com um abcesso mamário; Rosa, que estava doente e de cama; Mrs. Peters que também estava de cama e cujo bebê falecera na véspera de Natal; e Gertrude. No final do dia, recebeu a visita de Dr. Plínio Soares e esposa – sobre os quais ela registra serem *pessoas muito agradáveis*, ganhou um presente da filha, pintou um grupo de *Convolvulus*, delicadas flores parecidas com amor-perfeito, e leu *Os 500 milhões da Begun*, uma obra de Julio Verne publicada entre 1878-79.<sup>205</sup> Só de ler o relato sentimos cansaço e imaginamos o quanto ela se esforçava, sobretudo andando a pé.

---

<sup>205</sup> 31<sup>st</sup> Fine [Sun] Went to early Mass. Cold today – Went out afterwards with Mildred to make ?? for Mrs Mason – Finished painting group of *Convolvulus* – Called with Mildred on D. Elisa, who has a gathered breast. On Rosa who is ill in bed, on Mrs. Peters, also in bed still & whose baby died Christmas Eve & on Gertrude. Mildred made me a present of a tie [?] very pretty. Dr. & Mrs. Plinio Soares called in the evening. Very pleasant people. Read 500 Milhões de Begum.

Quase todo domingo era assim, e quando não, ela, geralmente, o considerava monótono. Domingo, 2 de janeiro de 1881, choveu e ela reclama que a chuva a impediu de sair para retribuir visitas, e que haviam se levantado tarde demais para ir à missa. Assim, leu *Portugal na balança da Europa* e escreveu para Mrs. Renaudin, que estava na colônia do Assunguy.<sup>206</sup> No domingo seguinte o tempo estava bom, mas ela não parece ter feito muitas visitas; apenas, de tarde, foi à Mrs. Lindemann – possivelmente a esposa do jornalista e dono do Salão Lindemann, que ficava na Rua Matto Grosso, atual Rua Comendador Araújo, onde aconteciam espetáculos teatrais e concertos.<sup>207</sup> Lá, assistiu a uma procissão; em casa, desenhou e leu com Fritz.<sup>208</sup>

Um ano depois, pouca ou nenhuma mudança. Julia Norman e Alberta tinham chegado da colônia dia 30 de dezembro – uma maravilhosa surpresa, devidamente registrada, porque Caroline nem celebrara o Natal dada a ausência da filha e da ‘tia’.<sup>209</sup> No início de janeiro, já no dia 2, ela deu aulas, mas, por quase duas semanas, foram a muitas missas e fizeram muitas visitas. Domingo dia 8 de

---

<sup>206</sup> January 1881, 2<sup>nd</sup>. *Sunday, Wet. The rain prevented me going out to return visits- & we got up too late to go to Mass. Read “Portugal na balança da Europa, & wrote to Mrs. Renaudin her machine.*

<sup>207</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1 maio 1880, p. 4; 15 maio 1880, p.4; 28 ago.1880, p.3; 13 out. 1880, p.3; 25 ago.1880, p.3.

<sup>208</sup> *January 1881, Sunday 9<sup>th</sup> – Went to Mrs. Lindemann’s at 3 P.M. to see the procession – Drew & read with Fritz.*

<sup>209</sup> Alberta era a filha caçula de Caroline que ficara na colônia aos cuidados de Emma Julia Norman. Nada consta, mesmo na memória familiar dos descendentes, indicando que Julia fosse parente consanguíneo de Caroline. Segundo as memórias de Albert Tigar, Julia fora governanta dos Tamplin em Londres. Parente ou não, Julia deve ter sido uma daquelas moças educadas, obrigadas, por circunstâncias da vida, a trabalhar. Ela foi professora da escola em Assunguy após a partida de Caroline, e casou-se com o conde Pinot de Moira, passando a constar na árvore genealógica oficial da família.

janeiro de 1882, por exemplo, Caroline registra que “*Visitamos a família do Col. Assumpção, os Withers, os Preda, Mrs. Braund, & os Fonseca*”. Porém, no dia 11 de janeiro de 1882, as chuvas recomeçaram com tempestades e frio e, no domingo, dia 15, Caroline ficou em casa, leu *Paraguayan War*, a Bíblia e Catecismo com Fritz e Alberta. Tia Ju foi para a casa dos Pinot; tinha que voltar para a colônia, mas precisava de um cavalo, o que não foi nada fácil de obter e envolveu várias pessoas.

Partiram Ju, Alberta e Mildred, dia 18, levando-a a concentrar toda sua atenção em Fritz e no trabalho. Para ocupar-se, já no dia 19 ela comprou umas peças, um *toilet set* para o Fritz e arrumou-lhe o quarto; lavou um paletó da Mildred e um monte de pequenas coisas (*a lot of odd things*); foi aos Fonseca dar aula de desenho e piano e à Dona Chiquinha dos Santos; à noite, jogou xadrez. No dia seguinte, com alívio ela registra que o clima estava melhor – “... *uma grande benção para nossas queridas viajantes...*”; o filho prestativo começou a limpar o jardim e consertou o forro de uma cadeira, enquanto ela pegou emprestado o ferro de Mrs. Withers, engomou e passou três camisas, um colete branco, punhos e colarinhos; depois, jogou xadrez com Fritz e no final da noite tocou para praticar. No domingo, fez uma torta de coração e rim, que “*acabou ficando muito boa*” enquanto Fritz charqueava o resto da carne. Terminou o dia lendo, “*Dia calmo [bom] para ler e pintar*”, ela registrou.<sup>210</sup>

Dois grandes problemas: além do clima, as doenças, para as quais os médicos disponíveis à época eram puros empiristas. Nada

---

<sup>210</sup> *January 1882, Sunday 22nd, Rain in the afternoon – ... Quiet day for reading & painting...*

foi registrado relativamente à saúde de seu filho Frederick, Fritz, sobre o qual, por outro lado, a família conta, em seus relatos orais, que morreu de febre amarela quando foi para a Academia Militar ou para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Já a filha Mildred, jovem prendada, atenciosa e prestativa, parece que tinha uma saúde um pouco frágil. Certamente enfrentou a morte entre os meses de fevereiro e março de 1881, vencendo-a graças ao envolvimento de uma ampla rede de solidariedade.

Aquele foi um início de ano muito chuvoso, impedindo as pessoas de manter suas atividades regulares, em Curitiba, e também na Colônia Assunguy – conforme notícias que amigos e conhecidos traziam de lá –, e estava provocando muitas doenças, especialmente gripes e o que Caroline chama de *colerino*. No final do mês, dia 27, até ela foi atingida, ficando tão mal quando na casa dos Fonseca que, não conseguindo dar nem mais uma aula, teve que voltar para casa. Lá, encontrou a filha Mildred prostrada, sentindo-se muito mal, com o mesmo problema. Era o início de um longo período de sofrimento para ambas. Embora Caroline tenha se recuperado, Mildred quase morreu.

Todos os registros no diário de Caroline relativos a problemas de saúde e às formas de tratamento deixam muito claro o quanto havia de empirismo, tentativa e erro, automedicação e escassez de medicamentos. Só para se ter uma ideia, ao chegar em casa naquela quinta-feira dia 27 de janeiro e encontrar a filha passando mal, Caroline deu-lhe *Clorodyne*, e para seu próprio resfriado tomou uma dose de *Castor Oil*. Mandou o filho Fritz à farmácia dos Stellfeld comprar mais *Castor Oil* e flores de Camomila, aplicou toalhas quentes, à noite, e deu-lhe mais *Clorodyne*, sem efeito.

No dia seguinte Mildred ainda estava muito mal. Assim, Caroline deu-lhe mais [*Castor*] *Oil* duas vezes, sem efeito, e então, na parte da tarde, cinco gotas de ópio líquido, que trouxe algum alívio, permitindo que ela dormisse um pouco, e repetiu a dose à noite, com bom resultado. Ela mesma, sentindo-se mal, não saiu para seus compromissos, nem o filho foi para a escola. Mesmo assim, cortou dois lençóis para transformá-los em quatro e os costurou. *Que clima ruim!*, registrou em seu diário. No mesmo dia, recebeu notícias de que Mme. Edouard estava muito mal, pois tivera outro ataque de hérnia.

Na manhã de sábado, Mme. Edouard piorou, mas Mildred estava melhor. Assim, Caroline deixou-a aos cuidados de Fritz, por ter que sair muito cedo e compensar as aulas que não dera no dia anterior – e o fez, conforme registra “*dei 11 aulas*”. À noite, foram visitar Mme. Edouard, e lá encontraram o médico, Dr. Amaral, os casais Dusquene, Belache e Garnier, alguns dos quais pernoitaram. Mme. Edouard melhorou,<sup>211</sup> mas Mildred voltou a passar mal e Caroline a dar-lhe o *Oil*, uma grande dose, que não fez efeito. E assim foi terminando o mês de janeiro, com Caroline ainda muito mal com gripe a ponto de Mrs. Braund dar-lhe cinco gotas de Laudanum, o que trouxe um pouco do alívio necessário para que desse suas aulas e cumprisse outros compromissos.

---

<sup>211</sup> Nas notas de seu diário, Caroline refere-se ora a Mme. Edouard ora a Mme. Mostaert que, acreditamos, tratar-se de uma só pessoa, a viúva do negociante Eduardo Mostaert que hospedava imigrantes, conforme indica um despacho do governo publicado no jornal Dezenove de Dezembro de 15 de janeiro de 1868, mandando a Tesouraria pagar-lhe “78U pela hospedagem a colonos”. Os registros que Caroline fez em seu diário, embora não informem com clareza, indicam que quando veio para Curitiba em 1880, antes de alugar casa na Rua da Assembleia, ela foi hospedada por Mme. Edouard Mostaert.

Fevereiro inicia-se com tempestades e trovões assustando os moradores de Curitiba, particularmente aqueles que residiam na Rua do Mato Grosso (atual Comendador Araújo). Mas Caroline tentou retomar suas aulas, como usual; mandou Fritz para a escola – ele estudou um período no Instituto Paranaense, mas os registros mostram que ele faltava muito –, costurou uma almofada, recebeu o filho Cowper e a nora para o chá. Só que ao voltar para casa, já no dia três, encontrou Mildred deitada, passando tão mal que mandou buscar um *vomitório*, que produziu efeito cinco vezes, inicialmente alguma coisa como um pedaço de fígado, quase preto, e depois verde, e então amarelo. Ela própria, Caroline, passando mal com cólica, por duas vezes mandou Fritz chamar o Dr. Amaral, que prometeu ir depois das 9 horas, mas não pôde. Mais uma vez Caroline recorreu às gotas de ópio líquido para que a filha dormisse. Mesmo assim, Mildred passou muito mal à noite.

Na sexta-feira, dia 4, logo cedo, Fritz foi buscar Dr. Amaral, que veio e receitou para mãe e filha. Depois Fritz foi ao Stelfeld buscar os remédios – Caroline registra, em reconhecimento, ao final do dia que “*Fritz está sendo muito útil, e um excelente enfermeiro*”. O tratamento receitado mandava eliminar o consumo de leite, pão novo e fruta; recomendava caldo de carne bem forte, torrada, chá preto da Índia, pó de quinino e carvão para a perna e pomada. Assim que o ataque passasse, era para elas tomarem vinho ferruginado, de hora em hora. Ela descreve que o remédio tinha ruibarbo, soda etc. No fim do dia, aparece Mrs. Mason para visitar.

Entre os dias 5 e 10 de fevereiro de 1881, Mildred continuou muito mal, com fortes dores e Dr. Amaral não conseguia resolver o caso. Do dia 10 ao 19 ela esteve bem algumas vezes, pior outras. Dr.



Amaral receitou ferro e vinho do porto velho, mas depois disso, como ela estava muito mal novamente, Caroline mandou chamar o Dr. João Manoel da Cunha, que passou a tratá-la homeopaticamente e receitou Bordeaux e caldo de carne [*beef tea*]. No domingo dia 27 de fevereiro, Caroline passou mal o dia todo, e a filha Mildred, mesmo não estando bem, com muitas dores por todo o corpo e muito cansada, foi à cozinha sem que Caroline soubesse, para fazer-lhe um caldo e algo para comer. Como o Fritz não tinha aquecido água conforme Mildred lhe pedira, todo o esforço fez-lhe mal, a ponto de não conseguir dormir e Caroline precisar dar-lhe ópio líquido novamente. Diante de situação tão pungente que essas duas mulheres enfrentaram naqueles dias, nos perguntamos o que levava Caroline a tanta resignação, a ponto de produzir um relato tão seco, que tenta esconder os sentimentos, mas que demonstra quão extenuantes eram seus dias.

Na segunda-feira dia 28 de fevereiro, como Mildred não parecesse ter piorado e como Mrs. Mason havia prometido vir cuidar dela, Caroline saiu para dar aulas, deixando-a com Fritz. Como o médico dissera que lá onde estavam morando era muito úmido e com isso Mildred jamais se recuperaria, Caroline arranjava outra casa. Em seguida, no mesmo dia, foi ver móveis e acabou voltando tarde para casa, onde encontrou Mrs. Mason e Mrs. Withers muito alarmadas com o estado da Mildred, que estava tendo fortes espasmos de dor agonizante no peito, estômago, intestino e nas costas. Dr. João Manoel da Cunha foi chamado, mas deu pouca esperança. Caroline registra *Mrs. Mason e eu ficamos sentadas ao lado dela e foi horrível assistir seu sofrimento para o qual os remédios dele não trouxeram qualquer alívio, embora administrados de hora em hora.* E em seguida, acrescenta que *Dr. Amaral, dez dias atrás, disse que ele não*

*sabia mais o que fazer – o caso evidentemente estando além de suas capacidades. Ele e Trajano tinham tido uma consulta uma noite.*

Março inaugura-se nada promissor. Na verdade, já no dia 1º Mildred parecia que não iria resistir. Os médicos, tanto Dr. João Manoel da Cunha quanto Dr. Trajano [Reis], que Caroline mandara chamar, receitam, mas não dão esperanças. A sempre presente amiga, Mrs. Mason, procura prepará-la para o pior, por considerar uma recuperação quase impossível. Mas, por volta de uma hora da tarde ela aparece dizendo que Dr. Grillo<sup>212</sup> tinha chegado de Antonina inesperadamente e estava no Hotel União, de onde sairia no dia seguinte para ir para a cidade de Palmeira, onde fora enviado para ver o genro do Dr. Jesuíno Marcondes. Mrs. Mason conta que, a conselho de Mrs. Preda, ela tinha ido pedir ao médico que fosse ver Mildred. Meia hora depois ele chegou, encontrando-a em um *paroxismo que os remédios de Trajano não aliviaram* [nas palavras de Caroline]. Ele examinou-a detalhadamente, receitou pós para ela tomar a cada duas horas e, após a primeira dose, os ataques diminuíram em violência e ela conseguiu dormir, e depois da terceira dose as dores quase cessaram. O irmão Cowper passou a noite em vigília, saindo apenas por uns instantes para ir buscar a esposa e filho, porque Mildred sentia-se bem com seu carinho. Assim, ele a mantinha aquecida em seus braços quando ela sentia calafrios, fazendo com que ela conseguisse dormir. Dr. Grillo ainda foi ver Mildred nas duas manhãs seguintes, prescreveu e, finalmente, vendo-a recuperar-se, pôde partir para Palmeira com a gratidão de todos.

---

<sup>212</sup> Não foi possível localizar nenhum anúncio comercial da prática do Dr. Grillo, mas ele deve ser o Dr. Franco Grillo, cujo irmão, o barão Mathias Franco Grillo faleceu em Nápoles, vítima de cólera, conforme notícia publicada no DEZENOVE DE DEZEMBRO de 27 de setembro de 1884, nº 226, p.3.

Para permitir o repouso necessário para a filha, Caroline fechou as portas a todos, exceto às senhoras amigas que a haviam ajudado a atravessar esse período – Mrs. Withers, Preda, Braund e Mason, esta última tendo-se mostrado tão prestativa e tão boa enfermeira que na quinta-feira, dia 3 de março, Caroline arriscou sair para dar aula, aliviada por observar a filha melhorando a cada vez que passava para vê-la. O que ela teve foi diagnosticado como inflamação do fígado, rins e intestino, algo que vinha piorando há um bom tempo.

Durante a recuperação de Mildred tanto contribuiu a expectativa de uma casa nova para onde se preparavam para mudar, os passeios ao ar livre de *tilbury* que Caroline organizava para ela, quanto a atenção carinhosa da família e de muitos amigos, cuja extensa lista incluía, em primeiro lugar, Mrs. Mason, que passou semanas ajudando, porque, nas palavras de Caroline, *eu tenho que sair, ou não teremos do que viver, pois eu perdi muito dinheiro no mês passado por causa da doença da 'M'*.

No entanto, vida e morte caminham lado a lado, e a última rondava voraz o círculo mais próximo de Caroline. Numa sexta-feira dia 4 de março, morreu a Sra. Amaral. E onze dias depois, 15 de março, a Sra. Isabel Mostaert. Sua loja sofrera um roubo no sábado dia 5, à noite, e de lá levaram 200#000 em dinheiro e mercadorias. Depois disso, ela não dormia bem e não comia, o que a fazia sentir-se fraca e com dores de cabeça. O médico foi chamado e considerou-a muito doente. Ela piorou e tanto Dr. Amaral quanto Dr. Trajano não deram esperanças. Na madrugada do dia 13 as dores pararam repentinamente, ela ficou inconsciente e o quadro deteriorou, levando-a à morte no dia 15. A consternação na cidade foi imensa, conforme reportam os artigos do *Dezenove de Dezembro*, e atingiu

profundamente Caroline e seus filhos, tanto que esconderam de Mildred, ainda frágil e recuperando-se, a condição terminal daquela senhora que lhe fora cara.

Trabalhar, cuidar da filha convalescente, participar da vida de outras pessoas em seus momentos de alegria e de tristeza, equilibrar as fragilidades, seguir em frente, apesar de muita chuva e muita lama. Finalmente o sol aparece e Caroline registra *Um dia lindo e ensolarado* [*Lovely Weather & bright*]. Puderam então mudar-se para a nova casa, na Rua da Assemblea (atual Rua Dr. Muricy).

Aos poucos a vida voltou a seu ritmo. Mas foi somente a partir do começo de abril que a família retomou seus domingos habituais, alguns quase frenéticos. No domingo dia 3 de abril, por volta das quatro horas da tarde, Caroline e a filha Mildred foram visitar a Sra. Fonseca, depois Mrs. Balsters, mas como não conseguiram ser ouvidas [do portão], foram à Mrs. Withers, onde tomaram chá. Um dos filhos destes as acompanhou de volta para casa e ficou para jogar xadrez com Mildred. Para terminar a noite, Caroline acabou de escrever uma *carta para Tigar*.<sup>213</sup> Dia dez do mesmo mês, clima bom, Max Osten foi visitá-los; então, Caroline mandou convidar Mr. Withers para almoçar. Depois, o filho Fritz saiu com Max e G. Withers enquanto os adultos foram com Mr. Mason olhar uma casa que ele desejava alugar.<sup>214</sup> No último domingo de abril Caroline finalmente pôde fazer um passeio agradável: foi com Fritz à chácara do Dr. J. Manoel.<sup>215</sup>

---

<sup>213</sup> *April 1881, 3<sup>rd</sup> Sunday. About 4 o'clock M. & I called on D. M. Fonseca & afterwards on Mrs. Balsters, but could not make them hear, so went on to Mrs. Withers, & had tea & Willy came home with us, & played chess with Mildred. Finished letter to Tigar.*

<sup>214</sup> *10th Sunday. Fine. Max Osten called – Sent to ask Mr. Mason to dinner. F. went out with Max & G. Withers – We took a walk with Mr. Mason to look at a house for him.*

<sup>215</sup> *April 1881, Sunday 24th. Went to Mass alone, F. not being ready in time. Had shoulder of mutton, & fish, for dinner. Went with Fritz to the Chácara of Dr. J. Manoel.*

Ao trabalhar com fontes como diários e memórias, o historiador depara-se com a dificuldade de resistir ao desejo de relatar *tudo!* É fácil ser capturado *nas malhas do feitiço, nos encantos dos arquivos privados* – este é o perigo das fontes de natureza privada; elas despertam o *voyeur* dentro de nós, fazendo-nos esquecer momentaneamente nossas próprias rotinas, a repetição por vezes monótona e exaustiva dos dias e das longas horas de trabalho incessante. Conforme destacou Ângela de Castro Gomes, esses documentos pessoais permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles, “nossos” atores aparecem de forma fantásticamente *real e sem disfarces*. Julgamos poder passar a conhecê-los *na intimidade* de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos. Se não nos prepararmos teórica e metodologicamente para a utilização desse atraente tipo de fonte, chegaremos a ter a *ilusão da verdade*, acreditando serem portadores de absoluta *autenticidade, espontaneidade e verdade*, razão pela qual a autora adverte da necessidade que têm os historiadores de se municiar dos “nada novos procedimentos de crítica às fontes, guarnecidos com escolhas teóricas e metodológicas capazes de filtrar o calor, de maneira a não ter a boca queimada” nessa fonte fascinante, “um prato cheio e quente”.<sup>216</sup>

---

<sup>216</sup> GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v. 11, nº 21, 1998.

## 4.1. Tecendo relações, buscando equilíbrio

Acompanhando Caroline na sua rotina diária, pelos meandros dos seus afazeres e de suas lembranças, bem como concentrando-nos em observá-la aos domingos, surpreendemo-nos bastante envolvidos na sua narrativa pessoal e histórica, desejando compartilhar com o leitor como eram *todos* os seus dias, para ver se há um padrão único, quando este é quebrado e *como ela se sente* a respeito. Se observarmos uma pintura do final do século XIX de uma das ruas do centro de Curitiba, pela qual ela transitava com frequência, poderemos entender melhor suas constantes referências ao lamaçal. É só imaginarmos esta rua com dias e dias de chuva, realidade que muitos leitores deste texto podem ter enfrentado, com desprendimento e superação, mas que não eliminam o desconforto da situação; desconforto a que não precisamos ficar indiferentes para dar conta de certa *objetividade* científica. Em maio de 1881, esfria e chove. Domingo dia 1º ela relata que não pôde ir à missa, de tanta lama que havia nas ruas. O padre, acompanhado de mais três pessoas, foi à sua casa depois da missa, ficou por algum tempo e prometeu retornar no dia seguinte se o tempo permitisse. Uma semana depois, outro domingo frio e chuvoso, ela também não saiu, mas escreveu os hinos e a música para o padre, tarefa que terminou tarde da noite, possivelmente porque os Mason foram visitá-la no final da tarde.

Aqui devemos destacar sua amizade com membros do clero. Seus registros mostram que ela era católica, e possivelmente convertida, muito provavelmente depois de chegar ao Brasil. É o que indica um comentário que Oliver Marshall faz. Uma das fontes que ele

utiliza descreve Caroline, professora na colônia, como uma mulher muito culta, presa no meio do mato no Brasil; diz que ela deixou Londres por razões financeiras e que, descrita por outro imigrante britânico, William Robinson, como uma mulher que “entende de música, teve uma educação acima do comum e possuía muita fluência e eloquência, também procurava agradar os diretores da colônia, talvez até por ter se convertido ao Catolicismo”, o que, conclui o relato, não a teria ajudado muito porque ela chegou a caminhar até Curitiba para tentar obter os pagamentos dos salários atrasados, que foram reduzidos drasticamente, colocando-a na mesma situação precária que outros imigrantes, razão pela qual ela acabou deixando Assunguy para morar em Curitiba, onde ela devotou sua vida à família e à Igreja, comparecendo à missa praticamente todos os dias.<sup>217</sup>

Em seu diário, ela constantemente refere-se ora ao *Padre Cunha*, ora ao *Padre Celso*. Deve tratar-se do Padre Celso Cezar da Cunha, conforme notícia publicada no periódico *Dezenove de Dezembro* de 20 de outubro de 1880: “HÓSPEDE ILLUSTRE – De volta de sua viagem à província de São Paulo e corte, acha-se nesta cidade Padre Celso Cezar da Cunha, nosso illustre comprovinciano e distinto vigário de Serro [sic] Azul.”

O cruzamento de dados levantados a respeito do Padre Celso indica que deve tratar-se daquele que veio a ser conhecido como Monsenhor Celso, ou seja, Monsenhor Celso Itiberê da Cunha, irmão de Brasília Itiberê e filho do Dr. João Manoel da Cunha, com quem Caroline e os filhos mantinham estreitos laços de amizade. Nascido em Paranaguá em 1849, a ficha biográfica do Padre Celso informa

---

<sup>217</sup> MARSHALL, Oliver. Op. cit., pp.183-184.

que em 1868 ele entrou para o seminário, ordenando-se sacerdote em 1872. Em 1873 rezou sua primeira missa como padre católico e, logo após, foi nomeado Vigário de Cerro Azul. Mais tarde retornou a Curitiba e em 1900 já era o Vigário da Arquidiocese de Curitiba. Pouco tempo depois foi promovido a Cônego Honorário da Catedral Metropolitana da capital paranaense. Sua dedicação, doçura e sermões de brilhante argumentação evangélica são descritos como tão belos a ponto de atrair à catedral de Curitiba até mesmo os não-católicos para ouvi-lo. Ele foi homenageado pela Câmara Municipal com um nome de rua no centro de Curitiba, a qual se inicia na Praça Tiradentes e segue até a Praça Carlos Gomes.<sup>218</sup>

No dia 20 de dezembro de 1881 Caroline e seu filho Fritz foram crismados. Dona Mariquinhas foi madrinha de Caroline e Padre Celso padrinho de Fritz. Foi um dia de grande animação, conforme se deduz de seu relato:

*Fritz e eu íamos sair às 6 horas da manhã, mas era muito cedo. Assistimos a primeira missa, rezada por P. Jourdão, e a segunda pelo P. Julio. Fui confessar-me com P. Celso. Comunguei na terceira missa, rezada pelo P. Celso, e depois fui para casa tomar café. Mildred tinha ido à Mrs. Mason, para terminar o vestido, que ficou muito bonito. Eu fui à d. M. Fonseca e o Padre mandou o carro para nos levar a todos para a Capelinha; pegamos Fritz no caminho e fomos todos juntos. D. Mariquinhas foi minha madrinha e Padre*

---

<sup>218</sup> Dados biográficos. Disponível em: <http://www.sejoi.org.br/index.php?modulo=textos&secao=biografias&codTexto>. Acesso em: 30/04/2010.



*Celso padrinho do Fritz. Depois da Crisma nós retornamos aos Fonseca para as aulas de música, e Fritz ficou com Pedro. Eu então fui à Julieta dos Santos, e choveu tanto no final da aula que D. Cordinha gentilmente pediu o carro, e eu fui buscar Mildred – mas os cavalos não conseguiam passar do Tesouro, então tivemos que sair [do carro] e caminhar o resto do caminho.*<sup>219</sup>

No dia seguinte, 21 de dezembro, não houve Crismas. Caroline foi à igreja com D<sup>a</sup>. Augusta e Ritinha, mas tiveram que voltar. À noite, ela foi à *Pratica* com sermão de um jovem paranaense e, enquanto estava fora, o Padre Celso foi à sua casa e pegou emprestado com Mildred um cálice, o jogo de Batismo de Fritz e 12 garfos.<sup>220</sup> No dia 22, ela o encontrou na casa de D. M. Fonseca e entregou-lhe uma encomenda para a colônia – o acabamento para um vestido para a filha *Bertie* (Alberta). Depois foi madrinha de Crisma de Ritinha Negrão, filha de D<sup>a</sup>. Augusta Negrão. Essa senhora tinha um bebê,

---

<sup>219</sup> 1881, December, Tuesday 20th. Muito chuvoso. *Fritz & I started at 6 A.M. but too early. Heard 1<sup>st</sup> Mass by P. Jourdao - & 2<sup>nd</sup>. by P. Julio. Went to confession by P. Celso. Communicated at 3<sup>rd</sup> mass by P. Celso, & afterwards went home to breakfast. Mildred had gone to Mrs. Mason's, to finish the dress which looks very nice. I went on to D.M. Fonseca's & the Padre sent the carro to take us all to the Capellinha; it fetched Fritz, & we went altogether. D. Mariquinhas was my madrinha & Padre Celso Fritz's padrinho. After the Chrisma we returned to Fonseca's for the music lessons, & F. stayed with Pedro. I then went to Julieta dos Santos, & it poured so hard at the end of the lesson, that D. Cordinha kindly ordered the carro, & I called for Mildred – but the horses would not take us beyond the Treasury, so we had to get out & walk the rest of the way.*

<sup>220</sup> December 1881, Wednesday 21<sup>st</sup>. No Chrismo today – Went with D. Augusta & Ritinha but had to return. In the evening went to the *Pratica*: sermon by a young Paranaense – P. Celso called while I was out, & borrowed M's goblet, & Fritz's Xtening set, & 12 forks.

que foi crismado no sábado daquela semana, usando um vestidinho feito por Mildred, no qual ela trabalhara até tarde da noite.<sup>221</sup>

No mesmo sábado, Caroline registra que toda a família do Comendador foi crismada, o que levou três horas e meia, do meio-dia até as 15h30min, de tantas pessoas que havia. Mesmo assim, ela deu aula para Julieta. Depois terminou de fazer um segundo vestido e ainda foi à missa da meia-noite com Fritz. Pareceu desapontada ao comentar que o Bispo não estava lá, e não houve música nem canto. Mesmo assim, ela assistiu três missas e acabou voltando para casa às duas horas da manhã! E nessa rotina de missas, novenas e trabalho ela continuou por muitos dias. Suas notas denotam tristeza.

No domingo dia de Natal nem celebrou a data, porque a filha Bertie e Ju não tinham chegado de Assunguy, o que só aconteceu na semana seguinte, sexta-feira, dia 30 de dezembro de 1881. Tomavam café da manhã, quando as duas entraram pela porta depois de deixar seus animais na casa de Paul, provavelmente Pinot, o nobre francês com quem Ju mais tarde se casou. Imaginemos a agitação na casa! Caroline mostrava a vista que tinham do andar de cima (que ela decerto gostava muito, porque cita, em algum ponto, que a pintou), quando um raio caiu na casa do Comendador A. R. dos Santos e explodiu no grande salão, onde não causou muitos danos, mas as crianças, que lá brincavam, escaparam por pouco.

---

<sup>221</sup> *December 1881, Thursday 22<sup>nd</sup>. Met P. Celso today at D.M. Fonseca's – Sent trimming by him for Bertie's batiste dress [ver modelo em Anexos]. Fritz took up the other dress to the Chácara yesterday – Went to the Chrismo today with D. Augusta & Ritinha, for whom I was madrinha – In the evening, to the Pratica, heard a powerful sermon from an Ultramontane Padre; the same who preached on Tuesday.*

Voltando ao mês de maio de 1881, em mais um domingo: ela escreve carta para Tigar, começa a ler um novo livro, escrito por Mrs. Oliphant, faz algumas visitas, numa das quais ela é contratada para dar três aulas por semana; o filho sai com Archie Mason, com o qual joga xadrez no final do dia. Ela considerou o dia *monótono*, e o domingo seguinte, 22 de maio de 1881, também. Mas no sábado foi a uma *soirée* na casa dos Fonseca, em homenagem ao batismo do filho de Dona Augusta Dantas, e voltou para casa à uma e meia da manhã.

Junho trouxe as festas juninas. Dia 12 eles foram ver os fogos, mas Caroline não os achou nada de excepcional. Dia 26, ao ir à missa, ela encontrou Dona Carmem Romangueiro; ela e os filhos foram convidados para irem aos Schultz ver o *popinjay* (uma espécie de esporte de tiro que pode ser com rifles ou arcos), e ficaram até às 10 da noite. Mildred dançou duas vezes, o que Caroline registra com aparente satisfação, bem como o fato de ter encontrado lá os Peters e Lindemann e Stellfeld, todos alemães. Lembramos que Caroline falava alemão, idioma que chegou a ensinar, e que seu filho era casado com a filha de um conhecido imigrante alemão que, como Caroline, viveu na colônia Assunguy, onde foi agrimensor.

Em julho, menos de um ano, talvez seis meses após estar em Curitiba, podemos observar como o círculo de pessoas que a prestigiavam se amplia. Num domingo, dia 3, Bento Menezes leva o cantor italiano *Signor Scolari*, como ela registra, à sua casa, porque este deseja dar um concerto e pede-lhe que o acompanhe e também que ela interceda junto ao Coronel Assumpção para obter a participação da filha deste. Na parte da tarde, Caroline, Bento e o Senhor Scolari foram à Chácara e, enquanto estavam lá, a família Nascimento chegou para convidá-los a passar o fim do dia nos Castro, e o Dr. João

Manoel convidou-os também. Caroline tocou a Sonata Op. 31 de Beethoven e os presentes dançaram depois da ceia, de forma que não voltaram para casa antes das duas da manhã! Os domingos seguintes são de muita ação em torno de ensaios e demais preparativos para o concerto, intercalados com dias de trabalho.

Julho traz muita chuva e frio. Dias há, como a 13 e 14, em que ela não consegue sair para trabalhar dado o péssimo estado das ruas. Mas, não podendo ficar parada, no dia 15 enfrenta a lama espessa e horrível e vai dar aulas como habitual.<sup>222</sup> Caminha no barro, chega a dar 11 aulas por dia, mas não perde a pose! Possivelmente consideraria embaraçoso exibir qualquer fragilidade ou expor-se ao sentimento de pena alheia. Quase podemos vê-la, de cabeça erguida, decidida, passo após passo, dia após dia, em seu caminho.

Como o estilo de seu diário não se enquadra entre aqueles do tipo confessional, os *diários íntimos*, isto exigiu uma leitura ainda mais atenta para captar nas entrelinhas os sentimentos, as ansiedades que ela possa ter sentido ao longo de seus dias. Tal esforço não foi em vão: ela não desabafa as saudades que possa ter sentido do marido da maneira como fizera a Eugénie, de Vavy Pacheco Borges, mas “quase” externa um sentimento, uma emoção, e o faz no que parece apenas uma constatação: *Hoje faz 30 anos que querido Albert pediu-me em casamento;*<sup>223</sup> pouco depois, um lamento na data em que se

---

<sup>222</sup> July 1881, Wednesday 13<sup>th</sup>, Wet. Did not go to College, weather being so bad. Gave one lesson at Soares, Julieta being rather poorly, & went to Chiquinha – In the evening practiced hard several hours this morning & evening; Thursday 14<sup>th</sup>, Wet day. Wretched day – Impossible to go out. Practiced 4 hours in the morning – & afterwards worked at bracket; Friday 15<sup>th</sup>. Roads horrid. Went to lessons as usual. Mr Withers came to practice last evening. [...].

<sup>223</sup> “30 years ago today, dear Papa asked me in marriage”, 1881, June, Sunday 5<sup>th</sup>.

completam sete anos de seu falecimento, ocorrido na colônia Assunguy em 27 de novembro de 1874;<sup>224</sup> a data em que ele completaria 60 anos se estivesse vivo (5 de dezembro de 1881)<sup>225</sup> e que, em 18 de setembro de 1882, completaria 31 anos de casada, mesmo estando viúva há 8 anos.<sup>226</sup>

Ela tinha apegos e tivera perdas; muitas, irremediáveis, como a morte de seu netinho, filho de Kathy e irmão de Albert, autor das *Memórias*. *Maio de 1881, sábado dia 7 – Recebi uma carta, e Cowper um jornal, de Tigar, que está iniciando sua partida para o Canadá, e perdeu o pobrezinho do Harold, [que morreu] de inflamação dos intestinos em consequência de uma ruptura do umbigo; outras lembranças, de pessoas queridas, lembranças de outros tempos e lugares, aparecem aqui e ali.*

Entre as idas e vindas do mês de junho de 1881, numa segunda-feira chuvosa, dia 20, Caroline lamenta a perda de um relógio de pulso que usava e que fora de sua mãe. Pensando que o deixara em casa, ela só percebeu o fato ao voltar após visita à família do Coronel Assumpção. É muito provável que tenha sido ela quem mandou publicar o seguinte anúncio no *Dezenove de Dezembro* poucos dias depois: “PERDEU-SE na rua da Assembleia ou na travessa um relógio de ouro inglês, no dia 20 do corrente. Quem o achou e entregar nesta typographia será gratificado”.<sup>227</sup> Infelizmente, nada consta nas páginas seguintes do diário indicando que ela tenha recuperado o relógio.

---

<sup>224</sup> “Dear Papa died 7 years ago today”, 1881, November, Sunday 27<sup>th</sup>.

<sup>225</sup> “Dear Papa would have been 60 today”. 1881, December, Monday 5<sup>th</sup>.

<sup>226</sup> “Married 31 years today! Poor dear Papa!” 1882, September, Monday 18<sup>th</sup>.

<sup>227</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 28 jun. 1881, n. 2150, p.4.

Outras perdas significativas eram as aulas canceladas ou impedidas de serem dadas por causa do mau tempo. Quando isto acontecia, ela buscava oportunidades de compensá-las e até de antecipá-las, porquanto tais cancelamentos impactavam negativamente o seu orçamento. No mês de maio de 1881, esta foi uma preocupação constante:

*Maio de 1881. Quarta-Feira dia 4 – Mrs Peters teve sua primeira aula na segunda-feira. Eu fui ao Soares para compensar a aula e ao colégio para desenhar. Terça-Feira dia 10, Chuvoso – Escuro demais para Rosina pintar hoje – e Julieta não veio para a aula. Fui visitar e recebi meu dinheiro de dois meses do Comm.dor A. Ricardo, e fui visitar e pagar 30#000 que devia ao Hauer, a Frederico Mostaert, porque Luiz Cunha não estava em casa. Quinta-Feira dia 12 – Todas as aulas hoje nos Fonseca e Julieta veio. Quarta-Feira dia 18 Frio e Monótono – Fui ao Soares, para compensar as aulas e Florence veio à noite.<sup>228</sup>*

Não era incomum que as professoras particulares ao longo do século XIX, muitas delas estrangeiras como Caroline, sofressem a

---

<sup>228</sup> May 1881, *Wednesday 4th*: “Mrs. Peters took her 1st lesson on Monday. I went to Soares today to make up the lesson & to the College for drawing”; *Monday 9th*; “Found Julieta Soares in bed, having had a slip so only gave the drawing lesson, & Mrs. Peters came for hers at the College in spite of the rain”; *Tuesday 10<sup>th</sup>*, “Too dark for Rosina to paint today- – & Julieta did not come for her lesson. Called & got my too months money yesterday from Comm.dor A. Ricardo, & called & paid 30\$000 owing to Hauer, to Frederico Mostaert, Luiz Cunha not being at home”; *Thursday 12<sup>th</sup>*; “All the lessons at Fonseca today & Julieta came”; *Wednesday 18<sup>th</sup>*, *Cold & Dull*, *Went to Soares, to make up lesson & Florence came in the evening ...*”, entre outras.

ansiedade e o constrangimento de terem suas aulas canceladas ou não pagas. Em seu livro sobre a condição feminina no Rio de Janeiro no século XIX, Miriam Moreira Leite selecionou trechos de relatos de algumas dessas mulheres, entre eles o de uma amiga de Adèle Toussaint-Samson,<sup>229</sup> que ao enviuvar pôs-se a dar aulas de francês e desenho para sustentar dois filhos, mas queixara-se de uma aluna que ficara a dever-lhe algum dinheiro. O cônsul que a ouvira a tranquilizara, mostrando-lhe que ela era mais feliz que a aluna, pois não tinha dívidas, como a outra.<sup>230</sup>

Caroline recebia de uns, e pagava o que devia a outros. No dia 4 de junho de 1881, ela pagou a conta do mês que devia a Mrs. Withers, de quem comprara carnes, mas já descontado o valor que lhe era devido pelas aulas que dera a Florence, filha daquela senhora; dia 11, ela pagou a conta do mês que devia à Dona Thecla e reservou um tapete. Como mencionado anteriormente, a chuva e o barro impactavam negativamente a vida de Caroline, que dependia de uma manutenção regular, ininterrupta do seu trabalho. Em julho de 1881 choveu muito, e esteve muito frio, mas, mesmo assim, ela foi trabalhar:

*Terça-Feira dia 5 – Fui a todos os alunos, apesar do frio e da chuva; Segunda-Feira dia 11 – Chuvinha fina e muito frio ontem à noite, ao voltar para casa; Terça-Feira dia 12 – Clima muito desagradável – tão frio – mas fui dar as*

---

<sup>229</sup> Adèle Tousaint-Samson é uma parisiense que viveu 12 anos no Brasil. Em 1883 escreveu sobre sua experiência e observações sobre o país, obra traduzida e comentada, em 1883, por Miriam Moreira Leite.

<sup>230</sup> LEITE, Miriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro. Século XIX.** Antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec, Ed. da Universidade de São Paulo; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. pp.127-128.

*aulas apesar disto; Quarta-Feira dia 13 – Não fui ao Colégio, de tão ruim que o clima está; Quinta-Feira dia 14 – Dia horrível – Impossível sair – Pratiquei 4 horas de manhã – e depois trabalhei nos brackets; Sexta-Feira dia 15 – Ruas em péssimo estado. Fui dar aulas como usual; Agosto de 1881, Quarta-Feira dia 3 – Chuvas e Relâmpagos – Fui dar aulas mesmo assim para Julieta na parte da tarde, mas não para Chiquinha; Quinta-Feira dia 4 – Acabou chovendo torrencialmente – sem possibilidade de sair de casa; pratiquei 4 horas, exercícios.*

Imaginemos a angustiante ansiedade que ela sentia diante da necessidade de sair para trabalhar, e a impossibilidade de fazê-lo por causa das consequências do mau tempo. Nos dias atuais, também saímos de nossas casas, adultos e crianças, para cumprir nossos compromissos, mas já não estamos tanto à mercê do barro e existem meios de transporte que poupariam a nossa fragilidade diante das forças da natureza. Caroline recorria a uma estratégia interessante para não perder o dia: concentrava o atendimento aos alunos nas instalações comerciais dos Soares (como fez alguns dias dos meses de abril e maio de 1881) ou dos Fonseca. Ela era cliente deles, nos Soares comprava cálices, xícaras, pires, abajures, licores, querosene; nos Fonseca, artigos de couro, como botas, para si, sua família e amigos. Ela também ensinava pessoas de ambas as famílias, como Julieta Fonseca e Rosa e Graça Fonseca.

Caroline recebia pedidos de familiares e amigos que ainda viviam na colônia Assunguy para que comprasse algumas mercadorias



para eles: roupas, botas, louças, artigos de decoração, como fez a Sra. Renaudin em fins de abril de 1881. Em seu diário do dia 2 daquele mês, uma fria segunda-feira, ela registrou que:

*Clima muito frio. Mildred e eu saímos depois do café para cuidar dos pedidos da Sra. Renaudin e para comprar xícaras e pires e um abatjour de mesa no Soares, e transferei as aulas para lá, até Quarta-Feira. I. Renaudin veio visitar-nos, chegando bem quando as crianças estavam acabando de almoçar, e quando retornei, depois do trabalho, fui com ele ao Fonseca porque não conseguimos comprar os espartilhos [corseletes] e botas lá esta manhã. Nós compramos uns corseletes bonitos para ela no Fonseca, e botas para o Dr. R. no Taborda. Eu comprei botas e xales para Ju e Bertie].<sup>231</sup>*

A casa de Caroline Tamplin era muito movimentada. Ela recebia muitas visitas, hospedava amigos, como fizera no final de 1880 com os Mason, que passaram lá mais de uma semana e, em abril, devido ao tempo ruim e o frio intenso, hospedaram-se lá I. Renaudin e João Sacristão. Até aniversário comemoravam lá, como fez Amy Mason no dia 1º de abril. E dia 19 de maio de 1881, os Mason

---

<sup>231</sup> *Weather very cold. Mildred & I started after coffee to do Mrs. Renaudin's commissions & to buy cups & saucers & a table lamp of Soares, & transferred the lessons there, until Wednesday. I. Renaudin came to see us, arriving just as the kids were finishing dinner, & when I returned, after work I went with him to Fonseca's & c. as we could not get the stays & boots there this morning. We got nice stays at Fonseca's for her, & boots for Dr. R. at Taborda's. I bought boots & fichus for Ju & Bertie.*

foram pendurar uns quadros nas paredes de sua casa, com o objetivo de que fossem vendidos.<sup>232</sup> Isto é bastante interessante porque, embora sua casa não fosse galeria ou salão de artes, por lá circulavam muitas pessoas, potenciais compradores, razão pela qual seu espaço adquiriu essa finalidade adicional e uma sociabilidade especial.

Outra atividade que garantia a constante movimentação em seu endereço era que ela, conforme indicam as notas de seu diário, possuía um piano em casa. Tanto existem registros de sua prática quanto do convite que fazia a alunas para que fossem fazer aula em sua casa quando necessário. Um exemplo disso ocorreu também no mês de abril. Ela dava aulas a Julieta, na casa de Dona Elisa. Como esta dera à luz um bebê dia 18 de abril e ficava difícil fazer as aulas, pois D<sup>a</sup>. Elisa não se sentia bem, Caroline sugeriu que Julieta fosse à sua casa até que D. Elisa melhorasse, o que ela fez, diariamente, conforme registra Caroline no dia 27 do mesmo mês. Ela também recebia em sua casa, para aulas de piano, Florence Withers, que, a pedido de sua mãe, Mrs. Withers, tinha três aulas de meia hora por semana; poucas semanas depois, no começo de junho de 1881, a Sra. Withers pediu que Caroline ensinasse também a outra filha, Gertrude. As meninas devem ter-se dedicado ao estudo de piano, porque eventualmente o Sr. Withers colocou diversos anúncios no jornal procurando um piano para comprar ou alugar.<sup>233</sup>

Na sexta-feira santa, dia 15, foi seu aniversário. Ela deu as aulas do dia e, à tarde, foi visitar a Sra. Balster, cujo marido era leiloeiro, e lá tomou chá. Na saída, a anfitriã deu plantas a Mildred, e

---

<sup>232</sup> *May 1881, Thursday 19<sup>th</sup> – Mr. Mason came to put up some pictures which he wants to sell; Friday 20<sup>th</sup> – The Masons came tonight to hang more pictures.*

<sup>233</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 22 jan. 1884, n. 19, p.4.

logo Fritz chegou para acompanhá-las de volta a casa. No dia seguinte não saíram, apenas leram “*Charles Harman*”, emprestado pela Sra. Preda, e “*La Vendée*”. *No feasts this year* [Sem festas este ano], ela registrou. Nos dias seguintes, trabalhou como habitual. Na terça-feira, Fritz foi à Mme. Garnier<sup>234</sup> e comprou muitas plantas. Ele e Mildred cuidavam do jardim, que deve ter ficado muito bonito, pois volta e meia aparecia alguém querendo colher flores, o que irritava a família.

Fritz tinha 16 anos, que completou no dia 4 de abril de 1881, conforme anota Caroline. Ele era muito prestativo: cuidava do jardim, charqueava a carne, torrava e moía o café, fazia compras, ajudava nas emergências e acompanhava a irmã e a mãe nas saídas à rua. Caroline o mantinha mesmo muito ocupado, com leituras e estudos, inclusive da Bíblia. Mildred era alguns anos mais velha que ele, e muito prendada, particularmente nos trabalhos de agulha. Além de bordados, crochê e tricô, costurava o tempo todo. Em abril fez um vestido para o bebê do irmão mais velho, Cowper, aproveitando um resto de chita que sobrara de um de seus próprios vestidos. Em maio, fez uma jaqueta com flanela comprada na loja dos Loureiro para ela mesma, e um par de calças escuras de *cassinete* para o irmão Fritz. No começo de junho de 1881, Caroline anota que Mildred estava fazendo um *Princess petticoat* e bordando toalhinhas para o abajur de mesa para Rosina.<sup>235</sup> A jovem ajudava também nos trabalhos de casa,

---

<sup>234</sup> Mme. Garnier também visitava Caroline em sua casa, às vezes acompanhada de Mrs. Over, como no dia 26 de maio de 1881, embora Mrs. Over viesse às vezes só, para o *tea*, como na fria tarde de domingo 22 de maio.

<sup>235</sup> *June 1881, Thursday 9th – Took the pattern of Crown of Thorns to D<sup>a</sup> Thecla, to choose the wools, & returned the pattern of the letters, having copied them for Mildred, who is working the lamp mats for Rosina* [Junho de 1881, Quinta-Feira dia 9 – Levei o modelo de Coroa de Espinhos para D<sup>a</sup> Thecla, para escolher as lãs, e devolvi o modelo

cozinhando e passando roupa, embora esta última tarefa fosse feita por uma senhora que elas empregavam ocasionalmente para os serviços mais pesados de limpeza da casa.<sup>236</sup>

Quanto aos trabalhos de agulha, as mulheres de todas as idades os praticavam, mesmo quando crianças; tal era a importância dessa habilidade para a formação das meninas que fazia parte do currículo oferecido pelas escolas. Lembramos que Caroline incluiu esta competência no anúncio que colocou no *Dezenove de Dezembro* oferecendo seus préstimos à cidade no ano de 1880. Bertie, a filha mais nova de Caroline que ficara na colônia aos cuidados da *tia Ju*, também era prendada e até presenteou seu irmão Fritz com uma gravata de crochê que ela mesma fizera. A própria Caroline também fazia muitos trabalhos, inclusive desenhos para bordados. Em maio de 1881 ela havia feito uma almofada para Rosina, mas também fazia, junto com a filha Mildred, meia-luvas [*mittens*] para dar de presente.

---

de letras, que já copiei para Mildred, que está trabalhando numa toalhinha para os abajures para Rosina]; *Saturday 11th* – Mildred finished the Princess petticoat, begun yesterday (Mrs Wither's patterns) – Settled months account with D<sup>a</sup> Thecla, & ordered the rug at 9\$000, which she will keep for me [Sábado dia 11 – Mildred terminou o *Princess petticoat*, começado ontem (desenhos de Mrs. Withers) – Paguei as contas do mês com D<sup>a</sup> Thecla e encomendei o tapete a 9\$000, o qual ela reservará para mim].

<sup>236</sup> *June 1881, Monday 13th, Nice day, San Antonio* – Woman came to iron. Gave lessons as usual. Worked a little at bracket. Mildred read & played. [Junho de 1881, Segunda-Feira dia 13, Dia agradável, Santo Antonio – Mulher veio passar roupa. Dei aulas como usual. Trabalhei um pouco nos *brackets*. Mildred leu e tocou]; *Tuesday 14th, Do. Lessons as usual, but Rosa would not take her drawing lesson, because she was expecting her linen from the wash! Woman ironed half a day, & finished.* [Terça-Feira dia 14, Idem. Aulas como usual, mas Rosa não queria fazer sua aula de desenho, porque ela estava esperando sua roupa de cama chegar da lavadeira! Mulher passou roupa metade do dia, e terminou].

O mês de maio de 1881 vai terminando, muito frio, a temperatura tendo chegado a 12 graus no dia 26, baixando para 10º no dia seguinte e fechando o mês com chuvas fortes. Mas no sábado, dia 28, quando Caroline foi a uma *soirée* nos Fonseca, dada em homenagem ao batismo do bebê de D<sup>a</sup>. Augusta Dantas, a pobre Mildred não pôde comparecer porque sua perna estava em péssimo estado. Estavam presentes os Srs. Rocha e Henrique, que tocou flauta, acompanhado por Rosina, que cantou. Ao voltar para casa, a perna da filha estava melhor. No dia seguinte, uma mulher veio limpar-lhe a casa, ela desenhou, almoçou nos Fonseca porque ao sair uma forte chuva caiu, e assim vai chegando o mês de junho, muito frio, mas, aparentemente, seco.

Conforme vamos procurando entender o cotidiano de Caroline, e das tramas de sua sobrevivência. Ela não diz, mas sua vida era pontilhada de dificuldades. Para manter-se e à sua prole, e, além disso, não perder o *aplomb*, ela trabalhava muito, mantinha uma vida social intensa, bem como uma extensa rede de solidariedade e troca de favores. Observamos que muitos de seus alunos são também seus fornecedores. Por exemplo, os Withers têm uma casa de carnes, banhas e presuntos; os meninos são amigos de Fritz; as meninas Florence e Gertrude são suas alunas de piano; o casal é seu amigo – a Sra. Withers é a amiga de todas as horas, na saúde e na doença; o Sr. Withers vem à sua casa para jogar xadrez, fumar seu charuto. Os Mason também são seus amigos íntimos, cuidam uns dos outros, na saúde e na doença; o Sr. Mason expõe os quadros, creio que para os quais fazia molduras, em casa de Caroline, para que fossem vistos e comprados; a Sra. Mason também é aquela que sabe fazer corte e costura de vestidos, como se pode inferir por algumas notas que Caroline faz. D<sup>a</sup>. Thecla tem loja de armarinhos, cujos produtos, de

linhas a tapetes, Caroline e Mildred “consomem” avidamente, e a mesma senhora é sua aluna. O mesmo pode ser dito a respeito da família Soares e Fonseca, entre outros. Portanto, são muitos os laços que se formam.

Optamos, inicialmente, por ir relatando a vida de Caroline a partir da cronologia obedecida no seu diário – marcada pela alternância das estações do ano, estações climáticas e sociais; mas, ocasionalmente, alguns temas extrapolam a linearidade. O clima, em grande medida, estabelece os limites do possível, aproxima ou afasta as pessoas umas das outras, determina seu recolhimento e suas atividades, trabalho e passeios no tempo bom, alternado por mais leituras e trabalhos de agulha nos dias frios e chuvosos, embora seja notável a tendência gregária dos personagens dessa história. Um dos fatores que sustentam esta dedução baseia-se no próprio interesse em aprender outros idiomas. Sua utilidade não era, como nos dias atuais, acrescentar ao currículo de habilidades apropriadas para o mundo do trabalho, mas tinham um caráter social, ou seja, a formação de um *roll* de habilidades apropriadas para a sociabilidade. O mesmo pode-se dizer do interesse em aprender canto e piano. O número de eventos sociais ocorridos na cidade, de caráter público e, acima de tudo, privado, indicam a utilidade do aprendizado, que vai além da ornamental. Os moradores de Curitiba, brasileiros e/ou estrangeiros pareciam apreciar e praticar muito esses prazeres.

Sociabilidade e conviviabilidade eram características muito próprias da época e, naturalmente, não apenas em Curitiba. Diferentemente dos dias atuais, onde cada pessoa zela pela sua privacidade e individualidade, significando uma disponibilidade mais restrita no que se refere ao convívio com *os outros*, que requer decidir e plane-

jar antecipadamente, no final do século XIX e na virada do século XX os rituais da vida doméstica e as formas de convívio mantinham o espírito agregador da família; ao círculo familiar e sua vida cotidiana eram agregados parentes e amigos, conforme destaca Rosa Maria Barboza de Araújo em seu estudo sobre o cotidiano das famílias na cidade no Rio de Janeiro republicano.

Ela constatou que na esfera doméstica o grupo familiar compartilhava diversas atividades cotidianas, especialmente nas horas de lazer. Na virada do século, o jantar em família era servido às 4 ou 5 horas da tarde, o que explica, no caso dos ingleses, inclusive nas notas que Caroline faz em seu diário, a utilização da expressão “*to have tea*”, que tanto pode significar tomar chá – o famoso ‘chá das cinco’ – quanto jantar. A noite da família era longa, dedicada a descanso e lazer e, mesmo sem sair de casa, nos dias úteis não era raro que se dormisse depois da meia-noite, porque entre a hora do jantar e a de ir para a cama liam, costuravam e jogavam. A leitura, diferentemente do que entendemos hoje, era, por vezes, um hábito de atividade coletiva e nas famílias letradas ler em voz alta era uma diversão e às vezes uma obrigação do chefe da família. Enquanto uma pessoa lia, as outras faziam trabalhos manuais, jogavam, desenhavam ou escreviam.<sup>237</sup>

No Rio de Janeiro, como em Curitiba e certamente em outras cidades, a noite comum em família podia ter um ar de festa. Mesmo sem motivo especial o grupo doméstico reunido improvisava distrações: recitavam poesias, representavam e dançavam, mas principalmente desfrutavam os prazeres da música, tocando e cantando,

---

<sup>237</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

porque a música era o grande entretenimento nas noites domésticas. O piano era muito nobre e apreciado, mas, sendo mais caro, era um instrumento comum nas casas das famílias mais abastadas; quanto à maioria da população, em cujas moradias a música não era menos apreciada, tocavam e cantavam ao som do violão e dos instrumentos de percussão.

A autora constata a vocação cultural brasileira para a música e cita uma crônica de Olavo Bilac, representante das elites, sobre a importância do piano que consideramos digna de nota:

*Aqui tudo se faz por música ou com música. No Rio de Janeiro as crianças já nascem sabendo martelar no piano a gama natural dos sete sons! [...] O Rio de Janeiro é a cidade dos pianos. Não encontrareis uma só casa em que não haja um piano pelo menos. Porque há casas que têm dois: um, de cauda, para as pessoas grandes, e outro, de meio armário, para as crianças principiantes. E há casas que têm três: um para a dona da casa e as filhas mais velhas, outro para a pirralhada e outro para as criadas! No lar mais pobre sempre achareis um desses “monstros negros de dentes brancos”. Talvez não vejais, na mais humilde habitação carioca, panelas no fogão, nem comida nos pratos, nem louça no armário, nem roupa na cômoda [...] mas haveis de ver, por força, um piano. O piano é cercado de amor e desvelo. É a última coisa que o pobre se desfaz... Quando se diz de um chefe de família: “vendeu o piano”, está dito tudo: nessa frase se resumem e definem a miséria suprema e o supremo sacrifício: depois disso... o suicídio! A mania do pia-*



*no é brasileira. As meninas todas aprendem piano. Não há espanto quando uma criança de 10 anos é ainda analfabeta e sim uma menina de oito anos que não toque piano.*<sup>238</sup>

Aos domingos, entre as práticas sociais, a primeira obrigação observada era assistir à missa, seguida do almoço, principal refeição do dia, que podia prolongar-se por mais de duas horas. Após este, o dia podia prosseguir movimentado, e a hora do chá e do jantar habitualmente contava com a participação de outros parentes e amigos. O dia consagrado ao descanso e ao lazer estava longe de incorporar hábitos de isolamento e privacidade, tornando-se, ao contrário, o apogeu da convivência social familiar. Todo esse padrão de sociabilidade emerge no diário de Caroline, na Curitiba da década de 1880, onde o hábito de fazer visitas ocupava grande espaço na agenda familiar.

No Rio de Janeiro, estes hábitos tanto eram espontâneos quanto recomendados. A coluna *Vida no Lar*, do jornal *O Paiz*, procurava orientar os leitores sobre as regras de protocolo na vida social, chegando a realizar uma campanha durante um mês, em 1908, para incentivar os leitores a intensificar sua programação social no âmbito doméstico, chamando a atenção para os benefícios que isto lhes pudesse trazer: “As relações têm sua utilidade, cedo ou tarde, em muitas circunstâncias da vida. Quando não se pode receber por prazer, para corresponder a afetos, deve-se fazê-lo por interesse, por cálculo”. As visitas, explicava, poderiam não só consolidar amizades como também favorecer a articulação de alianças proveitosas.<sup>239</sup>

---

<sup>238</sup> *Kósmos*, maio, 1907, s.p. ... *Apud* ARAÚJO, Maria Rosa Barboza de. Op. cit., p.251.

<sup>239</sup> ARAÚJO, Maria Rosa B. de. ... Op. cit. pp.252-256.

## 4.2. No centro da cena

Caroline era muito prestativa. É interessante observar como ela se encontrava no centro de um amplo círculo social que dela servia-se também em razão da movimentação constante a que seu trabalho de professora a domicílio lhe condicionava. Dia 8 de abril ela foi toda feliz informar D<sup>a</sup>. Preda sobre uma possível empregada para ela, que falava italiano. Na mesma semana, no domingo, ela e o filho Fritz acompanharam o Sr. Mason a um endereço onde haveria uma casa para ele. Mas não deve ter dado certo, pois na primeira semana de junho de 1881 ela continuava preocupada em ajudar os Masons a resolver esse assunto. Chegou a consultar o Comendador Antonio Ricardo sobre isto. A Sra. Mason estava muito doente, provavelmente por causa das correntes de ar muito frio na hospedaria do Julio (Julio Gineste),<sup>240</sup> onde estavam morando, friagem que o casal já não aguentava mais.

Logo após consultar o Comendador foram informados sobre três casas, das quais o Sr. Mason alugou uma, na Rua do Mato Grosso, atual Rua Comendador Araújo, por 30\$000 ao mês. Curiosamente, durante as pesquisas localizamos um anúncio que Henry Mason mandou publicar no jornal *Dezenove de Dezembro* de outubro de 1880, ou seja, quatro meses após o aluguel da casa, declarando-se *decorador de Londres* e oferecendo-se para os serviços de pintura de

---

<sup>240</sup> Julio E. Gineste, mais tarde Diretor Geral do Grand Hotel da família Mostaert, deve ter tido uma espécie de hospedaria onde ficavam os recém-chegados à cidade, como, por exemplo, a parteira Mme. Julia Lafite, que colocou anúncio oferecendo seus serviços e indicando, para ser procurada, *a casa do Sr. Julio E. Gineste*, no *Dezenove de Dezembro* de 9 de novembro de 1880, p.4.

brasões, quadros de todas as qualidades, tabuletas para casas de negócios, carros etc., mas indicando como endereço para ser procurado à *casa do Sr. Julio Gineste, rua Direita*.<sup>241</sup> Lembramos que alguns dos quadros acima citados eram expostos na casa de Caroline para serem vendidos, conforme ela registra em seu diário nos dias 19 e 20 de maio de 1881.

Ela era também uma pessoa muito requisitada e as fontes indicam sua popularidade e receptividade aos pedidos e convites. Afora as contínuas encomendas vindas da colônia Assunguy, havia os inúmeros convites para tocar piano, cuidadosamente registrados no diário, muitos dos quais também publicados no principal periódico local da época, o *Dezenove de Dezembro*. Em julho e agosto de 1881 ela tocou num concerto a convite do *Signor Scolari*, cantor americano levado à sua casa por Bento Menezes e, ao longo de 1881, participou de inúmeras *soirées*. Já no ano seguinte, 1882, ela participou ativamente de muitas ocasiões públicas.

Em abril, conheceu Dr. Carlos de Carvalho, presidente da Província do Paraná, na casa dos Soares, achou-o simpático e, na ocasião, tocou duas Sonatas de Beethoven; no início de junho tocou piano no Clube Curitibano, que vinha frequentando há um mês; em julho, tocou num concerto na casa de um General Souto, a convite deste. Em agosto, na casa do Coronel Assumpção, conheceu os alemães *Herr* e *Frau* Schultze, cantores alemães, que a convidaram para tocar no concerto que iam dar no domingo daquela semana; dois dias depois voltou a encontrá-los, bem como toda a família de Trajano Reis e do Presidente da Província, na casa dos Fonseca. Nessa festa,

---

<sup>241</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 30 out. 1880, p.4.

ela tocou a quatro mãos, ao lado de *Herr Schultze*, e mais uma vez deve ter deixado boa impressão, porque ela registra com óbvia satisfação que o Presidente ia dar um concerto no começo de setembro em benefício das escolas e queria que ela tocasse. Como se isso não bastasse, no dia seguinte, ela recebeu uma carta de *Herr Schultze* convidando-a a tocar em seu último concerto na cidade, cujos anúncios foram publicados nos jornais locais.<sup>242</sup>

Depois dessa data, apenas por mais alguns meses pode-se acompanhar seus passos através das páginas do diário que escreveu, cujo único caderno que se conhece vai até novembro de 1882. Após quase *desaparece*, uma vez que os únicos vestígios que conseguimos encontrar dela estão nas notas de jornais curitibanos. Em 1883 nada foi encontrado, mas em 1884, além de assumir aulas de inglês, alemão e desenho no Externato Santa Thereza,<sup>243</sup> tendo sido fundado em Curitiba um *Clube Abolicionista*, cujas atividades culturais tinham o objetivo de angariar recursos para libertar escravos, ela reaparece brevemente. A entidade promovia concertos e, em março de 1885, dois deles aconteceram no Salão Strobel com sua apresentação: nos dias 24, quando Caroline tocou *Simyramis*, e 27 de março, no qual ela tocou juntamente com o Sr. Frederico Nascimento, violoncelista e marido de Julieta Vieira do Nascimento, pianista.<sup>244</sup>

Os concertos devem ter sido um grande sucesso a julgar pelo entusiasmo da imprensa e também porque um acontecimento que antecipou o concerto parece ter criado um imenso *frisson* na cidade.

---

<sup>242</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 12 ago. 1882, p.4.

<sup>243</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 11 set. 1884, p.3.

<sup>244</sup> DEZEMBRO DE DEZEMBRO, 24-27 e 28 mar. 1885, p.3.

O casal Frederico e Julieta haviam chegado a Curitiba dia 27 de fevereiro e se hospedado no *Grand Hotel*, de Frederico Mostaert. Na mesma noite, por volta das 7 horas, algumas pessoas que gozavam da intimidade do artista foram convidadas para uma primeira exibição no salão do próprio hotel. Rodolpho PdoBrasil [*sic*] reporta poeticamente que quando o Sr. Nascimento empunhou o seu violoncelo, inseparável companheiro de glórias, cessaram pouco a pouco os murmúrios das conversações. Lá fora fazia um luar esplêndido; a atmosfera tinha uma transparência límpida e cristalina; o ar vibrava aos sons harmoniosos do violoncelo e do piano. Muitas famílias brasileiras e alemãs que passavam pelas ruas adjacentes ao hotel aproximaram-se instintivamente da sala do concerto familiar, para a qual eram atraídas irresistivelmente pela magia da sonoridade. Parecia, finaliza o Sr. Rodolpho, que o Sr. Frederico Mostaert houvera anunciado um grande concerto, tal era a enorme “concorrência” de curiosos à porta e às janelas do edifício.<sup>245</sup>

O ano de 1884 foi marcado, ainda, pela fundação de uma sociedade protetora da imigração, composta majoritariamente por representantes da colônia estrangeira na Capital, entre eles William [Guilherme] Withers, da imprensa nacional e alemã e “de muitas outras pessoas gradas”, inclusive brasileiros, cujo fim a que se propôs foi auxiliar a administração provincial na realização de um programa para facilitar aos imigrantes os meios necessários de transporte da Europa para o Paraná e dar-lhes hospedagem em Antonina e na Capital, serviços que a sociedade se propunha fazer sob a fiscalização imediata do governo provincial.<sup>246</sup> Dois anos antes o governo

---

<sup>245</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 10 mar.1885, p.3.

<sup>246</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 21 out. 1884, pp.1-2 “Imigração e Colonização”.

imperial havia deixado de subvencionar a colônia Assunguy, “eman-  
cipando-a”.

No final de 1884, em novembro, Curitiba recebeu a visita do Conde e Condessa D’Eu. Foi organizada uma comissão encarregada de recepcioná-los, da qual fez parte o inglês Felipe Tod, que em 1880 havia recebido D. Pedro II em sua propriedade na colônia Argelina, que ficou conhecida na historiografia paranaense como *O Parque Inglês*.<sup>247</sup> Nenhum outro inglês foi incluído na comissão, nem mesmo Mr. Withers. Mas no dia 8 de dezembro uma *soirée* foi realizada na casa do coronel Vieira da Costa, em homenagem ao estado-maior de Sua Majestade o Conde D’Eu, para a qual Caroline foi convidada a tocar piano, acompanhando as Sras. Francisca Menezes, Zelie Costa, Elvira Costa, Graça Fonseca, Rosa Fonseca, Julia Munhoz e Julia Godoi, que cantaram trechos de diversas óperas, conforme extenso programa publicado nos jornais.<sup>248</sup>

Segundo relatos de membros da família Tamplin, a partir desta visita imperial Caroline Tamplin passou a manter uma correspondência com a Princesa Izabel. Contam que, numa ocasião em que a Princesa teria contraído icterícia, as filhas de Caroline, Mildred e Alberta, teriam chegado a visitá-la no Rio de Janeiro. O fato é que, quando estiveram em Curitiba no final de 1884, os príncipes mostraram-se acessíveis. Uma nota no *Dezenove de Dezembro* do dia 1º de dezembro informou que “Suas Altezas Imperiaes costumam receber todos os dias às 7 horas da noite as pessoas que desejarem

---

<sup>247</sup> MACEDO, Rafael Greca de; NASCIMENTO, Maí; ANDRADE, Vera Lucia Gregorio de. *O Parque Inglês*...., 1979.

<sup>248</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 9 dez. 1884. pp.3-4.

cumprimental-os”. Não é impossível que Caroline e as filhas tenham ido vê-los e tenham sido recebidas.

Ao procurar Caroline nas páginas dos jornais, deparamos com um conflito de bastante repercussão que se deu entre dois ingleses em Curitiba durante o mês de abril de 1884, com virulenta troca de acusações mútuas de más práticas no manuseio de valores e no acerto das contas relativos à manutenção e reparos na ponte de São José e respectivo pedágio. Por várias semanas H. Mason, que foi zelador da barreira de São José, acusou W. Joslin, seu contratante, de ter-lhe ficado devendo valores, enquanto W. Joslin procurava desacreditá-lo.<sup>249</sup>

Em junho do mesmo ano outro inglês recebe destaque nas páginas do mesmo jornal quando o governo da província comunica ao Tesouro provincial que aprova a minuta de um contrato a ser celebrado com William Withers para o estabelecimento de uma *xarqueada* e fábrica de conservas de carnes e etc.<sup>250</sup> No final do mesmo mês, o vereador Ventura Torres contesta o contrato alegando que traria prejuízos aos cofres municipais porque estaria sendo favorecido com isenção de direitos municipais na matéria-prima. Mas tudo indica que o contrato foi celebrado,<sup>251</sup> porque em setembro Mr Withers manda publicar um grande anúncio, conforme abaixo:

---

<sup>249</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 17 abr. 1884, p.4; 22 abr. 1884, p.4; 26 abr. 1884, pp.3-4.

<sup>250</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 5 jun.1884, p.1 – Parte Oficial.

<sup>251</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 11 jun. 1884, p.1; 21 jun. 1884, p.2.

*Indústria Nacional*

*WILLIAM WITHERS*

*Fabricante*

*BANHA BANHA BANHA*

*Superior à que vem dos Estados Unidos*

*PRESUNTO PRESUNTO PRESUNTO*

*Igual ao da Inglaterra*

*Línguas de boi defumadas*

*Carnes de boi defumadas*

*Especialidades fabricadas na província do Paraná*

*Óleo de banha de porco para machinas ecabello*

*Azeite de Mocotó e outras preparações de carne*

*Depósitos*

*Rua da Imperatriz, em casa do Sr. Assis Teixeira, e na respectiva fabrica*

*- Rua de Matto Grosso CURYTIBA<sup>252</sup>*

Esse empreendimento valeu-lhe o convite para integrar a comissão organizadora de uma sociedade protetora da imigração fundada em Curitiba em outubro de 1884. O *Dezenove de Dezembro* publicou que, a convite do Dr. Brasília Augusto Machado de Oliveira, realizou-se uma reunião no palácio “composta de diversos conspícuos representantes da colônia estrangeira em Curytiba, da

---

<sup>252</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 25 set.1884, p.4; 26 set.1884, p.3; 3 out. 1884, p.4; 7 out. 1884, p.3.



nossa imprensa nacional e alemã e de muitas outras pessoas gradas”. O presidente da província abriu a sessão e expôs, “em phrases eloquentes, o assunto relativo à reorganização do serviço de imigração e colonização nesta província”. Entre os membros da sociedade, constam os nomes de Fridolin Wolf, Ernesto Gaiata, Antonio D. de Barros, Francisco Motzko, Henri Duquenne (cônsul belga), Augusto Eyting, Corghi e Comendador Franco.<sup>253</sup>

Destacam-se ainda, entre os negócios de imigrantes britânicos em Curitiba, no mesmo ano de 1884, o *Collegio Inglez* de Mrs. Braund que, segundo um artigo sobre a visita do Superintendente do 10º distrito, possuía 16 alunas;<sup>254</sup> a *Bacachery Stud Farm*, fazenda de criação de cavalos pertencente a Fowler e Tod,<sup>255</sup> o leiloeiro Mr. Balster e o cenógrafo Henri Mason, amigo de Caroline que, no final de outubro, recebe a seguinte nota no jornal:

#### NOTA DE APOIO À

*Henri Mason, cenógrafo encarregado de preparar todas as cenas do recém inaugurado teatro S Theodoro.*

*Pedido de reparo e crédito por o nome dele não ter sido citado antes no jornal como autor daquela obra – “Daí a César o que é de César”.*<sup>256</sup>

---

<sup>253</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 21 out. 1884, pp.1-2.

<sup>254</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 28 jun. 1884, p.2.

<sup>255</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 4 set. 1884, p.4.

<sup>256</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 31 out. 1884, p. 3 e 1 Nov. 1884, p.3.

No ano de 1885, Caroline participa nos espetáculos organizados pelo *Club Abolicionista Paranaense*, tocando Chopin, Weber, Schubert, ao lado de outras pessoas da sociedade, e uma nota de agradecimento e reconhecimento é publicada no *Dezenove de Dezembro* por um de seus alunos,

#### A PEDIDOS

*Em abono da verdade, declaro que não sou, como disse o sympathico moço que servia de leiloeiro por ocasião de apregoar o modesto quadro por mim offerecido para a kermesse, uma criança **sem mestre**, pois que honro-me de ser discípulo da distinct e illustrada professora D. Carolina Tamplin, e se qualquer mérito podem ter os meus insignificantes trabalhos de desenho, devo-o todo às lições dessa tão talentosa quanto erudita professora.*

*Curitiba, 25 de Março de 1885.*

*João Pamphilo d'Assumpção.<sup>257</sup>*

As práticas culturais dos residentes em Curitiba na década de 1880 incluíam, além da música, a leitura. A cidade contava com alguns clubes literários, um dos quais frequentado pelo filho de Caroline, Fritz. Mas, entre os livros que a família lia, muitos circulavam dentro de uma ‘rede de leitores’, ou seja, um grupo de pessoas que, tendo tido acesso a determinados livros, os liam e depois emprestavam a seus amigos. Entre os maiores colaboradores a essa ‘biblioteca circulante’ estão Mrs. Withers e D<sup>a</sup>. Thecla. Alguns dos

---

<sup>257</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 27 mar. 1885, p.3.

autores são Lady Georgiana Fullerton, Mrs. Oliphant, Richard Burton, Thompson, Guscardini, Schiller, Julio Verne. Quanto aos títulos, há uma grande variedade de temas, escritos em inglês, francês, alemão e português: *Fabiola, Sombras e Luz, Portugal na Balança da Europa, Cinco Milhões da Begum, Atala; History of Italy, Paraguayan War, Highlands of Brazil, Midshipman Easy, Bookwood, Valentine Vox, Publicans and Sinners, Wanderers in Trinidad & on the Orinoco, Ride to Khiva, Wild Scenes in Columbia, Waldinse; Revolt de La Vendée, Fille Maudite, Jeune Anachses; Wunderfamor Goffessatsstan e Wunderbar Erzählung.*

Em Curitiba circulava o livro “*Life of a Queen*”, de Mrs. Oliphant. É interessante que, tendo sido escrito ou publicado em 1880, no ano seguinte, maio de 1881, já circula em Curitiba entre o grupo de leitores que incluía Caroline e sua filha, indicando quão atualizados aqueles leitores eram. Mais que isto, incita-nos indagar como estes livros chegavam à cidade: teriam sido enviados pelo correio por parentes ou amigos residentes na Europa, teriam sido comprados por algum morador de Curitiba que visitara a Europa? Em qualquer dos casos mostra que havia um mercado consumidor e ávido pelas novidades, embora o volume de obras escritas pela autora, nascida na Escócia em 1828, indique até certo ponto a sua popularidade: foram 7 crônicas; 11 romances; 7 coleções; 12 livros de história, biografia e artes; 13 antologias contendo histórias de mistério, horror, sobrenatural e fantasia.

Quanto ao romance “*Ellen Middleton*”, composto de três volumes, de autoria de Lady Georgiana Fullerton (1812-1885) – escritora que converteu-se ao catolicismo e escreveu muitos livros –, escrito ou publicado em 1844, possui um tom bastante intenso, uma atmosfera de suspense e emoção que pode ser percebida logo nos

primeiros parágrafos. Conseguimos obter, via internet, todo o volume 2, composto de 328 páginas, bem como localizar alguma informação sobre a autora e comentários sobre a obra. Joyce Sugg, comentando a troca de correspondências entre Newman e várias mulheres, observa que Lady Georgiana Fullerton era filha de Lord Granville, um diplomata. Nascida em 1812, ela passou sua juventude em Paris e, em 1833, um ano antes de seu casamento aos 22 anos, publicou *Ellen Middleton*. Segundo a nota, o livro foi admirado por Gladstone, primeiro-ministro inglês e lido pela própria Rainha Vitória e Príncipe Albert. O autor, Sugg, comenta também que o livro tinha uma trama complicada, melodramática, tendo como tema central a necessidade de absolvição sacramental, ou seja, questionava a propriedade ou não do clero anglicano para ouvir confissões. Lady Georgiana escreveu outros romances, com a tendência a centralizar suas tramas em polêmicas sobre a religiosidade de anglicanos e católicos.<sup>258</sup> Outro comentário diz que Lady Georgiana era protestante e converteu-se ao catolicismo um ano após a publicação de *Ellen Middleton* e discute a classificação dada ao romance, categorizado entre os romances católicos.<sup>259</sup> Nestas leituras, Caroline deve ter buscado sustentação para a sua própria conversão.

Acompanhando estes imigrantes, personagens da Curitiba do final do século XIX, fica evidente a agitação cultural da cidade e a intensa vida social dessas pessoas. Elas criavam e aproveitavam oportunidades para o exercício da sociabilidade.

---

<sup>258</sup> SUGG, Joyce. **Ever Yours Affly**: Newman and his Female Circle, 1996. Disponível em: [http://www.patrickkillough.com/courses/newman\\_women.html](http://www.patrickkillough.com/courses/newman_women.html). Acesso em: 12/07/2009.

<sup>259</sup> Disponível em: [http://littleprofessor.typepad.com/the\\_little\\_professor/2008/02/constance\\_sherw.html](http://littleprofessor.typepad.com/the_little_professor/2008/02/constance_sherw.html). Acesso em: 19/04/2010.

### 4.3. Saindo de cena, entrando na história

Já se passaram mais de cem anos desde os registros das primeiras presenças de imigrantes britânicos no Paraná. Na historiografia, eles foram sufocados pelos alemães, italianos, poloneses e ucranianos, entre outras etnias. A Curitiba de Caroline e de seu amplo círculo de convivência já não vivencia tão intensamente a insalubridade e as epidemias. Esses problemas foram enfrentados com um projeto de modernização e progresso. Se compararmos as ruas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX podemos observar a preocupação em afastar sobretudo a insalubridade.

A imigração britânica deixou traços frágeis na modernização urbana. Talvez esteja a merecer um estudo arquitetônico explorando o acervo fotográfico, das últimas décadas do século XIX, acervo este preservado na Casa da Memória de Curitiba. A documentação pesquisada deixa perceber que, embora constituíssem um grupo minoritário no total das migrações, os ingleses se fizeram presentes com suas reivindicações e foram ouvidos pelas autoridades do império. Também foram ouvidos pelas autoridades britânicas no Brasil, que se pronunciaram em sua defesa.

A documentação existente está esperando para ser explorada em outras abordagens, sobretudo documentos da representação diplomática estrangeira. O diário e a memória aqui apresentados também poderão ser explorados em outras perspectivas como, por exemplo, o gênero na migração. O território da antiga colônia Assunguy, continua hoje num isolamento quase o mesmo: estradas precárias, ausência de saneamento, agricultura pobre. Paira, porém, uma

dúvida: se os imigrantes eram tão importantes para o império brasileiro naquela conjuntura, por que desistiram? O isolamento de Assunguy, a falta de estradas, o não cumprimento das promessas ou contratos por parte dos agenciadores, constantes nos vários núcleos de colonização, não parecem motivos suficientes.

Levando-se em conta a memória do Sr. Tigar, e outras memórias de poloneses, italianos e alemães, podemos inferir o alto nível de dificuldades para europeus cidadãos enfrentarem bichos peçonhentos, perigosas montanhas, transbordamento de rios com as chuvas, uma realidade *quase tão primitiva quanto nos dias de Moisés*; não era nada fácil.

Não importam as razões que tiveram para procurar o Brasil; parece que as tinham de sobra para procurarem outras possibilidades de sobrevivência. Quanto à Caroline, podemos dizer que perdemos o contato.

Dos anos de 1886 a 1887, nada pudemos localizar. O ano de 1888 registra o lamentável episódio em que alguém publica nota com a intenção de constrangê-la,<sup>260</sup> deixando indignados membros de sua família e amigos. É quando alguém parabeniza as famílias curitibanas que em breve veriam partir desta capital para São Paulo a Sra. Caroline Tamplin. Tal nota desrespeitosa recebeu, por vários dias, o repúdio público de mais de aproximadamente duas centenas de nomes conhecidos da sociedade, apoiando-a. A partir de então,

---

<sup>260</sup> Não é um fato incomum ou isolado essa tentativa de tentar constranger uma mulher atuante numa época em que membros mais conservadores da sociedade viam com maus olhos a *mulher pública*, conforme mostra Maria de Lourdes Mônaco JANOTTI em Três Mulheres da Elite Maranhense. In: **Revista Brasileira de História** – Órgão Oficial da Associação Nacional de História, ANPUH. Contexto, v. 16, n.º. 31 e 32, 1996. pp.225-248.

perdemos nossa personagem de vista, e nenhum traço seu foi possível encontrar nos jornais, única fonte que nos restou. Depois disso, ela, por assim dizer, sai dos registros de imprensa para, agora, cerca de 120 anos depois, e quase por acaso, como dissemos na introdução, entrar na História, na historiografia dos imigrantes britânicos.

Se, como vimos, Caroline conquistou a confiança e o respeito necessários para poder transitar entre as famílias, ensinando, além de línguas, música e pintura, uma cultura com seus modos próprios de pensar e de agir, não devemos nos esquecer que uma parcela dessa mesma sociedade era muito conservadora e ainda se preocupava em definir um papel e um lugar para as mulheres.

No primeiro semestre de 1884 uma longa série de artigos no periódico *Dezenove de Dezembro* procura doutrinar os leitores sobre como e para quê educar a mulher e qual seria sua missão – “funções de dona-de-casa e de mães de família”.<sup>261</sup> Entre esses artigos, um deles relata exemplos ingleses onde a mulher é considerada subalterna e, mesmo quando começam a conquistar o direito de voto, às casadas esse direito teria sido negado por supor o legislador que elas obedeceriam à opinião dos maridos. O autor admite, no entanto, que no Wyoming, onde as mulheres casadas gozavam havia algum tempo de todos os direitos políticos, a maioria votava sempre em oposição às opiniões de seus maridos.<sup>262</sup>

No início de 1886, Pamphilio d’Assumpção, aluno de pintura de Caroline, publica longo discurso no jornal local contra a emancipação feminina, o voto, o estudo com vistas a um “título científico”, a ocupação de empregos públicos ou “ocupando lugares

---

<sup>261</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 10 fev. 1884, p.2.

<sup>262</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 10 jan.1884, p.3.

que sejam inteiramente incompatíveis com sua natureza facilmente maleável” que a levariam a que fossem abertas “as portas, dando livre acesso ao mal da sociedade”, levando “o vírus destruidor ao seio da família, que é o fundamento de todo o organismo social”.<sup>263</sup> O artigo não condena a ocupação de uma mulher que se dedica ao ensino, e artigos de outras épocas e outros autores até defendem certo grau de alfabetização feminina, mas a fim de que elas pudessem exercer melhor sua *função feminina*, restrita ao lar. Michelle Perrot destacou muito bem essa condição feminina, pautada por valores e ideais burgueses irradiados da Inglaterra para a França entre o final do século XVIII e o século XIX, que buscavam fazer triunfar a família e a domesticidade.<sup>264</sup>

Em capítulo que discute as imagens femininas na formação da elite de Desterro, Joana Maria Pedro destaca uma publicação do *Jornal do Comércio* de 1891 onde “os papéis femininos que passaram a ser valorizados foram aqueles das ‘seis palavras’: *mulher amante, filha, irmã, esposa, mãe, avó*, sem nenhum comentário a respeito das inúmeras atividades profissionais já exercidas pelas mulheres, concluindo que “somente seus papéis familiares na relação com os homens é que contavam”.<sup>265</sup> Trabalhando com jornais do século XIX, a autora também constatou a forte presença do discurso idealizador do papel social da mulher como mãe, vinculado à valorização da criança e da vida que a sociedade burguesa inaugurava.<sup>266</sup>

---

<sup>263</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 14 abr. 1886, pp.2-3.

<sup>264</sup> PERROT, Michelle. A família triunfante. In: **História da Vida Privada**, 4 ... Op. cit., pp.93-103.

<sup>265</sup> PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis, SC: Ed. UFSC, 1994, p.17.

<sup>266</sup> *Ibid.*, pp.23-24.



Muitas mulheres fundaram e dirigiram escolas para meninas, como Mrs. Braund, em Curitiba, e Eugénie Leuzinger Masset, no Rio de Janeiro; algumas mulheres enfrentaram a oposição de seus maridos, como mostra Janotti a respeito de uma senhora da sociedade maranhense do século XIX.<sup>267</sup> Não sabemos quão assertiva Caroline, com toda sua cultura e experiência, pode ter sido, mas a objetividade com que pareceu enfrentar os problemas em sua vida pode ter sido um traço constante de sua personalidade, um aspecto intimidador que deve ter incomodado alguns, entre eles o/os autor/es da ofensa.

Em 1889 alguns outros personagens desta história despedem-se de Curitiba. Em janeiro, Dona Emília Lindemann coloca seu “chalet assobradado de 14 quartos” à venda “por ter que ir-se para a Europa”.<sup>268</sup> Em julho, despede-se o Sr. Guilherme [William] Withers. Como homem de negócios conhecido na capital, preocupasse, como era habitual na época, em informar sua partida e despedir-se formalmente pelos jornais.

### *Despedida*

*O abaixo-assinado, tendo de se retirar-se para fora da província e não podendo por falta de tempo despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos, o faz por este meio, oferecendo-lhes os seus limitados préstimos em qualquer lugar onde estiver. Guilherme Withers.*<sup>269</sup>

---

<sup>267</sup> Op. cit., pp.226-227.

<sup>268</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 31 jan. 1889, p.3.

<sup>269</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 23 jul. 1889, p.3.

Essas partidas levavam pessoas que se relacionavam e se gostavam, e aqueciam o mercado de imóveis, leilões e venda de móveis e utensílios domésticos usados, conforme mostram, por exemplos, anúncios publicados no mês de agosto: “PIANO – Vende-se um, inglez, em bom estado, a dinheiro. Informa-se nesta typographia”.<sup>270</sup>

Irônica coincidência que os últimos vestígios que localizamos para encerrar esse momento da pesquisa sobre Caroline Tamplin e os ingleses no Paraná sejam por meio da venda de pianos, justamente o objeto de desejo de todos os lares burgueses e emergentes do século XIX e um dos símbolos das maneiras de viver tão bem representados por ela.

---

<sup>270</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO, 17 e 19 ago. 1889, p.3.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, procuramos desvendar e compreender as razões que atraíram imigrantes britânicos para o Paraná e, em particular, por que uma mulher britânica letrada e culta, indícios de pertencimento a níveis mais elevados da classe média, permaneceu no Brasil mesmo após a morte de seu marido. Intrigou-nos ainda que ela tivesse cultivado a prática de escrita de diários e que, embora não soubéssemos há quanto tempo o fazia, um exemplar cobrindo o período de 1880 a 1882 tenha sido preservado pela família.

Assim, tomando esse diário como fonte principal, buscamos outros indícios de sua vida em Curitiba, no que obtivemos êxito com a localização de inúmeras notas a seu respeito nos periódicos curitibanos entre os anos de 1869 a 1888, bem como em documentos oficiais.

Essas fontes trouxeram uma nova dimensão da vida cultural e social da capital da província do Paraná, distanciando-a da ideia que usualmente se faz da vida provinciana marcada por uma suposta monotonia e marasmo e revelando um relativo dinamismo, com apresentações teatrais, concertos, exposições, saraus, passeios ao ar livre, corridas de cavalos, celebrações religiosas e festas familiares entre os variados grupos étnicos que compunham a sociedade curitibana, composta de nacionais e estrangeiros de todas as origens, convivendo em razoável harmonia<sup>271</sup> e aparentemente bem inseridos com suas práticas, valores, línguas.

---

<sup>271</sup> LAMB, Roberto E. *Uma jornada civilizadora:.....*, 1997.

As poucas pinturas de cenas relativas ao período coberto pela pesquisa registram modestas construções, ruas e paisagens desertas. O diário de Caroline Tamplin preencheu esse vazio, povoando-o com pessoas que circulavam por todos os cantos, “cidade”, campo, chácaras, no cumprimento de suas atividades cotidianas no comércio, governo, educação; levando vida a um cenário outrora frio.

Ao problematizar a escrita de diários e memórias, pudemos perceber que, além de representar uma prática cultural típica de contextos que valorizam o indivíduo, a introspecção, o conhecimento e registro de si, há em ambos a preocupação de, entre outras coisas, deixar certa representação de si, marcar um distanciamento de determinados grupos e o direito de pertencimento a níveis mais elevados da sociedade. Na ausência de outros sinais mais óbvios de pertencimento a uma determinada classe social, fizeram-no através da construção e reconstrução de uma imagem de si, de uma identidade específica expressa na preservação de determinados valores e práticas culturais, de natureza social, entre elas o cálculo das condutas, a contenção de demonstrações de emoções exacerbadas, o cultivo de determinados interesses e a observação de certa etiqueta.

O fato de Caroline e o neto Albert terem escrito suas anotações com quase 100 anos de distância um do outro e, ainda assim, terem ambos mostrado a mesma preocupação de especificar esse *pertencimento* foi muito instigante, levando-nos a procurar conhecer este aspecto na sociedade inglesa, na qual os autores lidos identificaram um *triunfo da desigualdade* e o esforço feito pelas classes mais altas para distanciarem-se das camadas consideradas inferiores.

Destaque-se que Caroline trabalhava, e muito, mas buscava criar tempo para as relações sociais. Em alguns momentos ela registrou em seu diário uma agenda muito intensa de acontecimentos. Além das muitas aulas, tem visitas e passeios, saraus e recitais, exposições e teatro, atendimento a doentes, parentes e amigos.

Sem pretender fazer uma análise psicológica para a qual não estamos qualificados e, acima de tudo, sem pretender com este estudo esgotar outras interpretações possíveis, sugerimos que esta preocupação e conduta identificada nos escritos de Caroline e Albert não se distanciam da necessidade que muitos outros imigrantes sentiram de dar sentido às suas experiências e resgatar sua autoestima diante de situações desconfortáveis e até humilhantes às quais ficaram expostos pela sua fragilidade diante de momentos e fatos que não puderam controlar – um modo de ter poder, poder de reconstruir-se, de reabilitar-se.

Embora não faça queixas, ela registra o desconforto da situação que vivenciava. O clima não colaborava, mesmo para uma britânica; raros eram os dias bons, predominando a chuva e o lamaçal. Caroline dependia, para o seu trabalho, de saídas constantes. Numa segunda-feira ela registrou, *clima muito frio. Mildred e eu saímos depois do café...* Em maio de 1881, ela registrou novamente *muito frio, a temperatura tendo chegado a 12 graus... e baixando para 10 graus em seguida.* Muito mais que o tempo, o que devia incomodar, certamente, era a falta de infraestrutura que garantisse o conforto.

Destaca-se, ainda, a respeito da presença britânica no Brasil, o silêncio sobre os imigrantes no Paraná. Se, por um lado, o número de ingleses no Paraná foi modesto, por outro ele não foi nulo na capital da província. Em Curitiba, além de Caroline Tamplin, identificamos a presença de pequenos e médios negociantes e profissionais liberais e o interesse ocasional de investidores britânicos em abrir negócios no Estado.

A historiografia da imigração no Paraná encarregou-se do destaque a algumas etnias em detrimento de outras. Assim, os ingleses demoraram a aparecer. Mas, quando aparecem, trazem à luz uma multiplicidade de aspectos. Também se revela uma riqueza de fontes à espera da exploração. Podemos concluir que as dificuldades encontradas pelos ingleses são semelhantes às aquelas encontradas por poloneses, italianos e alemães, entre outras etnias. Entre as muitas diferenças entre estes vários grupos, merece destaque o pouco trato, do grupo aqui focalizado, com o trabalho e a cultura do campo. Pelo retrato que pudemos traçar, observamos que o grupo inglês de Assunguy era bastante cidadão, o que, somado às condições adversas da natureza, pode ter contribuído para desencorajá-los de insistir na experiência.

## FONTES

### Jornais:

A GALERIA ILUSTRADA. Curitiba, nov. 1888.

ALMANACH PARANAENSE. Curitiba: Imprensa Paranaense,  
[1889]

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, ago. 1888.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 1860-1889.

JORNAL DO COMMERCIO, 1880-1890.

O FUTURO, Paranaguá, 21 nov. 1885, nº 209, p.2 – Manifesto da  
Sociedade Central de Imigração – Aos imigrantes já estabele-  
cidos no Brasil

### Documentos diversos: (acervos públicos)

PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP).  
Correspondência do Governo. Relatórios. Códices. Anexo IV,  
07/08/0380, 1866-1872.

PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP).  
Correspondência do Governo. Requerimentos, 1860-1890.

Relatórios de Presidentes de Província: 1868-1883.

### Arquivos Privados-Familiares

TAMPLIN, Caroline. **Diary**. 1880-1882. Inédito.

TIGAR, Albert Burton. **The Tigar Memoir**. [sem título] 1951. Inédito.





## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão da narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, nº 7, pp. 66-81, 1991.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, F. (coord.); ALENCASTRO, L. F. de (org.). **História da Vida Privada no Brasil: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, M. L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: NOVAIS, F. (coord.); ALENCASTRO, L. F. de (org.). **História da Vida Privada no Brasil: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: **História da Vida Privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, nº 21, 1998.
- BAEDEKER, Karl. Londres, 1894. In: CHARLOT, M.; MARX, R. (orgs.) **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopedia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.
- BAUDEMONT, Suzanne. A *gentry*, sua temporada e seus ritos. In: CHARLOT, M.; MARX, R. (orgs.). **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos. 1872/1875**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974.
- BINZER, Ina von. **Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- BORGES, Vavy Pacheco. Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset (1885-1889). **Cadernos Pagu** (19) Campinas, 2002. pp. 113-143. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a06.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a06.pdf). Acesso em: 10/07/2009.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. ; FERREIRA, M. de M. (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2001.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no Século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CALLIGARIS, Contardo . Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, nº 21, 1998.

- CARTAS dos Emigrantes do Brasil. **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. Curitiba: Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná. v. VIII, 1977. Apresentação: Ruy C. Wachowicz.
- CASTRO, Celso. O diário da Bernardina. In: GOMES, A. de. C. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- CHARLOT, Mônica; MARX, Roland (orgs.). **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- CHARLOT, Mônica. Harrod's, o altar da moda. In: CHARLOT, M.; MARX, R. (orgs.). **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- CHARLOT, Mônica. O *spleen* dos exilados franceses. In: CHARLOT, Mônica; MARX, Roland (orgs.). **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- CHARLOT, Mônica.; MARX, Roland. A sociedade “dual” por excelência. In: CHARLOT, Mônica; MARX, Roland (orgs.). **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas da Leitura**. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CONGRESSO AGRÍCOLA, 1878. **Anais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

- CONGRESSO AGRÍCOLA DO RECIFE, 1878. **Trabalhos**. Recife: CEPA/PE, 1978.
- CORBIN, Alan. O segredo do indivíduo. In: **História da Vida Privada, 4:** da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- DAVATZ, T. **Memórias de um colono no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- DAVIS, Natalie Z. **Nas margens:** três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DUBY, Georges.; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente:** o século XIX. Porto: Afrontamento, 1994, v. 4.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese:** metodologia. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
- Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDC da Fundação Getúlio Vargas, 1997, nº 19.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- GILLIES, Ana Maria Rufino. **Políticas públicas e utensilagem mental:** uma análise das reformas propostas por Henrique de Beaurepaire Rohan em 1856 e 1878. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2002.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **Os ingleses do Assunguy (1859-1882) sob a perspectiva do processo civilizador**: um estudo comparativo com outra comunidade britânica do século XIX. Comunicação apresentada ao X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, SP: 01 a 04/04/2007.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **O diário da imigrante britânica Caroline T.**: trabalho e sociabilidades. Curitiba, 1880-1882. Comunicação apresentada à XXVII Reunião Anual da SBPH – Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Rio de Janeiro, 22-25 jul. 2008.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **Caroline Tamplin e as artes em Curitiba na segunda metade do século XIX**. Texto apresentado à 1ª Reunião do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Arte. FAP-Faculdade de Artes do Paraná. Curitiba, setembro 2008.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **Autoridades imperiais versus imigrantes britânicos na colônia agrícola do Assunguy, 1860-1882**. Comunicação proposta para apresentação ao Encontro Nacional da ANPUH. Fortaleza, Ceará: 2009. Inédito.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário**. In: GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMBRICH, Ernst H. J. **A história da Arte**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, nº 21, 1998.
- GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- GUENTHER, Louise H. **British merchants in nineteenth-century Brazil: business, culture, and identity in Bahia, 1808-50**. Oxford, England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, C. Sweet Home. In: **História da Vida Privada**, v. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HARDY, Thomas. **Tess of D'Urbervilles**. New York: W.W. Norton, 1976.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Muller. In: **Estudos Históricos**, 19. Indivíduo, Biografia, História. Rio de Janeiro: v. 10, nº 19, 1997, pp.41-66.
- HIGONET, Anne. Mulheres e Imagens. Aparências, Lazer, Subsistência. In: DUBY, Georges.; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1994.

- HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HOBSBAWM, Eric. **A era do capital**. 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 2ª ed. pp.207-220.
- HOULBROOKE, Ralph. **Britain: ‘ego-documents’ and life writing 1500-1900**. Disponível em: <[http://firstpersonwritings.eu/greatbritain/greatbritain\\_project.htm](http://firstpersonwritings.eu/greatbritain/greatbritain_project.htm)> Acesso em: 05/10/2010.
- JAHNEL, Claudia Bettina Irene Römmelt . **O arquivamento do eu: o diário de Hugo Delistch e as lembranças de Emma Anton (1844-1859)**. Tese (Doutorado em História) - UFPR, Curitiba, 2002.
- JANNOTTI, Maria de Lourdes M. Três mulheres da elite maranhense. **Revista Brasileira de História** – Órgão Oficial da Associação Nacional de História, ANPUH. Contexto, v. 16, nº. 31 e 32, 1996.
- LAMB, Roberto Edgar. **Uma jornada civilizadora: imigração, conflito social e segurança pública na Província do Paraná. 1867-1882**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- LAMB, Roberto Edgar. **Imigrantes britânicos em terras do império brasileiro: mobilidade, vivência e identidades em colônias agrícolas (1860-1889)**. Tese (Doutorado em história) – PUC, São Paulo, 2003.
- LEITE, Miriam Moreira. (Org.) **A condição feminina no Rio de Janeiro. Século XIX**. Antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Ed. da Universidade de São Paulo; Brasília: INL; Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2001.

- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Org.) **Usos e abusos da história oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2001. pp.167-182.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, nº. 3, 1989.
- MACEDO, Rafael Greca de; NASCIMENTO, Mai; ANDRADE, Vera Lucia Gregorio de. **O Parque Inglez**: subsídios para a história do bairro Bacacheri. **BOLETIM DA CASA ROMÁRIO MARTINS**, v. 6, nº 41. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1979.
- MANCHESTER, Alan K. **Preeminência inglesa no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- MARSHALL, Oliver. **English, Irish and Irish-American Pioneer Settlers in Nineteenth-Century Brazil**. England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2005.
- MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos**: dados para a História e Estatística do Povoamento do Paraná. Curitiba: Gráfica Paranaense, 1941.
- MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente**: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, A. de C. (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- NISHIKAWA, Reinaldo Benedito . **Terras e imigrantes na colônia Assunguy**, Paraná, 1854-1874. Dissertação (Mestrado em História) – USP, São Paulo, 2007.



- PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1994.
- PEREIRA, *Magnus* R. de M. Tess não veio a Curitiba; ou das dificuldades de adaptação dos imigrantes ingleses às colônias agrícolas do Paraná no século XIX. In: Imigração para o Brasil. Relatório sobre a colônia Assunguy, apresentado a ambas as casas do Parlamento por Ordem de Sua Majestade. Londres-1875. **Monumenta**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- PEREIRA, *Magnus* R. de M. **Semeando iras rumo ao progresso**: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 9, nº 18, ago/set 1989, organizado por Maria Stella Martins Bresciani.
- PINTORES DA PAISAGEM PARANAENSE. Curitiba, PR: Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte, 1982.
- POLÍTICA de Terras no Brasil e nos Estados Unidos. In: COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: Momentos Decisivos. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977. pp.127-147.

- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 3. v.
- RELATÓRIO sobre a colônia Assunguy, apresentado a ambas as casas do Parlamento por Ordem de Sua Majestade. Londres-1875. In: **Monumenta**. Imigração para o Brasil. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998
- Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 9, nº 18, ago/set 1989, organizado por Maria Stella Martins Bresciani.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida material e econômica**. Curitiba: SEED, 2001.
- SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- STADNIKY, Hilda Pivaro. Sob a égide da intimidade: a textualização do tempo vivido. In: PERARO, Maria Adenir e BORGES, Fernando Tadeu de Miranda (Orgs.). **Mulheres e famílias no Brasil**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2005. pp.339-364
- SUGG, Joyce. **Ever Yours Affly**: Newman and his Female Circle, 1996. Disponível em: <[http://www.patrickkillough.com/courses/newman\\_women.html](http://www.patrickkillough.com/courses/newman_women.html)> Acesso em: 12/07/2009.
- TRINDADE, Etelvina M. de C. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

- TRINDADE, Judite Maria Barboza . **Metamorfose**: de Criança para Menor – Curitiba – início do século XX. Tese (Doutorado em História) – UFPR, Curitiba, 1998.
- VANNUCHI, Maria Ivone Bergamini. **A indústria de papel no Paraná: 1890-1970**. Dissertação (Mestrado em História) - UFPR, Curitiba, 1977.
- WERNECK, Luis Peixoto de Lacerda. Ideias sobre colonização, pp. 100-3. In: NOVAIS, F. (coord.); ALENCASTRO, L. F. de (org.). **História da Vida Privada no Brasil**: Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- WAWZYNIAK, Sidinalva M. dos S. **Histórias de Estrangeiro**: passos e traços de imigrantes japoneses (1908-1970). Tese (Doutorado em História) – UFPR, Curitiba, 2004.

**ANEXO 1**

**INTRODUÇÃO AO RELATÓRIO SOBRE A COLÔNIA ASSUNGUY, APRESENTADO A AMBAS AS CASAS DO PARLAMENTO POR ORDEM DE SUA MAJESTADE. LONDRES 1875, CONTENDO O DEPOIMENTO PRESTADO POR CAROLINE TAMPLIN**

“Emigration to Brazil

**REPORT**

on the

**COLONY OF ASSUNGUY**

Mr. Mathew to Earl of Derby

*Petrópolis, October 20, 1874.*

I have the honour to inclose herewith a copy of the Report addressed to me by Mr. Consul Hunt on his return from visiting the Colony of Assunguy, together with a plan of the Colony, a nominal list of the British subjects now there, the depositions of thirty-seven of their number, and some printed papers which led to their emigration from the United Kingdom.

I assume myself that this clear, detailed, and impartial Report will meet with your Lordship's entire approbation, and I have expressed to Mr. Hunt my high sense of the manner in which he has carried out the duty he offered to discharge".

Segue-se uma relação de anexos:

- Anexo I: Carta-relatório de várias páginas sobre a viagem, tudo o que viu e ouviu
- Anexo II: Mapa Mostrando a localização da Colônia de Assunguy, contendo os nomes das famílias e respectivos núcleos (na estrada para Curitiba, no Ribeira, na Colônia, no Turvo e no *Jacuate-ritu*)
- Anexo III: Lista Nominal dos colonos britânicos no Assunguy, totalizando, em Outubro de 1874, 293 pessoas (102 homens e suas esposas, 3 viúvo/as, 15 solteiro/as e 173 crianças)
- Anexo IV: Depoimentos de Imigrantes no Assunguy [dentre os quais transcrevemos o de Caroline Tamplin]:

*“Caroline Tamplin, instead of husband (merchand), six children, Sussex and London. Came to Brazil in September, 1868. Was kept for six weeks in Curitiba, and more than three months in the Colony before obtaining land, and after being removed three times from land on which he had worked, on the ground that the wrong land had been assigned to him, finally obtained land at a distance of ten miles from the centre of the Colony. Was promised by the Brazilian Consul General in London prairie-land. The land given was very bad, and the crops failed for four years. The President at Curitiba promised the advance of six months’ provisions, as it was past planting time.*

*Only ten days’ provisions were, however, granted. Suffered the greatest privations on first arrival; lived for six months exclusively on boiled maize and salt. Received the written assurance of the Director (produced) that 300 milreis should be advanced towards the purchase of sugar-mil, corn-crusher, and mules to work them. Became indebted for putting the machinery, &c., but has never been able to obtain the money which was granted by Imperial Decree, published in “Diario Official” on the 11<sup>th</sup> of December, 1871. Have made applications and walked 120 miles without succeeding in getting it. If help had not come from England the family would have starved. Husband having originally been educated for the medical profession, in the absence of the surgeon of the Colony, and there being 150 sick, was appointed by the Director to act as surgeon, at a salary of 150 milreis per month, in 1873. Found scarcely any medical stores available. Was employed for two month and a half; received the thanks of the Director for his services, but of the 375 milreis due, 142 milreis only have been paid. Has made a dozen applications to the Director for payment of the balance. Has written twice to the President of the Province, and twice to the Minister of Agriculture. Letters sent by a secure*

*conveyance, but no answer has been returned, and the money has not yet been paid. The debt is duly recognized by the Director. Has a further claim for 45 milreis for work done, duly recognized in March, April and May, 1873. Various applications made unsuccessfully for the money. Believes that they would have been able to get on if good faith had been kept with them and other colonists by the officials.*

*In 1873 the food issued to the colonists was very bad; the jerked beef more frequently than not was full of maggots; the beans often rotten and mouldy; and everything issued was of the most inferior class; between thirty and forty children died, because they were unable to eat the food issued in 1873. Nearly all letters at one time were intercepted.*

(signed) CAROLINE TAMPLIN.

*Assunguy, September 22, 1874.*

\*\*\*\*\*

Caroline Tamplin, ao invés do marido\* (comerciante), seis crianças, Sussex e Londres. Veio para o Brasil em setembro de 1868. Ficou seis semanas em Curitiba e mais de três meses na Colônia, antes de obter terra\*\*, e ser removido três vezes da terra na qual ele trabalhara, sob a alegação que o lote errado tinha sido designado para ele. Finalmente obteve terra a uma distância de dez milhas do centro da Colônia. O Cônsul Geral, em Londres, prometeu-lhe pradarias. A terra dada era muito ruim e as plantações falharam por quatro anos. O Presidente, em Curitiba, prometeu o adiantamento de seis meses de provisões, já que o tempo de plantar tinha passado. Somente dez dias de provisões foram, contudo, fornecidos. Sofreram as maiores privações quando chegaram; viveram por seis meses exclusivamente de milho cozido e sal. Receberam a garantia escrita do Diretor (mostrada) que 300 mil réis deveriam ser adiantados para a compra de um engenho de açúcar, esmagador de milho e mulas para tocá-los. Ficaram endividados para montar o maquinário, etc., mas nunca foram capazes [*sic*] de obter o dinheiro fornecido pelo decreto Imperial, publicado no “Diário Oficial” em 11 de dezembro de 1871. Fizeram requerimentos e o marido caminhou 120 milhas sem ter sucesso em recebê-lo. Se não tivesse vindo ajuda da Inglaterra a família teria passado fome. O marido, tendo

---

\* Nesta ocasião o marido de Caroline, Albert, estava doente, acabando por morrer dois meses depois, no dia 27 de novembro de 1874, conforme Caroline registra com tristeza em seu diário de 27 de novembro de 1881 (“... *Dear Papa died 7 years ago today*”).

\*\* No livro de Registro de relatórios e correspondência da diretoria da colônia para o período de 1867-1872, disponível para consulta no Arquivo Público do Paraná sob a referência Anexo IV – Catálogo de Títulos dos Códices 07/08/0380, página 36, consta que entre os dias 14 e 15 de novembro de 1868 chegaram vários colonos ingleses na colônia, e que no dia 17 o diretor, Dr. Julio Parigot, foi com eles mostrar os terrenos onde deveriam se estabelecer. Alguns, entre eles Albert Charles Tamplin, teriam escolhido terras, enquanto outros, solteiros, teriam preferido trabalhar nos caminhos e só mais tarde escolherem terras; 9 dias depois o diretor reporta que, no dia em que se findaram os suprimentos de alimentos, estes últimos se recusarão a assumir o trabalho que haviam prometido e anunciaram que estariam voltando para a cidade.



originalmente sido educado para a profissão médica, na ausência do cirurgião da Colônia e havendo 150 doentes, foi indicado pelo Diretor para atuar como cirurgião, com um salário de 150 mil réis por mês, em 1873. Não encontrou quase nenhum medicamento disponível. Ficou empregado por dois meses e meio; recebeu os agradecimentos do Diretor por seus serviços, mas dos 375 mil réis devidos, só foram pagos 142 mil réis. Fez uma dúzia de requerimentos ao Diretor por pagamento da diferença. Escreveu duas vezes ao Presidente da Província, e duas vezes ao Ministro da Agricultura. As cartas foram enviadas por um mensageiro seguro, mas nenhuma resposta chegou e o dinheiro não foi pago ainda. A dívida é devidamente reconhecida pelo Diretor. Tem uma outra reivindicação por 45 mil réis por trabalho feito, devidamente reconhecido, em março, abril e maio de 1873. Vários requerimentos, feitos sem sucesso pelo dinheiro. Acredita que eles teriam sido capazes de continuar, se a boa fé tivesse sido mantida para com eles e outros colonos pelos oficiais.

Em 1873 a comida distribuída aos colonos era muito ruim; a carne seca estava, quase sempre, cheia de bichos; os feijões frequentemente podres ou mofados; tudo o que foi distribuído era da pior qualidade; entre trinta e quarenta crianças morreram, porque era impossível comer a comida distribuída em 1873. Quase todas as cartas, a uma época, foram interceptadas.

(Assinado) CAROLINE TAMPLIN

*Assunguy, 22 de Setembro, 1874.”*

FONTE: Imigração para o Brasil. Relatório sobre a colônia Assunguy, apresentado a ambas as casas do Parlamento por Ordem de Sua Majestade. Londres – 1875. **Monumenta**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. pp. 50-51; 109-110.

## ANEXO 2

### CAPA DO DIÁRIO DE CAROLINE TAMPLIN



FONTE: Acervo da família Tamplin.

## ANEXO 3

**ANÚNCIO DE CAROLINE TAMPLIN  
OFERECENDO SERVIÇOS DE  
PROFESSORA**

7 de Abril de 1880. — O collector, Luiz Antonio Requião.

---

**Annuncios.**

---

**D. CAROLINA TAMPLIN**  
ex-professora da colonia do Assunguy, dá lições de piano, canto, francez, inglez, geographia, desenho e prendas domesticas, em casas particulares. Pó-le ser procurada a rua do Sottomaior n. em casa de seu filho, o negociante Alberto Tamplin.

Discipula de Thalborg, chama em seu apoio o testemunho dos distinctos professores desta capital, cujo acolhimento e aplauso lhe têm sido por vezes tão lisongeiramente grato. Seus pequenos doctes e conducta moral receberam sempre, em sua pobreza e viuvez, a protecção dos honrados administradores desta provincia, assim como dos dignos directores e virtuoso parcho de sua colonia.

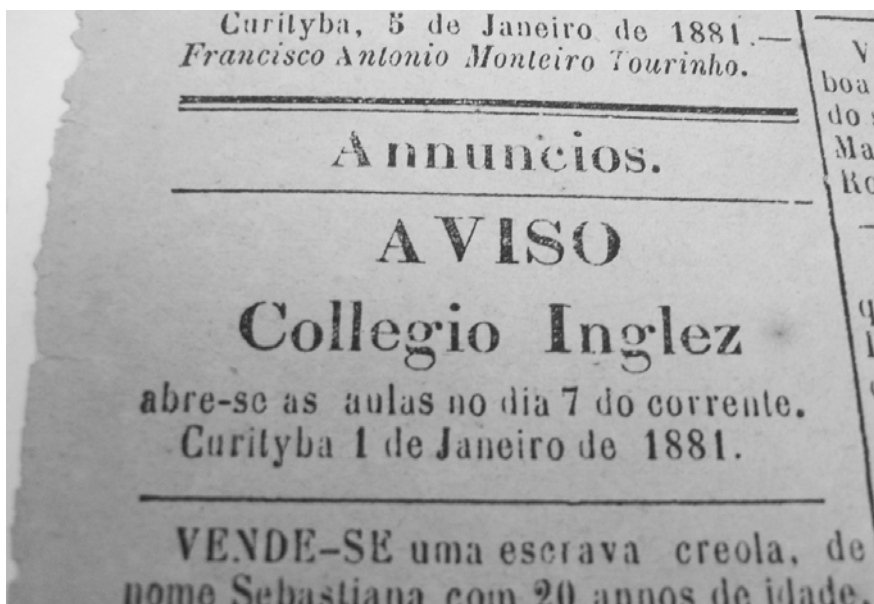
---

gado— Quintas-feiras ao meio, S. José dos Pinhaes— a

FONTE: **DEZENOVE DE DEZEMBRO**, 21 abr.1880, p.4.  
Acervo do Museu Paranaense.

**ANEXO 4**

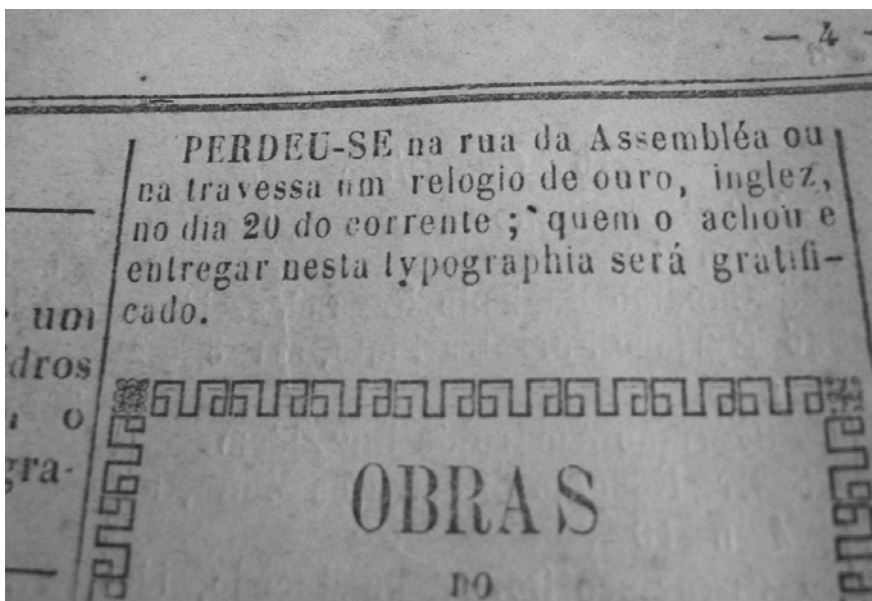
**ANÚNCIO DO COLLEGIO INGLEZ, DIRIGIDO  
POR MRS. BRAUND E ONDE CAROLINE  
TAMPLIN DEU AULAS**



FONTE: **DEZENOVE DE DEZEMBRO**, 5 jan. 1881, p.4.  
Acervo do Museu Paranaense.

## ANEXO 5

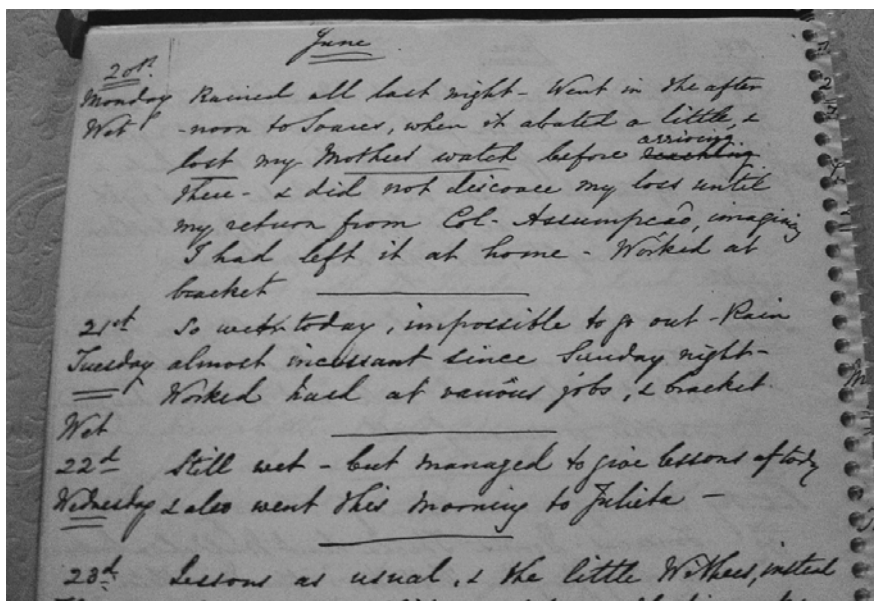
**ANÚNCIO ATRIBUÍDO A CAROLINE TAMPLIN  
PELA PERDA DE UM RELÓGIO PRESENTEADO  
POR SUA MÃE CONFORME REGISTRO QUE  
FAZ EM SEU DIÁRIO**



FONTE: **DEZENOVE DE DEZEMBRO**, 28 jun. 1881, p.4.  
Acervo do Museu Paranaense.

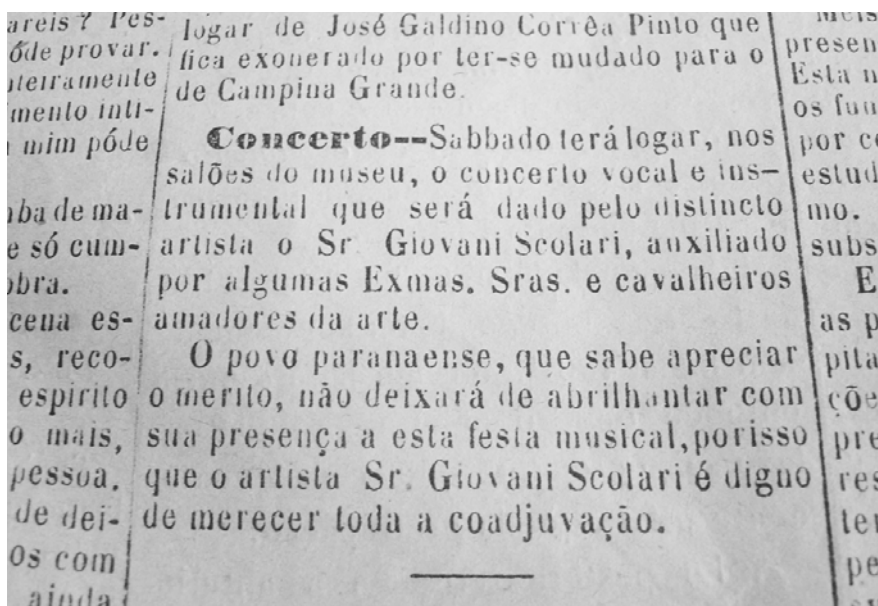
## ANEXO 6

PÁGINA DO DIÁRIO DE CAROLINE  
TAMPLIN EM QUE REFERE-SE À PERDA DO  
RELÓGIO PRESENTEADO POR SUA MÃE



## ANEXO 7

**ANÚNCIO DO CONCERTO DO SR.  
SCOLARI**

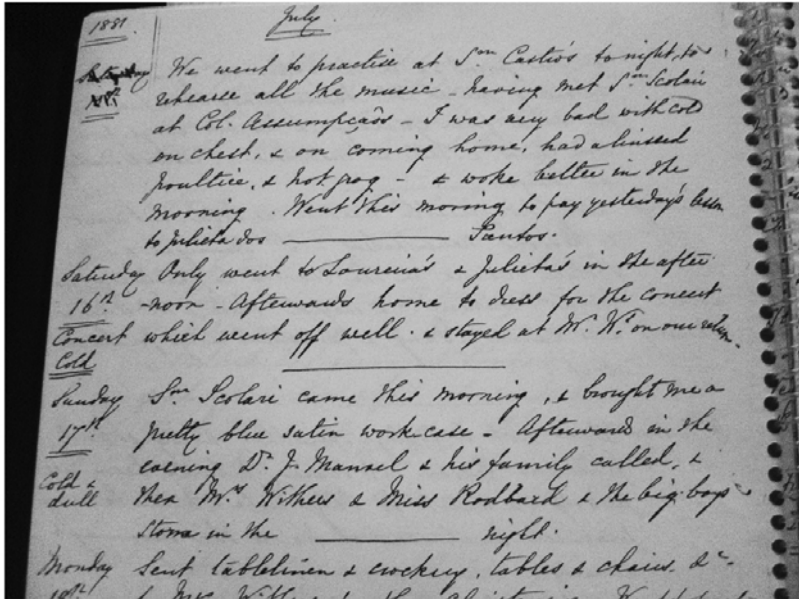


FONTE: **DEZENOVE DE DEZEMBRO**, 13 jul. 1881, p.4.

Acervo do Museu Paranaense.

## ANEXO 8

PÁGINA DO DIÁRIO DE CAROLINE  
TAMPLIN EM QUE REFERE-SE AO  
RESULTADO DO CONCERTO





**ANEXO 9**

**FOTOGRAFIA DE CAROLINE TAMPLIN, s.d.**



FONTE: Acervo da família Tamplin.

ANEXO 10

FOTOGRAFIA DOS TAMPLINS E  
PINOT DE MOIRA REUNIDOS EM  
JARDIM, 1914



FONTE: Acervo da família Tamplin.

**ANEXO 11****VISTA DE CURITIBA, 1888, DESENHO  
AQUARELADO, 31X21CM, POR CARO-  
LINE TAMPLIN.**

**FONTE:** **Pintores da paisagem paranaense.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1982. p.98. Acervo Casa da Memória, Fundação Cultural de Curitiba.



Livros já publicados da Coleção

**O Museu Paraense e Romário Martins:**

A busca de uma identidade para o Paraná, de Cintia Braga Carneiro

**O Botucudo Tibagyano**

Análise sobre os registros etnográficos de Telêmaco Borba, de Ana Crhistina Vanali

**A Herança de um Tesouro**

Arqueologia da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632), Fênix, Paraná, de Claudia Inês Parellada

**Águas Batismais e Santos Óleos**

Uma trajetória histórica do aldeamento de Atalaia, de Tatiana Takatuzi

**Religião e Política**

A Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições de 1954, de Renato Augusto Carneiro Junior

**Santa Felicidade, o bairro italiano de Curitiba**

Um estudo sobre restaurantes, rituais e (re)construção de identidade étnica, de Maria Fernanda Campelo Maranhão

ISBN: 978-85-67310-14-5



9 788567 310145